

CLÁUDIO ANDRÉ CAVALCANTI COUTO

ANÁLISE FONOLÓGICA DO SAYNÁWA (PANO) -  
A LÍNGUA DOS ÍNDIOS DA T. I. JAMINÁWA DO  
IGARAPÉ PRETO

RECIFE  
2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CLÁUDIO ANDRÉ CAVALCANTI COUTO

ANÁLISE FONOLÓGICA DO SAYNÁWA (PANO) -  
A LÍNGUA DOS ÍNDIOS DA T. I. JAMINÁWA DO  
IGARAPÉ PRETO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima

RECIFE  
2010

**Couto, Cláudio André Cavalcanti**

**Análise fonológica do Saynáwa (Pano): a língua dos índios da T. I. Jamináwa do Igarapé Preto / Cláudio André Cavalcanti Couto. - Recife : Autor, 2010.**

**221 folhas. : il., fig., tab.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Linguística. 2010.**

**Inclui bibliografia.**

**1. Linguística - Fonologia. 2. Línguas indígenas – Brasil. 3. Língua Pano. I. Título.**

**801  
410**

**CDU (2.ed.)  
CDD (22.ed.)**

**UFPE  
CAC2010-17**

**CLÁUDIO ANDRÉ CAVALCANTI COUTO**

**Análise Fonológica do Saynáwa (Pano) - A Língua dos Índios da T. I.  
Jamináwa do Igarapé Preto**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística em 26/2/2010.

**BANCA EXAMINADORA:**



**Profª. Drª. Stella Virginia Telles de Araujo Pereira Lima**  
Orientadora – LETRAS - UFPE



**Prof. Dr. Aldir Santos de Paula**  
LETRAS - UFAL



**Profª. Drª. Carla Maria Cunha**  
LETRAS - UFRN

**Recife – PE**  
**2010**

Dedico este trabalho:

a Seu Benedito (Iban),  
ao povo Saynáwa (Saybaybô),  
a Antônio e Cássia (meus pais).

## AGRADECIMENTOS

- A Deus;
- Aos meus pais, pelo apoio de sempre;
- Ao líder da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto e do povo Saynáwa, Seu Benedito, por sua confiança em nosso trabalho, sua amizade, seu espírito sábio e viajante. Seus ensinamentos e nossas conversas estarão para sempre guardados em minha memória;
- À Dona Francisca, Dona Maria Joana, Seu Roseno e Seu Walmir, generosos e receptivos à pesquisa, professores dedicados de sua língua e da cultura de seu povo;
- À Prof<sup>a</sup> Stella Telles, não apenas pela orientação desse trabalho, mas por ter me apresentado o universo dos estudos das línguas indígenas, pela amizade e, sobretudo, por contagiar seus alunos com seu interesse em ir além da superfície;
- Às minhas avós Nair e Gelly, meus avôs Germino e José, e minha tia Astrogilda;
- Aos meus irmãos, sobrinhas, tios, primos e demais parentes;
- Ao bibliotecário Rubens Leal de Azevedo Filho, pela amizade sincera e constante, apoiando este trabalho desde seu início;
- Ao líder do povo Jamináwa-Arara e da aldeia Nova Vida I, João;
- Ao líder da aldeia Nova Vida II, Raimundo;
- Ao líder da aldeia Estrema, Zeca;
- Ao povo Jamináwa-Arara da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto, em especial, Dona Esmeralda e Dona Suzana;
- Aos filhos e netos de Seu Benedito;
- Aos moradores da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto, dentre eles: Elso e Mere, meus anfitriões na aldeia Morada Nova, Seu Raimundo Nonato, Seu Jacinto, Dona Maria (esposa de Seu Roseno), Zozó e Rosa, Dona Francisca (esposa de Seu Walmir), Seu Afonso (esposo de Dona Esmeralda), Lair, Raimundo, Pirrica e Delciane, João e esposa, Zezinho e Rute, meus anfitriões na aldeia Nova Vida I;
- Ao Prof. Aldir Santos De Paula, por ter me indicado a necessidade de se estudar a língua dos índios da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto e, posteriormente, pelo acesso que tive à sua biblioteca e pelas valorosas contribuições que deu a esse estudo;
- Aos funcionários da Secretaria de Educação do Acre, Maria do Socorro, Manoel Estébio, e Agaíze, pelo suporte para a realização da minha pesquisa de campo;
- À FUNAI, pela autorização para o ingresso na T.I. Jamináwa do Igarapé Preto;
- A Auricélio, representante da FUNAI em Cruzeiro do Sul-AC;
- Ao PPGL-UFPE, Programa de Pós-Graduação em Letras, na figura de seus coordenadores e funcionários;

- Ao CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela bolsa de estudos concedida;
- À Propeq, Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPE, pelo auxílio financeiro para a pesquisa de campo;
- À Prof<sup>a</sup> Carla Maria Cunha, pelas valiosas contribuições quando da sua participação na banca examinadora;
- Ao NEI, Núcleo de Estudos Indigenistas da UFPE, na figura de seus pesquisadores e bolsistas;
- À pesquisadora Claristella Santos, pela amizade sempre atenta, apoiando e incentivando esse trabalho em todos os seus momentos;
- Aos professores Marlos Pessoa (PPGL-UFPE), Nelly Carvalho (PPGL-UFPE), Lourival Holanda (PPGL-UFPE);
- À prof<sup>a</sup> Gilda Lins (PPGL-UFPE), que infelizmente nos deixou em 2009;
- A Nelivaldo, pela amizade e grande apoio que me deu durante este estudo, principalmente para a realização da pesquisa de campo;
- Aos colegas e amigos do PPGL-UFPE: Diva, Júlia, Edigard, Emanuel, Ana Cristina, Márcio, Margareth, Sônia, Misael, Eraldo;
- Aos amigos: Marília, Martin, Diogo, Edney, André.

*“- É verdade o que o povo diz, que a Terra gira?*

*- é*

*- E sabe por que a gente não vê?*

*- não*

*-Porque todo mundo caminha junto, o copo, a gente, os bichos, o igarapé, tudo tá indo junto. Se só eu fosse e o igarapé ficasse, eu ia ver que a Terra tava girando, porque eu tava viajando e o igarapé não. Tudo viaja junto”*

*(Seu Benedito, líder e pajé dos Saynáwa, em 15/12/08, na aldeia Morada Nova, T.I. Jamináwa do Igarapé Preto)*

*“Iban”, nome indígena de Seu Benedito, cujo significado é: “aquele que gosta de viajar, de acompanhar os outros”.*

## RESUMO

Nosso trabalho tem como objeto de estudo a fonologia do Saynáwa, idioma falado pelos índios Saynáwa, que vivem na T.I. Jamináwa do Igarapé Preto, no município de Rodrigues Alves-AC. Essa língua, até então desconhecida, pertencente à família lingüística Pano, corre sérios riscos de extinção, contando apenas com 8 falantes. O objetivo deste trabalho foi o de descrever e analisar a fonologia segmental e suprasegmental do Saynáwa, identificando seus fonemas consonantais e vocálicos, seus padrões silábicos, como ocorre a silabificação, como o acento da língua é atribuído, quais são seus constituintes prosódicos e quais são seus principais processos fonológicos. O corpus foi obtido através de pesquisa de campo, por nós realizada em 2008. Nossa análise partiu dos procedimentos de descoberta do estruturalismo norte-americano, através da abordagem estruturalista distribucional, nos apoiando em Comrie e Smith (1977), Gleason (1978), e Lass (1984); mas teve nas teorias fonológicas não-lineares seu principal referencial, nos concentrando em Goldsmith (1979, 1995), Nespor e Vogel (1986), Clements (1990), Kenstowicz (1994), Hayes (1995), Clements e Hume (1995). Como resultado, identificamos a existência de 13 fonemas consonantais, de 4 fonemas vocálicos, e a estrutura (C)V(C) como molde silábico. O acento é métrico, não sendo distintivo, e obedece ao padrão rítmico Iâmbico, formando iambos da direita para a esquerda e aplicando-se a Regra final à direita. A estrutura métrica do Saynáwa não está relacionada apenas ao acento, mas também a outros aspectos da fonologia dessa língua, interagindo com seu subsistema prosódico e motivando alguns de seus processos fonológicos. Os principais processos fonológicos identificados foram: a assimilação (nasalização e palatalização), o alongamento iâmbico, a inserção, a lenição, e a neutralização.

**Palavras-chave:** Lingüística; Fonologia; Línguas Indígenas Brasileiras; Família Lingüística Pano; Saynáwa.

## ABSTRACT

In this study we are concerned with the phonology of Saynáwa, a language spoken by the Saynáwa Indians, who live in T.I. Jamináwa do Igarapé Preto, at Rodrigues Alves-AC. This language, hitherto unknown, belongs to the Pano linguistic family and is in great danger of extinction, there are just 8 speakers. The purpose of this study was describe and analyze Saynáwa segmental and suprasegmental phonology, identifying its phonemes, its syllable inventory, which rules of syllabification can be observed, how stress is assigned, which prosodic constituents can be identified and the main phonological processes of Saynáwa. The data were obtained on field research, which we have done on 2008. The analysis was initially based on discovery procedures from American structuralism, through the distributionalism, when we had focused on Comrie and Smith (1977), Gleason (1978), and Lass (1984); then, nonlinear phonology was our reference, mainly studies such as Goldsmith (1979, 1995), Nespov and Vogel (1986), Clements (1990), Kenstowicz (1994), Hayes (1995), Clements and Hume (1995). As result, we have identified 13 consonant phonemes, 4 vowel phonemes, and the structure (C)V(C) as template syllable. Saynáwa has rhythmic stress, it is not phonological, and is an iambic language; it forms right-to-left iambs and applies the End Rule Right. Saynáwa metrical structure is not just related to stress but to other aspects of its phonology, interacts with its prosodic subsystem and motivates some phonological processes. The main phonological processes identified were: assimilation (nasalization and palatalization), iambic lengthening, insertion, lenition, and neutralization.

**Key words:** Linguistic; Phonology; Brazilian Indigenous Languages; Pano linguistic family; Saynáwa

## SUMÁRIO

Introdução.....	16
Metodologia (pesquisa de campo).....	18
Referencial teórico.....	20
Estrutura da dissertação.....	23
Capítulo 1 - Saynáwa: o povo do grito, aspectos históricos e sócio-culturais.....	25
1.1. A família lingüística Pano.....	25
1.2 Saynáwa ou Jamináwa? A questão do etnônimo.....	29
1.3. História dos Saynáwa.....	35
1.3.1. Origens.....	35
1.3.2. A formação da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto.....	45
1.4 Os Saynáwa hoje.....	47
1.4.1. A T.I. Jamináwa do Igarapé Preto – suas aldeias e sua população.....	47
1.4.2. Organização política, econômica e social dos Saynáwa.....	48
1.4.3. Cultura Saynáwa.....	50
1.4.4. Cosmovisão Saynáwa.....	52
1.4.5. Aspectos sociolingüísticos do Saynáwa.....	58
Capítulo 2 - A Fonologia segmental do Saynáwa.....	60
2.1. A Fonologia segmental do Saynáwa.....	60
2.1.1. Os fonemas segmentais consonantais do Saynáwa.....	60
2.1.1.1. O inventário fonético e o fonológico dos segmentos consonantais do Saynáwa.....	60
2.1.1.2. Identificação dos fonemas segmentais consonantais do Saynáwa.....	61
2.1.1.3. Descrição dos fonemas segmentais consonantais e de seus alofones.....	65
2.1.2. Os fonemas segmentais vocálicos do Saynáwa.....	84
2.1.2.1. O inventário fonético e o fonológico dos segmentos vocálicos do Saynáwa.....	84
2.1.2.2. Identificação dos fonemas segmentais vocálicos do Saynáwa.....	85
2.1.2.3. Descrição dos fonemas segmentais vocálicos e de seus alofones.....	86
2.1.2.3.1. As vogais longas.....	109
2.1.3. Ditongo.....	111
2.1.3.1. Ditongo crescente.....	111
2.1.3.2. Ditongo decrescente.....	112
Capítulo 3 – A sílaba, o acento, os constituintes prosódicos e os processos fonológicos do Saynáwa.....	115
3.1 A sílaba do Saynáwa.....	115
3.1.1. A sílaba fonética.....	115
3.1.1.1. Molde da sílaba fonética.....	120
3.1.2. A sílaba fonológica.....	120
3.1.2.1. Molde da sílaba fonológica.....	124
3.1.3. Silabificação .....	124
3.1.3.1. A oclusiva glotal [ʔ].....	128
3.1.4. Ressilabificação.....	131
3.2 O acento em Saynáwa.....	138
3.2.1. O acento lexical.....	139
3.2.1.1. O padrão rítmico do Saynáwa.....	139

3.2.1.2. A atribuição do acento em Saynáwa.....	146
3.2.1.3. Quadro resumitivo do acento lexical em Saynáwa.....	148
3.2.2. O acento frasal.....	149
3.2.2.1. Os compostos.....	149
3.2.2.2. As frases.....	151
3.2.2.3. Quadro resumitivo do acento frasal em Saynáwa.....	156
3.2.3. Conclusões sobre o padrão rítmico e o acento em Saynáwa.....	157
3.3 Os constituintes prosódicos do Saynáwa.....	158
3.3.1. A Fonologia prosódica e os constituintes prosódicos.....	158
3.3.2. Os constituintes prosódicos do Saynáwa.....	160
3.4 Os processos fonológicos do Saynáwa.....	163
3.4.1. Assimilação.....	164
3.4.1.1. Nasalização.....	164
3.4.1.2. Palatalização.....	169
3.4.2. Alongamento iâmbico.....	178
3.4.3. Inserção.....	181
3.4.3.1. Inserção da oclusiva glotal [ʔ].....	181
3.4.3.2. Inserção de [j].....	185
3.4.4. Lenição.....	187
3.4.5. Neutralização.....	189
3.4.6. Conclusões sobre os processos fonológicos do Saynáwa.....	191
Conclusão.....	196
Referências bibliográficas.....	200
Anexos.....	206
Pequeno vocabulário Saynáwa-Português.....	215

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura nº 1 - Mapa da localização da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto no estado do Acre.....	206
Figura nº 2 – Foto do povo Saynáwa.....	207
Figura nº 3 – Foto do povo Saynáwa.....	207
Figura nº 4 – Foto do povo Saynáwa.....	208
Figura nº 5 – Foto do povo Saynáwa.....	208
Figura nº 6 – Espectrograma da vogal [i].....	209
Figura nº 7 – Espectrograma da vogal [e].....	210
Figura nº 8 – Espectrograma da vogal [ə].....	211
Figura nº 9 – Espectrograma da vogal [a].....	212
Figura nº 10 – Espectrograma da vogal [u].....	213
Figura nº 11 – Espectrograma da vogal [o].....	214

## ÍNDICE DE TABELAS

### Capítulo 2

Tabela nº 1 - Inventário dos fones segmentais consonantais do Saynáwa.....	60
Tabela nº 2 - Inventário dos fonemas segmentais consonantais do Saynáwa.....	61
Tabela nº 3 - Inventário dos fones segmentais vocálicos orais do Saynáwa.....	84
Tabela nº 4 - Inventário dos fones segmentais vocálicos nasais do Saynáwa.....	85
Tabela nº 5 - Inventário dos fonemas segmentais vocálicos do Saynáwa.....	85
Tabela nº 6 – Fone [i] (altura do 1º formante).....	92
Tabela nº 7 – Fone [e] (altura do 1º formante).....	92
Tabela nº 8 – Fone [ə] (altura do 1º formante).....	96
Tabela nº 9 – Quadro comparativo da variação da altura do 1º formante dos fones vocálicos orais do Saynáwa.....	97
Tabela nº 10 – Fone [a] (altura do 1º formante).....	101
Tabela nº 11 – Fone [u] (altura do 1º formante).....	107
Tabela nº 12 – Fone [o] (altura do 1º formante).....	108
Tabela nº 13 – Quadro comparativo da duração de vogais orais e nasais.....	111
Tabela nº 14 – Quadro dos ditongos crescentes.....	112
Tabela nº 15 – Quadro dos ditongos decrescentes.....	113

### Capítulo 3

Tabela nº 1 – Acento lexical do Saynáwa.....	149
Tabela nº 2 – Compostos.....	150
Tabela nº 3 – Acento frasal do Saynáwa.....	157
Tabela nº 4 – Constituintes prosódicos.....	158
Tabela nº 5 – As regras prosódicas e os domínios de aplicação dos processos fonológicos..	192
Tabela nº 6 - Derivação dos processos fonológicos do Saynáwa I.....	193
Tabela nº 7 - Derivação dos processos fonológicos do Saynáwa II.....	194
Tabela nº 8 - Quadro resumitivo da derivação dos processos fonológicos do Saynáwa.....	194

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AC	Acre
AM	Amazonas
C	consoante ou margem silábica
(C)	margem silábica não obrigatória, como em (C)V(C)
C <sup>1</sup>	posição de onset, em representações como [C <sup>1</sup> VC <sup>2</sup> C <sup>3</sup> ]
C <sup>2</sup>	primeira posição de coda, em representações como [C <sup>1</sup> VC <sup>2</sup> C <sup>3</sup> ]
C <sup>3</sup>	segunda posição de coda, em representações como [C <sup>1</sup> VC <sup>2</sup> C <sup>3</sup> ]
cf.	conforme
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CL	clíticos <i>tout court</i> (clitics <i>tout court</i> )
CPI-ACRE	Comissão Pró-Índio do Acre
DCL	clíticos direcionais (directional clitic)
erg.	ergativo
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNRURAL	Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural
Hz	hertz
IPA	The International Phonetic Alphabet
N	núcleo silábico
N'	rima
N''	sílaba
nda	nos demais ambientes
ndaV	nos demais ambientes vocálicos
O	onset
O <sup>1</sup>	onset

PSS	Princípio de Seqüenciamento de Sonoridade
R	rima
RO	Rondônia
s.	segundos
SSP	Sonority Sequencing Principle
T.I.	Terra Indígena
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
V	vogal ou núcleo silábico
V:	vogal longa
ã	vogal nasal
vs.	versus

## LISTA DE SÍMBOLOS

-	fronteira de morfema, como em -bu ou formação de ditongo, como em -oj, ou [w] -
?	nome desconhecido
†	peessoas falecidas
//	transcrição fonológica
[ ]	transcrição fonética
:	oposição, como em /p/ : /b/
'	acento mais proeminente
,	acento menos proeminente
~	variação, como em [ba'kaʔ] ~ [wa'kaʔ]
#	fronteira de palavra
/	indica um contexto, como em /n/. → .[n] / ndaV __ V
__	marca a posição em que ocorre um segmento, como em /ə/ → [ə] / __ /n/.
.	fronteira de sílaba, como em [ĩ.ˈjãʔ] - /in.an/ “lago”
∅	não realização
:	alongamento vocálico, como em [i:] - /i/ “árvore”
*	forma não aceita, como em * [pə.tʃjo.ˈreʔ]
ω	palavra fonológica
, ω (3 sílabas ou +)	em palavra fonológica com 3 ou mais sílabas, como em /u/ → [w] / V __ V, <b>ω (3 sílabas ou +)</b>
σ	sílaba

-	sílaba pesada, como em (X) - [ˈiʔ] ~ [ˈi:] - /i/ “árvore”
˘	sílaba leve
μ	mora
U	enunciado fonológico
I	frase entonacional
φ	frase fonológica
C	grupo clítico
Σ	pé
[ ] φ	limite do constituinte prosódico, como em [ˈtʃi ˌtʃajˈma]φ
...	possibilidade de existência de outro segmento dentro do constituinte prosódico, como em $v \rightarrow \tilde{v} / [ \dots \_n ] \sigma$ ou de outros constituintes prosódicos hierarquicamente inferiores, como em $/n/ \rightarrow \cdot [n] / [ \dots [ \dots i, e \_ ] \sigma [V \dots ] \sigma ] \Sigma \dots ] \omega$
>	maior impedimento da passagem do fluxo de ar que, como em Oclusiva (b) > Fricativa (β)

## INTRODUÇÃO

Essa dissertação trata da descrição e análise da fonologia da língua Saynáwa, falada pelos índios Saynáwa, que residem na T.I. Jamináwa do Igarapé Preto, no município de Rodrigues Alves-AC.

Essa língua jamais foi estudada, e não identificamos referências bibliográficas sobre sua existência. Os habitantes da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto eram considerados como pertencentes ao povo Jamináwa, sem que esse fato tivesse sido até então comprovado, como aponta Sáez (1998), que revela não existir estudos antropológicos sobre os índios do Igarapé Preto.

Por essas razões, a língua Saynáwa, até então desconhecida, nunca foi classificada, não sendo mencionada em classificações de línguas indígenas brasileiras como a de Rodrigues (2002). Apesar disso, os traços culturais e lingüísticos que os Saynáwa compartilham com outros povos Pano, fazendo inclusive com que recebessem a denominação de Jamináwa, um povo Pano, nos fazem desde logo classificar a língua Saynáwa como pertencente a essa família lingüística, como poderemos constatar ao longo desse estudo.

E no decorrer desse trabalho, tendo em vista o objetivo geral de descrever e analisar a fonologia da língua Saynáwa, identificaremos os fonemas segmentais consonantais e vocálicos dessa língua, procurando observar as alofonias de cada fonema e como esses fonemas se comportam do ponto de vista acústico e articulatorio.

Além da fonologia segmental, nos debruçaremos também sobre a fonologia suprasegmental do Saynáwa, analisando: sua estrutura silábica, os tipos silábicos fonéticos e fonológicos e a silabificação; seu padrão acentual, em nível lexical e frasal; e seus constituintes prosódicos. Além disso, investigaremos quais são e como ocorrem os principais processos fonológicos do Saynáwa.

Para alcançarmos todos esses objetivos, tivemos antes que documentar essa língua junto aos seus últimos falantes, e esse registro sonoro, bem como a análise que desenvolveremos, mostram-se não só importantes, como também urgentes, frente à iminente extinção desse idioma, que conta com apenas 8 falantes, com uma faixa etária entre 91 e 50 anos, e que não está sendo ensinado aos mais jovens do grupo.

Ao realizarmos a documentação e o estudo da fonologia do Saynáwa estamos contribuindo com a preservação da memória e da cultura desse povo, uma vez que a língua de um dado grupo reflete sua forma de ver, pensar, estar e interagir no mundo (Wurm, 1991 *apud* Wetzels, 1999:15). Não temos a pretensão utópica de ressuscitar entre os Saynáwa a língua de

seus ancestrais, mas objetivamos deixar para os mesmos um registro de parte de sua história, possibilitando a revalorização de sua cultura dentro da própria comunidade, que já possui escolas com professores de sua etnia, mas cujo ensino ainda é apenas em português, pois os professores já não têm o Saynáwa como língua materna, nem existem cartilhas ou outros materiais didáticos nessa língua.

Dessa forma, nosso trabalho pretende contribuir para que essa língua não deixe de ser registrada e estudada antes de seu desaparecimento, permitindo que a comunidade Saynáwa, em sua maioria já monolíngüe em português, possa, caso deseje, conhecer a língua de seus ancestrais, podendo nossa pesquisa servir, por exemplo, como auxílio para a elaboração de cartilhas para o ensino dessa língua entre os Saynáwa mais novos.

Além desse papel junto à comunidade Saynáwa, acreditamos que nossa pesquisa possa contribuir para com os estudos lingüísticos.

Hoje existem no Brasil cerca de 180 línguas indígenas<sup>1</sup> (Rodrigues, 2002), quase todas em perigo de extinção e, pior, a maioria está morrendo sem qualquer estudo ou documentação, causando um estreitamento dos dados empíricos lingüísticos (Wetzels, 1999:13). Este fato deve ser lamentado tanto do ponto de vista humanitário, como científico, uma vez que a lingüística só tem a ganhar com a descrição e análise de uma língua ainda não estudada<sup>2</sup>. Assim ocorreria se o Saynáwa não fosse estudado a tempo, perderíamos a possibilidade de observar o comportamento fonológico de um idioma, que por si só já é único.

Além do caráter único da fonologia de cada língua, que já demonstra a relevância da sua compreensão para o conhecimento das línguas do mundo, o estudo do Saynáwa pode contribuir também para o conhecimento da família lingüística Pano, que há pouco tempo poderia ser considerada como a “<least known linguistic family of the least known continent>” (Erikson, 1994: 7). Quanto à situação específica das línguas Pano do Brasil, Rodrigues (2002) aponta a mesma escassez de estudos, “o Acre, onde se fala a maioria das línguas da família Pano, continua sendo a região brasileira menos pesquisada por lingüistas e antropólogos” (Rodrigues, 2002: 77).

Esse quadro, entretanto, vem sendo modificado, ao menos em países como o Peru e a Bolívia, como podemos ver em Mori (1993), em Erikson (1994), e em Rodrigues (2002), onde, segundo esse último, os estudos sobre essa família têm se desenvolvido

---

<sup>1</sup> Rodrigues (1993) calcula que no final do século XV deveriam existir, aproximadamente, 1175 línguas indígenas vivas, tendo desaparecido desde então 85% desses idiomas.

<sup>2</sup> Rodrigues (1984) expõe a importância do estudo das línguas indígenas brasileiras para a fonética e a fonologia, apontando, inclusive, vários fenômenos fonético-fonológicos que passaram a ser cientificamente conhecidos a partir desses estudos.

consideravelmente. De Paula (2007) defende que essa realidade está começando a ser modificada também no Brasil, e é nesse movimento que nosso estudo pretende se aliar, o de compreender cada vez mais as diversas línguas Pano faladas em nosso país e, assim, entendermos melhor essa família lingüística e as línguas indígenas brasileiras.

#### METODOLOGIA (pesquisa de campo)

O corpus da nossa pesquisa é formado pelos dados por nós coletados em pesquisa de campo realizada entre 21 de novembro e 20 de dezembro de 2008 na T.I. Jamináwa do Igarapé Preto. Nossa pesquisa contou com 5 informantes: Dona Francisca (ʃankainti), de 91 anos<sup>3</sup>; Dona Maria Joana (isabati), de 78 anos; Seu Benedito (iban), de 59 anos; Seu Roseno (təpəjtima), de 57 anos; e Seu Walmir, de 55 anos.

Além desses informantes, a língua Saynáwa conta com mais três falantes: Seu Raimundo Nonato (iasan), de 67 anos; Seu Jacinto (kiʃipakati), de 63 anos; e Seu José, que deve ter entre 50 e 55 anos. Todos os 8 falantes do Saynáwa falam também o português, sendo que Dona Francisca e Dona Maria Joana aprenderam o português quando já eram adultas, enquanto os demais aprenderam quando eram adolescentes.

Seu Raimundo Nonato e Seu Jacinto, apesar de se mostrarem solícitos e de conversarem conosco, não quiseram ser entrevistados, preferindo ficar à parte dos nossos trabalhos. Seu Jacinto participou apenas como ouvinte em uma das entrevistas, realizada com Seu Roseno. Já quanto ao Seu José, nós o conhecemos, mas não conseguimos entrevistá-lo em razão de seus compromissos.

Nosso principal informante foi Seu Benedito, líder e pajé dos Saynáwa, com quem gravávamos de 2 a 3 horas diariamente, enquanto com os demais informantes, não menos interessados na pesquisa, gravávamos cerca de 1 hora. Essas entrevistas foram, em sua maioria, individuais e, em poucas ocasiões, contaram com a presença de mais de um informante.

As entrevistas foram realizadas nas aldeias: Nova Vida I, Morada Nova, e Estrema; e se basearam nos seguintes questionários: “Léxico para estudos comparativos” (s.d.), composto por itens: do “Rowe Standard Comparative Vocabulary”, e do léxico de M. Swadesh; o do SIL-Museu Nacional (s.d.); o do Museu Nacional, referente à pesquisa tipológica das línguas indígenas (s.d.); “The Lingua Descriptive Studies Questionnaire”, de Comrie e Smith (1977).

---

<sup>3</sup> As idades, que são estimadas, se referem à época da pesquisa de campo.

Além desses questionários, elaboramos outros a partir: das indicações presentes em Payne (1997); do dicionário Capanahua (Pano), de Loos e Loos (2003); do vocabulário Yaminahua (Pano), apresentado em Eaken (2008); do léxico Shanenawa (Pano), apresentado por Cândido (2004); da gramática do Yaminahua (Pano), de Faust e Loos (2002); e da “Enciclopédia da Floresta”, organizada por Cunha e Almeida (2002), com nomes de plantas e animais de uma região do alto Juruá, próxima ao Igarapé Preto.

Inicialmente, solicitamos aos nossos informantes itens lexicais, em fala normal ou em fala silabada, posteriormente, pedimos frases e, só depois, pequenos textos. Os dados não se restringiram aos questionários, obtivemos também produções espontâneas na língua, histórias do povo, mitos, cantos e informações etnográficas. Todos os dados foram gravados através de Mini-disc Sony (gravação digital) e gravador de Fita K-7 Sony, captados por Microfone Sony e armazenados em mini-disc e fitas k-7. Obtivemos cerca de 30 horas de dados lingüísticos.

Gravamos também, em filmadora HDD Sony, cerca de 2 horas de danças, cantos, mitos e histórias do povo Saynáwa, não apenas com os aludidos informantes, mas também com parte da comunidade da T.I., especificamente, os filhos e netos de Seu Benedito, que participaram da festa tradicional, conhecida em Saynáwa como *rabəbəiati*.

Durante as sessões de entrevista realizamos a transcrição fonética de oitiva dos dados, segundo o Alfabeto Internacional de Fonética (IPA), de 2005. Além disso, registramos as informações etnográficas em um caderno à parte e as demais observações em um diário de campo.

Após a pesquisa de campo, transferimos todo o material coletado para o programa computacional *Sound Forge 7.0*, quando então realizamos uma nova transcrição dos dados, mas agora com o auxílio de programas computacionais como o *Praat*, que nos auxiliou na análise acústica dos fones do Saynáwa.

Uma vez diante da descrição fonética dos dados e da análise de suas propriedades acústicas, analisaremos a fonologia segmental do Saynáwa, identificando seus fonemas consonantais e vocálicos, com suas respectivas realizações alofônicas, através de procedimentos como: a oposição em par mínimo e em ambiente análogo; assim como a observação dos fenômenos da distribuição complementar e da variação livre. Já as realizações em fala silabada, nos permitirão identificar os ditongos da língua.

Levando em consideração também a fala silabada, identificaremos quais são os tipos silábicos fonéticos do Saynáwa e, tendo em vista a análise segmental realizada, quais os tipos

se confirmam fonologicamente. Nesse momento, poderemos entender como se dá a silabificação no Saynáwa e investigar a existência de processos de ressilabificação.

Após essas análises, nos concentraremos no estudo do padrão acentual da língua, quando observaremos o comportamento do acento em palavras sem e com morfologia, e em compostos e frases. Uma vez feitas essas análises, tentaremos identificar os constituintes prosódicos do Saynáwa, seja através do estudo do acento, seja dos processos fonológicos da língua.

E esses processos fonológicos serão observados não apenas em relação aos constituintes prosódicos que eles tomam como domínios específicos de atuação, mas também quanto às regras fonológicas envolvidas nesses processos e quais operações elas realizam.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Nosso trabalho tem como marco teórico a fonologia moderna, mas, em razão de estarmos analisando uma língua ágrafa e sem estudos prévios, partiremos dos procedimentos de descoberta da fonologia tradicional, através da abordagem estruturalista distribucional. Nesse sentido, nos apoiaremos nos modelos presentes em Comrie e Smith (1977), Gleason (1978), e Lass (1984), além de nos basearmos também em obras como a de Kindell (1981) e a de Cagliari (2002). Para nos auxiliar em nossa análise fonética, utilizaremos Ladefoged e Maddieson (1996).

Por aplicarmos a fonologia estruturalista quando da análise da fonologia segmental do Saynáwa, que será tratada em nosso capítulo 2, utilizaremos os termos próprios dessa teoria, e, ao longo de nosso trabalho, em especial no capítulo 3, onde as teorias da fonologia moderna ganharão maior relevo, iremos adaptando esses termos conforme essas teorias mais recentes. A vogal /i/, por exemplo, será denominada inicialmente como uma vogal anterior, mas no decorrer de nossa análise, passaremos a nos referir a ela como uma vogal coronal.

No que concerne à fonologia moderna, nos apoiaremos nas teorias fonológicas não-lineares: autosegmental, métrica e prosódica; postuladas e presentes em autores como: Goldsmith (1979, 1995), Nespor e Vogel (1986), Clements (1990), Kenstowicz (1994), Hayes (1995); bem como na revisão da teoria autosegmental, realizada por Clements e Hume (1995), denominada de “Geometria dos Traços”.

Apesar de as teorias fonológicas não-lineares passarem a ser aplicadas mais ostensivamente a partir do nosso capítulo 3, quando trataremos da fonologia suprasegmental, não deixaremos de observá-las já quando da análise da fonologia segmental. Por exemplo, levaremos em consideração desde nossa análise segmental que as aproximantes (glides)

possuem a mesma estrutura interna das vogais a elas homorgânicas, integrando, assim, a classe dos vocóides, conforme Clements e Hume (1995).

Tendo em vista as teorias fonológicas não-lineares, nos apoiaremos em:

Clements (1990), e Kenstowicz (1994), para analisarmos a estrutura silábica do Saynáwa, a silabificação e os possíveis processos de ressilabificação. Nesse momento, utilizaremos também Blevins (1995);

Hayes (1995), para analisarmos o padrão acentual do Saynáwa, uma vez que estamos partindo da hipótese que ele obedece a um padrão rítmico, sendo o acento nessa língua, portanto, métrico. Por isso nos basearemos na fonologia métrica para investigarmos se essa hipótese se confirma, pois em caso afirmativo, o conhecimento dessa estrutura métrica poderá ser importante para a compreensão de outros aspectos da fonologia do Saynáwa, uma vez que, *“metrical structure is not just a means of deriving stress but serves as a general organizing principle for the phonology of a language”* (Hayes, 1995: 82);

Nespor e Vogel (1986), para entendermos e identificarmos quais são os constituintes prosódicos do Saynáwa e como eles se organizam hierarquicamente. Seguindo Nespor e Vogel (1986: 1, 301), trabalharemos com a perspectiva de a teoria prosódica ser uma teoria dos domínios, podendo ser observada a aplicação das regras fonológicas em constituintes prosódicos específicos, e de o subsistema prosódico estar relacionado ao subsistema métrico da língua;

E, por fim, na “Geometria dos Traços”, de Clements e Hume (1995), para compreendermos como ocorrem os principais processos fonológicos do Saynáwa. Levando também em consideração o subsistema prosódico, investigaremos como esses processos fonológicos estão relacionados a esse subsistema a partir não apenas da identificação de quais constituintes prosódicos eles tomam como domínios de aplicação de suas regras, como também quais são as regras prosódicas identificadas nesses processos, conforme Nespor e Vogel (1986), que se basearam em Selkirk (1980).

Ao nos apoiarmos na fonologia prosódica (Nespor e Vogel, 1986) para tratarmos dos processos fonológicos do Saynáwa, situaremos a atuação das regras fonológicas em domínios definidos em termos da hierarquia fonológica, enquanto em outros modelos, como o da fonologia gerativa tradicional, esses domínios seriam definidos em termos de constituintes morfossintáticos (Nespor e Vogel, 1986: 15). Além disso, não deixaremos de ficar atentos, quando tratarmos desses processos, a possíveis relações entre o subsistema métrico e a ocorrência de mudanças segmentais, como é comum nas línguas do mundo (Hayes, 1995: 82).

Ao longo de nosso trabalho falaremos mais sobre essas teorias quando maiores explicações se mostrarem necessárias para a compreensão dos fenômenos estudados.

Além desse referencial teórico, observaremos também trabalhos que tratam especificamente ou trazem informações sobre outras línguas Pano, quais sejam: Amahuaca (Shell, 1975); Arara (Cunha, 1993; Souza, 2009); Camannawa (Loos, 1999); Capanahua (Shell, 1975); Cashibo (Shell, 1950, 1975); Cashinahua (Kensinger, 1963; Shell, 1975); Kaxinawa (Camargo, 1988-1989), Caxinauá (Camargo, 1995, 2005); Chácobo (Prost, 1967); Huariapano (Parker, 1994); Jaminawa (Lanes, 2000), Yaminahua (Faust e Loos, 2002; Loos, 2006); Kaxarari (Lanes, 2000; Sousa, 2004; Couto, 2005); Katukína (Barros, 1987), Katukina (Aguiar, 1994); Marinahua (Pike e Scott, 1962; Shell, 1975); Marubo (Costa, 1992, 2000; Soares, 1996); Matis (Spanghero Ferreira, 2000; Ferreira, 2001, 2005); Matsés (Dorigo, s.d.; Dorigo e Costa, 1997 *apud* Costa, 2000), Matses (Loos, 1999); Pacanawa (Loos, 1999); Poyanáwa (De Paula, 1992); Shanenawá (Cândido, 1998), Shanenawa (Cândido, 2004); Shipibo-Conibo (Shell, 1975); Wariapano (Valenzuela, 1998 *apud* Costa, 2000); Yawanawa (Lanes, 2000), Yawanawá (De Paula, 2007).

Ao lado desses trabalhos, observaremos também obras que abordam aspectos da família lingüística Pano como um todo, como a reconstrução do Proto-Pano, de Shell (1975), e as classificações de: Rivet e Tastevin (1927), Loukotka (1939), Mason (1950), Rivet e Loukotka (1952), McQuown (1955), D'Ans (1973), Erikson (1994), Loos (1999), Rodrigues (2002), Ribeiro (2006). Já trabalhos como os de Kensinger (1986), Mori (1993), e Aguiar (1994), por exemplo, nos foram muito úteis como fonte de referência bibliográfica especializada sobre línguas Pano.

E em relação à história e à sociedade Saynáwa, pois uma língua não pode ser compreendida sem entendermos o povo que a fala, recorreremos a algumas obras que tratam de aspectos etnográficos dos povos Pano ou dos índios do Acre em geral, como os trabalhos já indicados, e os que seguem: Chandless (1866), Abreu (1914), Tastevin (1919, 1924, 1925, 1926, 1928), Oppenheim (1936), Castelo Branco (1947, 1950), Kietzeman (1952), Schultz e Chiara (1955), Carvalho (1955), Alviano (1957), CPI-Acre (1982), Aguiar (1987, 1994), Gonçalves (1991), Erikson (1993), Townsley (1993), Lima (1994), Sáez (1998, 2002, 2002-2003, 2006, 2008), Cruz (2004), Martins (2006), Naveira (2007).

## ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Vejam algumas observações sobre a estrutura de nossa dissertação:

- Para a grafia dos etnônimos indígenas adotamos a orientação estabelecida em 1953 pela Associação de Antropologia Brasileira, mas quando fazemos referência a algum trabalho específico, utilizamos a grafia empregada por seu autor, assim, um etnônimo como o Kaxinawá, aparece grafado como: Caxinauá (Abreu, 1914; Camargo, 1995, 2005), Kachinaua (Tastevin, 1925), Cachinaua (Oppenheim, 1936), Kachinauá (Castelo Branco, 1950), Kachináua (Schultz e Chiara, 1955), Cashinahua (Kensinger, 1963; Shell, 1975), ou Kaxinawa (Camargo, 1988-1989);

- Todas as línguas por nós diretamente referidas são, quando não indicadas de modo diverso, com exceção do português, do inglês e do holandês; da família lingüística Pano, por isso não indicamos a qual família lingüística pertencem línguas como o Arara, ou o Poyanáwa, pois já sabemos desde já que integram a família Pano, como indicamos em nosso referencial teórico quando tratamos das línguas dessa família sobre as quais dispomos de material bibliográfico;

- Para a grafia de nomes de lugares, como rios, por exemplo, também respeitamos a denominação empregada pelos autores que a eles se referiram;

- Para a transcrição fonética e fonológica utilizamos a fonte SIL Doulos IPA93<sup>4</sup>, em conformidade com o Alfabeto Internacional de Fonética (IPA);

- Nossa dissertação apresenta três capítulos, os quais, por sua vez, se dividem em tópicos e subtópicos;

- O Capítulo 1 é dedicado à história e aos aspectos sócio-culturais dos Saynáwa, além de tratar de modo geral da família lingüística Pano e de suas classificações, bem como dos problemas relacionados aos etnônimos Pano, que afetaram os Saynáwa;

- O Capítulo 2 trata da fonologia segmental do Saynáwa, quando apresentamos os fonemas consonantais e vocálicos e suas respectivas realizações alofônicas, além de identificarmos os ditongos dessa língua;

- O Capítulo 3 é destinado ao estudo da fonologia suprasegmental do Saynáwa, quando nos concentramos em sua estrutura silábica, em seu padrão acentual, e em seus constituintes prosódicos. Além disso, analisamos nesse capítulo os principais processos fonológicos dessa língua;

---

<sup>4</sup> Disponível no site: [http://scripts.sil.org/cms/scripts/page.php?site\\_id=nrsi&item\\_id=encore-ipa](http://scripts.sil.org/cms/scripts/page.php?site_id=nrsi&item_id=encore-ipa).

- Em anexo, apresentamos: um mapa com a localização da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto no estado do Acre (Anexo I); fotos dos nossos informantes e do *rabəbəiati*, “brincadeira” tradicional do povo Saynáwa (Anexo II); e os espectrogramas dos fones vocálicos do Saynáwa (Anexo III). E ao final, apresentamos um “Pequeno Vocabulário Saynáwa-Português”.

## CAPÍTULO 1

### Saynáwa: o povo do grito, aspectos históricos e sócio-culturais.

#### 1.1. A família lingüística Pano.

Os povos indígenas da família lingüística Pano apresentam uma grande homogeneidade territorial, cultural e lingüística (Rivet e Tastevin, 1927; Erikson, 1994; Sáez, 2006), concentrando-se em uma área geográfica contínua, localizada no sudoeste amazônico, que abrange três países: Peru, Bolívia e Brasil (Erikson, 1994; Sáez, 2006; De Paula, 2007); e que se estende: a oeste, desde o curso médio do rio Ucayali; ao sul, até os cursos superiores dos rios Juruá e Purus; a leste, até a parte ocidental do estado de Rondônia; e ao norte, entre os rios Javari e Juruá; encontrando-se alguns núcleos isolados no sudeste do Peru (Aguilar, 1994; Rodrigues, 2002).

Estima-se que sua população seja de quase 39 mil pessoas. No Brasil seriam cerca de 7.700 índios; no Peru, 30 mil; e na Bolívia, 700 (Erikson, 1994). Devemos ressaltar que ainda podem existir grupos isolados, não contatados, vindo assim a aumentar o número dessas estimativas. No Brasil, os índios Pano podem ser localizados nos estados do Acre, do Amazonas e de Rondônia, mas a maior parte de sua população vive no Acre (Gonçalves, 1991; Rodrigues, 2002).

Conforme Rodrigues (2002), as seguintes línguas Pano são faladas no Brasil, recebendo o grupo a mesma denominação da língua materna: “*Amawáka, Karipúna, Katukína do Acre (Wanináwa), Kaxararí, Kaxináwa (Kaxinawá), Marúbo, Matís (Matsés), Mayá (?), Mayorúna, Nukuíni, Poyanáwa, Yamináwa, Yawanáwa*” (Rodrigues, 2002: 81). Cunha (1993) demonstra que a essa lista pode ser acrescentada a língua Arara. De Paula (2007), por sua vez, aponta que também podem ser acrescentadas as línguas: “*Shawadáwa (Arara), Shanenáwa, Korubo, Maia*”, além de poderem ainda existir outras línguas Pano, de povos ainda não contatados (De Paula, 2007: 34).

Foi Raoul de La Grasserie em 1890, ao estudar um grupo de línguas pertencentes a uma mesma família lingüística, quem utilizou o nome de uma dessas línguas para nomear todo o grupo, fazendo surgir a denominação Pano (De Paula, 2007), e inaugurando, assim, os estudos sobre as línguas dessa família (Sáez, 2006).

A partir de então, sob essa denominação, as línguas Pano passaram a ser classificadas internamente. Rivet e Tastevin (1927), por exemplo, dividiram essas línguas em três grupos geográficos: “*le groupe de l’Amazonie et de l’Ucayali (...), le groupe de l’Inambari et le groupe du Mamoré-Beni-Madeira*” (Rivet e Tastevin, 1927: 811). Do mesmo modo,

dividindo a família Pano em grupos geográficos, temos Loukotka (1939), Mason (1950), Rivet e Loukotka (1952). Abaixo segue a classificação das línguas da família Pano proposta por Mason (1950):

“*Pano Central*

A. *Chama (Ucayali)*

1. *Conibo*

a. *Conibo*

b. *Shipibo*

a. *Caliseca, Sinabo (?)*

b. *Manamabobo, Manava*

c. *Setebo*

a. *Sensi: Casca, Runubu, Ynubu, Barbudo, Tenti, Mananawa (?)*

b. *Panobo: Pano, Pelado, Manoa, Cashiboyano*

2. *Cashibo (Comabo)*

a. *Cacataibo*

b. *Cashiño*

c. *Ruño*

d. *Buninawa*

e. *Carapacho (?)*

f. *Puchanawa*

g. *Shirinó*

B. *Curina (Kulino)*

C. *Capanawa*

1. *Capanawa*

a. *Buskipani*

2. *Remo*

a. *Sacuya*

3. *Maspo*

a. *Epetineri (Impenitari)*

4. *Nucuini*

a. *Cuyanawa*

5. *Niarawa*

6. *Puyanawawa (?)*

D. *Amawaca (amenguaca ?)*

1. *Amawa*

a. *Cashinawa*

b. *Sheminawa*

c. *Inuvakeu*

d. *Viwivakeu*

2. *Pichobo*

a. *Pichobo (Pisobo)*

b. *Soboibo*

a. *Ruanawa*

c. *Machobo*

a. *Comobo*

E. *Catukina*

1. *Arara*

a. *Shawanawa*

2. *Ararapina*

3. *Ararawa*
4. *Saninawa*
  - a. *Saninawacana*

*F. Juruá-Purus*

1. *Poyanawa*
2. *Shipinawa*
3. *Ararawa*
4. *Yauavo*
5. *Yaminawa*
6. *Runinawa*
7. *Contanawa*
8. *Yawanawa*
9. *Pacanawa*
10. *Yumbanawa*
11. *Yura*
12. *Tushinawa*
13. *Marinawa*
14. *Espinó*
15. *Manawa*
16. *Canamari*

*Pano Sul-Occidental*

- A. *Arasaire*
- B. *Aisawaca*
  1. *Aisawaca*
  2. *Yamiaca*
- C. *Arauá (?)*

*Pano Sul-Oriental*

- A. *Pacawará*
  1. *Chacobo*
  2. *Caripuná (Jau-navo)*
    - a. *Jacariá*
    - b. *Paniá (Pamaná)*
  3. *Capuibo*
  4. *Sinabo*
- B. *Zurina (?)* (Mason, 1950)

D'Ans (1973) propôs outra classificação, dividindo as línguas da família Pano em cinco grupos: Pano Ucayalino, que se divide em dois subgrupos – Ucayalino A e Ucayalino B; Pano Preandino; Pano das Cabeceiras, que se divide em quatro subgrupos – Isconahuano, Amahuacano, Cashinahuano, Pano-Purus; Pano Beniano; Pano do Norte. Já Erikson (1994) dividiu a família Pano em oito grupos: Shipibo/Conibo/Shetebo; Pano do Sul; Yaminahua; Amahuaca; Cashinahua; Cashibo; Pano Central; Pano do Norte.

Como exposto por De Paula (2007), outras classificações foram propostas, mencionamos apenas essas por elas serem as mais citadas nos estudos sobre a família lingüística Pano.

Ao observarmos as classificações de Rivet e Tastevin (1927), Loukotka (1939), Mason (1950), Rivet e Loukotka (1952), D'Ans (1973), Erikson (1994); bem como as classificações ou listas de línguas da família Pano de: McQuown (1955), Shell (1975), Kensinger (1986), Mori (1993), Aguiar (1994), Loos (1999), Rodrigues (2002), Ribeiro (2006); ou as demais obras presentes em nossa bibliografia; não encontramos qualquer menção ao povo ou à língua Saynáwa, existindo na bibliografia consultada tão somente indicações do uso desse etnônimo como uma aloreferência.

Na literatura, os termos Saynawa, Sainawa, ou Sáinaua, são transcritos como aloreferências dos índios Kaxinawá (Cashinahua), Yamináua, ou Yaminawa-Arara.

Segundo Sáez (2002; 2002/2003), Desfayes e Keifenheim *apud* Froidevaux (2005), e Fabre (2005), os Jamináwa e outros grupos Pano chamavam os Kaxinawá de Saynawa ou Sainawa, “*dizem os Yaminawa que aqueles conhecidos pelos brancos como Kaxinawá não são verdadeiros Kaxinawá, mas Sainawa, sendo que os verdadeiros Kaxinawá, um pequeno grupo de índios brabos, foram assimilados por eles decênios atrás*” (Sáez, 2002: 39). Já conforme Kensinger (1986) e Déléage (2009), eram os Sharanahua que chamavam os Cashinahua de Sainawa, referência que os Cashinahua consideravam pejorativa.

Por outro lado, Tastevin (1925) nos relata que no alto Murú, afluente do Tarauacá, eram os Kachinaua que denominavam os Yamináua de Sáinaua, tendo este grupo migrado para o rio “*Imbira*” (Tastevin, 1925: 414). E já Naveira (2007: 357), ao tratar de um mito contado por um índio Yawanawá da T.I. Rio Gregório, diz que os Sainawa podem ser identificados como os Pakanawa, sendo esta uma referência aos Yaminawa-Arara que atualmente estão no rio Bagé, no Acre. Esse dado de Naveira (2007) é interessante porque de fato os Saynáwa reconhecem como parentes próximos os Jamináwa-Arara do rio Bagé, vivendo no Igarapé Preto alguns desses índios Jamináwa-Arara. A informação de Naveira (2007), entretanto, não deixa de ser uma aloreferência.

Apenas em De Paula (2007) e em Carid (1999) *apud* Martins (2006: 71) encontramos indicações do termo Sainawá como autodenominação de alguns índios que vivem entre os Yawanawá na T.I. Rio Gregório, município de Tarauacá-AC. Esses índios, como observaremos mais adiante, são considerados pelos Saynáwa da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto como sendo seus parentes.

Assim, a língua Saynáwa e seu povo não foram ainda identificados na literatura, inexistindo menção a essa língua em listas ou classificações de línguas amazônicas. Os índios da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto são vistos pelos órgãos oficiais como pertencentes ao povo Jamináwa e falantes da língua homônima.

A ignorância da existência do povo e da língua Saynáwa revela a situação de desconhecimento sobre os índios Pano do Acre, como exposto em Rodrigues (2002), apesar do crescente interesse da comunidade científica por esses povos, como demonstra De Paula (2007).

## 1.2 Saynáwa ou Jamináwa? A questão do etnônimo.

Como expusemos no tópico anterior, os órgãos oficiais reconhecem como sendo Jamináwa os índios da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto, como pode ser observado nos documentos da FUNAI referentes à mencionada T.I. e sua população: a Portaria nº 66/MJ, de 02 de março de 1993; a Portaria nº 688/PRES, de 22 de agosto de 2001; bem como os dados presentes no site oficial desse órgão<sup>5</sup>. Além dessa instituição, outras, como o Conselho Indigenista Missionário –CIMI<sup>6</sup>, e o Instituto Socioambiental<sup>7</sup>, bem como a bibliografia consultada, Gonçalves (1991: 46), trazem a mesma informação. A própria denominação da T.I. revela que seus habitantes são reconhecidos como pertencentes ao povo Jamináwa.

Essa informação também nos foi dada pelos funcionários da Secretaria de Educação do Estado do Acre: Maria do Socorro Oliveira e Manoel Estébio, que nos disseram que nessa T.I. ainda existia um índio, Seu Benedito, que falava a língua de seus antepassados.

O prof<sup>o</sup> Aldir De Paula (UFAL), entretanto, nos afirmou que ainda precisava de confirmação a informação de que os índios do Igarapé Preto eram Jamináwa e de que a língua Pano falada por Seu Benedito era Jamináwa, pois inexistiam estudos lingüísticos sobre o grupo do Igarapé Preto. Nesse mesmo sentido aponta Sáez (1998), quando diz que os índios do Igarapé Preto ainda não tinham sido estudados do ponto de vista antropológico, não se podendo afirmar com precisão se eram índios Jamináwa.

Pouco tempo antes de irmos fazer nossa pesquisa de campo, Manoel Estébio, em comunicação pessoal, nos disse que conheceu Seu Benedito durante a realização do V Encontro de Culturas Indígenas e o I Jogos da Celebração, realizados em outubro de 2008 na

---

<sup>5</sup> Site consultado: <http://www.funai.gov.br/mapas/fundiario/ac/ac-jaminawadoigarapepreto.htm>. Data da consulta: 22/06/09.

<sup>6</sup> Site consultado: <http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=734&eid=306>. Data da consulta: 22/06/09.

<sup>7</sup> Site consultado: [http://pib.socioambiental.org/caracterizacao.php?id\\_arp=3703](http://pib.socioambiental.org/caracterizacao.php?id_arp=3703). Data da consulta: 23/06/09.

T.I. Poyanáwa, na aldeia Barão, no município de Mâncio Lima-AC, que reuniu vários índios do estado do Acre, e nessa ocasião Seu Benedito lhe disse que pertencia ao povo Saynáwa e falava a língua homônima.

Essa informação foi comprovada quando fizemos nossa pesquisa de campo. Seu Benedito reafirmou que era Saynáwa, bem como comprovamos existir mais pessoas que ainda falavam essa língua, os quais também se reconheciam como Saynáwa.

Seu Benedito nos disse que a denominação Jamináwa havia sido colocada por não-índios no tempo em que eles trabalhavam na extração da borracha. Ele nos disse que um patrão não-índio, seringalista, disse ao avô materno dele, Seu José Marcolino, já falecido, que eles eram índios Jamináwa e passou a chamá-los desse modo. O grupo, entretanto, não deixou de se autodenominar Saynáwa. Na verdade, Seu José Marcolino contava ao neto, Seu Benedito, como este nos disse posteriormente, que o nome antigo do povo não era Saynáwa, mas sim Saybaybô.

Ao perguntarmos por qual razão o grupo aceitou ser denominado como Jamináwa, Seu Benedito nos disse que essa tinha sido uma decisão de seu avô, líder do grupo, e todos aceitaram por respeito à sua liderança. Quanto às razões do avô em tomar tal atitude, não soube explicar. Dessa forma, todo o povo passou a ser denominado desse modo, sendo assim reconhecido pelos não-índios e por índios que tiveram contato recente com eles.

Os próprios índios Saynáwa mais novos passaram a se reconhecer como Jamináwa, permanecendo o conhecimento e uso do nome Saynáwa apenas entre os mais velhos. Seu Benedito nos disse que ele e os outros membros do grupo não mudaram a denominação nos órgãos públicos, elegendo a autodenominação Saynáwa como oficial, porque o nome Jamináwa já estava consagrado e poderia ser mais complicado fazer mudanças dessa ordem. Porém, durante nossa pesquisa, ele e os demais informantes fizeram questão de afirmar que eram falantes do Saynáwa e desejavam que constasse em nosso estudo essa autodenominação. Desse modo, em atenção à vontade da comunidade e, em especial, dos informantes, respeitaremos a autodenominação do grupo.

O fato de um povo ser conhecido por um nome diverso do de sua autodenominação não ocorreu apenas com os Saynáwa, é comum com outros povos indígenas e, ainda mais, com povos Pano. Isso ocorre, dentre outras razões: porque a denominação foi dada por não-índios ou por índios estranhos ao grupo (Tastevin, 1926: 47; Castelo Branco, 1947: 193; 1950: 28-29); porque o próprio grupo adotou um nome diverso do de sua autodenominação para evitar hostilidades de outros grupos indígenas ou dos não-índios (Tastevin, 1924; 1925: 415, 417; 1926: 50; 1928: 211-212; Castelo Branco, 1950: 25, 29); ou porque nomes de clãs

foram considerados como o nome de todo o grupo (Kensinger, 1986: 224-225; Aguiar, 1987: 43; Erikson, 1994: 4).

Em relação aos Saynáwa, os não-índios nomearam o grupo de modo diverso do de sua autodenominação ou porque os confundiram com um grupo Pano semelhante a eles, como ocorreu com os Yawanawá, que foram denominados de Katukina (Lima: 1994: 3); ou porque empregaram um nome genérico para sua denominação<sup>8</sup>.

Essa última hipótese é reforçada pelo fato de que o etnônimo Jamináwa (Yaminawa, Yaminahua) é considerado por Erikson (1994: 6) não como a denominação de um único povo, mas de um grupo de povos com características culturais parecidas. Já segundo documento do CPI-Acre (1982), o nome Jamináwa é tido explicitamente como um termo genérico, tendo servido para designar diversos grupos, “*Jaminaua (nome genérico dado pelos brancos a índios do grupo Pano que são Xaranaua, Mastanaua Xixinaua, Cududaua, Jauanaua, Marinaua, Kaxinaua, etc.)*” (CPI-Acre, 1982: 22).

Essa aplicação genérica do termo Jamináwa pode explicar a diversidade de povos conhecidos por essa denominação. Os Jamináwa (Yaminawa ou Yaminahua) podem ser encontrados em três países: Peru, Brasil e Bolívia. No Peru, existem dois grupos, um vivendo nas cabeceiras do rio Juruá e outro nas cabeceiras do rio Purus (Gonçalves, 1991). Esses dois grupos, entretanto, são distintos, sendo comum apenas sua denominação. Segundo Townsley (1988: 13) *apud* Gonçalves (1991: 238), a língua (“*dialect*”) dos Yaminahua do Juruá é mais próxima do Mastanahua e do Parquenahua quando comparada à língua dos Yaminahua do Purus, que por sua vez é quase idêntica à língua dos Sharanahua.

Sáez (2006: 29), por sua vez, que estuda os Jamináwa da T.I. Cabeceiras do Rio Acre, em Assis Brasil-AC, afirma que os Jamináwa do Brasil não são os mesmos do Peru. Desse modo, os diversos grupos Jamináwa espalhados pelo Peru, Brasil e Bolívia, não constituem, ao menos no que se refere aos dois povos Jamináwa do Peru e aos da T.I. Cabeceiras do Rio Acre<sup>9</sup>, no Brasil, um mesmo grupo. Isso demonstra que povos culturalmente e lingüisticamente distintos foram nomeados de modo semelhante, “*embora decerto tenham vagos elos genealógicos*”, mas esses elos eles também teriam com outros povos Pano (Sáez, 2006: 29), em um mesmo grau ou até mais acentuadamente.

---

<sup>8</sup> Não devemos esquecer a hipótese de que a denominação dada pelo patrão não-índio pode ter sido motivada pelo desejo do seringalista em neutralizar a identidade do grupo.

<sup>9</sup> Os Jamináwa da T.I. Mamoate, localizada no alto Iaco; da T.I. Jamináwa do Alto Rio Caeté; da T.I. Guajará, no rio Iaco, todas no município de Sena Madureira-AC; da T.I. Kayapucá, no rio Purus, município de Boca do Acre-AC; são os mesmos Jamináwa da T.I. Cabeceiras do Rio Acre, de Assis Brasil-AC (Cruz, 2004: 89-112). Quanto aos Jamináwa da Bolívia, residentes nas margens dos rios Acre e Tahuamanu, no departamento de Pando (Aguiar, 1994: 147), não sabemos se são os mesmos do Brasil, aqui citados, ou de um dos dois grupos do Peru.

Portanto, as afirmações de que “*enquanto as demais línguas da família Pano sempre são faladas em áreas geográficas restritas e por um grupo relativamente reduzido de falantes, o Jaminawa é falado em diversos pontos do estado do Acre, Peru e Bolívia*” (Lanes, 2000: 26) ou “*os Yaminahua caracterizam-se por seu núcleo populacional ser disperso*” (Plaza e Carvajal, 1985 *apud* Aguiar, 1994: 147), parecem se pautar apenas pela similaridade dos etnônimos, que não condizem com as diferentes realidades culturais e lingüísticas desses povos.

O mesmo parece ter ocorrido com os índios da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto, que foram denominados como Jamináwa por ser esse um termo genérico dado a povos Pano.

O etnônimo Jamináwa, na verdade, não consistia em uma autodenominação de nenhum povo Pano, foi um termo criado por não-índios e por outros grupos Pano no final do século XIX (Townesley, 1988 *apud* Gonçalves, 1991), significando “povo do machado” (yami = machado, nawa = povo) (Faust e Loos, 2002: 11). De mesmo modo, o etnônimo Saynáwa (saj = grito; naua = branco, gente) é recente, tendo sido adotado, segundo Seu Benedito, após o contato do seu povo com a sociedade não-índia. O etnônimo que os mais antigos adotavam como autodenominação era Saybaybô, que também significa “povo do grito, povo gritador” (-bu = gente; saj = grito; sajki = gritar). Como veremos em 3.2., o etnônimo Saybaybô condiz mais com o padrão acentual da língua, o que pode levar a crer ser o termo Saynáwa um empréstimo lingüístico. A razão de eles terem se denominado como “povo gritador” não é conhecida pelo grupo.

Os sufixos -nawa e -bo são comuns nas denominações dos índios Pano (Gonçalves, 1991), mas segundo Tastevin (1919) o emprego desses sufixos não é aleatório, indica procedências distintas dos grupos que os portam em suas autodenominações:

*“Le nombre des tribus dont la terminaison commune est Nawa est remarquable: il y a les Nawas, les Katsinawas, les Yaminawas (...) Maintenant remarquons que les noms de tribus accompagnés du suffixe nawa au Juruá, portent le suffixe bo dans le fleuve voisin, L’Ucayali”* (Tastevin, 1919: 152)

Se seguirmos o pensamento de Tastevin (1919), poderíamos considerar que os Saynáwa teriam vindo do rio Ucayali e assim se diferenciariam dos demais povos Pano que vivem nas proximidades do rio Juruá e de seus afluentes, que teriam suas autodenominações terminadas em -nawa. Entretanto, segundo Castelo Branco (1950), todos os índios Pano das bacias do Juruá e do Purus, independentemente de sua autodenominação, são originários do alto Marañon, tendo passado pelos rios Ucaiali, Javari e Jutaí (Castelo Branco, 1950: 3, 46), e

apesar de os Pano do rio Ucayali terem sido classificados como um grupo à parte dos que vivem nas bacias do Juruá e do Purus (Rivet e Tastevin, 1927; Loukotka, 1939; Mason, 1950; Rivet e Loukotka, 1952; D'Ans, 1973), Rivet e Tastevin (1927) apontam que “*D’une façon générale, les langues du haut Juruá se rapprochent plutôt des dialectes pano de l’Ucayali que de ceux de l’Inambari et du Mamoré*” (Rivet e Tastevin, 1927: 815).

Assim, similaridades entre os grupos Pano do Ucayali e do Juruá-Purus são mais comuns do que podemos suspeitar. De qualquer modo, basearmo-nos tão somente em autodenominações para compreendermos a relação dos Saynáwa com os demais povos Pano ou até mesmo de onde eles vieram não nos ajudará muito, visto que os etnônimos Pano nos apresentam mais problemas que soluções.

Como mais um exemplo desses problemas relacionados aos etnônimos, ao menos para os pesquisadores, temos o fato de que os índios Pano de um mesmo grupo se dividem em clãs. Essas divisões são importantes do ponto de vista social, mas não implicam em distinções culturais ou lingüísticas entre os membros de diferentes clãs de um mesmo grupo. No caso dos índios Marubo, essas autodenominações dão conta das distintas unidades matrilineares (Melatti, 1977 *apud* Lima, 1994: 7), enquanto entre os Kaxinawá a regra de filiação aos clãs é patrilinear (Lima, 1994: 11). E assim também ocorre com muitos outros índios Pano, que possuem dentro de sua sociedade subgrupos ou clãs nos quais seus membros se organizam e se posicionam frente aos demais do grupo (Gonçalves, 1991; Lima, 1994).

Kensinger (1986) e Erikson (1994) relatam que essa divisão em clãs provocou e ainda provoca alguns mal-entendidos, em que nomes de subgrupos são tomados pelos pesquisadores como nomes de toda a tribo. Como exemplo, temos os Katukina. Aguiar (1987) demonstra que esse povo não tem uma autodenominação única, eles se reconhecem como um grupo lingüisticamente e culturalmente coeso, mas não possuem um nome comum. Como eles se dividem em clãs, quais sejam: “*Varináwa; Satanáwa; Wanináwa; Kamanáwa; Naynáwa*” (Aguiar, 1987: 45), alguns desses nomes foram utilizados para definir todo o povo, como o etnônimo Naynáwa, que foi utilizado pelo CIMI para definir o grupo (Aguiar, 1987: 45). Equívoco semelhante parece ter ocorrido com Tastevin (1924) quando esteve com os Katukina.

Tastevin (1924, 1925) nos relata que o termo Katukina foi adotado pelos índios para evitar hostilidades dos brancos, visto que os índios Katukina (família lingüística Katukína) (Rodrigues, 2002: 81) mantinham boas relações com os não-índios enquanto os grupos Pano tinham uma má reputação entre os exploradores (Tastevin, 1924: 5), mas que esses índios se reconheciam pelo nome genérico de Nuke (os homens) e pelo nome específico de Wani-nawa,

existindo na aldeia grupos remanescentes de tribos já extintas, como os “*Kama-nawa, Nai-nawa, Wari-nawa, Numa-nawa, Sata-nawa*” (Tastevin, 1924: 5). Entretanto, tendo em vista o exposto em Aguiar (1987), vemos que esses grupos, tidos por Tastevin (1924) como de tribos distintas, são na verdade, assim como o “*Wani-nawa*”, nomes de clãs de um mesmo grupo e não de diversas tribos.

Diante dessas questões, em que nomes de clãs são tomados como nomes de tribos, pesquisamos em nossa bibliografia se existia algum clã entre os diversos povos Pano que se autodenominava Saynáwa<sup>10</sup>, não tendo sido identificado nenhum clã com esse etnônimo. No caso dos índios que vivem com os Yawanawá da T.I. Rio Gregório que se consideram Sainawá (Carid, 1999 *apud* Martins, 2006: 71; De Paula, 2007), são estes reconhecidos pelos Saynáwa do Igarapé Preto como parentes próximos, tendo vivido com eles há alguns anos.

Assim, diante das informações disponíveis sobre os povos Pano, o grupo Saynáwa não pode ser considerado como clã de nenhum outro povo<sup>11</sup>, não podendo ser afirmado que o grupo do Igarapé Preto seja remanescente de um grupo maior, onde exista um clã com o mesmo etnônimo. Por outro lado, não existem hoje entre os Saynáwa subdivisões em clãs, reconhecendo-se todos por uma mesma autodenominação, nem conseguimos recuperar da memória do grupo se divisões como esta existiram.

Podemos ver, portanto, que o conhecimento dos etnônimos dos povos Pano pelos não-índios sempre se mostrou confuso, ocorrendo ora a denominação de povos muito distintos entre si sob um mesmo nome, ora a denominação de um mesmo povo por uma profusão de nomes.

Ao esclarecermos estes fatos e, de igual modo, ao identificarmos que não há outros grupos ou subgrupos que também se autodenominam como Saynáwa, confirma-se o sentimento dos índios Saynáwa da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto em se considerarem como um grupo distinto de outros povos Pano, apesar dos inegáveis laços que unem esses povos e que revelam uma grande homogeneidade lingüística e cultural, como exposto em Rivet e Tastevin (1927); Erikson (1994); Sáez (2006).

---

<sup>10</sup> Kensinger (1986) aponta a existência de um subgrupo hoje extinto entre os Marubo: Chaináwabu ou Chainawa. Apesar da semelhança entre os nomes Chainawa e Saynáwa, não temos como precisar se ambos foram no passado um mesmo grupo, até porque, como exposto por Lima (1994), dois povos Pano diversos, como os Marubo e os Katukina, possuem entre suas várias autodenominações, que nomeiam os clãs constituintes dessas sociedades, nomes em comum. Os Varinawa, Satanawa, Kamanawa, Numanawa, e Waninawa existem tanto entre os Marubo, como entre os Katukina (Lima, 1994), mas, por exemplo, os Varinawa do grupo Katukina não falam a mesma língua, nem são culturalmente idênticos aos Varinawa do grupo Marubo.

<sup>11</sup> Entre os Jamináwa que vivem no Brasil, por exemplo, foram identificados os seguintes clãs: Xixinawa, Kununawa, Mastanawa, Bashonawa, Sharanawa (Cruz, 2004: 89; Sáez, 2006: 29); inexistindo entre os grupos denominados Jamináwa qualquer clã Saynáwa (Gonçalves, 1991; Faust e Loos, 2002; Cruz, 2004; Sáez, 2006).

### 1.3. História dos Saynáwa.

#### 1.3.1. Origens.

Conforme os relatos do povo Saynáwa, em especial os de Dona Francisca (91 anos em 2008), a índia Saynáwa mais idosa da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto, os Saynáwa viviam nas cabeceiras do rio Tarauacá<sup>12</sup>, afluente direito do rio Juruá, sendo costume dos índios Pano dessa região viverem em áreas de cabeceiras (Oppenheim, 1936).

Seu Benedito (59 anos em 2008) reforça a informação de sua mãe, Dona Francisca, mas fala de um rio específico, próximo às cabeceiras do Tarauacá, de onde seu povo teria vindo: o rio da Besta. Ele nos conta que ouviu essa informação de Seu Raimundo Yawanawá, índio Yawanawá que mora na T.I. Rio Gregório, município de Tarauacá-AC.

Em nossa bibliografia encontramos referências não ao rio, mas ao igarapé da Besta. Este igarapé, ao contrário das informações do Seu Raimundo Yawanawá, é um afluente do médio Liberdade (Tastevin, 1928: 209), não estando nas proximidades das cabeceiras do Tarauacá. Esse dado pode ser confirmado em mapas atuais (Estado do Acre, [200-?]), que apontam a localização do igarapé da Besta na T.I. Campinas, onde vivem os Katukina, já próximo da divisa com o estado do Amazonas. A inexistência de um rio com esse nome na região do alto Tarauacá pode ser atestada também em mapas mais antigos, como o presente em Tastevin (1926).

De qualquer modo, nada impede que um dos rios da região do alto Tarauacá fosse conhecido pelos índios por uma denominação diversa da que ficou registrada pelos não-índios, podendo existir de fato um rio da Besta naquela região. Acreditamos, entretanto, que a informação do Seu Raimundo Yawanawá está relacionada de fato ao igarapé da Besta, afluente do Liberdade, do qual fala Tastevin (1928), uma vez que a existência de índios Jaminauás nesse igarapé é apontada em Tastevin (1928: 208) por volta de 1918 e em Castelo Branco (1950: 23) por volta de 1911, podendo Seu Raimundo Yawanawá ter confundido estes Jaminauás com os Saynáwa<sup>13</sup>.

Índios Jamináwa também foram identificados, no início da década de 1920, habitando o alto Tarauacá (Tastevin, 1926: 50; Castelo Branco, 1947: 194; 1950:25). Estes Jamináwa poderiam ser os Saynáwa, naquela época já reconhecidos de modo distinto do de sua autodenominação, o que parece pouco provável visto que os Saynáwa só passaram a ser

---

<sup>12</sup> A região do alto Tarauacá está indicada no mapa do Anexo I.

<sup>13</sup> Castelo Branco (1950) descreve os índios Jaminauás do igarapé da Besta, afluente do Liberdade, como indivíduos com um tipo físico bem diferente dos demais Pano, sendo estes Jaminauás “*corpulentos, altos, espadaúdos (...) vários chegam a pesar 90, 100 e mais quilogramas*” (Castelo Branco, 1950: 30). Esse tipo físico em nada parece com os do Saynáwa que habitam a T.I. Jamináwa do Igarapé Preto, que se assemelham muito mais ao padrão físico dos índios Pano em geral, como também descrito em Castelo Branco (1950: 30).

reconhecidos como Jamináwa quando estavam trabalhando nos seringais, momento este posterior à sua vida nas cabeceiras do Tarauacá.

Independentemente dessas conjecturas, e da informação do Seu Raimundo Yawanawá, que não será levada em consideração por ser proveniente de um membro estranho ao grupo, desejamos registrar a versão presente na memória do povo Saynáwa, que afirma ter vivido desde tempos imemoriais nas cabeceiras do rio Tarauacá.

A região do alto Tarauacá tinha nessa época, início do século XX, uma população indígena predominantemente Pano, como podemos ver no grande número de grupos dessa família lingüística identificados nessa região em Tastevin (1926), Oppenheim (1936) e em Castelo Branco (1947; 1950), como os: Cachinauas, Corronauas, Marinauas, Xaranauas, Tutxinauas (Oppenheim, 1936: 149), Kachinauás, Catuquinas, dentre outros (Tastevin, 1926: 49-54; Castelo Branco, 1950: 25).

Os Saynáwa acabaram tendo que deixar essa região em razão de um ataque que sofreram dos índios Katukina. Segundo o relato de seus antepassados, eles quase foram dizimados nessa luta, tendo suas casas incendiadas e grande parte de seu povo assassinado, inclusive o avô paterno de Dona Francisca. Poucos Saynáwa sobreviveram, dentre eles o Seu José Marcolino, pai de Dona Francisca, que na época era jovem, e alguns irmãos dele, que conseguiram fugir do massacre. Uma irmã do Seu José Marcolino foi “roubada” pelos Katukina.

Hoje os Saynáwa não sabem quais foram os motivos dessa briga, mas ataques como este não eram incomuns entre os grupos Pano. Lima (1994) e Kietzeman (1952: 3, 8), por exemplo, nos remetem às constantes guerras travadas entre os Yaminawá e os Amahuaca, enquanto Schultz e Chiara (1955: 197) nos falam sobre as rivalidades entre os Kachináua e os Jamináua. Os próprios Katukina, povo que atacou os Saynáwa, mantinham relações conflituosas constantes com os Yawanawá, que se perpetuam até hoje (Lima, 1994), sendo os Katukina também inimigos dos Arara (Cunha, 1993: 1). Essas lutas tinham os mais variados motivos, desde a disputa por territórios até o roubo de mulheres, como relata Lima (1994: 4, 6) sobre as lutas entre os Katukina e os Yawanawá, Schultz e Chiara (1955: 196) sobre as brigas entre os Marinaúua e os Charanáua, ou Oppenheim (1936: 151) sobre os demais índios amazônicos.

Conflitos como este não só eram comuns como contribuíram, ao lado das correrias<sup>14</sup> e das epidemias de gripe ou sarampo (Tastevin, 1924, 1925, 1926, 1928; Castelo Branco, 1950;

---

<sup>14</sup> As “correrias” eram chacinas empreendidas pelos não-índios na época da exploração da borracha, fins do século XIX e primeira metade do século XX, contra os índios no intuito de tomar suas terras ou pôr fim a

Schultz e Chiara, 1955; Lima, 1994; Cruz, 2004), para dizimar grande parte dos índios Pano, promovendo o esfacelamento dessas sociedades e sua migração forçada, isso quando esses grupos não eram completamente extintos (Tastevin, 1926, 1928; Castelo Branco, 1950; Alviano, 1957).

Por resultar no massacre de grupos inteiros ou na expulsão destes povos de suas terras, os não-índios chegaram a incentivar lutas entre grupos indígenas rivais, alimentando velhas rixas, como indica Castelo Branco (1950: 17), retratando inclusive um evento ocorrido em 1906 em que índios Cachinauás arranjaram armas com seringueiros para se vingarem dos Jaminauás e propuseram aos não-índios a entrega dos despojos da guerra: mulheres e crianças aprisionadas (Castelo Branco, 1950: 29); um documento da CPI-Acre (1982: 2) também nos fala dessas manipulações pelos não-índios de rivalidades tradicionais, chegando os não-índios até mesmo a patrocinares essas brigas.

Portanto, não seria de todo impossível que esse ataque empreendido pelos Katukina contra os Saynáwa tivesse sido insuflado pelos não-índios ou até mesmo patrocinado por eles.

Não sabemos quando ocorreu de fato esse ataque, podemos fazer apenas estimativas a partir dos relatos do grupo e das idades de seus integrantes. Segundo Dona Francisca, os Saynáwa foram atacados e expulsos do alto Tarauacá pouco antes do seu nascimento, quando seu pai ainda era jovem. Como ela tinha em 2008 91 anos (idade estimada), deve ter nascido por volta de 1917, assim, os Saynáwa devem ter residido na região do alto Tarauacá até, no máximo, a segunda década do século XX.

Os Saynáwa não sabem dizer se no tempo em que seus antepassados viviam no alto Tarauacá já tinham contato com não-índios, eles acreditam que sim, pois os mais velhos contavam que conheciam desde sempre os bens utilizados pelos não-índios, como machados, roupas etc. De qualquer modo, nessa época, início do século XX, a empresa da borracha já tinha se estabelecido nos altos cursos do rio Tarauacá e demais rios das bacias do Juruá e do Purus. Tastevin (1926: 47) e Castelo Branco (1947: 193-194) nos relatam que por volta de 1900, 1903, os últimos afluentes do Tarauacá já estavam povoados por não-índios, existindo em 1906 aproximadamente 115 seringais na região do Juruá e do Tarauacá, e, segundo Tastevin (1926: 49), 52 seringais só no rio Tarauacá em 1924.

---

sociedades contrárias à empresa da borracha, como podemos ver nesse relato: “*abundam no Acre as histórias de massacres traiçoeiros de tribos, praticados pelos invasores neo-brasileiros (...) ainda em tempos atuais, certas firmas comerciais mantêm seus homens em armas para matar índios, que se opõem pacífica ou hostilmente à devastação e ocupação de suas regiões de caça*” (Schultz e Chiara, 1955: 182). Castelo Branco (1950: 22) chega a expor que essas correrias constituíam o “*‘Esporte’ predileto de muitos seringueiros durante os lazers da safra*”.

Desde o século XIX, a região compreendida entre os rios Juruá e Purus, que permaneceu inexplorada por muitos anos pelas sociedades ocidentais, ganhou a atenção dos exploradores da borracha (Chandless, 1866: 87), tendo alcançado a empresa da borracha seu apogeu no final do século XIX e início do século XX, como vemos nesse registro:

*“O Acre estava por vir. Nestes últimos decênios do século XIX e nas décadas seguintes do século XX, a indústria extrativa iria ganhar corpo cuja sombra se faria sentir nas populações indígenas da região”* (Gonçalves, 1991: 12)

Nessa mesma época, início do século XX, os peruanos se interessaram pela exploração do caucho e passaram a ocupar a região, também empreendendo “correrias” contra os povos indígenas (Tastevin, 1925: 419). O interesse dos caucheiros por essa região durou pouco, tendo a empresa seringalista, entretanto, se fixado de vez nas terras do atual Acre.

Assim, diante da exploração da borracha e do caucho, os índios das bacias do Juruá e do Purus se viram em pouco tempo em vias de extinção. Tastevin (1926) indica que no alto Tarauacá, onde antes tinha cerca de 4 mil índios, em 1924 eram cerca de 700.

Por essas razões, não nos parece improvável que na época do ataque sofrido pelos Saynáwa eles já tivessem tido contato com os não-índios e que, talvez, essa luta com os Katukina tenha sido motivada, direta ou indiretamente, pela ação das explorações dos não-índios ou mesmo insuflada por estes. O próprio povo que atacou os Saynáwa certamente já tinha tido esse contato, uma vez que o etnônimo Katukina, como vimos em Tastevin (1924, 1925), foi adotado por certos grupos para evitar as hostilidades dos não-índios.

De qualquer modo, essa extinção iminente denunciada por Tastevin (1926) também foi sentida pelos Saynáwa em razão do aludido ataque. O grupo, reduzido a poucos sobreviventes, vagou alguns anos a procura de um lugar onde pudesse se reestruturar.

Encontramos na literatura por nós consultada muitos relatos do início do século XX de grupos sobreviventes que vagaram pela região a procura de um lugar onde pudessem viver, como os Chipinaua dos rios Branco, Amahuaca e Grajahú, que quase foram exterminados em 1918 por uma epidemia de gripe, restando apenas 9 índios, e se refugiaram entre os Yaminaua do alto Valparaíso e do Besta (Tastevin, 1928: 212), voltaremos a falar desse grupo mais adiante; ou um grupo de Jaminaua que se estabeleceu na foz do São Luiz, no rio Tarauacá, oriundos do Liberdade e que fugiu em razão de lutas com os Catuquina do alto Gregório, que os marcou com as tatuagens típicas dos Catuquina, os quais levaram consigo índios Jaminaua transformados em escravos (Tastevin, 1926: 51).

Esse último relato muito se assemelha ao dos Saynáwa, existindo a informação de que a mãe de Dona Francisca, Dona Maria Regina, sobrevivente do massacre, tinha uma tatuagem parecida com a descrita em Tastevin (1926: 51), esse fato, entretanto, não prova por si só que esses Jaminaua da foz do São Luiz são os Saynáwa, pois como veremos mais adiante as tatuagens eram comuns entre os povos Pano, sendo bastante semelhantes os desenhos usados entre os diversos grupos dessa família lingüística, além disso, os descendentes de Dona Maria Regina afirmam que ela foi tatuada por seus ascendentes.

Hoje os Saynáwa não sabem dizer por onde andaram seus antepassados quando dessa fuga, por isso não temos como saber se eles estiveram na foz do São Luiz, podemos afirmar apenas que em 1917 eles estavam estabelecidos no Riozinho, também conhecido como Riozinho Cruzeiro do Vale, ou Igarapé Humaitá, afluente direito do rio Juruá, onde hoje se situa a T.I. Arara do Igarapé Humaitá, onde vivem os índios Arara (Cunha, 1993), município de Porto Walter-AC; pois Dona Francisca afirma que nasceu nesse local, sendo 1917 o ano estimado de seu nascimento, e lá viveu algum tempo.

Eles não sabem quanto tempo passaram no Riozinho Cruzeiro do Vale, podemos tão somente calcular que lá estiveram no máximo até 1941, pois nesse ano, segundo nossas estimativas, nasceu o irmão de Dona Francisca, Seu Raimundo Nonato, que em 2008 tinha 67 anos, e que nasceu em outro lugar, nas margens do rio Valparaíso. Assim, os Saynáwa podem ter vivido no Riozinho entre a década de 1910 e o início dos anos 1940, aproximadamente.

Estes cálculos são meras estimativas até porque os grupos da região não se fixavam muito tempo em um mesmo lugar, sendo as migrações bastante comuns. Essa mobilidade dos grupos Pano tinha por motivação desde a necessidade de fugirem de seus rivais, como já destacamos, passando pela necessidade de trocar bens entre os grupos (Chandless, 1866: 100-101), ou pela necessidade de encontrar caça (Oppenheim, 1936: 147-148) ou, até mesmo, a visita entre parentes (Schultz e Chiara, 1955: 195). Esse hábito nômade dos povos Pano, como mesmo define Oppenheim (1936), perdura até hoje, ao menos entre os Saynáwa.

Essas migrações ou simples viagens ocorriam não apenas entre os afluentes de um determinado rio, como entre rios que não se comunicavam, favorecidas essas comunicações pelos chamados “varadouros”. Segundo Schultz e Chiara (1955: 199), os índios da região costumavam se trasladar das cabeceiras de um rio para outro a partir desses caminhos pela mata. Os autores apontam a existência de varadouros que ligavam rios da região como o Juruá ao Purus (Chandless, 1866: 100-101), o Ucayale aos rios Moa e Paraná da Viúva, o Tarauacá ao Breu e ao Tejo (Castelo Branco, 1947: 173), o Ucaiale ao Juruá ou ao alto Purus (Castelo Branco, 1950: 48), o Itacoai ao Juruá (Carvalho, 1955), dentre outros.

A informação dessas comunicações entre a bacia do Ucayali e a do Juruá traz mais argumentos para a hipótese de que os Saynáwa sejam originários do Ucayali, em razão dos mais antigos se autodenominarem Saybaybô, conforme o pensamento de Tastevin (1919), aqui já exposto. Parecendo ser bastante viável a migração desse povo da bacia do Ucayali até o alto Tarauacá, afinal segundo Rivet e Tastevin (1927: 815-816) os Sipibo, do Ucayali, estavam em contato com os grupos Pano do alto Juruá e Purus, e os Conibo, também do Ucayali, “*se comunicavam com os seus irmãos do Juruá*” (Castelo Branco, 1950: 48).

Mesmo sabendo da possibilidade dos Saynáwa terem migrado do Riozinho (Riozinho Cruzeiro do Vale ou Igarapé Humaitá), como era costume dos povos Pano, como vimos, e da imprecisão desses cálculos, tomamos como hipótese sua permanência nesse local entre a década de 1910 e início da década de 1940, aproximadamente, e pesquisamos em nossa bibliografia quais povos foram identificados como residentes das margens desse rio nesse período.

As informações são imprecisas porque identificamos que não existe apenas esse rio, afluente direito do Juruá, com este nome, mas também outro rio Humaitá, afluente do rio Murú (Tastevin, 1925; Castelo Branco, 1950), além de existir um quarto nome alternativo para o Riozinho Cruzeiro do Vale: rio Amahuaca (Tastevin, 1928: 210). Castelo Branco (1950), por exemplo, indica a existência, por volta de 1911, de Araras, Ararapinas, Contanauás, Caxinauás, Jaminauás, Tuxinauás, no Humaitá, afluente do Murú, que acreditamos não ser o mesmo rio referido pelos Saynáwa; já em outra passagem esse mesmo autor indica a existência de índios Amoacas, Jaminauás, Chipinauás, no rio Amoacas, também em 1911, mas não sabemos se esse é o mesmo rio referido pelos Saynáwa, como faz crer Tastevin (1928: 210).

O que sabemos de fato é que foi nessa época, da estadia dos Saynáwa no Riozinho Cruzeiro do Vale, que eles passaram a ter um contato mais direto com os não-índios, tendo sido absorvidos como mão-de-obra pelos seringais.

Como muitos outros índios da região (Chandless, 1866; Tastevin, 1926; Castelo Branco, 1947, 1950; Cunha, 1993; Cruz, 2004), os Saynáwa passaram a trabalhar nos seringais, que dominavam as terras tradicionalmente habitadas pelos Pano, fazendo com que as bacias do Juruá e do Purus fossem conhecidas como “*o ‘quartel general’ da produção da borracha*” (Gonçalves, 1991: 12).

A utilização dos índios como trabalhadores na extração do látex aumentou justamente entre as duas guerras mundiais, período da inserção dos Saynáwa nos seringais, pois com a queda da borracha nessas décadas a mão-de-obra se tornou escassa (Gonçalves, 1991).

Os relatos dos índios da região sobre o tratamento dispensado a eles pelos seringalistas são terríveis, sendo conhecido esse período de trabalho nos seringais como “*tempo do cativo*”, quando eram tratados como escravos e eram proibidos de falarem sua língua ou praticarem suas atividades rituais, suas pinturas ou costumes que os identificassem com seu povo (Cruz, 2004). Os Saynáwa não nos falam em maus tratos, nem em proibições desse tipo nos seringais em que trabalharam, falam até bem de alguns patrões, como o Seu Alfredo Said.

Sabemos, entretanto, que ao passarem a trabalhar nos seringais, os Saynáwa tiveram que conviver com não-índios e com índios que não tinham contato anteriormente, tendo que aprender novos hábitos e até mesmo outra língua, o português. Isso acarretou mais perdas para o grupo, que tentava se reestruturar após sua quase extinção. A necessidade do uso de outra língua fez com que as gerações mais novas (filhos e netos de Seu Benedito) já não tivessem como língua materna o Saynáwa e assim essa língua se encontra hoje em perigo de extinção; costumes tradicionais também foram esquecidos e até mesmo atividades econômicas foram modificadas, pois os índios passaram a se dedicar a uma atividade nova e a depender de bens oriundos da sociedade ocidental, passando a ser escassos a caça (Oppenheim, 1936) e os demais recursos naturais em razão das atividades capitalistas desenvolvidas na região (Schultz e Chiara, 1955).

Tudo isso se configura, a nosso ver, em violência. Foi justamente nessa época que os Saynáwa sofreram outra violência, passando a ser conhecidos não por sua autodenominação, mas como índios Jamináwa, por decisão do patrão seringalista, acatada pelo chefe do grupo, Seu José Marcolino. A decisão do líder dos Saynáwa pode estar ligada ao fato dele considerar mais seguro para seu povo ser conhecido por um nome distinto do de sua autodenominação, evitando assim hostilidades de outros grupos, e adotando estratégia parecida com a dos Katukina, como exposto em Tastevin (1924, 1925), que ironicamente era um desses povos temidos pelos Saynáwa e que quase os dizimou.

Do Riozinho Cruzeiro do Vale, os relatos dos Saynáwa nos levam para as margens do rio Valparaíso, afluente direito do Juruá, e que corre mais ao norte paralelamente ao Riozinho Cruzeiro do Vale, estando muito próximo a este rio. Os Saynáwa não sabem quando foram para o Valparaíso, podendo ter ocorrido essa migração já na década de 1920, pouco depois de passarem algum tempo no Riozinho, ou no início dos anos 1940. O que sabemos é que em 1941, ano de nascimento de Seu Raimundo Nonato, eles já estavam nas margens desse rio.

Levando em consideração essas estimativas, pesquisamos em nossa bibliografia quais povos foram indicados como habitantes dessa região e identificamos em Castelo Branco (1950: 24) a informação da existência de Jaminauás no rio Valparaíso por volta de 1930. Não

sendo improvável que esses Jaminauás sejam os Saynáwa, nesse tempo já conhecidos pelos não-índios de forma distinta da de sua autodenominação.

Em época que foge às nossas estimativas, encontramos em Castelo Branco (1950: 23) a informação da existência de índios Sanynauás e Jaminauás no rio Valparaíso em 1911, sendo que em relatos de 1912-1914 já não se fala nesses grupos habitando esse rio (Castelo Branco, 1950: 24). Chamamos a atenção para esse dado pela semelhança entre os termos Sanynauás e Saynáwa, existindo em classificações de línguas Pano, como as de Mason (1950), Rivet e Loukotka (1952), e McQuown (1955), referências aos Saninaua ou Saninawa. Não podemos afirmar se estamos diante de povos distintos ou de um mesmo grupo que teve sua autodenominação grafada de modos diversos, mas temos fortes suspeitas de que estamos tratando de grupos diferentes, uma vez que os Saynáwa não relatam ter estado no Valparaíso por volta de 1911, e porque Rivet e Loukotka (1952: 1138) identificam os Saninawa como índios Ararawa.

No Valparaíso, os Saynáwa continuaram vivendo e trabalhando nos seringais, tendo lá se estabelecido por muito tempo, sendo este o local de nascimento de: Seu Raimundo Nonato e Seu Jacinto, irmãos de Dona Francisca; Seu Benedito, filho de Dona Francisca; Seu Roseno, Seu Walmir e Seu José, primos de Seu Benedito.

O grupo que era constituído no Riozinho Cruzeiro do Vale pelos sobreviventes do ataque dos Katukina nas cabeceiras do Tarauacá: os primos Seu José Marcolino e Dona Maria Regina, pais de Dona Francisca, além de outros Saynáwa, tios de Dona Francisca, dentre eles um de nome Luís; e que aumentou com o nascimento de Dona Francisca e certamente de outras crianças; ao chegar ao Valparaíso se viu ainda maior, com os nascimentos já aludidos e com a chegada de novos integrantes.

Esses novos integrantes eram Dona Raimunda e seus dois filhos: Seu Joaquim e Dona Maria Joana, que chegaram ao Valparaíso depois que os Saynáwa já viviam lá. Todos nos informaram que Dona Raimunda era uma índia Amawáka (Amuaca), sendo desconhecido de sua filha, Dona Maria Joana, única do referido grupo ainda viva em 2008, o local de origem de sua mãe, nem se ela era realmente Amawáka. Dona Maria Joana não sabe até mesmo onde nasceu, acredita que foi em um lugar chamado Santo Antônio, mas não tem certeza. Já Seu Walmir, neto de Dona Raimunda, nos diz, sem muita convicção, que já se cogitou ser sua avó Shipinawa, sendo mais comum o grupo se reportar à Dona Raimunda como índia Amawáka mesmo.

Mesmo Seu Joaquim e Dona Maria Joana sendo filhos de Dona Raimunda, já nascidos quando da inserção dela entre os Saynáwa, esses índios não são considerados Amawáka como a mãe, mas Saynáwa, apesar de não se saber quem era o pai deles.

Isso talvez seja explicado pelo fato de que Dona Raimunda tenha se unido ao Seu José Marcolino, que já era casado com Dona Maria Regina (mostrando que a poligamia era permitida no grupo), e assim os filhos dela tenham sido plenamente inseridos no grupo, até porque segundo os relatos, a língua e os hábitos de Dona Raimunda em nada diferiam dos demais Saynáwa.

A informação de que a língua de Dona Raimunda era a mesma da dos demais Saynáwa pode ser, entretanto, colocada em dúvida porque nós mesmos percebemos em nossa pesquisa de campo que os Saynáwa consideram línguas Pano distintas da sua, como o Arara, falado pelas índias residentes da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto, como uma mesma língua, apesar de depois se desdizerem, apontando várias diferenças entre os idiomas. De qualquer modo, não é de se surpreender que Dona Raimunda, falando outra língua, conseguisse se comunicar sem problemas com os Saynáwa, uma vez que as línguas Pano são inteligíveis entre si. Além disso, não percebemos diferenças entre a língua falada por Dona Maria Joana, filha de Dona Raimunda, e os demais Saynáwa.

Se Dona Raimunda era Amawáka<sup>15</sup> ou Shipinawa, não temos como saber, mas gostaríamos de relembrar um dado aqui já exposto, presente em Tastevin (1928: 212), que fala de um grupo de 9 índios Chipinawa, a maioria mulheres e crianças, dos rios Branco, Amahuaca e Grajahú, sobreviventes de uma epidemia de gripe por volta de 1918, que se refugiaram entre os Yaminawa do alto Valparaíso e do Besta. Esses Chipinawa podem ser justamente o povo de Dona Raimunda, que passou a viver junto com os Saynáwa (conhecidos como Jamináwa ou Yaminawa) no Valparaíso.

Dona Raimunda e Seu José Marcolino só tiveram um filho, João, já falecido. Seu José Marcolino e suas esposas, e os filhos destas, moravam em uma mesma casa.

Com o passar dos anos, Dona Maria Joana, que deve ter nascido por volta de 1930, pois tinha 78 anos em 2008, casou-se com um Saynáwa, também chamado Joaquim, mas cujo nome indígena era pakamuja. Eles tiveram quatro filhos: Seu Roseno, Seu Walmir, Dona

---

<sup>15</sup> Os Amawáka (Amahuaca, Amuaca) vivem no Peru, no departamento de Loreto (Kietzeman, 1952; Aguiar, 1994: 89); e no Brasil, no estado do Amazonas (Rodrigues, 2002: 81), mas no passado foram identificados, junto com os Chipinauás, residindo no rio Amoacas (Castelo Branco, 1950: 23), e nas cabeceiras dos rios Juruá-Mirim, Môa, e Paraná dos Mouras, estando praticamente extintos na década de 1930 nessa última região (Oppenheim, 1936: 150).

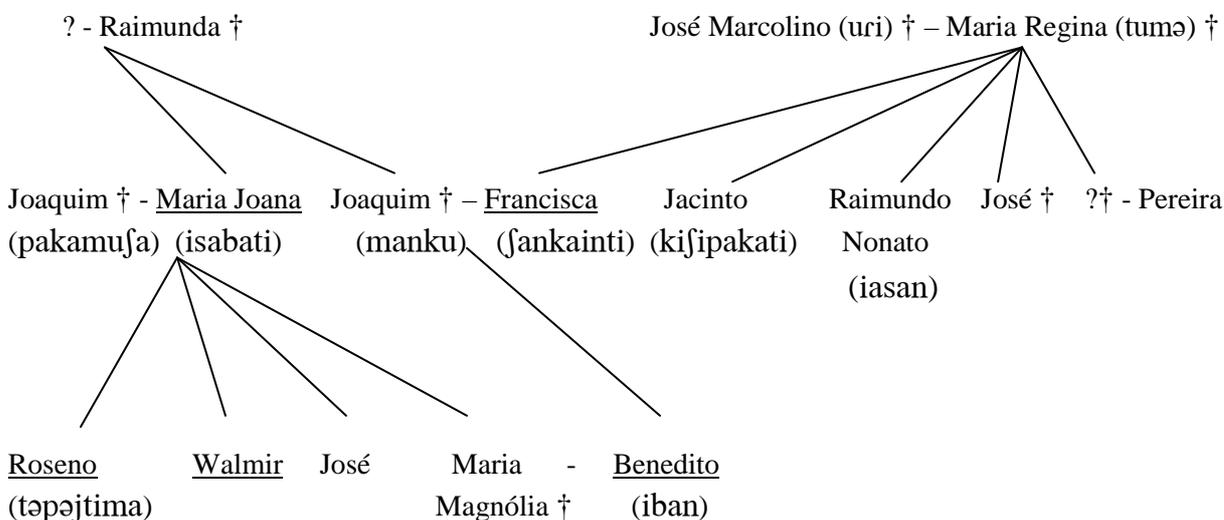
Maria Magnólia, e Seu José, todos nascidos no Valparaíso. Eles formaram outro núcleo familiar e construíram sua casa ao lado da do Seu José Marcolino.

Já Seu Joaquim (manku), também filho de Dona Raimunda, casou-se com Dona Francisca, e com ela teve Seu Benedito, nascido também no Valparaíso. Seu Joaquim morreu logo, por isso Dona Francisca e seu filho ficaram morando com Seu José Marcolino e suas duas esposas. Posteriormente, Dona Francisca casou-se com Seu Mariano, Saynáwa, e com ele teve uma filha, Maria, que hoje mora em Cruzeiro do Sul-AC.

Os irmãos Raimundo Nonato e Jacinto, filhos de Seu José Marcolino, também moravam com o pai, bem como um de nome José, já falecido. Uma irmã de Dona Francisca casou-se com Seu Pereira, Saynáwa, e morava no Valparaíso, mas depois ela faleceu e ele e os filhos foram viver junto com os Yawanawá, na atual T.I. Rio Gregório, sendo estes os Sainawá referidos por De Paula (2007) e Carid (1999) *apud* Martins (2006: 71) como residentes dessa T.I., segundo explicam os Saynáwa do Igarapé Preto.

Para entendermos melhor essas informações, vejamos a árvore genealógica que esboçamos abaixo:

Árvore Genealógica dos Saynáwa<sup>16</sup>



<sup>16</sup> Não colocamos nessa árvore Seu Mariano, já falecido, e a informação de que ele se casou com Dona Francisca, nascendo dessa união Maria, atualmente residindo em Cruzeiro do Sul-AC. Também não destacamos a união entre Dona Raimunda e Seu José Marcolino, e o filho de ambos, Seu João, já falecido. Quanto aos tios de Dona Francisca, entre eles Seu Luís, já falecido, não conseguimos saber se tiveram descendência e decidimos não colocar seus nomes na árvore. Omitimos esses nomes, bem como as mencionadas uniões, apenas para tornar a árvore visualmente mais fácil de ser compreendida e porque ela sintetiza as relações dos Saynáwa que vivem hoje no Igarapé Preto e foram nossos informantes (esses têm seus nomes sublinhados na árvore). Os nomes indígenas que conseguimos identificar estão presentes entre parênteses. Indicamos com uma cruz as pessoas falecidas.

Delinear a história dessa família é mostrar a própria história dos Saynáwa, ou, ao menos, à que tivemos acesso, pois essa família foi o que restou desse povo. Existem outros Saynáwa espalhados pelo Acre, é o caso dos parentes distantes do rio Gregório, mas esses, bem como outros que não tivemos notícia, já não formam um grupo coeso, nem podemos saber se ainda falam a língua de seus ancestrais.

Já em relação às pessoas indicadas nessa árvore genealógica, sabemos que todos tinham como língua materna o Saynáwa, com exceção de Dona Raimunda, tendo alguns aprendido o português quando já eram adultos, como Seu José Marcolino, Dona Maria Regina, Dona Francisca (91 anos), Dona Maria Joana (78 anos); e outros quando eram adolescentes, como Seu Raimundo Nonato (67 anos), Seu Jacinto (63 anos), Seu Benedito (59 anos), Seu Roseno (57 anos), Seu Walmir (55 anos); sempre em razão do trabalho nos seringais.

Essa família que gerou dois núcleos: o de Dona Francisca e o de Dona Maria Joana, acabou se unindo mais uma vez em razão do casamento entre Dona Maria Magnólia e Seu Benedito, dando origem às novas gerações que hoje residem no Igarapé Preto.

E os Saynáwa foram para esse novo lugar, o Igarapé Preto, também por decisão do patrão seringalista, Seu Alfredo Said, que os chamou na década de 1960 para lá residirem e trabalharem, tendo permanecido no Valparaíso entre os anos 1940, no mínimo, e os 1960.

### 1.3.2. A formação da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto.

O Igarapé Preto é um afluente do rio Paraná dos Mouras, afluente direito do Juruá, tem cerca de 32 km de extensão e se localiza no município de Rodrigues Alves-AC. Nesse Igarapé estavam localizadas as terras de três seringais, um de propriedade do Seu Alfredo Said, outro do Seu Tescon, e outro do Seu Calira; existindo várias colocações em seu curso: o Deserto, o Pau Cacundo, a Limeirinha, e a Limeira.

Os Saynáwa, empregados do Seu Alfredo Said desde o Valparaíso, quando foram trabalhar em seu seringal no Igarapé Preto por volta dos anos 1960, fixaram residência na colocação Limeira.

No Igarapé Preto Seu Walmir se uniu a não-índia Dona Francisca, sem descendência, e Seu Roseno a não-índia Dona Maria, tendo um filho adotivo; já Seu José, irmão deles, também teve filhos, mas não sabemos quantos, pois não tivemos contato com eles durante nossa pesquisa de campo. Seu Benedito, casado com Dona Maria Magnólia, teve 9 filhos, que em 2008 tinham entre 34 e 16 anos.

Seu Benedito nos disse, entretanto, que ao contrário dos seus familiares, não se fixou em definitivo no Igarapé Preto, tendo morado também em outros lugares, como a colocação Cacaia, no rio Tamboriaco Mirim, afluente do Juruá-Mirim, já próximo ao Peru; na colocação Barreiro, no igarapé Retiro, também afluente do Juruá-Mirim; e no rio Juruá; sempre trabalhando como seringueiro e levando consigo esposa e filhos.

Documento da CPI-Acre (1982) indica a presença de índios Jamináua, originários do Tarauacá, em lugares como o igarapé Tamboriaco, afluente do Juruá-Mirim, e no rio Juruá, dentre outros lugares, destacando que é difícil ter precisão nesses dados devido à grande mobilidade do grupo (CPI-Acre, 1982: 34). Essas informações condizem com os lugares citados por Seu Benedito. Mas mesmo que esses Jamináua não sejam os Saynáwa, a constatação presente nesse documento (CPI-Acre, 1982) não deixa de refletir um comportamento semelhante entre os Saynáwa: sua grande mobilidade, característica deles e dos demais índios Pano como vimos em 1.3.1.

Os Saynáwa só começaram a se fixar em definitivo em um lugar quando do processo de demarcação da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto, reunindo todos os familiares próximos, inclusive Seu Benedito, que se estabeleceu de vez no Igarapé Preto em 1983; bem como os distantes, que andavam dispersos pelos afluentes do Juruá.

Esse processo de demarcação teve início na década de 1970, quando o seringalista Alfredo Said doou parte de suas terras no Igarapé Preto para Seu José Marcolino e sua família. A partir de então, por volta de 1978, funcionários da FUNAI perguntaram a Seu Benedito, que, por conta do falecimento de Seu José Marcolino, havia se tornado o líder do povo Saynáwa, se ele e seu povo desejavam viver em sua própria terra, em uma T.I. que pudesse abrigar todos os índios Saynáwa.

Diante da afirmativa do grupo, iniciou-se de fato o processo de demarcação e homologação da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto, que se estendeu até os anos 1990 e não foi fácil para o grupo, sofrendo Seu Benedito nessa época até mesmo ameaças de morte<sup>17</sup>.

Em 1977 a T.I. foi identificada e em 1984 foi ratificada. Em 1987 foi interditada, Portaria n° 2734/87, tendo sido nesse momento desapropriada as terras dos outros dois seringalistas do Igarapé Preto. Em 2 de março de 1993, através da Portaria n° 66/MJ, teve sua área revista, sendo homologada em 11 de dezembro de 1998<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Sobre o processo de demarcação das T.I. no Acre a partir da década de 1970, o chamado “*tempo dos direitos*” (Cruz, 2004: 107), ver CPI-Acre (1982); Gonçalves (1991); Cruz (2004).

<sup>18</sup> Dados consultados no site: <http://www.funai.gov.br/mapas/fundiario/ac/ac-jaminawadoigarapepreto.htm>. Acesso em: 22/06/09.

Desse modo, os Saynáwa conseguiram a demarcação de sua T.I., reconquistando assim o direito à sua própria terra, perdido desde a fuga das cabeceiras do Tarauacá no início do século XX, e deixando de estar a serviço dos seringais.

#### 1.4 Os Saynáwa hoje.

##### 1.4.1. A T.I. Jamináwa do Igarapé Preto – suas aldeias e sua população.

A T.I. Jamináwa do Igarapé Preto está situada no município de Rodrigues Alves-AC, distante cerca de 8 horas de barco da cidade de Cruzeiro do Sul-AC, e tem 25.651 ha. de superfície e 100 km de diâmetro (Portaria nº 66/MJ, de 2 de março de 1993). Ela se encontra na margem esquerda do igarapé Preto, seu limite leste, indo desde sua nascente até próximo a sua foz, estendendo-se por 27 km dos 32 km desse igarapé.

E é às margens do igarapé Preto que estão situadas as suas 4 aldeias: Morada Nova, Estrema, Nova Vida I e Nova Vida II, distantes umas das outras por apenas alguns minutos de barco.

As antigas colocações: Deserto, Pau Cacundo, Limeirinha e Limeira, foram abandonadas com o fim dos seringais, criando-se em 1986 a aldeia Morada Nova, onde hoje ainda residem Dona Francisca, Seu Raimundo Nonato, Seu Jacinto, Seu Roseno e esposa, Seu Benedito com filhos e netos; e em seguida a aldeia Estrema, a maior da T.I., onde moram Seu Walmir e esposa, Seu José e família e a mãe de ambos, Dona Maria Joana.

Além dos Saynáwa e de alguns antigos moradores não-índios dos seringais do Igarapé Preto, a T.I. teve sua população aumentada por outros índios Saynáwa, parentes distantes, bem como por índios de outras etnias, como Kaxinawá e Jamináwa, e não-índios, que se casaram com moradores da T.I. e vieram se juntar à comunidade.

Em 2000, chegaram cerca de 30 índios Jamináwa-Arara, oriundos da T.I. Jamináwa-Arara do Rio Bagé, nos municípios de Jordão-AC e Marechal Thaumaturgo-AC. Eles são parentes distantes dos Saynáwa e formaram duas novas aldeias: a Nova Vida I e a Nova Vida II, habitadas apenas por eles e por não-índios que se casaram com integrantes do grupo. Todos são filhos e netos de duas índias Jamináwa-Arara: Dona Esmeralda e Dona Suzana, ambas com cerca de 60 anos, e de Seu Afonso, não-índio, hoje casado apenas com Dona Esmeralda. A convivência entre os Saynáwa e os Jamináwa-Arara é, na medida do possível, harmoniosa.

A população da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto é de aproximadamente 180 pessoas (ano de 2008), destes, identificamos 26 índios Saynáwa e 47 índios Jamináwa-Arara. Assim, os índios Saynáwa representam apenas 15% da população do Igarapé Preto. Isso demonstra que os Saynáwa são uma minoria no Igarapé Preto e estão em perigo de extinção.

A disposição das aldeias e a construção das casas seguem o modelo das antigas colocações de seringais, com casas construídas em estruturas palafíticas, empregando-se madeiras da própria T.I., e a palha Jaci para o telhado, mas esta vem sendo substituída por telhas de alumínio devido à escassez da palha. Internamente as casas são geralmente divididas em três cômodos: sala, quarto e cozinha, sendo que algumas cozinhas têm uma de suas paredes aberta, ficando exposto o seu interior. As casas são guarnecidas por poucos móveis.

Cada unidade familiar, composta por cônjuges e filhos, tem sua própria casa. Seu Benedito, desde que ficou viúvo, deixou sua casa e foi morar com sua mãe e seus tios, levando consigo seus filhos solteiros.

Não existem pátios comunais nas aldeias, mas tão somente campos de futebol.

Na T.I. Jamináwa do Igarapé Preto existem três escolas, uma na aldeia Morada Nova, outra na Estrema e uma terceira na Nova Vida I; dois postos de saúde, um na aldeia Estrema e outro na Nova Vida II. As escolas oferecem cursos do Ensino Fundamental I com professores indígenas, mas que são monolíngües em português. Os postos de saúde contam com agentes da própria comunidade, sendo mais comum na T.I. doenças como a malária e a diarreia.

Além dessas construções, existem casas de farinha em cada aldeia, sendo que na Morada Nova existem 4 dessas casas, somando 7 casas de farinha em toda a T.I. Essas casas ficam um pouco distantes dos núcleos das aldeias e são cercados por plantações de mandioca e de banana.

#### 1.4.2. Organização política, econômica e social dos Saynáwa.

Os Saynáwa têm como líder, desde a morte de Seu José Marcolino nos anos 1970, Seu Benedito, que também é o cacique geral (denominação da comunidade) da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto desde que ela foi criada.

A T.I. Jamináwa do Igarapé Preto além de ter um cacique geral, tem para cada aldeia um chefe, sendo eles: João, Jamináwa-Arara (Nova Vida I); Raimundo, Jamináwa-Arara (Nova Vida II); Zeca, Jamináwa (Estrema); e Seu Benedito, Saynáwa (Morada Nova). E assim como os Saynáwa, os Jamináwa-Arara também têm seu líder, o mesmo João responsável pela aldeia Nova Vida I.

Os principais meios de subsistência dos Saynáwa são: a agricultura, a caça, a pesca, e, com pouca expressividade, a coleta de alimentos. Além disso, uma das formas de sustento financeiro dos Saynáwa é obtida com as aposentadorias do Funrural. Os mais novos, por sua vez, começam a se envolver em trabalhos ligados a órgãos públicos, desenvolvendo profissões como a de professor e a de agente de saúde dentro da própria T.I.

A agricultura, a produção da farinha de mandioca, e a caça são atividades desempenhadas predominantemente por homens, já a coleta de alimentos e a pesca são realizadas por ambos os sexos e por crianças. As mulheres ficam sempre encarregadas dos afazeres domésticos e dos cuidados com os filhos. Entre os homens não existem divisões rígidas, quem caça pode também ser responsável pela produção da farinha.

Eles plantam: mandioca (roça), banana, milho, e cana-de-açúcar, apenas para consumo próprio, com exceção da mandioca, da qual eles comercializam a farinha, vendida na foz do rio Paraná dos Mouras e em Cruzeiro do Sul-AC. Cada aldeia possui sua casa de farinha e cada família tem sua plantação de mandioca, apenas na aldeia Morada Nova é que cada família tem sua própria casa de farinha.

Costumam caçar com armas de fogo, há muito não utilizam arco e flecha, hábito que Dona Francisca ainda chegou a ver. Os animais mais caçados são: veado, caititu, queixada, nambu, jacu, tatu, paca, macaco. A atividade da caça pode durar 1 ou até 5 dias, quando saem em expedições em pequeno grupo. Os produtos da caça são comercializados entre eles. Já a pesca, que eles, assim como a população da região (Carvalho, 1955: 64), chamam de mariscar, é apenas para consumo próprio. Eles usam para essa atividade canoas sem motor, que só tem esse fim, pois o meio de transporte são os barcos com motor.

Os Saynáwa se queixam que a caça e a pesca estão se tornando escassas por causa das propriedades localizadas no entorno da T.I.

A coleta de alimentos se restringe a alguns frutos, como: mamão, açaí, patoá, buriti, pupunha, ingá, dentre outros. Eles criam galinhas, das quais raramente se alimentam, e ovelhas. Na aldeia Nova Vida II, algumas vacas são criadas, mas apenas os não-índios consomem sua carne ou seu leite, pois os Saynáwa acreditam que tomar leite de bicho deixa a pessoa “bruta”, só devendo ser bebido o leite materno, e só gostam de carne que seja proveniente da caça ou da pesca.

Os Saynáwa têm a carne como seu principal alimento, sem ela não há boa comida. Consomem muito a farinha de mandioca e bebidas feitas com o patoá e o açaí, além do mingau da banana e da caiçuma, bebida feita com mandioca. Além desses alimentos, próprios da T.I., dependem muito dos produtos vindos de fora, como açúcar, sal, arroz etc.

Jamais comem o tatu canastra, dizem que ao se comer esse animal algum parente morre. Não conseguimos recuperar nos mitos e histórias contadas por eles indicações que explicassem possíveis razões para esse tabu alimentar. Além disso, consideram que ao se comer a cabeça de qualquer animal, a pessoa adquire as suas características. Comer a cabeça do macaco, por exemplo, dá inteligência, já a do jabuti, deixa a pessoa “lesa”.

O povo Saynáwa não apresenta uma organização social muito diferente da dos não-índios da região no que diz respeito às regras matrimoniais e de parentesco. Não identificamos entre eles regras para o matrimônio diferentes das da sociedade ocidental, salvo no passado a possibilidade de poligamia, caso do antigo líder do grupo, Seu José Marcolino, sendo comum este comportamento entre os líderes de povos Pano (Tastevin, 1926: 52).

Do mesmo modo os Saynáwa já não apresentam regras de parentesco diversas das da sociedade não-índia, não existindo mais entre eles clãs ou metades, comuns entre outros povos Pano, como os Katukina (Aguiar, 1987; Lima, 1994) ou os Yaminawa, do Peru (Townesley, 1988 *apud* Gonçalves, 1991).

Acreditamos que essas características comuns aos povos Pano, como a divisão em clãs e em metades, pode ter se perdido entre os Saynáwa em razão da diminuição drástica de sua população e do contato com a sociedade ocidental. Erikson (1993) também nos relata que entre os Matis o conceito de metade, tão comum nas sociedades Pano, se perdeu, “*Os Matis constituem claramente uma exceção, pois todos os outros grupos pano (...) são ditos terem metades*” (Erikson, 1993: 336). Veremos no subtópico 1.4.4., entretanto, que esse conceito de metades sobrevive de certa forma na cosmovisão Saynáwa.

#### 1.4.3. Cultura Saynáwa.

Assim como a organização social, aspectos culturais tradicionais do povo Saynáwa também vêm sendo perdidos ao longo do seu processo de contato com a sociedade ocidental. Mas os mais velhos ainda guardam na memória e até praticam hábitos aprendidos com seus pais, que não estão sendo repassados para os mais novos.

Era costume entre os Saynáwa realizar festas, *rabəbəiati*, “brincadeira”, onde ocorriam danças tradicionais, conhecidas como *sakuj* ou *tʃirin*<sup>19</sup>, nas quais os participantes dançavam formando uma roda e cantavam, estendendo-se a festa até quando houvesse bebida e comida.

Eles já não realizam com frequência essas festas, sendo desconhecida dos mais novos, mas mesmo assim Seu Benedito resolveu ensinar aos seus filhos e netos e nos mostrar como os antigos dançavam. Nesse momento ele nos disse que era bom realizar as danças em um dia de festa de santo (santos católicos), o que pode indicar uma ligação dessas festas tradicionais a antigas comemorações religiosas, apesar de eles dizerem que não havia momentos especiais para realizá-las.

---

<sup>19</sup> Abreu (1914: 107) nos fala da “*Dança de tirĩ*” entre os Caxinauás.

Na dança que Seu Benedito nos mostrou, junto com seus netos e filhos, eles se ornamentaram com palha de buriti e de bananeira, fazendo saias, adornos para os braços e para as cabeças. Apenas Seu Benedito, cacique e líder do *rabəbəiati*, usou colares de miçangas e cocar, feito com penas de gavião. Os participantes, homens e mulheres, costumavam se pintar com urucum e jenipapo, mas diante da falta deste último, os do Igarapé Preto usaram canetas hidrocor preta e vermelha, além de urucum. Os desenhos eram geralmente de formas geométricas e, segundo nos informaram, não obedeciam a nenhum traço pré-definido. Nesse momento nós mostramos retratos de índios Yaminawa do rio Acre, presentes em Sáez (2006; 2008), mas eles nos disseram que as pinturas e os adornos dos Saynáwa eram diferentes.

O canto entoado por Seu Benedito durante a dança era em Saynáwa e falava sobre a alegria de estarem todos juntos e brincando. Além desses cantos, entoados em festas como esta, os mais velhos nos falaram sobre outros cantos tradicionais, como os de ninar, conhecidos como *iama iama* e *ufauə ufauə*.

As pinturas corporais não estavam restritas às festas, as mulheres Saynáwa também tinham o costume, já perdido, de pintar todo o corpo das crianças de jenipapo para livrá-las de doenças ou para curá-las, dando-lhes depois caiçuma.

Entre os mais antigos apenas Dona Maria Regina tinha tatuagens, uma nos lábios e outra que saía dos lábios, passando pelas bochechas e indo até perto das orelhas. Como vimos em 1.3.1., o relato da tatuagem de Dona Maria Regina muito se parece com a do grupo Jaminawa que foi marcado pelos Catuquina com suas tatuagens típicas, como descrito em Tastevin (1926: 51), mas essas tatuagens não apenas eram comuns entre os povos Pano como eram muito semelhantes entre si,

*“a tatuagem dos <Panos> é também característica, embora as tribus sejam separadas por grandes distancias entre si. Consiste em tatuar o rosto com um desenho de linhas rectas dirigidas da bocca ás orelhas, com traços perpendiculares a estas, formando um conjuncto de desenho angular.(...) Os <Panos> tambem tatuam a bocca, assim como o corpo”* (Oppenheim, 1936: 148-149)

As mulheres Saynáwa mais antigas também tinham o septo nasal e as orelhas furadas, usando um adorno que trespassava o septo nasal e ia até as orelhas.

Elas faziam com o barro: potes, canecos, vasos, e os pintavam com tintas extraídas de plantas da região; faziam flautas, *rauə*, com taquari; e costumavam também tecer e bordar,

fazendo redes, cobertas, saias, tudo com algodão e utilizando o urucum para tingir. Essas saias eram no passado a única vestimenta das mulheres, que deixavam os seios à mostra.

Dona Francisca não chegou a usar esses adornos ou tatuagens, nem a se vestir como seus ancestrais, mas fazia todos esses objetos mencionados, não mais se dedicando a esses trabalhos devido à idade avançada e à deficiência visual. Esses conhecimentos desaparecerão com ela, pois seus netos e bisnetos não se mostram interessados em aprendê-los.

Quanto aos mitos e histórias Saynáwa, Seu Benedito e Seu Walmir são as pessoas mais solicitadas do grupo para contá-los. Conseguimos coletar alguns mitos, como: “da criação do mundo”, “do trovão”, e “de como o primeiro homem morreu e outros o seguiram”; e algumas histórias, como: “da cobra encantada”, “do coelho”, “da juriti”, “da estrela Boca da Noite”, “do sovino”.

Os mitos falam da criação do mundo, de como surgiram os índios e os não-índios, bem como do tempo em que os bichos falavam e de como surgiram alguns fenômenos naturais, além de explicar como alguns homens morreram (foram para outro lugar) e depois nós os seguiremos. Já as histórias envolvem acontecimentos vividos por animais, a transformação de um homem em estrela, trazendo muitas vezes mensagens como a condenação da traição entre irmãos, da sovinice, dentre outros aspectos que mereceriam um trabalho à parte. Esses mitos e histórias muito se assemelham aos de outros povos Pano, como os dos Caxinauás, em Abreu (1914), dos Kachinaua, em Tastevin (1925; 1926), ou dos Yaminawa, em Sáez (2006).

#### 1.4.4. Cosmovisão Saynáwa.

Ao perguntarmos aos Saynáwa qual era sua religião, eles sempre nos diziam que eram católicos, sendo todos batizados, inclusive os pais de Dona Francisca, que foram batizados já adultos.

Em suas casas existem várias imagens de santos católicos, dispostas como verdadeiros altares. Uma figura religiosa muito importante entre eles é a do Irmão José, cearense que na década de 1960 andou pelo Acre fazendo pregações. Alguns índios, como Seu Benedito, o acompanharam, e hoje eles o vêem como um homem santo.

Ao lado dessas manifestações de fé típicas das sociedades ocidentais, identificamos outras, mais próximas aos antigos Saynáwa. A convivência entre dois modos distintos de ver e crer o mundo resultou em uma cosmovisão heterogênea, em que elementos ocidentais são reinterpretados e adaptados às crenças de seus ancestrais.

A figura do pajé (*nai baj*), por exemplo, ainda existe entre eles, que no caso são: Seu Benedito, e Seu Roseno. Fomos informados que Seu Jacinto e o Joílson, filho de Seu Benedito, também faziam curas.

O ritual da cura consiste em uma cerimônia relativamente rápida, onde o pajé reza em silêncio, fazendo alguns movimentos com um raminho sobre a parte doente do corpo, e fazendo o sinal da cruz. Existem também outros rituais de cura, mais elaborados, onde se usa um cachimbo e são entoados cantos, pois a fumaça e o canto servem para curar.

Townsley (1993) nos fala sobre esses cantos utilizados pelos pajés, que ele chama de xamãs, Yaminahua, do Peru. Ele nos diz que durante os rituais de cura o canto serve como um caminho (“*song paths*”) que conecta o pajé a outro mundo, dando-lhe poderes para curar. Os cantos são um meio de acesso a esse mundo não revelado às demais pessoas, bem como um repositório de conhecimento dos pajés (Townsley, 1993: 457).

Os cantos que ouvimos de Seu Benedito falavam sobre o fato dele ser pajé, de ser filho do pai do céu, da mãe do céu, e do cipó, bem como de todos serem irmãos; os cantos mencionavam também curas e os elementos da natureza. Ele nos disse que canta para poder curar e também para se comunicar com Deus, diz que inventa na hora, que Deus ensina a ele esses cantos.

Assim, encontramos entre os Saynáwa algo bastante parecido com o que Townsley (1993) nos fala. Os Saynáwa também desejam com o canto alcançar esse outro mundo e poder curar as pessoas. A comunidade acredita que apenas alguns deles nasceram com esse dom, que Deus já os ensinou desde sempre.

Por isso, os pajés Saynáwa são vistos, assim como entre os Yaminahua (Townsley, 1993: 449), como pessoas especiais dentro da comunidade, que vêm além dos outros e se comunicam com o outro mundo. Eles servem como conselheiros e são vistos como profundos conhecedores da história e da cultura de seu povo. Townsley (1993: 451) nos fala que com o declínio da organização política tradicional, o pajé Yaminahua acabou sendo também o chefe, o cacique. O mesmo ocorreu entre os Saynáwa, Seu Benedito é não só o que cura, o que conta histórias e mitos, o que dá conselhos, como é o chefe político e sempre é apontado como o melhor informante da língua Saynáwa. Seu José Marcolino, por exemplo, antigo líder dos Saynáwa, não era pajé, seu pai é quem era. Assim, a figura do líder político não se confundia com a do líder religioso.

Além desses rituais de cura, os pajés Saynáwa são sempre procurados para dizerem qual erva serve para determinada doença, não sendo necessário que eles mesmos façam os

“preparos” (remédio em Saynáwa é *rau*, assim como erva e veneno). Os remédios podem ser: chás, colírios, ou o rapé, que é de dois tipos, um mais fraco, serve para espirrar ou, como eles dizem, para limpar o corpo, e é usado com bastante frequência, já o outro é mais forte, e dizem ser alucinógeno.

Outro tratamento comum, tradicional entre os povos Pano (Tastevin, 1925, 1926) e muito difundido entre os índios da região (Martins, 2006), é a chamada “vacina do sapo”, *kanpu*, onde se retira uma substância secretada pelo sapo *kanpu*, que é aplicada em pontos no corpo da pessoa feitos a partir de queimaduras na pele. Dizem que a pessoa fica inchada e vomita bastante, curando-se de todo tipo de doença.

Todos esses conhecimentos são revelados aos pajés a partir do cipó (*huni*)<sup>20</sup>. O cipó, conhecido na sociedade ocidental também como Ayahuasca, é uma bebida alucinógena, utilizada pelos demais índios Pano (Tastevin, 1924, 1925, 1926) e bastante popular no Acre. Segundo os pajés, essa bebida permite que eles acessem outra realidade, o mundo espiritual, podendo ver quais são os remédios bons para determinadas doenças, bem como revelam o futuro e a natureza das pessoas. Dizem que durante o mês que se segue à ingestão do cipó, tudo o que se sonhar será verdade, será um aviso do futuro, sendo esses sonhos revelações desse mundo espiritual. Todos podem tomar o cipó, mas só quem terá acesso a todos esses conhecimentos será o pajé, pois só ele tem esse dom e foi iniciado.

Antes de falarmos sobre esse processo de preparação para ser pajé, gostaríamos de falar sobre o “sistema de metades” existente entre as sociedades Pano (Gonçalves, 1991; Erikson, 1993).

Esse sistema de metades “*tem a sua fundação ideológica num conceito de um universo de ordem dual*” (Townesley, 1987: 368 *apud* Gonçalves, 1991: 249). Os Yaminawa, do Peru, por exemplo, classificam os elementos da natureza, os homens, os animais, e as plantas, em dois grupos, ou ordens: “*Roa*”, “*coisas da água e do céu*”, e “*Dawa*”, “*coisas da terra e da floresta*” (Townesley, 1988 *apud* Gonçalves, 1991: 66). Essas duas ordens revelam uma dualidade que ao mesmo tempo se opõe e se complementa. Os homens que pertencem a uma determinada metade mantêm relações espirituais com todos os demais seres, homens, animais ou plantas, que pertencem à mesma metade (Townesley, 1988 *apud* Gonçalves, 1991: 66-68).

Essas metades se complementam, por exemplo, nas regras existentes para o casamento entre os membros das duas metades, como ocorre entre os Yaminawa, onde as regras matrimoniais obedecem a uma exogamia de metades (Townesley, 1988 *apud* Gonçalves, 1991:

---

<sup>20</sup> Em Saynáwa, a palavra *huni* significa também “homem”.

66). Esse sistema informa também entre os Kaxinawá quais nomes serão adotados, permitindo que se identifique a qual metade pertence a pessoa tão somente pelo nome que porta, funcionando também como um sistema de organização social (McCallum, 1989 *apud* Gonçalves, 1991: 71).

Entre os Saynáwa, entretanto, como dissemos em 1.4.2., não conseguimos observar nem recuperar de suas memórias elementos que indicassem a existência desse sistema regendo relações matrimoniais, a adoção de nomes, ou mesmo uma forma de estruturação social. Percebemos, todavia, que assim como entre os Yaminawa, onde esse sistema está em declínio, mas pode ainda ser encontrado no “Xamanismo” (Townesley, 1988 *apud* Gonçalves, 1991: 248), também entre os Saynáwa preservou-se esse sistema na religião ancestral. A cosmovisão dual, que projeta esse sistema de metades, ainda persiste no universo das crenças e ritos dos pajés Saynáwa.

Entre os Saynáwa existem dois tipos de pajé: o “do seco” e o “da água”. Seu Benedito nos disse que era pajé “do seco” e o rito de preparação para ser pajé “do seco” era distinto do necessário para ser “da água”, não sabendo dizer como era a iniciação deste último.

O processo de iniciação para ser pajé “do seco” envolve duas fases, que duram muitos meses, devendo-se seguir uma dieta rigorosa, sem sal ou açúcar, além do iniciado ter que se isolar e se abster de relações sexuais. Em uma fase posterior passa-se dois meses na dieta da jibóia, que só pode começar se o iniciado conversar com a jibóia e depois sonhar com ela, sabendo assim se foi aceito. Aí, ao final, toma-se o cipó.

A referência à jibóia nos remete a Tastevin (1924, 1925, 1926) e seus relatos sobre os Kachinaua e os Katukina. Esse autor nos diz que esses índios acreditavam que foi o espírito da cobra da água que os ensinou a tomar o cipó e é esse espírito que o pajé incorpora quando está sob os efeitos dessa bebida. Não é o pajé quem canta e cura, mas o espírito do cipó, da cobra da água (Tastevin, 1924). Essa crença certamente deve guiar também os pajés “do seco” Saynáwa.

Como aponta Townesley (1988) *apud* Gonçalves (1991: 253) para os Yaminawa, cada pajé terá afinidades com os elementos de sua metade, será guiado por uma de suas metades, por isso existem pajés “*Roa*” e “*Dawa*”, devendo cada um passar não só por uma dieta alimentar rigorosa e abstinência sexual, como ser iniciado no conhecimento de alguns espíritos. Por exemplo, o “*Roa*” deve conhecer os espíritos de sua metade: “*ani*” (um inseto), e “*dai*” (uma vespa), devendo o iniciado agüentar as suas picadas; já o “*Dawa*”, deve conhecer o espírito do “*Rodo*” (a sucuri), devendo o iniciado comer sua língua e seus excrementos (Townesley, 1988 *apud* Gonçalves, 1991: 253).

Assim também ocorre com os Saynáwa. Existem pajés “do seco”, que seriam a princípio, pensando no sistema Yaminawa (Townesley, 1988 *apud* Gonçalves, 1991: 253), o “*Dawa*”, e aqui vemos muitas semelhanças, pois o pajé “do seco” Saynáwa também deverá receber o espírito de uma cobra da água (a jibóia), assim como os Katukina (Tastevin, 1924); enquanto o “da água”, seria, ao que nos parece, o “*Roa*”.

Não temos como saber, de fato, quão próximo é o sistema Saynáwa do sistema dos demais povos Pano, interessa-nos constatar apenas que esse sistema de metades persiste na religião tradicional Saynáwa, como persiste na Yaminawa e talvez na Katukina, existindo dois tipos de pajé e, portanto, duas iniciações distintas, porque eles pertencem a metades diferentes e se relacionam com os seres que pertencem a essas metades.

A jibóia, por exemplo, está na mesma metade onde se situa Seu Benedito. Os Saynáwa consideram os animais que pertencem a sua metade como seus parentes, com exceção das cobras que não são da água. Erikson (1993: 333) ao falar dos Matis nos diz que o sistema de metades entre eles persiste apenas para os animais, enquanto os homens se reconhecem como integrantes de apenas uma dessas metades.

Os pajés Saynáwa ao tomarem conhecimento desses espíritos não se tornam superiores aos animais, mas se igualam a eles. Por essa razão, dizem que o ferrão de uma arraia ou a picada de um inseto não poderia abalá-los, pois eles pertencem a um mesmo universo, estando em contato com esse animal tanto no mundo físico, como no espiritual.

Desse modo, a cosmovisão dual projeta outro dualismo: o mundo físico, onde estamos; e o espiritual, paralelo a este, onde estão os espíritos dos homens, animais e plantas. A divisão em metades persiste seja em um ou em outro mundo, por isso os pajés irão se relacionar com os espíritos de sua metade. Ao tomarem o cipó entrarão em contato com o mundo espiritual, paralelo a este, e terão os espíritos de sua própria metade como seus guias, como indica Townesley (1988) *apud* Gonçalves (1991: 249). Afinal, como exposto em Tastevin (1925: 21) em relação à cosmogonia Kachinaua, o mundo dos espíritos e o nosso são semelhantes.

Por isso existe um pajé “do seco” e outro “da água”, porque ele pertence a uma dessas metades (seco / água), seja nesse mundo físico ou no outro, paralelo. Assim como ele se comunica e se relaciona com os entes de sua metade nesse mundo, ele também o faz no espiritual. E é no mundo espiritual que podemos saber o futuro e quais ervas curam porque, como demonstra Tastevin (1924) para os Katukina, são os espíritos a fonte das doenças, são eles que governam nossas vidas.

E a morte de alguém ocorreria, segundo o pensamento Yaminawa (Townesley, 1988 *apud* Gonçalves, 1991: 250) e ao que nos parece também o dos Saynáwa, a partir da permanência definitiva da “alma” no mundo dos espíritos, pois nossa “alma” estaria em constante viagem entre o mundo físico e o espiritual enquanto estamos vivos.

O sistema de metades, portanto, sobrevive nas crenças tradicionais dos Saynáwa, mas, como veremos a seguir, não passou incólume pelo processo de aculturação que essa sociedade sofreu a partir de seu contato com o mundo ocidental, resultando em uma cosmovisão heterogênea como havíamos dito no início desse subtópico, onde conceitos cristãos são reinterpretados.

Os pajés Saynáwa dizem que ao tomar o cipó, que é justamente quando se tem acesso ao mundo dos espíritos, a pessoa saberá se ela é boa ou ruim, pois verá sua alma no inferno ou no céu. Eles nos disseram que o corpo fica aqui na Terra, mas a alma lá no inferno, se a pessoa for ruim.

Desse modo, diferentemente da fé cristã que acredita em um céu e em um inferno, mas que a alma só irá para um desses lugares quando morrermos, os Saynáwa crêem que nossas almas já estão nesse céu ou nesse inferno enquanto ainda estamos vivos. Essa é justamente a visão tradicional de sua fé, a que existe um mundo dos espíritos paralelo a este, estando naquele nossas almas e de todos os demais entes, e só se permanecendo em definitivo nele quando morremos.

As metades Saynáwa foram reinterpretadas como uma dualidade céu/inferno, presente na doutrina cristã. Assim, as pessoas já estão no inferno ou no céu desde sempre, pois pertencem a esta ou àquela metade.

A diferença entre a dualidade tradicional Saynáwa e a cristã é que na primeira uma das metades não encarna o mal, enquanto na cristã sim, onde a oposição é bem/mal, enquanto entre os Saynáwa trata-se apenas de duas metades distintas e complementares. O mal pode ser praticado pelos pajés se eles assim desejarem, e isso independe da metade a que eles pertençam. A relação bem/mal convive para além das metades entre os Saynáwa. Isso vem mudando a partir da catequese dos índios, fazendo com que uma dessas metades passe a cumprir o papel do bem e a outra do mal.

Eles mantêm a idéia de um mundo paralelo, espiritual, distinto do qual vivemos como matéria, mas estão reinterpretando a sua idéia tradicional de dualidade a partir de outra, ocidental. Entretanto, o fato de continuar existindo pajés “do seco” e “da água”, e dos homens se irmanarem com determinados animais, indica que a dualidade de seus ancestrais ainda permanece viva, justapondo-se à ocidental.

O exterior, assim, foi reinterpretado pelos Saynáwa a partir dos modelos interiores pré-existentes, sendo a atual cosmovisão Saynáwa constituída também por esse outro dualismo, que convive com as figuras de um filho do pai do céu e outro do cipó.

#### 1.4.5. Aspectos sociolingüísticos do Saynáwa.

A língua Saynáwa, como os conhecimentos e os costumes tradicionais do povo Saynáwa, está ameaçada de extinção. Dos 26 índios Saynáwa apenas 8 ainda falam a língua de seus ancestrais, que não está sendo ensinada aos mais novos. Nas escolas do Igarapé Preto os professores indígenas são monolíngües em português e não existem cartilhas ou qualquer outro material didático em Saynáwa.

Os últimos falantes do Saynáwa, que têm entre 91 e 50 anos, tiveram que aprender o português para poderem trabalhar nos seringais e não ensinaram a seus filhos a língua de seus ancestrais porque ela já não tinha a mesma função social de antes. Esses, por sua vez, não se interessam em aprender, nem que seus filhos aprendam a língua dos avôs, porque além de ter perdido sua função social, o Saynáwa também está perdendo seu valor identitário.

Essa situação é parecida com a de outros povos indígenas, como os Jamináwa-Arara, por exemplo, que também vivem no Igarapé Preto. Dentre os Jamináwa-Arara que vivem nessa T.I., apenas Dona Suzana e Dona Esmeralda, ambas com mais de 60 anos, ainda falam a língua Arara, além do português.

A relação entre essas índias, falantes do Arara, e os nossos informantes é interessante porque pudemos comprovar como as línguas Pano são muito semelhantes entre si, como expõem Rivet e Tastevin (1927) e Erikson (1994), dentre outros autores. As línguas Arara e Saynáwa são inteligíveis entre si, chegando os Saynáwa a nos dizerem que era a mesma língua, mas depois, eles mesmos confirmaram que eram diferentes.

Os Saynáwa consideram que as outras línguas Pano não diferem muito do Saynáwa, pois podem entender e se comunicar facilmente com os índios Kaxinawá, Jamináwa do rio Acre e Iaco, Arara do rio Bagé, Yawanawá, Nukini. Eles dizem que só têm dificuldade com o Ashaninka (Kámpa). Isso se deve ao fato dessa língua ser de outra família lingüística, a Aruák (Rodrigues, 2002: 72).

Em relação à língua dos Jamináwa do rio Acre e Iaco, por exemplo, com os quais os Saynáwa tiveram contato recentemente, eles mencionaram várias diferenças entre suas línguas, afirmando que são línguas distintas.

Essa grande inteligibilidade entre as línguas Pano deve ser a razão pela qual os Saynáwa, mesmo reconhecendo Dona Raimunda como índia Amawáka, como vimos em 1.3.1., considerem que ela falava o mesmo idioma dos demais Saynáwa.

Se Dona Raimunda falasse de fato uma língua distinta da dos Saynáwa, e nesse caso ocorreria o mesmo com sua filha, Dona Maria Joana, apesar de não termos identificado em nossa pesquisa de campo diferenças entre os informantes; a língua Saynáwa, como nós a conhecemos hoje, poderia ter sofrido influências desse outro idioma, uma vez que os atuais falantes, com exceção de Dona Francisca, aprenderam sua língua materna também com Dona Raimunda.

De qualquer modo, todos os informantes, inclusive Dona Maria Joana, se consideram falantes do Saynáwa e é essa língua, ainda viva na memória desses poucos falantes e ameaçada de desaparecer, que passamos a descrever e analisar sua fonologia nos capítulos seguintes.

## CAPÍTULO 2

### A Fonologia segmental do Saynáwa.

#### 2.1. A Fonologia segmental do Saynáwa.

Nesse capítulo, trataremos da fonologia segmental do Saynáwa, especificamente, dos fonemas segmentais consonantais e vocálicos, bem como dos ditongos. Apresentaremos primeiramente o inventário dos fones e dos fonemas consonantais, depois as oposições identificadas e, em seguida, a descrição dos fonemas consonantais e de seus respectivos alofones. Faremos o mesmo para os segmentos vocálicos, além de tratarmos das vogais longas. Após esses estudos, nos dedicaremos aos ditongos do Saynáwa.

##### 2.1.1. Os fonemas segmentais consonantais do Saynáwa.

###### 2.1.1.1. O inventário fonético e o fonológico dos segmentos consonantais do Saynáwa.

- Inventário dos fones segmentais consonantais do Saynáwa.

Tabela nº 1

MODO DE ARTICULAÇÃO	PONTO DE ARTICULAÇÃO				
	LABIAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR	GLOTAL
OCLUSIVA	p b	t		k	ʔ
NASAL	m	n	ɲ		
TEPE		r			
FRICATIVA	β	s	ʃ		h
AFRICADA		ts	tʃ		
APROXIMANTE	w		j		

- Inventário dos fonemas segmentais consonantais do Saynáwa.

Tabela nº 2

MODO DE ARTICULAÇÃO	PONTO DE ARTICULAÇÃO				
	LABIAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR	GLOTAL
OCCLUSIVA	p b	t		k	
NASAL	m	n			
TEPE		r			
FRICATIVA		s	ʃ		h
AFRICADA		ts	tʃ		
APROXIMANTE			j		

2.1.1.2. Identificação dos fonemas segmentais consonantais do Saynáwa.

A língua Saynáwa apresenta 17 fones consonantais. A partir do método da oposição em par mínimo e em ambiente análogo confirmamos o estatuto fonológico de 13 desses segmentos, /p, b, m, t, n, r, s, ts, ʃ, tʃ, j, k, h/ não se confirmando como fonemas os fones [β, w, ɲ, ʔ]<sup>21</sup>. Seguem abaixo as oposições identificadas:

**/p/ : /b/**

(01) [pu<sup>1</sup>raʔ] - /pura/ “timbó”

(02) [b<sup>1</sup>oj] - /buj/ “cera”

[bu<sup>1</sup>raʔ] - /bura/ “palmeira”

[p<sup>1</sup>oj] - /puj/ “fezes”

**/p/ : /m/**

(03) [jo<sup>1</sup>paʔ] - /iupa/ “panema”

(04) [t<sup>1</sup>ʃaj<sup>1</sup>maʔ] - /tʃajma/ “perto”

[jo<sup>1</sup>maʔ] - /iuma/ “peixe”

[t<sup>1</sup>ʃaj<sup>1</sup>paʔ] - /tʃajpa/ “comprido”

<sup>21</sup> Falaremos sobre o fone [ʔ] no capítulo 3, quando tratarmos da sílaba, do acento e dos processos fonológicos.

**/b/ : /m/**

(05) [ba'tʃiʔ] - /batʃi/ “ovo”

[ma'tʃiʔ] - /matʃi/ “monte”

(06) [ba'kaʔ] ~ [wa'kaʔ] - /baka/ “água, rio”

[ma'kaʔ] - /maka/ “rato grande”

**/m/ : /n/**

(07) [kə'moʔ] - /kəmu/ “saliva”

[kə'noʔ] - /kənu/ “arco”

(08) [ma'waʔ] - /maua/ “morrer”

[na'waʔ] - /naua/ “branco (gente)”

**/t/ : /b/**

(09) [ba'moʔ] - /bamu/ “queixada”

[ta'moʔ] - /tamu/ “bochecha”

**/t/ : /ts/**

(10) [ta'waʔ] - /taua/ “cana, ucuubinha” (11) [toa'kēʔ] - /tuakin/ “atirar”

[tsa'weʔ] - /tsaui/ “sentar-se”

[tsoa'kēʔ] - /tsuakin/ “chupar”

**/t/ : /tʃ/**

(12) [ta'reʔ] - /tari/ “roupa”

[tʃa'taʔ] - /tʃata/ “Deus, avô, cacique”

(13) [ta'puʔ] - /tapu/ “ponte”

[tʃa'puʔ] - /tʃapu/ “podre”

**/n/ : /t/**

(14) [no'aʔ] - /nua/ “poço”

[to'aʔ] - /tua/ “pássaro sim sinhô”

(15) [na'waʔ] - /naua/ “branco (gente)”

[ta'waʔ] - /taua/ “cana, ucuubinha”

**/r/ : /n/**

(16) [jamə'reʔ] - /iaməri/ “amanhã”

[mə'neʔ] - /məni/ “banana”

**/r/ : /t/**

(17) [ʃa'raʔ] - /ʃara/ “bom”

[ʃa'taʔ] - /ʃata/ “urubu”

**/s/ : /t/**

(18) [sa'puʔ] - /sapu/ “algodão”

[ta'puʔ] - /tapu/ “ponte”

**/s/ : /ts/**

(19) [na'saʔ] - /nasa/ “tartaruga de igapó”

[na'tsaʔ] - /natsa/ “baço”

**/s/ : /ʃ/**

(20) [sina'iʔ] - /sinai/ “reima”

[ʃina'iʔ] - /ʃinain/ “pensar”

(21) [i'siʔ] - /isin/ “manga” (rede de pesca)

[pi'ʃiʔ] - /piʃin/ “esteira”

**/s/ : /tʃ/**

(22) [ba'seʔ] - /basi/ “capim”

[ba'tʃeʔ] - /batʃi/ “ovo”

**/ts/ : /tʃ/**

(23) [ma'tseʔ] - /matsi/ “frio”

[ma'tʃeʔ] - /matʃi/ “monte”

**/ʃ/ : /ts/**

(24) [ma'ʃeʔ] - /maʃi/ “areia”

[ma'tseʔ] - /matsi/ “frio”

(25) [ʃoma'keʔ] - /ʃumaki/ “mamar”

[tsoma'kẽʔ] - /tsumakin/ “segurar”

**/ʃ/ : /tʃ/**

(26) [βi'ʃiʔ] - /biʃi/ “estrela”

[βi'tʃiʔ] - /bitʃi/ “pele”

(27) [ʃa'naʔ] - /ʃana/ “manixi”

[tʃa'naʔ] - /tʃana/ “japiim”

**/ʃ/ : /t/**

(28) [kə'ʃaʔ] - /kəʃa/ “lábio”

[ʃə'taʔ] - /ʃəta/ “dente”

(29) [ne'ʃiʔ] - /niʃi/ “cipó envira”

[ne'tiʔ] - /niti/ “caminho”

**/j/ : /i/**

(30) [l'koj] - /kuj/ “queixo”

[ko'iʔ] - /kui/ “quente”

(31) [no'naj] - /nunaj/ “nadar”

[na'iʔ] - /nai/ “céu”

(32) [si'naj] - /sinaj/ “raiva”

[sina'iʔ] - /sinai/ “reima”

(33) [l'baj] - /baj/ “roçado”

[ba'iʔ] - /bai/ “passear”

**/k/ : /p/**

(34) [ta'kuʔ] - /taku/ “saracura”

[ta'puʔ] - /tapu/ “ponte”

**/k/ : /b/**

(35) [ke'meʔ] - /kimi/ “tartaruga da mata”

[βe'meʔ] - /bimi/ “fruta”

**/k/ : /t/**

(36) [po'koʔ] - /puku/ “intestino”

[po'toʔ] - /putu/ “pó”

**/h/ : /r/**

(37) [ho'noʔ] - /hunu/ “caititu”

[ro'noʔ] - /runu/ “cobra”

(38) [ho'aʔ] - /hua/ “flor”

[ro'əʔ] - /ruə/ “machado”

**/h/ : /ʃ/**

(39) [hə'oʔ] - /həu/ “sapo” (‘o que canta’) (40) [ha'kaʔ] - /haka/ “socó”

[ʃə'oʔ] - /ʃəu/ “cipó”

[ʃa'kaʔ] - /ʃaka/ “escama”

**/h/ : /s/**

(41) [hə'nəʔ] - /hənə/ “rio” (‘rio grande’)

[sə'rəʔ] - /sərə/ “pavão”

### 2.1.1.3. Descrição dos fonemas segmentais consonantais e de seus alofones.

#### **- O fonema oclusivo labial surdo /p/**

O fonema oclusivo labial surdo /p/ apresenta apenas um alofone: o fone oclusivo labial surdo [p]. Este fonema ocupa a posição de onset silábico.

O fone [p] ocorre em sílaba realizada em posição inicial (42-46), medial (44-45), ou final de palavra (46-52). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (42-46) e tônica (46-52). Este fone pode ser produzido após e diante de vogais orais ou nasais (42-52), bem como após as consoantes [j, s, ʃ] (45-47).

(42) [pə'ʃəʔ] - /pəʃə/ “casa”

(43) [pi'noʔ] - /pinu/ “beija-flor”

(44) [popo'ãʔ] - /pupuan/ “coruja”

(45) [pɔjpi'seʔ] - /pujpi/ “mastruço”

(46) [pas'peʔ] - /paspi/ “lança”

(47) [aʃ'paʔ] - /aspa/ “boca”

- (48) [kã'puʔ] - /kanpu/ “sapo verde” (utilizado para a “vacina do sapo”)  
 (49) [ka'pəʔ] - /kapə/ “jacaré”  
 (50) [mə'paʔ] - /məpa/ “Xixuá”  
 (51) [ʃi'piʔ] - /ʃipi/ “soim”  
 (52) [tʃu'paʔ] - /tʃupa/ “mutuca”

**- O fonema oclusivo labial sonoro /b/**

O fonema oclusivo labial sonoro /b/ apresenta três alofones: o fone oclusivo labial sonoro [b], o fone fricativo labial sonoro [β], e o fone aproximante labial sonoro [w]. Este fonema sempre ocupa a posição de onset silábico.

O fone oclusivo labial sonoro [b] pode ocorrer em sílaba realizada em início (53-55), em meio (56), ou em final de palavra (57-62). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (53-56) e tônica (57-62). Em ambiente precedente, observamos a realização de todas as vogais, orais ou nasais (56-62), não ocorrendo nesse ambiente as consoantes [s, ʃ, j]. Em ambiente subsequente, [b] é produzido diante das vogais [ə, a, u, o] (53-59, 61-62), as quais podem vir nasalizadas, como em (60). O fone [b] não se realiza diante das anteriores [i, e].

- (53) [bə'neʔ] ~ [βə'neʔ] - /bəni/ “levantar-se”  
 (54) [ba'kaʔ] ~ [wa'kaʔ] - /baka/ “água, rio”  
 (55) [bu'neʔ] - /buni/ “fome”  
 (56) [məba'kõʔ] - /məbakun/ “arapuá amarela”  
 (57) [ʃa'baʔ] - /ʃaba/ “dia”  
 (58) [aĩ'boʔ] - /ainbu/ “mulher”  
 (59) [ne'boʔ] - /nibu/ “escorpião”  
 (60) [i'bõʔ] - /ibun/ “mandim preto”  
 (61) [ma'bəʃ] - /mabəs/ “caiçuma”

(62) [ʃo'boʔ] - /ʃubu/ “arapuca”

O fone fricativo labial sonoro [β] diante das vogais [ə, a] apenas pode iniciar palavra (69-70), e diante das vogais anteriores [i, e] ocorre em qualquer posição na palavra (63-68). Quanto à tonicidade, é produzido em sílaba pretônica (64-66, 69-70) e tônica (63, 67-68).

(63) [ʔβiʔ] - /bi/ “carapanã”

(64) [βi'taʃ] - /bitas/ “perna”

(65) [βe'meʔ] - /bimi/ “fruta”

(66) [haβi'aʔ] - /habia/ “ele” (pronome pessoal 3ª pessoa)

(67) [mə'βeʔ] - /məbi/ “punho”

(68) [ʃo'βiʔ] - /ʃubin/ “caxinguba”

(69) [βə'roʔ] ~ [wə'roʔ] - /bəru/ “olho”

(70) [βa'reʔ] ~ [ba'reʔ] - /bari/ “sol”

O fone aproximante labial sonoro [w] alterna com o oclusivo labial sonoro [b] e com o fricativo labial sonoro [β], em início de palavra, e diante da vogal central baixa [a], ou da central média [ə].

(71) [wa'tʃiʔ] ~ [ba'tʃiʔ] - /batʃi/ “ovo”

(72) [wa'seʔ] ~ [ba'seʔ] - /basi/ “capim”

(73) [wə'ʃoʔ] ~ [bə'ʃoʔ] - /bəʃu/ “freijó”

(74) [wə'roʔ] ~ [βə'roʔ] - /bəru/ “olho”

A partir dessa exposição, podemos fazer as seguintes considerações sobre as realizações alofônicas de /b/.

Quando em início de palavra e diante das vogais centrais [ə, a], o fonema /b/ se realiza como [b], [β], ou [w]<sup>22</sup>. Em (53, 70) vemos a variação entre [b] ~ [β]; em (54, 71-73) a variação entre [b] ~ [w]; e em (69, 74) a variação entre [β] ~ [w]. Essa flutuação pode ser explicada pelo processo fonológico da lenição, sobre o qual falaremos no tópico 3.4 dedicado aos processos fonológicos.

Já quando diante das vogais anteriores [i, e], o fonema /b/ se realiza como [β], realizando-se como [b] diante das demais vogais.

A realização desses alofones pode ser assim representada:

/b/ → [b] ~ [β] ~ [w] / #\_ [a, ə]

[β] / \_\_ [i, e]

[b] / \_\_ nda

Desse modo, o fonema /b/ apresenta três alofones: [b], [β], e, desde que seja em início de palavra, [w]. A oclusiva labial sonora foi escolhida para representar o fonema por apresentar uma distribuição mais larga.

#### **- O fonema nasal labial /m/**

O fonema nasal labial /m/ apresenta apenas um alofone: o fone nasal labial [m]. Este fonema ocupa a posição de onset silábico.

O fone [m] é realizado em sílaba localizada em início (75-76), em meio (77), ou em final de palavra (78-84). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (75-77) e tônica (78-84). Este fone pode ser produzido após e diante de vogais orais ou nasais (75-84), bem como após as consoantes [ʃ, j] (82-83).

---

<sup>22</sup> Nas línguas Jaminawa e Kaxarari (Lanes, 2000), o fone [β] também varia com o fone [w] em início de palavra, sendo postulado como fonema dessas línguas a aproximante labial /w/, e [β, w] como suas realizações alofônicas (Lanes, 2000: 69, 71, 111). De modo diverso para o Kaxarari, Sousa (2004:48) afirma que /w/ e /β/ são fonemas dessa língua. No Shanenawá (Cândido, 1998), [w] está em variação livre com [β] quando diante de vogal central, não apenas em início de palavra, tendo sido postulado por Cândido (1998: 66-67) que [β, w] são alofones de /w/.

Já no Huariapano (Parker, 1994) foi identificada a variação [b] ~ [β] ~ [w], sendo a oclusiva realizada em início de frase e depois de nasal. Parker (1994: 96) interpretou o /β/ na base.

- (75) [mu'kaʔ] - /muka/ “amargoso” (planta)
- (76) [mə'kãʔ] - /məkan/ “mão”
- (77) [koma'wãʔ] - /kumauan/ “nambu azul”
- (78) [hu'moʃ] - /humus/ “umbu”
- (79) [ʃi'maʔ] - /ʃima/ “sarapó”
- (80) [kə'moʔ] - /kəmu/ “saliva”
- (81) [a'miʔ] - /ami/ “amarelinho”
- (82) [iʃ'mẽʔ] - /ismin/ “urubu-rei”
- (83) [tʃaj'maʔ] - /tʃajma/ “perto”
- (84) [kõ'maʔ] - /kunma/ “miratauí”

#### - O fonema oclusivo alveolar surdo /t/

O fonema oclusivo alveolar surdo /t/ apresenta apenas um alofone: o fone oclusivo alveolar surdo [t]. Este fonema ocupa a posição de onset silábico.

O fone [t] ocorre em sílaba realizada em início (85-86), em meio (90-91, 95-96), ou em final de palavra (86-94). Em relação à tonicidade, ocorre em sílaba pretônica (85-86, 90-91, 95-96) e tônica (86-94). Este fone pode ser produzido após e diante de vogais orais ou nasais (85-96), bem como após as consoantes [ʃ, s, h, j] (86-88, 91).

- (85) [tə'ʃoʔ] - /təʃu/ “pescoço”
- (86) [tʃej'təʔ] - /tistə/ “carvão”
- (87) [nes'teʔ] - /nisti/ “paxiuba”
- (88) [βi,poh'toʔ] - /bipustu/ “panturrilha”
- (89) [mã'teʃ] - /mantis/ “unha”
- (90) [nutã'teʔ] - /nutanti/ “alguidar” (“copo pequeno”)
- (91) [bajtə'təʔ] - /bajtətə/ “gavião”
- (92) [tʃa'taʔ] - /tʃata/ “Deus, avô, cacique”

- (93) [ʃə'taʔ] - /ʃəta/ “dente”  
 (94) [βi'taʃ] - /bitas/ “perna”  
 (95) [matu'kẽʔ] - /matukin/ “varrer”  
 (96) [rəti'kiʔ] - /rətikin/ “atar, ligar”

**- O fonema nasal alveolar /n/**

O fonema nasal alveolar /n/ apresenta dois alofones: o fone nasal alveolar [n], e o fone nasal palatal [ɲ]. Este fonema ocorre em posição de onset e de coda.

Quando em posição de coda, o fonema nasal alveolar tem seu traço de nasalidade assimilado pela vogal precedente e é apagado na superfície, como vemos em (97-105). Identificamos a assimilação de coda nasal tautossilábica por todos os fones vocálicos do Saynáwa [i, e, ə, a, u, o] (97-105).

- (97) [rə'kiʔ] - /rəkin/ “nariz”  
 (98) [rãtõ'koʔ] - /rantunku/ “joelho”  
 (99) [ta'pũʔ] - /tapun/ “raiz”  
 (100) [bo'kõʔ] - /bukun/ “embaúba”  
 (101) [ʃoẽ'keʔ] - /ʃuənki/ “soprar”  
 (102) [no'ẽʔ] - /nuin/ “minhoca”  
 (103) [paʃpĩ'kaʔ] - /paspinka/ “bem-te-vi”  
 (104) [ʃã,kã'teʔ] - /ʃankainti/ “pulmão”  
 (105) [ãi'boʔ] - /ainbu/ “mulher”

A nasal alveolar em posição de coda só não será apagada se estiver em ambiente intervocálico, quando ressilabificará, passando a ocupar a posição de onset da sílaba seguinte, surgindo como: [ɲ] se for precedida pelas vogais anteriores [i, e] (106-110), ou estiver diante

de vogal anterior que ressilabificou como [j] (111-112)<sup>23</sup>; ou como [n], nos demais ambientes (113-117).

(106) [nẽ.ju.'ãʔ] - /nin.u.an/ “choaca”<sup>24</sup>

(107) [ma.ɾĩ.ja.'taʔ] - /ma.rin.a.ta/ “mucunã”

(108) [ta.pĩ.'jãʔ] - /ta.pin.an/ “saber”

(109) [i.'jãʔ] - /in.an/ “lago”

(110) [ne.'ʃi hẽ.'jis] - /ni.ʃi hin.is/ “apuí”

(111) [põ.'jãʔ] - /pun.i.an/ “braço”<sup>25</sup>

(112) [mã.'joʔ] - /man.i.u/ “liso”<sup>26</sup>

(113) [ʃõ.'nãʔ] - /ʃun.an/ “marrom”

(114) [bũ.'naʔ] - /bun.a/ “abelha uruçú”

(115) [nõ.'nõʔ] - /nun.un/ “pato”

(116) [nõ.'neʔ] - /nun.i/ “mulateiro”

(117) [tõ.'noʔ] - /tun.u/ “mandim duro”

A realização na superfície do alofone [ɲ] nos exemplos (111-112) ocorre a partir da seguinte derivação:

/pun.i.an/ → [pũn.i.ãn] → [pũn.jãn] → [pũ.njã] → [põ.'jãʔ] - “braço” (111)<sup>27</sup>

/man.i.u/ → [mãn.i.u] → [mãn.ju] → [mã.nju] → [mã.'joʔ] - “liso” (112)<sup>28</sup>

<sup>23</sup> No tópico 3.4 trataremos do processo de palatalização da nasal alveolar.

<sup>24</sup> Reproduziremos a divisão silábica nas representações fonética e fonológica apenas quando se mostrar pertinente tal identificação.

<sup>25</sup> Em outras línguas Pano encontramos as seguintes representações fonológicas para a palavra “braço”: /puyã/, em Poyanáwa (De Paula, 1992); /pó<sup>n</sup>ya<sup>n</sup>/, em Marinahua (Pike e Scott, 1962); /poyámi/, em Chácobo (Prost, 1967); /punya/, em Caxinauí (Camargo, 1995); e /piñá/, em Cashibo (Shell, 1950).

<sup>26</sup> Em Marinahua (Pike e Scott, 1962) “escorregadio” é /má<sup>n</sup>yo<sup>n</sup>/, muito parecido com /man.i.u/ “liso” em Saynáwa.

<sup>27</sup> Os números dispostos à direita indicam que o exemplo já foi exposto e está sendo lembrado.

<sup>28</sup> Veremos com maiores detalhes esse comportamento (111-112) no subtópico 3.1.4. dedicado à ressilabificação.

Se compararmos o exemplo (111) ao (116), veremos que a realização do alofone [ɲ], quando não precedido de vogal anterior, ocorre apenas se ele for realizado diante de [j], a partir da derivação acima exposta.

[põ.'ɲãʔ] - /pun.i.an/ “braço” (111)

[nõ.'neʔ] - /nun.i/ “mulateiro” (116)

Quando em posição de onset, o fonema nasal alveolar se realiza como o fone nasal alveolar [n].

O fone [n] pode ocorrer em sílaba localizada em início (118-120), em meio (129-130), ou em final de palavra (121-128, 131-134). Em relação à tonicidade, ocorre em sílaba pretônica (118-119, 129-130) e tônica (120-128, 131-134). Ele pode ocorrer diante de vogais orais ou nasais (118-134); e após vogais orais (121-130, 132-134), e a consoante [j] (131), não sendo realizado após vogais nasais.

(118) [nuʃa'teʔ] - /nuʃati/ “tipóia” (utilizada no passado para levar as crianças nas costas)

(119) [na'iʔ] - /nai/ “céu”

(120) [¹neʔ] ~ [¹ne:] - /ni/ “floresta”

(121) [i'noʔ] - /inu/ “onça”

(122) [i.'naʔ] - /i.na/ “rabo”

(123) [hu'noʔ] - /hunu/ “caititu”

(124) [kə'noʔ] - /kənu/ “arco”

(125) [pa'neʔ] - /pani/ “rede de dormir”

(126) [wə'nəʔ] - /bənə/ “marido”

(127) [a'naʔ] - /ana/ “língua”

(128) [ʃo'noʔ] - /ʃunu/ “samaúma”

(129) [me,seno'teʔ] - /misinuti/ “piauí”

(130) [tʃini'kīʔ] - /tʃinikin/ “espremer”

(131) [ˌmaj'naʔ] - /majna/ “magro”

(132) [sa'nẽʔ] - /sanin/ “piabinha”

(133) [bu'neʔ] - /buni/ “fome”

(134) [u'nãʔ] - /unan/ “saúva”

Assim como se observa na língua Yawanawá (De Paula, 2007), contrariando o que ocorre em outras línguas Pano, como o Marubo (Costa, 2000)<sup>29</sup>, não identificamos o processo de nasalização quando a nasal alveolar ocupa na subjacência a posição de onset, como podemos ver em (118-134), sendo explicada a nasalização das vogais [ẽ, ã] em (132, 134), respectivamente, pela presença de coda nasal. Assim, como observaremos melhor no tópico 3.4 dedicado aos processos fonológicos, a nasalização decorre apenas da assimilação regressiva de coda nasal tautossilábica.

Isso prova que nos exemplos (114, 117) abaixo, dentre outros já expostos nessa seção, temos uma nasal alveolar em posição de coda na subjacência, uma vez que a vogal precedente encontra-se nasalizada.

[bũ.'naʔ] - /bun.a/ “abelha uruçu” (114)

[tõ.'noʔ] - /tun.u/ “mandim duro” (117)

Já o exemplo (122), quando comparado ao (109), demonstra que para a nasal palatal [ɲ] ocorrer na superfície, é necessário que na subjacência a nasal alveolar esteja em posição de coda, uma vez que em (122) a realização contígua da vogal [i] por si só não condiciona a palatalização dessa consoante.

[ĩ.'ɲãʔ] - /in.an/ “lago” (109)

[i.'naʔ] - /i.na/ “rabo” (122)

Portanto, essas realizações demonstram que temos na subjacência em coda: uma consoante nasal com ponto de articulação especificado, qual seja, a nasal alveolar /n/. Essa conclusão é reforçada pelo fato de que a nasal labial /m/ só se realiza em onset silábico, não promovendo o processo de nasalização. Vejamos alguns exemplos com a consoante /m/ (135-138).

---

<sup>29</sup> Em Marubo temos a nasal alveolar em onset promovendo a assimilação, “[ĩna] - /ina/ 'rabo’”, bem como a assimilação para além dos limites da sílaba, “[ĩv] - /ian/ 'lago’” (Soares, 1996: 88; Costa, 1992).

- (135) [i.'miʔ] - /i.mi/ “sangue”  
 (136) [ma.'poʔ] - /ma.pu/ “cinzas”  
 (137) [ha.kĩ.'maʔ] - /ha.kin.ma/ “esquecer”  
 (138) [kõ.'maʔ] - /kun.ma/ “miratauí”

Em resumo, quando o fonema /n/ está em posição de coda ele é: apagado, ou, estando em ambiente intervocálico, surge na superfície como [ɲ, n]. Estes alofones estão em distribuição complementar. Já quando o fonema /n/ está em posição de onset na subjacência: ele se realiza como [n], distinguindo-se do fone nasal alveolar anteriormente descrito porque não ocorre após vogal nasalizada. Decidimos representar esse fonema pela nasal alveolar /n/ porque o fone nasal alveolar [n] tem uma maior distribuição e frequência no corpus.

Todas essas considerações sobre os alofones de /n/ podem ser representadas como segue:

- /n/. → .[ɲ] / [i, e] \_\_ V  
 .[ɲ] / V \_\_ [j]  
 /n/. → .[n] / ndaV \_\_ V  
 /n/. → ø / \_\_ C, #  
 /n/ → [n]

#### **- O fonema tepe alveolar /r/**

O fonema tepe alveolar /r/ apresenta apenas um alofone: o fone tepe alveolar [r]. Este fonema ocorre em posição de onset silábico.

O fone [r] é realizado em sílaba localizada em início (139-141), em meio (142), ou em final de palavra (143-150). Em relação à tonicidade, ocorre em sílaba pretônica (139-140, 142) e tônica (141, 143-150). Este fone ocorre apenas após e diante de vogais (139-150).

- (139) [rɔ'əʔ] - /ruə/ “machado”  
 (140) [rə'kĩʔ] - /rəkin/ “nariz”

- (141) [ʼroʔ] - /ru/ “guariba”  
 (142) [iʃkĩrãʼpãʔ] - /iskinranpan/ “jacareúba”  
 (143) [neʼruʔ] - /niru/ “macaco bule-bule”  
 (144) [wəʼroʔ] - /bəru/ “olho”  
 (145) [takaʼraʔ] - /takara/ “galinha”  
 (146) [kuʼrãʔ] - /kuran/ “seringa”  
 (147) [kaʼriʔ] - /kari/ “batata doce”  
 (148) [taʼreʔ] - /tari/ “roupa”  
 (149) [tʃiʼrĩʔ] - /tʃirin/ “dança tradicional”  
 (150) [joʼraʔ] - /iura/ “gente”

**- O fonema fricativo alveolar surdo /s/**

O fonema fricativo alveolar surdo /s/ ocorre em posição de onset e de coda silábica.

Em posição de onset ele apresenta um alofone: o fone fricativo alveolar surdo [s]. Em posição de coda, apresenta três alofones: o fone fricativo alveolar surdo [s], o fone fricativo palatal surdo [ʃ], e o fone fricativo glotal surdo [h].

O fone [s], quando em onset silábico, pode ocorrer em sílaba localizada em início (151-152), em meio (153-154), ou em final de palavra (155-158). Em relação à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (151-154) e tônica (155-158). Este fone ocorre apenas após e diante de vogais, não se realizando após vogais nasais (151-158).

- (151) [sãtoʼreʔ] - /santuri/ “sururina”  
 (152) [səʼrəʔ] - /sərə/ “pavão”  
 (153) [wəsuʼaʔ] - /bəsua/ “frente”  
 (154) [me, sinoʼteʔ] - /misinuti/ “piauí”  
 (155) [eʼsẽʔ] - /isin/ “manga” (rede de pesca)  
 (156) [iʼsoʔ] - /isu/ “macaco preto”

(157) [a'sĩʔ] - /asin/ “mutum”

(158) [i'saʔ] - /isa/ “pássaro”

O fone [s], quando em coda silábica, pode ocorrer em sílaba realizada em início (161-167), em meio (168), ou em final de palavra (159-160). Em relação à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (161-168) e tônica (159-160). Este fone ocorre apenas após vogais orais (159-168), e diante das consoantes oclusivas surdas [p, t, k], e da africada palatal surda [tʃ] (161-168). A ocorrência do fone fricativo alveolar surdo diante da africada palatal surda é pouco freqüente em nosso corpus.

(159) [mã'tejs] - /mantis/ “unha”<sup>30</sup>

(160) [pi'rus] ~ [pi'ruʃ] - /pirus/ “pipira”

(161) [pas'peʔ] - /paspi/ “lança”

(162) [isti'βĩʔ] ~ [iʃti'βĩʔ] - /istibin/ “sapucaia”

(163) [is'koʔ] - /isku/ “japó”

(164) [bostʃo'maʔ] - /bustʃuma/ “cachorrão”

(165) [pos'toʔ] ~ [poh'toʔ] ~ [poʃ'toʔ] - /pustu/ “barriga”

(166) [məstə'boʔ] - /məstəbu/ “homem velho”

(167) [nejska'ĩʔ] - /niskain/ “suar”

(168) [βa,kis'taʔ] ~ [βa,kiʃ'taʔ] ~ [ba,kiʃ'taʔ] - /bakista/ “criança”

O fone fricativo palatal surdo [ʃ] pode ocorrer em sílaba realizada em posição inicial (172-182), medial (171), ou final de palavra (169-170). Em relação à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (171-182) e tônica (169-170). Este fone ocorre apenas após vogais orais (169-182), e diante das consoantes oclusivas surdas [p, t, k], da africada palatal surda [tʃ], e da nasal labial [m] (171-182). A ocorrência do fone fricativo palatal diante da africada palatal surda ou da nasal labial é pouco freqüente em nosso corpus.

---

<sup>30</sup> Nos exemplos (159, 167) podemos observar o processo da inserção de [j], sobre o qual trataremos no tópico 3.4.

- (169) [na'kaʃ] ~ [na'kas] - /nakas/ “cupim”
- (170) [pi'ruʃ] ~ [pi'rus] - /pirus/ “pipira”
- (171) [i,ʃi'fĩmũʔ] - /iʃismun/ “cansação, urtiga”
- (172) [i,ʃ'mẽʔ] - /ismin/ “urubu-rei”
- (173) [i,ʃti'βĩʔ] ~ [i,isti'βĩʔ] - /istibin/ “sapucaia”
- (174) [aʃ'paʔ] - /aspa/ “boca”
- (175) [buʃ'kaʔ] - /buska/ “cabeça”
- (176) [waʃtõ'koʔ] - /bastunku/ “cotovelo”
- (177) [meʃ'keʔ] ~ [mes'keʔ] - /miski/ “pedra”
- (178) [boʃ'teʔ] ~ [bos'teʔ] - /busti/ “pente”
- (179) [toʃ'pəʔ] - /tuspə/ “bacurau”
- (180) [əʃ'tõʔ] - /əstun/ “irmão mais novo”
- (181) [i,ʃto'ãʔ] - /istʃuan/ “espantar”
- (182) [tejʃ'təʔ] - /tistə/ “carvão”<sup>31</sup>

O fone fricativo glotal surdo [h] pode ocorrer em sílaba realizada em início (183) ou em meio de palavra (184-185). Em relação à tonicidade, é realizado apenas em sílaba pretônica (183-185). Este fone ocorre apenas após a vogal posterior média-alta [o], e diante da oclusiva alveolar surda [t] (183-185).

- (183) [poh'toʔ] ~ [pos'toʔ] ~ [poʃ'toʔ] - /pustu/ “barriga”
- (184) [βi,poh'toʔ] ~ [βi,pos'toʔ] - /bipustu/ “panturrilha”
- (185) [põ,poh'toʔ] - /punpustu/ “músculo do braço superior”

A partir do exposto, podemos observar que os fones [s, ʃ, h], que ocupam a posição de coda, variam entre si.

<sup>31</sup> Sobre esse exemplo (182), aplica-se o mesmo que foi apresentado em nota de rodapé para o exemplo (159, 167).

O fone [s] varia livremente com o fone [ʃ], como podemos conferir nos exemplos (160/170), (162/173), (168), (169), (177), (178):

[pi'rus] ~ [pi'ruʃ] - /pirus/ “pipira” (160/170)

[,isti'βĩʔ] ~ [,iʃti'βĩʔ] - /istibin/ “sapucaia” (162/173)

[βa,kis'taʔ] ~ [βa,kiʃ'taʔ] ~ [ba,kiʃ'taʔ] - /bakista/ “criança” (168)

[na'kaʃ] ~ [na'kas] - /nakas/ “cupim” (169)

[,meʃ'keʔ] ~ [,mes'keʔ] - /miski/ “pedra” (177)

[,boʃ'teʔ] ~ [,bos'teʔ] - /busti/ “pente” (178)

Já o fone fricativo glotal surdo [h] é produzido apenas após [o] e diante de [t], variando nesse ambiente com os fones [s, ʃ], como vemos em (183-184)<sup>32</sup>.

[,poh'toʔ] ~ [,pos'toʔ] ~ [,poʃ'toʔ] - /pustu/ “barriga” (183)

[βi,poh'toʔ] ~ [βi,pos'toʔ] - /bipustu/ “panturrilha” (184)

Assim, esses alofones podem ser representados da seguinte forma:

/s/. → [s] ~ [ʃ]

[s] ~ [ʃ] ~ [h] / [o] \_\_ [t]

Veremos no tópico 3.4 que essas alofonias podem ser explicadas pelo processo da neutralização.

Escolhemos o fricativo alveolar surdo para representar esse fonema porque ele tem uma distribuição mais larga que o fricativo glotal surdo, e é mais natural que o fricativo palatal surdo (Lass, 1984: 151, 154), apesar deste aparentemente ter uma distribuição mais larga. Pois, como vimos em sua descrição, apenas ele pode ser produzido diante de [m] (171-172), sendo estes os únicos dados de nosso corpus com tal realização.

[i,ʃiʃ'mũʔ] - /iʃismun/ “cansação, urtiga” (171)

<sup>32</sup> A ocorrência da fricativa glotal surda em posição de coda é bastante restrita no corpus, resumindo-se aos exemplos (183-185). Esses exemplos são derivados de um mesmo radical, “pustu” – “barriga”. Assim, em “bipustu” – “panturrilha”, temos: ‘bi-’, também presente em “bitas” – “perna”, junto a “pustu”, resultando em “bipustu”, cuja tradução literal seria “barriga da perna”.

Já em “punpustu” – “músculo do braço superior”, temos: ‘pun’, também presente em “punian” – “braço”, junto a “pustu”, resultando em “punpustu”, literalmente “barriga do braço”.

[<sub>i</sub>ʃ<sup>h</sup>mẽʔ] - /ismin/ “urubu-rei” (172)

Acreditamos que essa restrição em relação ao fone [s] pode ser limitada aos dados por nós coletados, não sendo inesperado identificar em novos dados a variação [s] ~ [ʃ] nesse ambiente<sup>33</sup>. Por esse motivo, não nos sentimos autorizados a afirmar categoricamente que [s] tem uma distribuição menos larga que [ʃ].

### - O fonema africado alveolar surdo /ts/

O fonema africado alveolar surdo /ts/ apresenta apenas um alofone: o fone africado alveolar surdo [ts]. Este fonema ocupa a posição de onset silábico.

O fone [ts] ocorre em sílaba produzida em início (186-191, 199), em meio (192-194), ou em final de palavra (195-198). Em relação à tonicidade, ocorre em sílaba pretônica (186-194) e tônica (195-199). Este fone é produzido apenas após e diante de vogais (186-199).

(186) [tsa<sup>h</sup>noʔ] - /tsanu/ “colher, garfo”

(187) [tsoa<sup>h</sup>kẽʔ] - /tsuakin/ “chupar”

(188) [tsuma<sup>h</sup>kĩʔ] - /tsumakin/ “segurar”

(189) [tsa<sup>h</sup>weʔ] - /tsaui/ “sentar-se”

(190) [tsipe<sup>h</sup>seʔ] - /tsipisi/ “emissão de flatulência”

(191) [tsəko<sup>h</sup>eʔ] - /tsəkui/ “solução”

(192) [matso<sup>h</sup>teʔ] - /matsuti/ “vassoura”

(193) [atsa<sup>h</sup>naʔ] - /atsana/ “cansar-se”

(194) [ã,tsoa<sup>h</sup>kẽʔ] - /antsuakin/ “beijar”

---

<sup>33</sup> Segundo Costa (2000:100), em Marubo o fonema /s/, estando em coda, realiza-se como [z] quando diante de [m], assim não temos a realização do fone [s] diante da nasal labial; já em Katukína (Barros, 1987: 34), o fone [s] pode se realizar nesse ambiente, mas flutua com o fone [z], sendo ambos alofones de /s/. Tanto Costa (2000) para o Marubo, como Barros (1987), e nesse mesmo sentido Aguiar (1994), para o Katukína, identificaram em posição de coda os fonemas /s, ʃ/, caso semelhante a outras línguas Pano, como por exemplo: Kaxarari (Sousa, 2004); Matis (Spanghero Ferreira, 2000; Ferreira, 2001, 2005); Yawanawá (De Paula, 2007); Chácobo (Prost, 1967); Poyanáwa (De Paula, 1992). Já em Arara (Cunha, 1993: 58), os fones [s, ʃ], que se confirmam como fonemas, ocorrem em onset, mas apenas [ʃ], alofone de /ʃ/, é realizado em coda.

- (195) [kə'tsẽʔ] - /kətsin/ “gato peludo” (tipo de gato do mato)  
 (196) [o'tsaʔ] - /utsa/ “coelho”  
 (197) [a'tsaʔ] - /atsa/ “mandioca”  
 (198) [pe'tsuʔ] - /pitsu/ “periquito” (verde, pequeno)  
 (199) [tsoʔ] ~ [tso:] - /tsu/ “pulga”

### - O fonema fricativo palatal surdo /ʃ/

O fonema fricativo palatal surdo /ʃ/ apresenta apenas um alofone: o fone fricativo palatal surdo [ʃ]. Este fonema se realiza em posição de onset silábico.

O fone [ʃ] ocorre em sílaba localizada em início (200-202), em meio (203-204), ou em final de palavra (204-213). Em relação à tonicidade, ocorre em sílaba pretônica (200-201, 203-204) e tônica (202, 204-213). Este fone é realizado apenas após e diante de vogais, não ocorrendo após vogais nasais (200-213).

- (200) [ʃu'moʔ] - /ʃumu/ “pote”  
 (201) [ʃə'taʔ] - /ʃəta/ “dente”  
 (202) [ʃoʔ] - /ʃu/ “verde”  
 (203) [kəʃi'neʔ] - /kəʃini/ “barba”  
 (204) [neʃo'ʃoʔ] - /niʃuʃu/ “arruda”  
 (205) [ne'ʃoʔ] - /niʃu/ “mororó”  
 (206) [ne'ʃiʔ] - /niʃi/ “cipó envira”  
 (207) [ke'ʃiʔ] - /kiʃi/ “coxa”  
 (208) [mo'ʃaʔ] - /muʃa/ “espinho”  
 (209) [ma'ʃeʔ] - /maʃi/ “areia”  
 (210) [kə'ʃaʔ] - /kəʃa/ “lábio”  
 (211) [tə'ʃoʔ] - /təʃu/ “pescoço”  
 (212) [pe'ʃiʔ] ~ [pi'ʃiʔ] - /piʃin/ “esteira”

(213) [βi'ʃiʔ] - /biʃi/ “estrela”

### - O fonema africado palatal surdo /tʃ/

O fonema africado palatal surdo /tʃ/ apresenta apenas um alofone: o fone africado palatal surdo [tʃ]. Este fonema ocorre em posição de onset silábico.

O fone [tʃ] ocorre em sílaba realizada em início (214-218), em meio (216, 219-222), ou em final de palavra (217, 223-229). Em relação à tonicidade, ocorre em sílaba pretônica (214-217, 219-222) e tônica (217-218, 223-229). Este fone é realizado após e diante de vogais orais ou nasais (214-229), bem como após as consoantes [s, ʃ] (221-222).

(214) [tʃu'maʔ] - /tʃuma/ “cuia”

(215) [tʃə'rəʔ] - /tʃərə/ “periquito” (‘tipo de periquito do bico preto’)

(216) [tʃatʃe'teʔ] - /tʃatʃiti/ “facão”

(217) [tʃi'tʃiʔ] - /tʃitiʃi/ “avó”

(218) [tʃiʔ] ~ [tʃi:] - /tʃi/ “fogo”

(219) [etʃa'paʔ] ~ [itʃa'paʔ] - /itʃapa/ “muito”

(220) [patʃi'aʔ] - /patʃia/ “maduro”

(221) [bostʃo'maʔ] - /bustʃuma/ “cachorrão”

(222) [iʃtʃo'ãʔ] - /istʃuan/ “espantar”

(223) [kã'tʃaʔ] - /kantʃa/ “prato”

(224) [pã'tʃõʔ] - /pantʃun/ “carapanaúba”

(225) [ʃã'tʃoʔ] - /ʃantʃu/ “caranguejo”

(226) [ku'tʃaʔ] - /kutʃa/ “flecha”

(227) [jo'tʃiʔ] - /iutʃi/ “pimenta”

(228) [pə'tʃiʔ] - /pətʃi/ “as costas”

(229) [mə'tʃaʔ] - /mətʃa/ “várzea”

### - O fonema aproximante palatal /j/

O fonema aproximante palatal /j/ apresenta apenas um alofone: o fone aproximante palatal [j]. Este fonema realiza-se apenas em posição de coda silábica.

O fone [j] ocorre em sílaba localizada em início (230-233, 235-241), em meio (234), ou em final de palavra (242-245). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (230-238) e tônica (239-245). Este fone ocorre após as vogais orais [u, o, ə, a] (230-245), com as quais forma ditongo decrescente, e diante das oclusivas surdas [p, t, k] (230-235, 238), e das nasais [m, n] (236-237).

- (230) [p<sub>1</sub>ojpi<sup>1</sup>seʔ] - /pujpsi/ “mastruço”
- (231) [h<sub>1</sub>ujpi<sup>1</sup>riʔ] - /hujpiri/ “rã”
- (232) [b<sub>1</sub>ajtə<sup>1</sup>təʔ] - /bajtətə/ “gavião”
- (233) [m<sub>1</sub>aj<sup>1</sup>teʔ] - /majti/ “cocar”
- (234) [ʃa<sub>1</sub>kaj<sup>1</sup>teʔ] - /ʃakajti/ “maracá”
- (235) [s<sub>1</sub>aj<sup>1</sup>keʔ] - /sajki/ “gritar”
- (236) [t<sub>1</sub>ʃaj<sup>1</sup>maʔ] - /tʃajma/ “perto”
- (237) [m<sub>1</sub>aj<sup>1</sup>naʔ] - /majna/ “magro”
- (238) [t<sub>1</sub>ʃaj<sup>1</sup>paʔ] - /tsajpa/ “comprido”
- (239) [p<sup>1</sup>oj] ~ [p<sup>1</sup>uj] - /puj/ “fezes”
- (240) [b<sup>1</sup>oj] - /buj/ “cera”
- (241) [p<sup>1</sup>əj] - /pəj/ “asa”
- (242) [ʃo<sup>1</sup>aj] - /ʃuaj/ “coçar, curuba” (escabiose ou sarna)
- (243) [si<sup>1</sup>naj] - /sinaj/ “raiva”
- (244) [mani<sup>1</sup>paj] - /manipaj/ “sororoca”
- (245) [sa<sup>1</sup>koj] - /saku/ “dança tradicional”

### - O fonema oclusivo velar surdo /k/

O fonema oclusivo velar surdo /k/ apresenta apenas um alofone: o fone oclusivo velar surdo [k]. Este fonema ocupa a posição de onset silábico.

O fone [k] ocorre em sílaba localizada em início (246-250), em meio (251), ou em final de palavra (250, 252-263). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (246-251) e tônica (250, 252-263). Este fone ocorre após e diante de vogais orais ou nasais (246-263), bem como após as consoantes [s, ʃ, j] (253-255).

- (246) [kə'ʃaʔ] - /kəʃa/ “lábio”
- (247) [ka'ʃiʔ] - /kaʃi/ “morcego”
- (248) [ke'meʔ] - /kimi/ “tartaruga da mata”
- (249) [ku'rãʔ] - /kuran/ “seringa”
- (250) [koĩ'kaʔ] - /kuinka/ “anu”
- (251) [taka'raʔ] - /takara/ “galinha”
- (252) [ʃə'kəʃ] - /ʃəkəs/ “bacuri”
- (253) [saj'keʔ] - /sajki/ “gritar”
- (254) [buʃ'kaʔ] - /buska/ “cabeça”
- (255) [is'koʔ] - /isku/ “japó”
- (256) [ʃoə'keʔ] - /ʃuənki/ “soprar”
- (257) [paʃi'kiʔ] - /pabinki/ “orelha”
- (258) [pitʃã'kiʔ] - /pitʃankin/ “cozinhar”
- (259) [tʃini'kiʔ] - /tʃinikin/ “espremer”
- (260) [matu'kēʔ] - /matukin/ “varrer”
- (261) [rãtõ'koʔ] - /rantunku/ “joelho”
- (262) [mə'kãʔ] - /məkan/ “mão”
- (263) [e:'keʔ] - /iiki/ “cantar”

**- O fonema fricativo glotal surdo /h/**

O fonema fricativo glotal surdo /h/ apresenta apenas um alofone: o fone fricativo glotal surdo [h]. Este fonema realiza-se apenas em posição de onset silábico.

O fone [h] ocorre apenas em sílaba localizada em início de palavra (264-272). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (264-270, 272) e tônica (271). Este fone ocorre diante de vogais orais ou nasais (264-272).

- (264) [ha'naʔ] - /hana/ “aracuã”
- (265) [ho'neʔ] - /huni/ “homem, cipó (bebida)”
- (266) [hə'nəʔ] - /hənə/ “rio” (‘rio grande’)
- (267) [hu'moʃ] - /humus/ “umbu”
- (268) [hi'něʔ] ~ [he'něʔ] - /hinin/ “extrato” (perfume)
- (269) [ma'ni heně'teʔ] - /mani hininti/ “açafroa”
- (270) [haka'wãʔ] - /hakauan/ ‘tipo de socó’
- (271) [hãʔ] - /han/ “sim”
- (272) [hu'aʔ] - /hua/ “flor”

2.1.2. Os fonemas segmentais vocálicos do Saynáwa.

2.1.2.1. O inventário fonético e o fonológico dos segmentos vocálicos do Saynáwa.

- Inventário dos fones segmentais vocálicos orais do Saynáwa.

Tabela n° 3

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
	Não-arredondada		Arredondada
ALTA	i		u
MÉDIA-ALTA	e		o
MÉDIA		ə	
BAIXA		a	

- Inventário dos fones segmentais vocálicos nasais do Saynáwa.

Tabela n° 4

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
	Não-arredondada		Arredondada
ALTA	ĩ		ũ
MÉDIA-ALTA	ẽ		õ
MÉDIA		õ	
BAIXA		ã	

- Inventário dos fonemas segmentais vocálicos do Saynáwa.

Tabela n° 5

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
	Não-arredondada		Arredondada
ALTA	i		u
MÉDIA		ə	
BAIXA		a	

2.1.2.2. Identificação dos fonemas segmentais vocálicos do Saynáwa.

A língua Saynáwa apresenta 12 fones vocálicos. A partir do método da oposição em par mínimo e em ambiente análogo confirmamos o estatuto fonológico de 4 desses segmentos, /i, ə, a, u/, não se confirmando como fonemas os fones [e, o, ã, õ, ã, õ, ã, õ]. Seguem abaixo as oposições identificadas:

/i/ : /u/

(273) [βi'tʃiʔ] - /bitʃi/ “pele”

(274) [ta'pĩʔ] - /tapin/ “aprender”

[βi'tʃuʔ] - /bitʃu/ “jaburu”

[ta'pũʔ] - /tapun/ “raiz”

/i/ : /ə/

(275) [ʃi'neʔ] - /ʃini/ “grilo”

[ʃə'neʔ] - /ʃəni/ “preguiçoso”

(276) [i:'keʔ] ~ [e:'keʔ] - /iki/ “cantar”

[ə:'keʔ] - /əki/ “assustar”

/i/ : /a/

(277) [ba'tʃiʔ] - /batʃi/ “ovo”

[βi'tʃiʔ] - /bitʃi/ “pele”

(278) [i'sĩʔ] ~ [e'sĩʔ] - /isin/ “manga” (rede de pesca)

[a'sĩʔ] - /asin/ “mutum”

/ə/ : /a/

(279) [ʃə'oʔ] - /ʃəu/ “cipó”

[ʃa'oʔ] - /ʃau/ “osso”

(280) [ma'kəʔ] - /makə/ “piranha”

[ma'kaʔ] - /maka/ “rato grande”

/ə/ : /u/

(281) [bə'neʔ] - /bəni/ “levantar-se”

[bu'neʔ] - /buni/ “fome”

(282) [pəj] - /pəj/ “asa”

[puj] ~ [poj] - /puj/ “fezes”

/a/ : /u/

(283) [ba'neʔ] - /bani/ “pupunha”

[bu'neʔ] - /buni/ “fome”

(284) [na'miʔ] - /nami/ “carne”

[nu'miʔ] - /numi/ “sede”

### 2.1.2.3. Descrição dos fonemas segmentais vocálicos e de seus alofones.

#### - O fonema anterior alto não-arredondado /i/

O fonema anterior alto não-arredondado /i/ é realizado em núcleo silábico e apresenta cinco alofones: o fone anterior alto não-arredondado oral [i], o fone anterior médio-alto não-arredondado oral [e], o fone anterior alto não-arredondado nasal [ĩ], o fone anterior médio-

alto não-arredondado nasal [ẽ], e o fone aproximante palatal [j], quando este está em posição de onset silábico.

O fone [i] ocorre em sílaba localizada em início (285-295, 307), meio (288, 296-298), e final de palavra (299-306). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (285-288, 290-294, 296-298, 307) e tônica (289, 295, 299-306). Este fone ocorre após as vogais [ə, a, u, o] (299, 303-306), e após quase todas as consoantes, exceto [b, j]. Ele é realizado diante das vogais [a, u, o] (286, 293, 297), e de quase todas as consoantes, exceto [ɲ, j, h].

- (285) [itʃa'paʔ] - /itʃapa/ “muito”
- (286) [i'aʔ] - /ia/ “piolho”
- (287) [i'sõʔ] - /isun/ “urina”
- (288) [ɪsti'βiʔ] ~ [iʃti'βiʔ] - /istibin/ “sapucaia”
- (289) [iʔ] ~ [i:] ~ [eʔ] - /i/ “árvore”
- (290) [tʃi'tʃãʔ] - /tʃitʃan/ “cesta”
- (291) [hi'nẽʔ] ~ [he'nẽʔ] - /hinin/ “extrato” (perfume)
- (292) [ɾriʃ'peʔ] ~ [ɾrejʃ'peʔ] - /rispi/ “corda”
- (293) [pi'uʔ] - /piu/ “guariúba”
- (294) [βi'wãʔ] ~ [βe'wãʔ] - /biuan/ “tamanduá pequeno”
- (295) [tʃiʔ] ~ [tʃi:] ~ [tʃeʔ] - /tʃi/ “fogo”
- (296) [e,sini'paʔ] - /isinipa/ “zangado”
- (297) [pə,tʃio'reʔ] - /pətʃiuri/ “atrás”
- (298) [naʃi'teʔ] - /naʃiti/ “porto”
- (299) [ja'iʃ] - /iais/ “tatu”
- (300) [ko'ʃiʔ] - /kuʃi/ “correr”
- (301) [ba'tʃiʔ] - /batʃi/ “ovo”
- (302) [nu'miʔ] ~ [no'miʔ] - /numi/ “sede”
- (303) [u'iʔ] ~ [o'iʔ] - /ui/ “chuva”

- (304) [na'iʔ] - /nai/ “céu”  
 (305) [məʃo'iʔ] - /məʃui/ “anoitecer”  
 (306) [rə'iʔ] - /rəi/ “jurití”  
 (307) [βi'taʃ] ~ [βe'taʃ] - /bitas/ “perna”

O fone [e] ocorre em sílaba localizada em início (308-319, 328-330), meio (320), e final de palavra (309, 311, 315-317, 321-327, 329-330). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (308-309, 311-317, 320, 328-330) e tônica (309-311, 315-319, 321-327, 329-330). Este fone ocorre após as vogais [ə, o] (326-327), e após quase todas as consoantes, exceto [b, j]. Ele é realizado diante das vogais [a, o] (320, 328), e de quase todas as consoantes, exceto [ɲ, j, h].

- (308) [e'sẽʔ] - /isin/ “manga” (rede de pesca)  
 (309) [e:'keʔ] ~ [i:'keʔ] - /iiki/ “cantar”  
 (310) [eʔ] ~ [iʔ] ~ [i:] - /i/ “árvore”  
 (311) [e'βeʔ] - /ibi/ “casca de árvore”  
 (312) [pes'taʔ] - /pista/ “curto”  
 (313) [ne'wəʔ] - /niuə/ “araçá”  
 (314) [ne'roʔ] - /niru/ “macaco bule-bule”  
 (315) [ne'teʔ] - /niti/ “caminho”  
 (316) [meʃ'keʔ] ~ [mes'keʔ] - /miski/ “pedra”  
 (317) [ke'neʔ] - /kini/ “buraco”  
 (318) [neʔ] ~ [ne:] - /ni/ “floresta”  
 (319) [tʃeʔ] ~ [tʃiʔ] ~ [tʃi:] - /tʃi/ “fogo”  
 (320) [ʃəne'aʔ] - /ʃənia/ “gordo”  
 (321) [õ'tejs] - /untis/ “garra”  
 (322) [roʃo'βeʔ] - /ruʃubi/ “cacau”  
 (323) [ko'teʔ] - /kuti/ “jaci”

- (324) [ʃə'keʔ] - /ʃəki/ “milho”  
 (325) [ba'neʔ] - /bani/ “pupunha”  
 (326) [tsəko'eʔ] - /tsəkui/ “solução”  
 (327) [ba're pə'eʔ] - /bari pəi/ “verão”  
 (328) [ke'oʔ] - /kiu/ “maçaranduba”  
 (329) [e'meʔ] ~ [i'miʔ] - /imi/ “sangue”  
 (330) [βe'tʃeʔ] ~ [βi'tʃiʔ] - /bitʃi/ “pele”

O fonema /i/ realiza-se como [ĩ] sempre quando temos coda nasal tautossilábica. O fone [ĩ] ocorre em sílaba localizada em início (331-333), meio (334-340), e final de palavra (341-346). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (331-332, 334-340) e tônica (333, 341-346).

- (331) [ĩ'ɲãʔ] - /in.an/ “lago”  
 (332) [sĩ'paʔ] - /sin.pa/ “máscara”  
 (333) [ˈmĩʔ] ~ [ˈmẽʔ] - /min/ “teu/tua” (pronome possessivo)  
 (334) [hakĩ'maʔ] - /ha.kin.ma/ “esquecer”  
 (335) [aĩ'boʔ] - /a.in.bu/ “mulher”  
 (336) [huĩ'teʔ] - /hu.in.ti/ “coração”  
 (337) [paβĩ'kiʔ] - /pa.bin.ki/ “orelha”  
 (338) [ʃəĩ'kaʔ] - /ʃə.in.ka/ “cancão”  
 (339) [koĩ'kaʔ] - /ku.in.ka/ “anu”  
 (340) [tapĩ'ɲãʔ] - /ta.pin.an/ “saber”  
 (341) [a'sĩʔ] - /a.sin/ “mutum”  
 (342) [tʃi'pĩʔ] - /tʃi.pin/ “irmã mais velha”  
 (343) [tʃi'rĩʔ] - /tʃi.rin/ “dança tradicional”  
 (344) [bo'ĩʔ] - /bu.in/ “pica-pau”  
 (345) [tʃəʃə'ĩʔ] - /tʃə.ʃə.in/ “arder”

(346) [a'ĩʔ] - /a.in/ “esposa”

O fonema /i/ realiza-se como [ẽ] sempre quando temos coda nasal tautossilábica. O fone [ẽ] ocorre em sílaba localizada em início (347-350), meio (351-352), e final de palavra (353-358). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (349-352) e tônica (347-348, 353-358).

(347) [l'mẽʔ] ~ [l'mĩʔ] - /min/ “teu/tua” (pronome possessivo)

(348) [l'βẽʔ] - /bin/ “caucho”

(349) [tẽ'keʔ] - /tin.ki/ “cair”

(350) [nẽɲu'ãʔ] - /nin.u.an/ “choaca”

(351) [hatẽ'ɲaʔ] - /ha.tin.a/ “quando?”

(352) [aʃkẽ'keʔ] - /as.kin.ki/ “respirar”

(353) [sa'nẽʔ] - /sa.nin/ “piabinha”

(354) [kəʃə'kẽʔ] - /kə.ʃə.kin/ “costurar”

(355) [iʃ'mẽʔ] - /is.min/ “urubu-rei”

(356) [o'ẽʔ] - /u.in/ “vivo”

(357) [ko'ẽʔ] ~ [ko'ĩʔ] - /ku.in/ “fumaça”

(358) [no'ẽʔ] ~ [no'ĩʔ] - /nu.in/ “minhoca”

O fonema /i/ quando ocorre em sílaba do tipo /V/ e diante de sílaba sem onset, em palavra com três ou mais sílabas, realiza-se como [j], passando a ocupar a posição de onset da vogal contígua.<sup>34</sup> O fone [j] ocorre em sílaba localizada em início (359-365), meio (366-368), e final de palavra (369-371). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (359-368) e tônica (369-371). Este fone ocorre após as vogais [ə, a, o] (366-371), e diante das vogais [a, ã, u, o], com as quais forma ditongo crescente (359-371).

---

<sup>34</sup> O Saynáwa não apresenta onset ramificado, por essa razão, temos: [pə.tʃi.o.'reʔ] - /pə.tʃi.u.ri/ “atrás”, e não \*[pə.tʃjo.'reʔ].

- (359) [jo'raʔ] - /iura/ “gente”  
 (360) [ja'ɪʃ] - /iais/ “tatu”  
 (361) [jo'soʔ] - /iusu/ “feijão, fava”  
 (362) [jo'kaʔ] - /iuka/ “goiabeira”  
 (363) [ju'məʔ] - /iumə/ “linha de costura”  
 (364) [jao'ʃiʔ] - /iauʃi/ “sovino”  
 (365) [jātə'ɪʔ] - /iantəin/ “a tarde”  
 (366) [kəjo'kẽʔ] - /kəiukin/ “morder”  
 (367) [aja'mes] - /aiamis/ “beber”  
 (368) [ra,bəbəja'teʔ] - /rabəbəiati/ “brincadeira”  
 (369) [ka'jaʔ] - /kaia/ “reto”  
 (370) [tʃikə'joʔ] - /tʃinkəiu/ “periquito Jandaia”  
 (371) [ʃo'jaʔ] - /ʃuia/ “rato pequeno”

A partir do que foi demonstrado, podemos verificar abaixo, de forma esquemática, as alofonias do /i/:

1) Os fones [i, e] estão em variação livre.

- [iʔ] ~ [i:] ~ [eʔ] - /i/ “árvore” (289/310)  
 [hi'nẽʔ] ~ [he'nẽʔ] - /hinin/ “extrato” (perfume) (291)  
 [riʃ'peʔ] ~ [reʃ'peʔ] - /rispi/ “corda” (292)  
 [βi'wãʔ] ~ [βe'wãʔ] - /biuan/ “tamanduá pequeno” (294)  
 [tʃiʔ] ~ [tʃi:] ~ [tʃeʔ] - /tʃi/ “fogo” (295/319)  
 [βi'taʃ] ~ [βe'taʃ] - /bitas/ “perna” (307)  
 [e:'keʔ] ~ [i:'keʔ] - /iiki/ “cantar” (309)  
 [e'meʔ] ~ [i'miʔ] - /imi/ “sangue” (329)  
 [βe'tʃeʔ] ~ [βi'tʃiʔ] - /bitʃi/ “pele” (330)

Apesar de estarem em variação livre, identificamos que o fone [i] tem uma frequência maior no corpus, e é privilegiado em fala silabada. A realização de [e] é mais comum apenas após as consoantes [ts, k, h].

A constatação da variação entre esses fones é reforçada pelas observações obtidas através da análise, a partir do programa computacional *Praat*, dos espectrogramas dos fones [i, e]<sup>35</sup>. Foram identificadas nos espectrogramas as alturas do 1° formante desses fones nas palavras abaixo<sup>36</sup>:

Tabela n° 6

FONE [i]		
	PALAVRA	ALTURA 1° FORMANTE
(372)	[i'aʔ] - /ia/ “piolho”	391,2388 Hz
(373)	[ke'ʃiʔ] - /kiʃi/ “coxa”	351,3812 Hz
(374)	[ʔβiʔ] - /bi/ “carapanã”	364,5599 Hz
(375)	[ko'iʔ] - /kui/ “quente”	331,6380 Hz
(376)	[i'noʔ] - /inu/ “onça”	381,5632 Hz
		VARIAÇÃO 364,0762 Hz

Tabela n° 7

FONE [e]		
	PALAVRA	ALTURA 1° FORMANTE
(377)	[mə'βeʔ] - /məbi/ “punho”	393,9899 Hz
(378)	[ke'ʃiʔ] - /kiʃi/ “coxa”	357,7739 Hz
(379)	[ʔpeʔ] - /pi/ “comer”	388,3090 Hz
(380)	[,meʃ'keʔ] ~ [,mes'keʔ] - /miski/ “pedra”	378,3008 Hz
(381)	[e'sēʔ] - /isin/ “manga” (rede de pesca)	384,1922 Hz
		VARIAÇÃO 380,5131 Hz

<sup>35</sup> Os espectrogramas dos fones [i, e] podem ser vistos no Anexo III.

<sup>36</sup> As alturas do 1° formante identificadas para essas palavras são recorrentes nos demais dados da língua. Essa tabela n° 6 e as demais, relacionadas às outras vogais orais (Tabelas n° 6-12), são apenas ilustrativas.

Essas informações demonstram que apesar de a vogal anterior alta [i] ter em média o 1º formante mais baixo que a vogal anterior média-alta [e], essa diferença é muito pequena, de apenas 16,4369 Hz. Além disso, em exemplos como (372, 376) a altura do 1º formante de [i] equivale à do 1º formante de [e] (377-381). Portanto, esses fones não só estão em variação livre, como pouco se diferenciam acusticamente, podendo-se suspeitar que a distinção fonética entre eles seja apenas auditiva.<sup>37</sup>

2) Os fones [ĩ, ã] também estão em variação livre. A realização de [ĩ], entretanto, é mais freqüente, e é privilegiada em fala silabada.

[ˈmĩʔ] ~ [ˈmẽʔ] - /min/ “teu/tua” (pronome possessivo) (333/347)

[koˈẽʔ] ~ [koˈĩʔ] - /kuin/ “fumaça” (357)

[noˈẽʔ] ~ [noˈĩʔ] - /nuin/ “minhoca” (358)

Os fones anteriores nasais estão em distribuição complementar com os fones anteriores orais, ocorrendo [ĩ, ã] apenas quando temos na base coda nasal tautossilábica, enquanto [i, e] são realizados nos demais ambientes.

3) Já o fone [j] também está em distribuição complementar com as vogais anteriores orais, sendo realizado [j] apenas quando a anterior alta ocorre em sílaba do tipo /V/ e diante de sílaba sem onset, em palavra com três ou mais sílabas; enquanto [i, e] são realizadas nos demais ambientes.

Concluindo, todas essas alofonias podem ser assim representadas:

/i/ → [i] ~ [e]

/i/ → [ĩ, ã] / \_\_ /n/.

[i, e] / \_\_ nda

/i/ → [j] / .\_\_ . V, ω (3 sílabas ou +)

[i, e] / \_\_ nda

<sup>37</sup> Pretendemos nos aprofundar nessa questão em trabalhos posteriores.

Decidimos representar esse fonema pela anterior alta não-arredondada oral porque o fone [i] tem uma distribuição menos restrita que os fones [i, ĩ, j], e é mais freqüente, mais comum em fala silabada, e mais natural que o fone [e] (Lass, 1984: 131, 139-147).<sup>38</sup>

### - O fonema central médio não-arredondado /ə/

O fonema central médio não-arredondado /ə/ é realizado em núcleo silábico e apresenta dois alofones: o fone central médio não-arredondado oral [ə], e o fone central médio não-arredondado nasal [ã].

O fone [ə] ocorre em sílaba localizada em início (382-398, 400), meio (399), e final de palavra (395, 398, 400-403). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (383-395, 398-400) e tônica (382, 395-398, 400-403). Este fone ocorre após as vogais [a, u, o] (402-403), e após quase todas as consoantes, exceto [ɲ, j]. Ele é realizado diante de todas as vogais (386-391), e de quase todas as consoantes, exceto [ɲ, h].

- (382) [l'əʔ] - /ə/ “eu” (pronome pessoal)
- (383) [ɾə:'keʔ] - /əəki/ “assustar”
- (384) [ɾəʃ'tõʔ] - /əstun/ “irmão mais novo”
- (385) [ʃə'ũʔ] - /ʃəun/ “peixe espia-mulher”
- (386) [ʃəa'kĩʔ] - /ʃəakin/ “engolir”
- (387) [hə'oʔ] - /həu/ “sapo” (‘o que canta’)
- (388) [ʃə'oʔ] ~ [ʃə'uʔ] - /ʃəu/ “cipó”
- (389) [nə'aʔ] - /nəa/ “jacamim”
- (390) [rə'iʔ] - /rəi/ “jurití”

---

<sup>38</sup> Conforme a bibliografia consultada, outras línguas Pano também apresentam o fone [e] como alofone de /i/, caso das línguas: Arara (Cunha, 1993); Poyanáwa (De Paula, 1992); Shanenawa (Cândido, 1998, 2004); Katukína (Barros, 1987); Caxinauá (Camargo, 1995). Dessas, em Arara (Cunha, 1993), Poyanáwa (De Paula, 1992), e Shanenawa (Cândido, 1998, 2004) encontramos a mesma flutuação entre os fones [e, i] encontrada em Saynáwa, com a diferença que na língua por nós analisada o fone [e] tem uma distribuição mais larga que a encontrada nessas línguas, como pode ser conferido nos trabalhos citados. Já as línguas Matis (Spanghero Ferreira, 2000; Ferreira, 2001, 2005), Cashibo (Shell, 1975), e Matses (Loos, 1999) apresentam /e/ como fonema. Lanes (2000) não identificou a produção de [e] na língua Jaminawa.

- (391) [ba're pə'eʔ] - /bari pəi/ “verão”  
 (392) [ʃəi'kaʔ] - /ʃəinka/ “cancão”  
 (393) [βə'roʔ] - /bəru/ “olho”  
 (394) [wə'ʃoʔ] - /bəʃu/ “freijó”  
 (395) [ʃə'kəʃ] - /ʃəkəs/ “bacuri”  
 (396) [¹pəʔ] - /pə/ “reza”  
 (397) [¹pəj] - /pəj/ “asa”  
 (398) [mə'təʔ] - /mətə/ “mingau”  
 (399) [jātə'ĩʔ] - /iantəin/ “a tarde”  
 (400) [rə'wəʔ] - /rəuə/ “taquari, flauta” (flauta feita de taquari)  
 (401) [na'nəʔ] - /nanə/ “jenipapo”  
 (402) [bo'əʔ] ~ [bu'əʔ] - /buə/ “curimatã”  
 (403) [ta'əʔ] - /taə/ “pé”

O fonema /ə/ realiza-se como [ẽ] sempre quando temos coda nasal tautossilábica. O fone [ẽ] ocorre em sílaba localizada em início (404-405), meio (406), e final de palavra (407-409). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (405-406) e tônica (404, 407-409).

- (404) [¹ẽʔ] - /ən/ “meu/minha” (pronome possessivo)  
 (405) [ʃẽ'koa'neʔ] - /ʃənkuani/ ‘nome próprio’  
 (406) [ʃoẽ'keʔ] - /ʃuənki/ “soprar”  
 (407) [raka'wẽʔ] - /rakauən/ “deite”  
 (408) [jono'ẽʔ] - /iunuən/ “tarumã”  
 (409) [tə'ʃẽʔ] - /təʃən/ “capeba”

Os fones [ə] e [ã] estão em distribuição complementar, [ã] ocorre sempre quando temos na base coda nasal tautossilábica, enquanto [ə] é realizado nos demais ambientes.

/ə/ → [ã] / \_\_ /n/.

[ə] / \_\_ nda

Para compreendermos melhor o fone [ə]<sup>39</sup> em relação aos demais fones vocálicos orais, analisamos no espectrograma as alturas do seu 1° formante nas palavras abaixo:

Tabela n° 8

FONE [ə]		
	PALAVRA	ALTURA 1° FORMANTE
(410)	[ə'paʔ] - /əpa/ “pai”	417,9613 Hz
(411)	[mə'βeʔ] - /məbi/ “punho”	457, 4274 Hz
(412)	[kə'ʃaʔ] - /kəʃa/ “lábio”	434,2141 Hz
(413)	[hə'pəʔ] - /həpə/ “palha”	450,9884 Hz
(414)	[o'ʃəʔ] - /uʃə/ “lua”	510,5007 Hz
		VARIAÇÃO 454,2183 Hz

Comparemos a variação obtida para o fone [ə] com a das demais vogais orais e vejamos qual é a variação geral para vogais altas, médias-altas, média, e baixa<sup>40</sup>.

<sup>39</sup> O espectrograma do fone [ə] pode ser visto no Anexo III.

<sup>40</sup> Sabemos que a comparação do 1° formante das vogais anteriores, centrais e posteriores, pode ser a princípio imprecisa em razão de estarmos comparando vogais com ponto de articulação distintos, entretanto, quando observamos os valores para as vogais anteriores e as posteriores, em suas diversas alturas, observamos que elas mantêm, com uma pequena margem de diferença, o mesmo padrão, demonstrando que para o Saynáwa o ponto de articulação não influencia nos resultados do 1° formante.

Tabela n° 9

QUADRO COMPARATIVO DA VARIAÇÃO DA ALTURA DO 1° FORMANTE DOS FONES VOCÁLICOS ORAIS DO SAYNÁWA			
	FONES		VARIAÇÃO GERAL
VOGAIS ALTAS	[i] 364,0762 Hz (cf. Tabela n° 6)	[u] 370,6243 Hz (cf. Tabela n° 11, apresentada na descrição do fonema /u/)	367,3502 Hz
VOGAIS MÉDIAS-ALTAS	[e] 380,5131 Hz (cf. Tabela n° 7)	[o] 387,7136 Hz (cf. Tabela n° 12, apresentada na descrição do fonema /u/)	384,1133 Hz
VOGAL MÉDIA	[ə] 454,2183 Hz (cf. Tabela n° 8)		454,2183 Hz
VOGAL BAIXA	[a] 687,0572 Hz (cf. Tabela n° 10, apresentada na descrição do fonema /a/)		687,0572 Hz

O quadro comparativo acima nos mostra que temos uma vogal central média [ə], uma vez que esse fone tem a altura do 1° formante mais alta que as vogais médias-altas, não podendo, portanto, se interpretar esse segmento como uma vogal média-alta, muito menos como uma vogal alta. Por essa razão e porque esse segmento contrasta com os demais segmentos vocálicos da língua, como vimos no subtópico 2.1.2.2., o quadro fonológico das vogais é composto por vogais altas, média, e baixa.<sup>41</sup>

<sup>41</sup> Conforme a bibliografia consultada, a língua Saynáwa difere da maioria das demais línguas Pano por apresentar um fonema central médio. A língua Matis, conforme nossas fontes bibliográficas, apresenta um fonema central médio, sendo que no caso do Matis é um fonema central médio-alto, representado por Spanghero Ferreira (2000: 36, 40) e Ferreira (2001: 36) como /ə/, enquanto no Saynáwa temos um fonema central médio, o qual representamos, segundo o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), de 2005, como /ə/. Contudo, em estudo posterior, Ferreira (2005: 30) revisou o quadro fonológico das vogais do Matis e desconsiderou a existência da central média-alta como fonema, não expondo esse segmento nem mesmo como realização fonética do Matis. Em outras línguas Pano, a central média não só inexistente como fonema, como também não há fonemas vocálicos médios, existindo tão somente fonemas vocálicos altos e baixos, caso das línguas: Arara (Cunha, 1993); Poyanáwa (De Paula, 1992); Yawanawá (De Paula, 2007); Jaminawa (Lanes, 2000); Kaxarari (Lanes, 2000); Caxinauá (Camargo, 1995); Katukína (Barros, 1987); Shanenawa (Cândido, 1998, 2004); Marubo (Costa, 2000). Essas línguas apresentam 4 fonemas vocálicos orais, assim como o Saynáwa. Seria possível cogitar que o fonema vocálico central alto presente nessas línguas, e possivelmente em outros idiomas Pano, corresponda ao fonema vocálico central médio no Saynáwa. Essa hipótese, todavia, precisa ser conferida em um estudo comparativo, que fugiria aos objetivos do presente trabalho.

### - O fonema central baixo não-arredondado /a/

O fonema central baixo não-arredondado /a/ é realizado em núcleo silábico e apresenta dois alofones: o fone central baixo não-arredondado oral [a], e o fone central baixo não-arredondado nasal [ã].

O fone [a] ocorre em sílaba localizada em início (415-434, 440), meio (432, 436-437, 439-440), e final de palavra (415, 417, 428-430, 433-436, 438-448). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (415-417, 421-434, 436-437, 439-440) e tônica (415, 417-420, 428-430, 433-436, 438-448). Este fone ocorre após as vogais [i, e, ə, u, o] (417, 438-439, 441-445), e todas as consoantes. Ele é realizado diante das vogais [i, ə, u, o] (422-424, 426-427, 432, 438), e de quase todas as consoantes, exceto [ɲ, h].

(415) [a<sup>1</sup>jaʔ] - /aia/ “maracaná”

(416) [a<sup>1</sup>toʔ] - /atu/ “estômago”

(417) [ane<sup>1</sup>aʔ] - /ania/ “cunhado (a)”

(418) [l<sup>1</sup>maʔ] - /ma/ “não”

(419) [l<sup>1</sup>naʔ] ~ [l<sup>1</sup>na:] - /na/ “este/esta” (pronome demonstrativo)

(420) [l<sup>1</sup>tʃaj] - /tʃaj/ “longe”

(421) [ra<sup>1</sup>ʃoʔ] - /raʃu/ “gripe”

(422) [tai<sup>1</sup>keʔ] - /taiki/ “raio”

(423) [ja<sup>1</sup>əʔ] - /iaə/ “biorana”

(424) [ba<sup>1</sup>iʔ] - /bai/ “passear”

---

Em trabalho posterior, conforme a bibliografia da qual dispomos, Camargo (2005) utiliza na descrição da construção genitiva do Caxinauá a vogal ə, revelando que essa vogal se constitui em um fonema dessa língua. Assim, também o Caxinauá possui uma vogal central média conforme interpretação mais recente de Camargo. Outras línguas Pano apresentam fonemas vocálicos médios, mas esses não são vogais centrais, e sim vogais posteriores médias-altas. Esse é o caso dos idiomas: Kaxarari, conforme a interpretação de Sousa (2004), diversa da de Lanes (2000); Shipibo-Conibo (Shell, 1975); Capanahua (Shell, 1975); Amahuaca (Shell, 1975); Marinahua (Pike e Scott, 1962); Chácobo (Prost, 1967); e Huariapano (Parker, 1994). Na reconstrução do Proto-Pano, Shell (1975) considerou como forma reconstruída a vogal posterior média-alta. Já as línguas Cashibo (Shell, 1950, 1975); Cashinahua (Kensinger, 1963); e Matis, segundo a interpretação mais recente de Ferreira (2005), apresentam fonemas vocálicos médios: anteriores e posteriores, mas não centrais. Para o Cashinahua, Kensinger (1963), diferentemente de Camargo (2005), nos diz que [ə] é alofone de /a/, ocorrendo apenas em sílaba final de frase.

- (425) [βa'reʔ] ~ [ba'reʔ] - /bari/ “sol”
- (426) [ra'oʔ] - /rau/ “erva, remédio, veneno”
- (427) [ta'uʔ] - /tau/ “paxiubão”
- (428) [wa'kaʔ] ~ [ba'kaʔ] - /baka/ “água, rio”
- (429) [ta'waʔ] - /taua/ “cana, ucuubinha”
- (430) [maj'naʔ] - /majna/ “magro”
- (431) [wa'moʔ] - /bamu/ “queixada”
- (432) [ʃaʃa'iʔ] - /ʃaʃai/ “marupá”
- (433) [ba'baʔ] - /baba/ “neto”
- (434) [tʃa'raʃ] - /tʃaras/ “ariramba”
- (435) [tã'paʃ] - /tanpas/ “tucano”
- (436) [kəjata'paʔ] - /kəiatapa/ “alto”
- (437) [ʃã,kãi'teʔ] - /ʃankainti/ “pulmão”
- (438) [ʃu'aj] - /ʃuaj/ “coçar, curuba” (escabiose ou sarna)
- (439) [βia'naʔ] - /biana/ “carrapicho”
- (440) [ma,rĩɲa'taʔ] - /marinata/ “mucunã”
- (441) [ʃi'aʔ] - /ʃia/ “ardência da pimenta”
- (442) [nə'aʔ] - /nəa/ “jacamim”
- (443) [pu'aʔ] - /pua/ “inhame”
- (444) [to'aʔ] - /tua/ “pássaro sim sinhô”
- (445) [ʃəne'aʔ] - /ʃənia/ “gordo”
- (446) [koʃo'kaʔ] - /kuʃuka/ “boto”
- (447) [pi'saʔ] - /pisa/ “araçari”
- (448) [o'kaʔ] - /uka/ “graúna”

O fonema /a/ realiza-se como [ã] sempre quando temos coda nasal tautossilábica. O fone [ã] ocorre em sílaba localizada em início (449-454), meio (455-456), e final de palavra

(453, 457-463). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (449-451, 453-456) e tônica (452-453, 457-463).

- (449) [ã,tsoa'kẽʔ] - /antsuakin/ “beijar”
- (450) [mã'noʔ] - /maniu/ “liso”
- (451) [tã'paʃ] - /tanpas/ “tucano”
- (452) ['hãʔ] - /han/ “sim”
- (453) [kã'kãʔ] - /kankan/ “abacaxi”
- (454) [nã'pəʔ] - /nanpə/ “mosca varejeira”
- (455) [ʃoã'keʔ] - /ʃuanki/ “curar”
- (456) [nutã'teʔ] - /nutanti/ “alguidar” (“copo pequeno”)
- (457) [põ'nãʔ] - /punian/ “braço”
- (458) [a'mãʔ] - /aman/ “capivara”
- (459) [u'nãʔ] - /unan/ “saúva”
- (460) [ʃõ'nãʔ] - /ʃunan/ “marrom”
- (461) [aku'ãʔ] - /akuan/ “manacá”
- (462) [rono'ãʔ] - /runuan/ “sucuri, jibóia” (“cobra da água”)
- (463) [baba'wãʔ] - /babauan/ “nora”

Os fones [a] e [ã] estão em distribuição complementar, [ã] ocorre sempre quando temos na base coda nasal tautossilábica, enquanto [a] é realizado nos demais ambientes.

/a/ → [ã] / \_\_ /n/.

[a] / \_\_ nda

A partir dos espectrogramas das palavras abaixo, identificamos uma variação de 687,0572 Hz para a altura do 1º formante do fone [a]<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> O espectrograma do fone [a] pode ser visto no Anexo III.

Tabela nº 10

FONE [a]		
	PALAVRA	ALTURA 1° FORMANTE
(464)	[taka'raʔ] - /takara/ “galinha”	659,7183 Hz
(465)	[a'tsaʔ] - /atsa/ “mandioca”	686,7943 Hz
(466)	[i'aʔ] - /ia/ “piolho”	691,7172 Hz
(467)	[kə'ʃaʔ] - /kəʃa/ “lábio”	646,3334 Hz
(468)	[ma'poʔ] - /mapu/ “cinzas”	750,7232 Hz
		VARIAÇÃO 687,0572 Hz

### - O fonema posterior alto arredondado /u/

O fonema posterior alto arredondado /u/ é realizado em núcleo silábico e apresenta cinco alofones: o fone posterior alto arredondado oral [u], o fone posterior médio-alto arredondado oral [o], o fone posterior alto arredondado nasal [ũ], o fone posterior médio-alto arredondado nasal [õ], e o fone aproximante labial sonoro [w], quando este está em posição de onset silábico.

O fone [u] ocorre em sílaba localizada em início (469-481), meio (482-487), e final de palavra (488-493). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (469-487) e tônica (488-493). Este fone ocorre após as vogais [i, ə, a] (483-484, 491-492), e após quase todas as consoantes, exceto [β, w]. Ele é realizado diante das vogais [i, ə, a] (470-472, 478-479), e de quase todas as consoantes, exceto [w, ɲ, h].

(469) [u'nãʔ] - /unan/ “saúva”

(470) [u'iʔ] ~ [o'iʔ] - /ui/ “chuva”

(471) [hu'aʔ] - /hua/ “flor”

(472) [bu'əʔ] - /buə/ “curimatã”

(473) [pu'poʔ] ~ [po'poʔ] - /pupu/ ‘tipo de coruja’

(474) [buʃ'teʔ] ~ [boʃ'teʔ] - /busti/ “pente”

- (475) [ku'ʃaʔ] - /kuʃa/ “cedro”
- (476) [bu'raʔ] - /bura/ “palmeira”
- (477) [bu'ʃiʃ] - /buʃis/ “jatobá”
- (478) [pua'kĩʔ] - /puakin/ “fumar”
- (479) [ʃu'aj] - /ʃuaj/ “coçar, curuba” (escabiose ou sarna)
- (480) [hujpi'riʔ] - /hujpiri/ “rã”
- (481) [kuʃa'kĩʔ] - /kuʃakin/ “gafanhoto”
- (482) [bəju'ãʔ] - /bəiuan/ “caparari”
- (483) [təu'teʔ] - /təuti/ “colar”
- (484) [nau'miʔ] - /naumi/ “canela”
- (485) [i,tus'taʔ] - /itusta/ “sobrinha”
- (486) [aku'ãʔ] - /akuan/ “manacá”
- (487) [nẽju'ãʔ] - /ninuan/ “choaca”
- (488) [ka'muʃ] ~ [ka'moʃ] - /kamus/ “cascavel”
- (489) [pi'rus] ~ [pi'ruʃ] - /pirus/ “pipira”
- (490) [pi'tsuʔ] ~ [pi'tsoʔ] ~ [pe'tsoʔ] - /pitsu/ “periquito” (verde, pequeno)
- (491) [ta'uʔ] - /tau/ “paxiubão”
- (492) [pi'uʔ] - /piu/ “guariúba”
- (493) [a'kuʔ] - /aku/ “cumarú”

O fone [o] ocorre em sílaba localizada em início (494-507, 521), meio (500, 508-510), e final de palavra (503-504, 507, 510-522). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (494-504, 507-510, 521) e tônica (503-507, 510-522). Este fone ocorre após as vogais [i, e, ə, a] (509, 512-514), e após quase todas as consoantes, exceto [β, w]. Ele é realizado diante das vogais [i, e, ə, a] (495, 497-498, 508), e de quase todas as consoantes, exceto [w, ɲ].

- (494) [o'ʃəʔ] - /uʃə/ “lua”

- (495) [o'iʔ] ~ [u'iʔ] - /ui/ “chuva”
- (496) [osaĩʔ] - /usain/ “rir”
- (497) [no'əʔ] - /nuə/ “sal”
- (498) [ʃo'aʔ] - /ʃua/ ‘Rio Valparaíso’
- (499) [toã'teʔ] - /tuanti/ “remo”
- (500) [jono'ãʔ] - /iunuan/ “maúba”
- (501) [ko'tʃaʔ] - /kutʃa/ “flecha”
- (502) [bo'kaʔ] - /buka/ “irara”
- (503) [poh'toʔ] ~ [pos'toʔ] ~ [pus'toʔ] - /pustu/ “barriga”
- (504) [no'koʔ] - /nuku/ “nós” (pronome pessoal)
- (505) [roʔ] - /ru/ “guariba”
- (506) [boj] - /buj/ “cera”
- (507) [po'pos] - /pupus/ “lama”
- (508) [mano'eʔ] - /manui/ “gostar, amar”
- (509) [məo'teʔ] - /məuti/ “pulseira”
- (510) [βi,poh'toʔ] ~ [βi,pos'toʔ] - /bipustu/ “panturrilha”
- (511) [tʃa'ʃoʃ] - /tʃaʃus/ “sapo de enxurrada”
- (512) [ke'oʔ] - /kiu/ “maçaranduba”
- (513) [ʃi'oʔ] - /ʃiu/ “mosca piū”
- (514) [ʃa'oʔ] - /ʃau/ “osso”
- (515) [a'toʔ] - /atu/ “estômago”
- (516) [te'poʔ] - /tipu/ “cachimbo”
- (517) [i'poʔ] - /ipu/ “bode” (peixe)
- (518) [pã'toʔ] - /pantu/ “grotta”
- (519) [mã'noʔ] - /maniu/ “liso”
- (520) [sa'koj] - /sakuj/ ‘dança tradicional’
- (521) [ho'noʔ] ~ [hu'noʔ] - /hunu/ “caititu”

(522) [sa'poʔ] ~ [sa'puʔ] - /sapu/ “algodão”

O fonema /u/ realiza-se como [ũ] sempre quando temos coda nasal tautossilábica. O fone [ũ] ocorre em sílaba localizada em início (523-525), meio (526), e final de palavra (527-532). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (523-526) e tônica (527-532).

(523) [bũ'naʔ] - /buna/ “abelha uruçu”

(524) [nũ'toʔ] - /nuntu/ “rolinha”

(525) [pũ'nãʔ] ~ [põ'nãʔ] - /punian/ “braço”

(526) [saũ'keʔ] - /saunki/ “salgar”

(527) [i,ʃiʃ'mũʔ] ~ [e,ʃiʃ'mũʔ] - /iʃismun/ “cansação, urtiga”

(528) [ʃi'mũʔ] - /ʃimun/ “camapum”

(529) [ta'pũʔ] ~ [ta'põʔ] - /tapun/ “raiz”

(530) [ʃə'ũʔ] - /ʃəun/ “peixe espia-mulher”

(531) [tʃi'ũʔ] - /tʃiun/ “assa-peixe”

(532) [ha'ũʔ] - /haun/ “seu/sua” (pronome possessivo)

O fonema /u/ realiza-se como [õ] sempre quando temos coda nasal tautossilábica. O fone [õ] ocorre em sílaba localizada em início (533-539), meio (540), e final de palavra (539, 541-545). Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (533-540) e tônica (539, 541-545).

(533) [õ'tejs] - /untis/ “garra”

(534) [põ,poh'toʔ] - /punpustu/ “músculo do braço superior”

(535) [põ'nãʔ] ~ [pũ'nãʔ] - /punian/ “braço”

(536) [kõ'maʔ] - /kunma/ “miratauí”

(537) [bõ'kaʃ] - /bunkas/ “cana-de-macaco”

(538) [tõ'noʔ] - /tunu/ “mandim duro”

(539) [nõ'nõʔ] - /nunun/ “pato”

- (540) [waʃtõ'koʔ] - /bastunku/ “cotovelo”  
 (541) [waʃõʔ] - /baʃun/ “cego”  
 (542) [ja,mana'põʔ] - /iamanapun/ “madrugada”  
 (543) [no'kõʔ] - /nukun/ “nosso/nossa” (pronome possessivo)  
 (544) [ba'tõʔ] - /batun/ “piauí-de-flecha”  
 (545) [bo'kõʔ] - /bukun/ “embaúba”

O fonema /u/ quando ocorre em ambiente intervocálico<sup>43</sup>, em palavra com três ou mais sílabas, realiza-se como [w]<sup>44</sup>, passando a ocupar a posição de onset da vogal contígua.<sup>45</sup> O fone [w] ocorre em sílaba localizada em meio (546-548), e final de palavra (549-550), não sendo realizado em início de palavra. Quanto à tonicidade, é realizado em sílaba pretônica (546-548) e tônica (549-550). Este fone ocorre após as vogais [i, e, ə, a] (546-550), e diante das vogais [e, ə, ã, a, ã], com as quais forma ditongo crescente (546-550).

- (546) [ewa'paʔ] - /iuapa/ “grande”  
 (547) [pə'ʃə ʃəwa'teʔ] - /pəʃə ʃəuati/ “teto, coberta da casa”  
 (548) [əwa'iʔ] - /əuai/ “crescer”  
 (549) [na'waʔ] - /naua/ “branco (gente)”  
 (550) [ə'waʔ] - /əua/ “mãe”

<sup>43</sup> Quando o fone [w] é produzido em início de palavra ele é um dos alofones de /b/, como vimos na descrição desse fonema.

<sup>44</sup> Assumimos a aproximante labial sonora [w] como alofone de /u/ e não como fonema, tendo em vista o aporte teórico por nós utilizado. Estamos nos pautando em uma perspectiva não-linear, como já falamos em nossa introdução, e que é exposta por Clements e Hume (1995). Os demais estudos sobre as línguas Pano, que dispomos em nossa bibliografia, consideraram, com exceção de Cunha (1993) sobre a língua Arara, a aproximante labial sonora como fonema, entretanto, acreditamos que essa distinção em relação à análise que ora apresentamos, seja tão somente uma divergência teórica. Esses estudos possivelmente consideraram como fonema a aproximante labial sonora, em razão de uma perspectiva linear. Nesse sentido, temos em De Paula (2007: 64-67) sobre o Yawanawá, em Costa (2000: 55) sobre o Marubo, e em Spanghero Ferreira (2000: 48) e Ferreira (2001: 35) sobre o Matis, a afirmação de que /w/ foi interpretado como fonema em razão da teoria linear aplicada, mas que poderia ser interpretado como alofone de /u/, tendo em vista uma análise não-linear.

Shell (1975) não apresentou a aproximante labial sonora como fonema da língua Cashibo. Já em relação à língua Yaminahua, segundo a interpretação de Faust e Loos (2002), a aproximante labial sonora foi considerada como uma realização alofônica, mas por razões diversas das nossas.

<sup>45</sup> O Saynáwa não apresenta onset ramificado, por essa razão, temos: [pua'kĩʔ] - /puakin/ “fumar”, e não \*[pwa'kĩʔ].

- (551) [na'wəʔ] - /nauə/ “tabaco”  
 (552) [ne'wəʔ] - /niuə/ “araçá”  
 (553) [a'waʔ] - /aua/ “anta”  
 (554) [βe'wãʔ] ~ [βi'wãʔ] - /biuan/ “tamanduá pequeno”  
 (555) [ʃa'wãʔ] - /ʃauan/ “arara”  
 (556) [tʃa'weʔ] - /tʃaui/ “sentar-se”  
 (557) [rə'wəʔ] - /rəuə/ “taquari, flauta” (flauta feita de taquari)  
 (558) [ja'waʔ] - /iaua/ “porco”  
 (559) [ba'nẽ ma'wẽʔ] - /banin mauən/ “tucum”

A aproximante labial sonora [w] não é realizada em coda silábica. Entretanto, em fala mais rápida e na elicitacão de textos, de modo variável, e desde que a palavra não seja produzida no final de enunciado, pode ser percebida a realizaçã de [w] em coda, formando ditongo decrescente. Essa realizaçã, por não ser identificada em fala silabada, e por não ser recorrente, não foi por nós considerada na descriçã fonética da língua. Assim, temos:

- (560) [ʃa'oʔ] - /ʃau/ “osso”, e não \*[ʃawʔ]  
 (561) [ra'oʔ] - /rau/ “erva, remédio, veneno”, e não \*[rawʔ]  
 (562) [ʃə'oʔ] - /ʃəu/ “cipó”, e não \*[ʃəwʔ]  
 (563) [nau'miʔ] - /naumi/ “canela”, e não \*[naw'miʔ]  
 (564) [təu'teʔ] - /təuti/ “colar”, e não \*[təw'teʔ]

A partir do que expusemos, podemos verificar abaixo, de forma esquemática, as alofonias do /u/:

- 1) Os fones [u, o] estão em variaçã livre.<sup>46</sup>

[u'iʔ] ~ [o'iʔ] - /ui/ “chuva” (470/495)

<sup>46</sup> Conforme a bibliografia consultada, outras línguas Pano também apresentam o fone [o] variando livremente com o fone [u], sendo ambos alofones de /u/, caso das línguas: Arara (Cunha, 1993); Poyanáwa (De Paula, 1992); Shanenawa (Cândido, 1998, 2004); e Yawanawá (De Paula, 2007).

[pu'poʔ] ~ [po'poʔ] - /pupu/ ‘tipo de coruja’ (473)

[buʃ'teʔ] ~ [boʃ'teʔ] - /busti/ ‘pente’ (474)

[ka'muʃ] ~ [ka'moʃ] - /kamus/ ‘cascavel’ (488)

[pi'tsuʔ] ~ [pi'tsoʔ] ~ [pe'tsoʔ] - /pitsu/ ‘periquito’ (verde, pequeno) (490)

[poh'toʔ] ~ [pos'toʔ] ~ [pus'toʔ] - /pustu/ ‘barriga’ (503)

[ho'noʔ] ~ [hu'noʔ] - /hunu/ ‘caititu’ (521)

[sa'poʔ] ~ [sa'puʔ] - /sapu/ ‘algodão’ (522)

Mesmo diante dessa variação, podemos identificar algumas distinções na ocorrência desses fones. O fone [o] tem uma distribuição mais larga, podendo ser realizado após e diante de [e], e diante de [h]. Apesar disso, identificamos que o fone [u] é privilegiado em fala silabada e só não é mais frequente sua realização, comparada à do fone [o], após as consoantes [t, ts, tʃ].

A constatação da variação entre os fones [u, o] é reforçada pelas observações obtidas através da análise de seus espectrogramas<sup>47</sup>. Foram identificadas nos espectrogramas as alturas do 1º formante desses fones nas palavras abaixo:

Tabela nº 11

FONE [u]		
	PALAVRA	ALTURA 1º FORMANTE
(565)	[hu'moʃ] - /humus/ ‘umbu’	381,6593 Hz
(566)	[a'nuʔ] - /anu/ ‘paca’	353,1079 Hz
(567)	[buʃ'iʃ] - /buʃis/ ‘jatobá’	367,4713 Hz
(568)	[u'iʔ] - /ui/ ‘chuva’	389,3607 Hz
(569)	[na'i oʃu'paʔ] - /nai uʃupa/ ‘nuvem’	361,5225 Hz
		VARIAÇÃO 370,6243 Hz

<sup>47</sup> Os espectrogramas dos fones [u, o] podem ser vistos no Anexo III.

Tabela nº 12

FONE [o]		
	PALAVRA	ALTURA 1° FORMANTE
(570)	[ <b>bo</b> ʔ] - /bu/ “cabelo”	392,0682 Hz
(571)	[ma' <b>po</b> ʔ] - /mapu/ “cinzas”	382,3282 Hz
(572)	[hu' <b>mo</b> ] - /humus/ “umbu”	387,7935 Hz
(573)	[ <b>ko</b> 'iʔ] - /kui/ “quente”	378,7761 Hz
(574)	[ <b>bo</b> 'kõʔ] - /bukun/ “embaúba”	397,6020 Hz
		VARIAÇÃO 387,7136 Hz

Essas informações demonstram que apesar de a vogal posterior alta [u] ter em média o 1° formante mais baixo que a vogal posterior média-alta [o], essa diferença é muito pequena, de apenas 17,0893 Hz. Além disso, em exemplos como (565, 568) a altura do 1° formante de [u] equivale à do 1° formante de [o] (570-574). Portanto, esses fones não só estão em variação livre, como pouco se diferenciam acusticamente, podendo-se suspeitar que a distinção fonética entre eles seja apenas auditiva.

Este comportamento é idêntico ao observado para os fones [i, e], o que nos leva a considerar a possibilidade de ser apenas auditiva a distinção entre as vogais altas e as médias-altas do Saynáwa.

2) Os fones [ũ, õ] também estão em variação livre. A realização de [ũ], entretanto, é mais freqüente, e é privilegiada em fala silabada.

[pũ'jãʔ] ~ [põ'jãʔ] - /punian/ “braço” (525/535)

[ta'pũʔ] ~ [ta'põʔ] - /tapun/ “raiz” (529)

Os fones posteriores nasais estão em distribuição complementar com os fones posteriores orais, ocorrendo [ũ, õ] apenas quando temos na base coda nasal tautossilábica, enquanto [u, o] são realizados nos demais ambientes.

3) Já o fone [w] também está em distribuição complementar com as vogais posteriores orais, sendo realizado [w] apenas quando a posterior alta ocorre em ambiente intervocálico, em palavra com três ou mais sílabas; enquanto [u, o] são realizadas nos demais ambientes.

Concluindo, todas essas alofonias podem ser assim representadas:

/u/ → [u] ~ [o]

/u/ → [ũ, õ] / \_\_ /n/.

[u, o] / \_\_ nda

/u/ → [w] / V \_\_ V, ω (3 sílabas ou +)

[u, o] / \_\_ nda

Decidimos representar esse fonema pela posterior alta arredondada oral porque o fone [u] tem uma distribuição menos restrita que os fones [ũ, õ, w], e, apesar de ter uma distribuição menos larga que o fone [o], é mais freqüente, mais comum em fala silabada, e mais natural que este fone (Lass, 1984: 131, 139-147).<sup>48</sup>

#### 2.1.2.3.1. As vogais longas.

No Saynáwa, as vogais longas são realizações apenas fonéticas, não se confirmando fonologicamente.

A ocorrência dessas vogais longas pode ser explicada por dois motivos:

1) são realizadas graças ao processo do alongamento iâmbico, sobre o qual falaremos nos tópicos 3.2 e 3.4., e que pode ser observado nos exemplos (575-579) abaixo;

---

<sup>48</sup> Segundo a bibliografia consultada, também foi identificado o fonema /u/, inexistindo o fonema \*/o/, para as línguas: Arara (Cunha, 1993); Poyanáwa (De Paula, 1992); Shanenawa (Cândido, 1998, 2004); Yawanawá (De Paula, 2007); Yaminahua (Faust e Loos, 2002); Jaminawa (Lanes, 2000); Caxinauá (Camargo, 1995); Cashinahua (Kensinger, 1963); Katukína (Barros, 1987); Marubo (Costa, 2000); e Kaxarari (Lanes, 2000).

Em outras línguas, o fonema /o/ foi identificado, inexistindo no sistema fonológico a vogal \*/u/, como em: Shipibo-Conibo (Shell, 1975); Capanahua (Shell, 1975); Cashibo (Shell, 1950, 1975); Amahuaca (Shell, 1975); Marínahua (Pike e Scott, 1962); Huariapano (Parker, 1994) e Chácobo (Prost, 1967). Shell (1975) por ter baseado seu estudo em grande parte dessas línguas, defendeu a existência de “\*o” para o Proto-Pano, e não de \*u.

A co-existência das vogais /u, o/ como fonemas foi identificada para as línguas: Matis (Spanghero Ferreira, 2000; Ferreira, 2001, 2005); e Kaxarari (Sousa, 2004).

2) são realizadas porque temos na base duas vogais idênticas em seqüência, comportamento semelhante ao identificado no Yawanawá (De Paula, 2007:43), e que pode ser observado nos exemplos (580-581) abaixo.

(575) [tso:] ~ [tsoʔ] - /tsu/ “pulga”

(576) [i:] ~ [iʔ] ~ [eʔ] - /i/ “árvore”

(577) [tʃi:] ~ [tʃiʔ] ~ [tʃeʔ] - /tʃi/ “fogo”

(578) [ne:] ~ [neʔ] - /ni/ “floresta”

(579) [na:] ~ [naʔ] - /na/ “este/esta” (pronome demonstrativo)

(580) [e:keʔ] ~ [i:keʔ] - /iiki/ “cantar”

(581) [ə:keʔ] - /əəki/ “assustar”

As vogais nasais apresentam alongamento compensatório, sendo esta mais uma prova de que essas vogais surgem na superfície graças ao processo de assimilação da coda nasal. Esse alongamento, entretanto, por não ser significativo, não foi interpretado como vogal longa. Em (582-583) abaixo, identificamos uma diferença de 0,032791 s. entre a duração da vogal oral e a da nasal, já em (584-585) temos uma diferença de 0,022423 s. Desse modo, a vogal nasal não chega a 1,5 vezes a duração da vogal oral, o que segundo Hayes (1995: 81) não revela um contraste de duração significativo<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> Hayes (1995: 81) demonstra que em línguas Iâmbicas, caso do Saynáwa como veremos em 3.2, para se obter o efeito iâmbico, elementos longos devem ser 1,5 ou 2,0 vezes mais longos que os elementos curtos.

Tabela nº 13

QUADRO COMPARATIVO DA DURAÇÃO DE VOGAIS ORAIS E NASAIS <sup>50</sup>		
	PALAVRA	DURAÇÃO DA VOGAL (em negrito>)
(582)	[na'iʔ] - /nai/ “céu”	0,141440 s.
(583)	[na'iʔ] - /nain/ “bicho preguiça”	0,174231 s.
(584)	[ma'iʔ] - /mai/ “terra”	0,126188 s.
(585)	[mã'tejs] - /mantis/ “unha”	0,148611 s.

### 2.1.3. Ditongo.

A língua Saynáwa apresenta: ditongo crescente, formado pela aproximante labial sonora [w] e pela aproximante palatal [j]; e ditongo decrescente, formado pela aproximante palatal [j]. Os ditongos crescentes se constituem apenas em realizações fonéticas, e os decrescentes se confirmam fonologicamente, com exceção dos que são realizados em sílabas CVCC.<sup>51</sup>

#### 2.1.3.1. Ditongo crescente.

O ditongo crescente pode ser formado: pela aproximante labial sonora [w], realização alofônica de /u/, desde que não seja em início de palavra; ou pela aproximante palatal [j], realização alofônica de /i/, em qualquer posição na palavra.

Não existem ditongos crescentes nasais porque o processo de assimilação de coda nasal é anterior à ressilabificação das vogais adjacentes, como veremos em 3.1.4. e 3.4.

A aproximante labial sonora [w] forma ditongo crescente com [e] (586), com [ə] (587-588), com [ã] (589), com [a] (590-591), e com [ã] (592).

A aproximante palatal [j] forma ditongo crescente com [a] (593-594), com [ã] (595), com [u] (596-597), e com [o] (598-599).

<sup>50</sup> Esta tabela é apenas ilustrativa, as durações das vogais orais e nasais aqui apresentadas são recorrentes nos demais dados.

<sup>51</sup> Utilizamos o recurso da solicitação aos informantes de fala silabada para identificarmos a realização dos ditongos na língua, como expusemos em nossa introdução.

Os ditongos crescentes ocorrem em sílabas do tipo [CV] (590, 593, 595-598) e [CVC] (586-589, 591-594, 599), não sendo realizados em sílabas [CVCC].

Tabela nº 14

QUADRO DOS DITONGOS CRESCENTES	
[w] -	[j] -
- [e] (586) [tsa'wɛʔ] - /tsau/ “sentar-se”	- [a] (593) [japa'wãʔ] - /iapauan/ “matrinxã” (594) [ʃo'jaʔ] - /ʃuia/ “rato pequeno”
-[ə] (587) [ʃa'wəʔ] - /ʃauə/ “jabuti” (588) [mə'wəʔ] - /məuə/ “barreiro”	- [ã] (595) [jãtə'ĩʔ] - /iantəin/ “a tarde”
-[ẽ] (589) [ba'nẽ ma'wẽʔ] - /banin mauən/ “tucum”	- [u] (596) [ju'məʔ] - /iumə/ “linha de costura” (597) [bəju'ãʔ] - /bəiuan/ “caparari”
-[a] (590) [əwa'iʔ] - /əuai/ “crescer” (591) [ta'waʔ] - /taua/ “cana, ucuubinha”	- [o] (598) [jo'paʔ] - /iupa/ “panema” (599) [tʃikə'joʔ] - /tʃinkəiu/ “periquito Jandaia”
-[ã] (592) [həpə'wãʔ] - /həpəuan/ “piaçabeira”	

### 2.1.3.2. Ditongo decrescente.

O ditongo decrescente é formado pela aproximante palatal [j], que se confirma como o fonema /j/. Já os ditongos decrescentes realizados em sílabas [CVCC] são apenas fonéticos.

A aproximante palatal [j] forma ditongo decrescente com [ə] (600), com [a] (601-603), com [u] (604), e com [o] (605-606). Esses ditongos decrescentes ocorrem em sílabas do tipo [VC] (603) e [CVC] (600-602, 604-606), não sendo realizados em sílabas [CVCC].

Tabela nº 15

QUADRO DOS DITONGOS DECRESCENTES
- /j/
[ə] - (600) [l'pəj] - /pəj/ “asa”
[a] - (601) [ʃa,kaj'teʔ] - /ʃakajti/ “maracá” (602) [na'i 'baj] - /nai baj/ “pajé” (603) [ʃo'aj] - /ʃuaj/ “coçar, curuba” (escabiose ou sarna)
[u] - (604) [hujpi'riʔ] - /hujpiri/ “rã”
[o] - (605) [pɔjpi'seʔ] - /pujpi/ “mastruço” (606) [l'poj] - /puj/ “fezes”

Além da ocorrência de ditongo decrescente fonológico, temos a ocorrência de ditongo decrescente formado por [j] que é apenas fonética. É o caso abaixo (607-609) dos ditongos – ej –oj em sílaba do tipo [CVCC], que ocorrem devido ao processo de inserção, como veremos em 3.4.

(607) [mã'tejs] - /mantis/ “unha”

(608) [tejʃ'təʔ] - /tistə/ “carvão”

(609) [po'ko tʃe'pojʃ] - /puku tʃipus/ “barriga toda” (o abdômen e o tórax)

Não identificamos em fala silabada a realização de ditongo decrescente com a aproximante labial sonora [w]. Esse ditongo só ocorre de modo variável e em poucos dados: em fala mais rápida e na elicitación de textos, desde que a palavra não seja produzida no final

de enunciado. Por apresentar essas restrições, não ser recorrente, e não ser realizado em fala silabada, não consideraremos a realização de ditongo decrescente formado com [w].

As realizações (610-612) não são esperadas na língua, mas sim as expostas em (613-615) abaixo.

(610) \*['rawʔ]

(611) \*['ʃəwʔ]

(612) \*[,naw'miʔ]

(613) [ra'oʔ] - /rau/ “erva, remédio, veneno”

(614) [ʃə'oʔ] - /ʃəu/ “cipó”

(615) [nau'miʔ] - /naumi/ “canela”

## CAPÍTULO 3

### A sílaba, o acento, os constituintes prosódicos e os processos fonológicos do Saynáwa.

#### 3.1 A sílaba do Saynáwa.

A língua Saynáwa apresenta os seguintes tipos silábicos fonéticos: [V, CV, VC, CVC, CVCC]. O tipo [CVCC] não se confirma fonologicamente. Desse modo, em sua fonologia a língua apresenta os seguintes padrões silábicos: /V, CV, VC, CVC/, tendo como molde silábico a estrutura: (C)V(C).

##### 3.1.1. A sílaba fonética.

Vejam os tipos silábicos fonéticos.

##### - A sílaba [V]

A sílaba [V] pode vir em início de palavra (1-8, 15-18), ou em meio de palavra (8-13). Esta sílaba só pode formar palavra mínima (15-16) ou ser realizada em final de palavra (14): se ela não estiver em final de frase, ou se apresentar vogal alongada. Em (14, 15), por exemplo, as palavras para “terra” e “meu/minha” quando elicitadas isoladamente não terminam com sílaba do tipo [V], apresentam uma oclusiva glotal após a vogal final.

Quanto aos demais tipos silábicos, [V] pode ocorrer diante de todos eles, e após [V, CV] (6, 8-14), não ocorrendo após sílabas do tipo [VC, CVC, CVCC]. Essa sílaba pode ter seu núcleo ocupado por todas as vogais orais e nasais, bem como por vogais longas.

- (1) [i.'ʃiʃ] V.CVC - /iʃiʃ/ “mandim mole”
- (2) [a.'jaʔ] V.CVC - /aia/ “maracaná”
- (3) [i.'ɲãʔ] V.CVC- /inan/ “lago”
- (4) [õ.'tejs] V.CVCC - /untis/ “garra”
- (5) [ə.'neʔ] V.CVC - /əni/ “taxi”
- (6) [u.'iʔ] V.VC - /ui/ “chuva”
- (7) [e.wa.'paʔ] V.CV.CVC - /iuapa/ “grande”
- (8) [o.i.'seʔ] V.V.CVC - /uisi/ “inverno”
- (9) [to.ã.'teʔ] CV.V.CVC - /tuanti/ “remo”

- (10) [βi.a.'naʔ] CV.V.CVC - /biana/ “carrapicho”
- (11) [tə.u.'teʔ] CV.V.CVC - /təuti/ “colar”
- (12) [ta.i.'keʔ] CV.V.CVC - /taiki/ “raio”
- (13) [hu.ĩ.'teʔ] CV.V.CVC - /huinti/ “coração”
- (14) [ma.'i tʃa.ka.'boʔ] CV.V # CV.CV.CVC - /mai tʃakabu/ - “a terra é ruim”  
([ma.'iʔ] CV.VC - “terra”)
- (15) [ʼə aʃ.'paʔ] V # VC.CVC - /ən aspa/ “minha boca” ([ʼəʔ] VC - “meu/minha”)
- (16) [i:] ~ [e:] V: - /i/ “árvore”
- (17) [e.'keʔ] V:.CVC - /iiki/ “cantar”
- (18) [ə.'keʔ] V:.CVC - /əəki/ “assustar”

#### - A sílaba [CV]

A sílaba [CV] pode vir em início de palavra (19-23, 25, 27-29, 31, 33-36), ou em meio de palavra (22, 24-26, 30, 32). Esta sílaba só pode formar palavra mínima (33) ou ser realizada em final de palavra (32): se ela não estiver em final de frase, ou se apresentar vogal alongada. Em (32-33), por exemplo, as palavras para “lua” e “cabelo” quando elicitadas isoladamente não terminam com sílaba do tipo [CV], apresentam uma oclusiva glotal após a vogal final.

Quanto aos demais tipos silábicos, [CV] pode ocorrer após e diante de todos eles. Essa sílaba pode ter seu onset ocupado por todas as consoantes e seu núcleo por todas as vogais orais e nasais, bem como por vogais longas.

- (19) [mə.'təʔ] CV.CVC - /mətə/ “mingau”
- (20) [ko.'keʔ] CV.CVC - /kuki/ “paneiro” (para levar mandioca)
- (21) [tʃi.pas.'peʔ] CV.CVC.CVC - /tʃipaspi/ “anca”
- (22) [wa.ma.'naʔ] CV.CV.CVC - /bamana/ “rosto”
- (23) [jo.'soʔ] CV.CVC - /iusu/ “feijão, fava”
- (24) [o.na.'maʔ] V.CV.CVC - /unama/ “idiota”
- (25) [pa.tʃi.ris.'taʔ] CV.CV.CVC.CVC - /patʃirista/ “fraco”

- (26) [a.ne.'aʔ] V.CV.VC - /ania/ “cunhado (a)”
- (27) [bo.'kõʔ] CV.CVC - /bukun/ “embaúba”
- (28) [ma.'taʃ] CV.CVC - /matas/ “alma-de-porco”
- (29) [ta.'məʃ] CV.CVC - /taməs/ “dedo do pé”
- (30) [,nejs.ka.'ĩʔ] CVCC.CV.VC - /niskain/ “suar”
- (31) [mã.'tejs] CV.CVCC - /mantis/ “unha”
- (32) [o.'ʃə e.wa.'paʔ] V.CV # V.CV.CVC - /uʃə iuapa/ “a lua é grande”  
 ([o.'ʃəʔ] V.CVC - “lua”)
- (33) [ʰbo ʰtʃaj.'paʔ] CV # CVC.CVC - /bu tʃajpa/ “cabelo comprido” ([ʰboʔ] CVC - “cabelo”)
- (34) [ko.'ẽʔ] CV.VC - /kuin/ “fumaça”
- (35) [ʰko:] CV: - /ku/ “pus”
- (36) [na.u.'miʔ] CV.V.CVC - /naumi/ “canela”

#### - A sílaba [VC]

A sílaba [VC] pode vir em início (37-39, 45-46), e em final de palavra (40-44), bem como pode formar palavra mínima (45-46). Quanto aos demais tipos silábicos, ela pode ocorrer após [V, CV] (40-44), não se realizando após [VC, CVC, CVCC]. Ela é realizada diante de [CV, CVC] (37-39) e, apesar de não termos identificado no corpus, acreditamos que possa também ocorrer diante de [CVCC]. Ela não pode ser produzida diante das sílabas: [V, VC]. A sílaba do tipo [VC] pode ter seu núcleo preenchido por todas as vogais orais e nasais, e sua coda pelos fones: [j, s, ʃ, ʔ]. O fone [ʔ] só pode ocupar coda final (43-46).

- (37) [aʃ.'paʔ] VC.CVC - /aspa/ “boca”
- (38) [iʃ.'mẽʔ] VC.CVC - /ismin/ “urubu-rei”
- (39) [aʃkẽ'keʔ] VC.CV.CVC - /as.kin.ki/ “respirar”
- (40) [ʃo.'aj] CV.VC - /ʃuaj/ “coçar, curuba” (escabiose ou sarna)
- (41) [ja.'iʃ] CV.VC - /iais/ “tatu”

- (42) [ra.'is] CV.VC - /rais/ “genro”  
 (43) [o.'iŋ] V.VC - /uin/ “vivo”  
 (44) [ʃa.ba.'iŋ] CV.CV.VC - /ʃabai/ “amanhecer”  
 (45) [ʼəŋ] VC - /ə/ “eu” (pronome pessoal)  
 (46) [ʼiŋ] ~ [ʼeŋ] VC - /i/ “árvore”

### - A sílaba [CVC]

A sílaba [CVC] pode vir em início (47-51, 62-63), em meio (52-54), e em final de palavra (48-61), bem como pode formar palavra mínima (62-63). Quanto aos demais tipos silábicos, ela pode ocorrer após todos eles, e diante de [CV, CVC, CVCC] (47-54), não sendo realizada diante de [V, VC]. Ela pode ter seu onset preenchido por todas as consoantes, seu núcleo por todas as vogais orais e nasais, e sua coda pelos fones: [j, s, ʃ, h, ʔ]. O fone [h] só pode ocupar coda medial (52), já o fone [ʔ] só pode ocupar coda final (48-55, 59-61, 63).

- (47) [ɾwəs.'tejs] CVC.CVCC - /bəstis/ “um”  
 (48) [ɾməʃ.'koŋ] CVC.CVC - /məsku/ “traíra”  
 (49) [ɾpoj.pi.'seŋ] CVC.CV.CVC - /pujpsi/ “mastruço”  
 (50) [ɾpes.'ta ɾris.'taŋ] CVC.CV # CVC.CVC - /pista rista/ “pequeno”  
 (51) [ɾpaʃ.pĩ.'kaŋ] CVC.CV.CVC - /paspinka/ “bem-te-vi”  
 (52) [põ.ɾpoh.'toŋ] CV.CVC.CVC - /punpustu/ “músculo do braço superior”  
 (53) [ʃa.ɾkaj.'teŋ] CV.CVC.CVC - /ʃakajti/ “maracá”  
 (54) [i.ɾʃiʃ.'mũŋ] V.CVC.CVC - /iʃismun/ “cansanção, urtiga”  
 (55) [ʃo.'jaŋ] CV.CVC - /ʃuia/ “rato pequeno”  
 (56) [sa.'koj] CV.CVC - /sakuj/ “dança tradicional”  
 (57) [a.ĩ.'ɲaʃ] V.V.CVC - /ainas/ “cipó timbó”  
 (58) [pi.'rus] CV.CVC - /pirus/ “pipira”  
 (59) [jo.'ʃãŋ] CV.CVC - /iuʃan/ “fêmea”  
 (60) [ɾaʃ.'paŋ] VC.CVC - /aspa/ “boca”

(61) [tɛjʃ.ˈtəʔ] CVCC.CVC - /tistə/ “carvão”

(62) [ˈboj] CVC - /buj/ “cera”

(63) [ˈtʃiʔ] CVC - /tʃi/ “fogo”

### - A sílaba [CVCC]

A sílaba [CVCC] pode vir em início (64-68), e em final de palavra (69-73). Quanto aos demais tipos silábicos, ela pode ocorrer após [V, CV, CVC] (69-73), e, apesar de não termos identificado no corpus sua realização após [VC], acreditamos ser possível tal ocorrência. Ela pode ocorrer diante de [CV, CVC] (64-68), não sendo realizada diante de [V, VC].

O tipo silábico [C<sup>1</sup>VC<sup>2</sup>C<sup>3</sup>] pode ter seu onset (C<sup>1</sup>) ocupado pelas consoantes: [p, m, t, n, r], seu núcleo pelas vogais: [e, o], a primeira posição de coda (C<sup>2</sup>) por [j], e a segunda posição de coda (C<sup>3</sup>) por [s, ʃ]. Essa sílaba é pouco freqüente no corpus e tem sua realização restrita<sup>52</sup>, sendo produzida graças ao processo de inserção, como veremos no tópico 3.4.

(64) [mɛjʃ.ke.ˈteʔ] CVCC.CV.CVC - /miskiti/ “anzol”

(65) [rɛjs.ˈpeʔ] ~ [res.ˈpeʔ] CVCC.CVC ~ CVC.CVC - /rispi/ “corda”

(66) [mɛjs.ˈkeʔ] ~ [mes.ˈkeʔ] CVCC.CVC ~ CVC.CVC - /miski/ “pedra”

(67) [nɛjs.ka.ˈiʔ] CVCC.CV.VC - /niskain/ “suar”

(68) [tɛjʃ.ˈtəʔ] CVCC.CVC - /tistə/ “carvão”

(69) [po.ˈko tʃe.ˈpojʃ] CV.CV CV.CVCC - /puku tʃipus/ “barriga toda” (o abdômen e o tórax)

(70) [mã.ˈtejs] CV.CVCC - /mantis/ “unha”

(71) [si.ko.ˈmejs] CV.CV.CVCC - /sikumis/ “tiririca”

(72) [õ.ˈtejs] V.CVCC - /untis/ “garra”

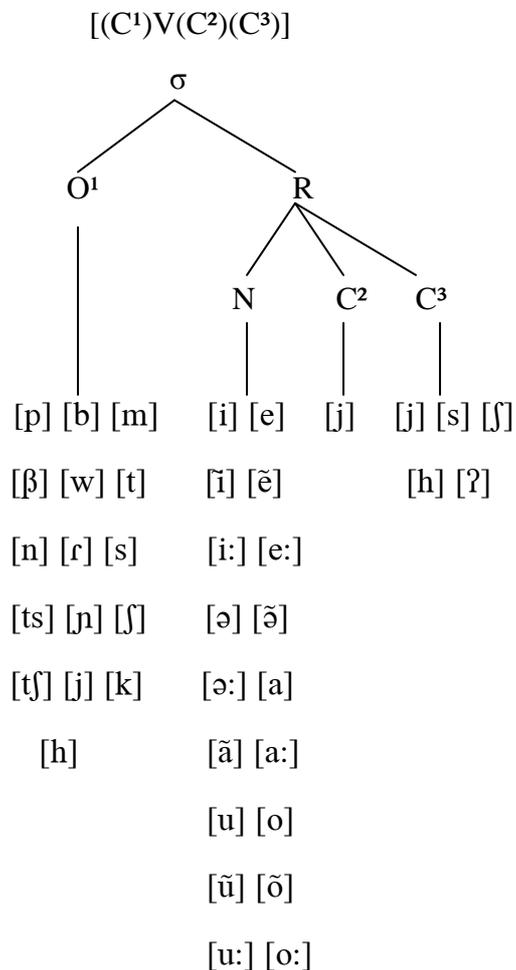
(73) [ɾwəs.ˈtejs] CVC.CVCC - /bəstis/ “um”

---

<sup>52</sup> Conforme a bibliografia consultada, as línguas Shipibo-Conibo, Capanahua (Shell, 1975), e Marubo (Costa, 2000), apresentam sílaba do tipo [CVCC], sendo restrita nessas línguas tal realização, assim como no Saynáwa.

### 3.1.1.1. Molde da sílaba fonética.

Após a descrição dos tipos silábicos fonéticos, vejamos o molde da sílaba fonética.



### 3.1.2. A sílaba fonológica.

Vejamos cada um dos tipos silábicos fonológicos.

#### - A sílaba /V/

A sílaba /V/ pode vir em início (74-77, 79, 85, 87-88), em meio (77-81, 84-85), e em final de palavra (74-75, 77-79, 82-86), bem como pode formar palavra mínima (87-88). Quanto aos demais tipos silábicos, identificamos sua ocorrência após e diante de todos eles, exceto após /VC/, entretanto, acreditamos ser possível tal realização. O padrão /V/ pode ter seu núcleo preenchido por todas as vogais.

- (74) [u'iʔ] - /u.i/ V.V “chuva”
- (75) [i'aʔ] - /i.a/ V.V “piolho”
- (76) [a'siʔ] - /a.sin/ V.CVC “mutum”
- (77) [ə'waʔ] - /ə.u.a/ V.V.V “mãe”
- (78) [na'wəʔ] - /na.u.ə/ CV.V.V “tabaco”
- (79) [əwa'iʔ] - /ə.u.a.i/ V.V.V.V “crescer”
- (80) [tai'keʔ] - /ta.i.ki/ CV.V.CV “raio”
- (81) [ta.pĩna'maʔ] - /ta.pin.a.ma/ CV.CVC.V.CV “errar”
- (82) [ta'əʔ] - /ta.ə/ CV.V “pé”
- (83) [na'iʔ] - /na.i/ CV.V “céu”
- (84) [ʃo'jaʔ] - /ʃu.i.a/ CV.V.V “rato pequeno”
- (85) [joi'wəʔ] - /i.u.i.u.ə/ V.V.V.V.V “dizer”
- (86) [tõ'noʔ] - /tun.u/ CVC.V “mandim duro”
- (87) [ʼəʔ] - /ə/ V “eu” (pronome pessoal)
- (88) [iʔ] ~ [eʔ] ~ [i:] - /i/ V “árvore”

#### - A sílaba /CV/

A sílaba /CV/ pode vir em início (89-94, 98-99, 102-104), em meio (93, 95-97), e em final de palavra (91-93, 95-96, 98-102), bem como pode formar palavra mínima (103-104). Quanto aos demais tipos silábicos, identificamos sua ocorrência após e diante de todas as sílabas. O padrão /CV/ pode ter seu onset preenchido por todas as consoantes, e seu núcleo por todas as vogais.

- (89) [naĩʔ] - /na.in/ CV.VC “bicho preguiça”
- (90) [pi'fiʔ] - /pi.fin/ CV.CVC “esteira”
- (91) [ʃa'kaʔ] - /ʃa.ka/ CV.CV “escama”
- (92) [məo'teʔ] - /mə.u.ti/ CV.V.CV “pulseira”
- (93) [taʃi'piʔ] - /ta.ʃi.pi/ CV.CV.CV “garganta”

- (94) [ʃə'kəʃ] - /ʃə.kəs/ CV.CVC “bacuri”  
 (95) [itʃa'paʔ] - /i.tʃa.pa/ V.CV.CV “muito”  
 (96) [kãʃi'koʔ] - /kan.ʃi.ku/ CVC.CV.CV “rim”  
 (97) [oʃa'iʔ] - /u.ʃa.i/ V.CV.V “dormir”  
 (98) [pi'ʃiʔ] - /pi.ʃi/ CV.CV “costela”  
 (99) [hakĩ'maʔ] - /ha.kin.ma/ CV.CVC.CV “esquecer”  
 (100) [pã'koʔ] - /pan.ku/ CVC.CV “tatu rabo-de-couro”  
 (101) [is'koʔ] - /is.ku/ VC.CV “japó”  
 (102) [mə'təʔ] - /mə.tə/ CV.CV “mingau”  
 (103) [tsoʔ] - /tsu/ CV “pulga”  
 (104) [βiʔ] - /bi/ CV “carapanã”

**- A sílaba /VC/**

A sílaba /VC/ pode vir em início (105-108, 118), em meio (109-111), e em final de palavra (105, 109, 112-117), bem como pode formar palavra mínima (118). Quanto aos demais tipos silábicos, identificamos sua ocorrência após e diante de todas as sílabas, exceto diante de /V/, entretanto, acreditamos que essa realização seja possível. O padrão /VC/ pode ter seu núcleo preenchido por todas as vogais, e sua coda pelas consoantes /n, s, j/.

- (105) [i'ɲãʔ] - /in.an/ VC.VC “lago”  
 (106) [aʃ'paʔ] - /as.pa/ VC.CV “boca”  
 (107) [ɐʃ'tõʔ] - /əs.tun/ VC.CVC “irmão mais novo”  
 (108) [õ'tejs] - /un.tis/ VC.CVC “garra”  
 (109) [ãi'ɲaʃ] - /a.in.as/ V.VC.VC “cipó timbó”  
 (110) [koĩ'kaʔ] - /ku.in.ka/ CV.VC.CV “anu”  
 (111) [toã'teʔ] - /tu.an.ti/ CV.VC.CV “remo”  
 (112) [ba'ĩʔ] - /ba.in/ CV.VC “surubim”  
 (113) [ja'iʃ] - /i.a.is/ V.V.VC “tatu”

- (114) [bakə<sup>1</sup>aj] - /ba.kə.aj/ CV.CV.VC “fazer sexo”  
 (115) [ra<sup>1</sup>is] - /ra.is/ CV.VC “genro”  
 (116) [aku<sup>1</sup>ãʔ] - /a.ku.an/ V.CV.VC “manacá”  
 (117) [nõ<sup>1</sup>nõʔ] - /nun.un/ CVC.VC “pato”  
 (118) [ʔãʔ] - /ən/ VC “meu/minha” (pronome possessivo)

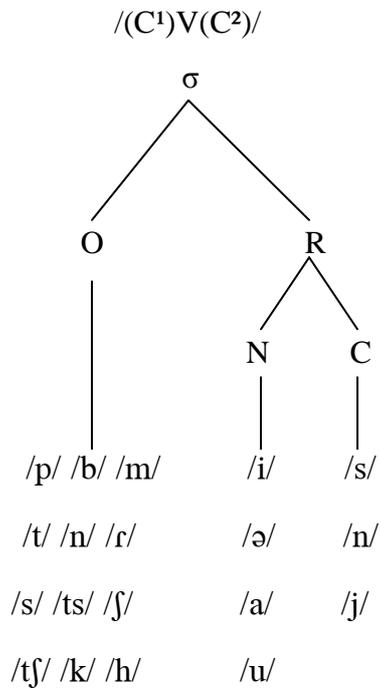
**- A sílaba /CVC/**

A sílaba /CVC/ pode vir em início (119-124, 131-132), em meio (124-126), e em final de palavra (124, 127-130), bem como pode formar palavra mínima (131-132). Quanto aos demais tipos silábicos, identificamos sua ocorrência após e diante de todas as sílabas. O padrão /CVC/ pode ter seu onset preenchido por todas as consoantes, seu núcleo por todas as vogais, e sua coda pelas consoantes /n, s, j/.

- (119) [ɾos<sup>1</sup>koʔ] - /rus.ku/ CVC.CV “teimoso”  
 (120) [põ<sup>1</sup>ɲãʔ] - /pun.i.an/ CVC.V.VC “braço”  
 (121) [nõ<sup>1</sup>nõʔ] - /nun.un/ CVC.VC “pato”  
 (122) [tẽ<sup>1</sup>keʔ] - /tin.ki/ CVC.CV “cair”  
 (123) [nẽɲu<sup>1</sup>ãʔ] - /nin.u.an/ CVC.V.VC “choaca”  
 (124) [haʃ<sup>1</sup>kaj<sup>1</sup>mãʔ] - /has.kaj.man/ CVC.CVC.CVC “por quê?”  
 (125) [ra<sup>1</sup>baʃ<sup>1</sup>taʔ] - /ra.bas.ta/ CV.CVC.CV “pouco”  
 (126) [wətõ<sup>1</sup>koʔ] - /bə.tun.ku/ CV.CVC.CV “testa”  
 (127) [ta<sup>1</sup>pĩʔ] - /ta.pin/ CV.CVC “aprender”  
 (128) [i<sup>1</sup>sõʔ] - /i.sun/ V.CVC “urina”  
 (129) [tʃane<sup>1</sup>mes] - /tʃa.ni.mis/ CV.CV.CVC “mentiroso”  
 (130) [i<sup>1</sup>ʃtãʔ] - /is.tan/ VC.CVC “irmã mais nova”  
 (131) [pəj] - /pəj/ CVC “asa”  
 (132) [boj] - /buj/ CVC “cera”

### 3.1.2.1. Molde da sílaba fonológica.

Após a descrição dos padrões silábicos fonológicos, vejamos o molde da sílaba fonológica.

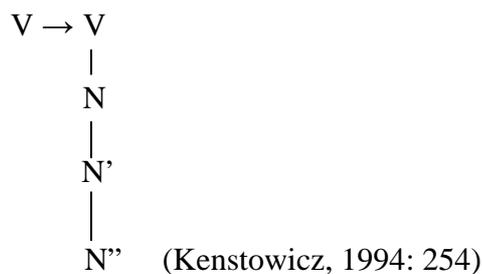


### 3.1.3. Silabificação.

Como vimos nos subtópicos anteriores, a língua Saynáwa apresenta os padrões silábicos: /V, CV, VC, CVC/. Esses padrões, que segundo Kenstowicz (1994: 253) são os mais primitivos, indicam que o núcleo silábico é um componente obrigatório na estrutura silábica do Saynáwa, o que é esperado nas línguas do mundo (Kenstowicz, 1994: 253).

Desse modo, a sílaba em Saynáwa é formada primeiramente a partir da atribuição de uma vogal ao núcleo:

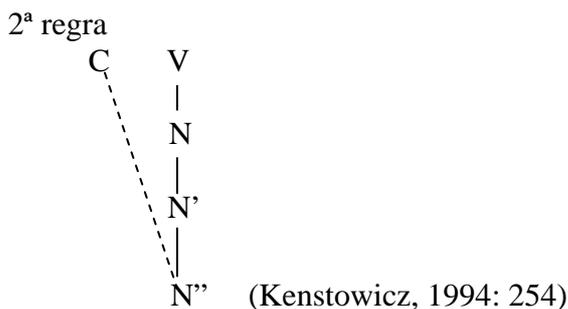
1ª regra



Quanto à atribuição de segmentos às demais posições silábicas, alguns aspectos indicam que a atribuição do onset é anterior à atribuição da coda. Dentre eles:

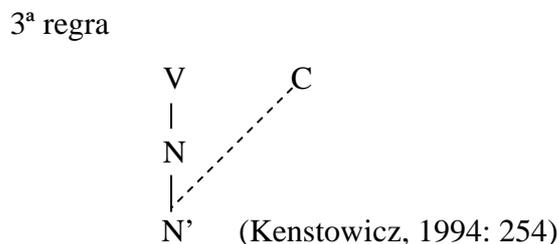
1. a posição de onset é ocupada por todos os fonemas consonantais, salvo o fonema /j/, enquanto que na posição de coda temos apenas alguns fonemas ocupando essa posição, quais sejam /n, s, j/. Essa realização reflete a constatação de que a sonoridade: “*rises maximally towards the peak and falls minimally towards the end*” (Clements, 1990: 301);
2. seqüências do tipo /VCV/ silabificam como /V.CV/ e não como /VC.V/. Por exemplo: /isun/ - “urina”, silabifica: /i.sun/, e não \*/is.un/. Essa é uma tendência universal em evitar sílabas sem onset (Kenstowicz, 1994: 254), e é conhecida como “*CV-rule*” ou “*Maximal Onset Principle*” (Blevins, 1995:230).

Portanto, após a atribuição da vogal ao núcleo, uma consoante é atribuída à posição de onset:



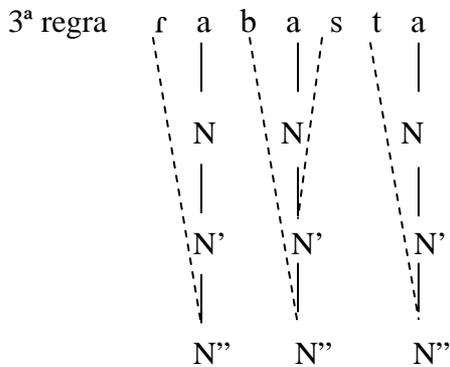
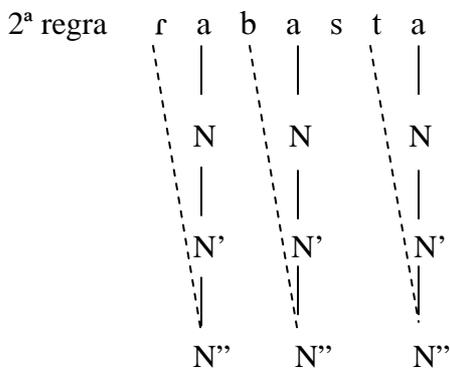
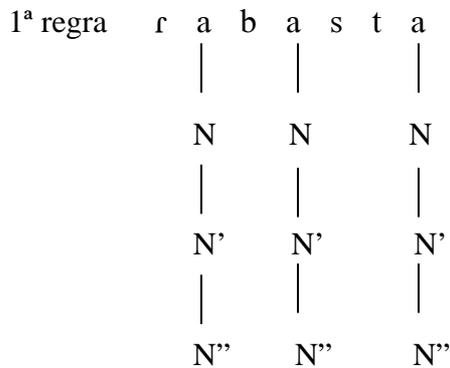
Assim, temos os padrões silábicos: /V, CV/.

Só então, a partir de uma terceira regra, na qual uma consoante é atribuída à posição de coda, é que temos a formação dos padrões silábicos: /VC, CVC/:



Vejamos agora como ocorre a silabificação em uma dada palavra do Saynáwa.

(133) /ra.bas.ta/ - “pouco”



Além desses padrões silábicos, nós identificamos no Saynáwa a sílaba [CVCC], que é bastante restrita, sendo realizada apenas foneticamente graças ao processo da inserção.

Como havíamos demonstrado, mencionando Kenstowicz (1994), as sílabas V, CV, VC, CVC são as mais primitivas e são formadas segundo as regras já demonstradas, a incorporação de mais segmentos ao onset ou à coda é bastante restrita e é guiada pelo “*Sonority Sequencing Principle*” (SSP) (Kenstowicz, 1994: 254), traduzido como “*Princípio de Seqüenciamento de Sonoridade*” (PSS) (De Paula, 2007: 63). Esse princípio “*requires onsets to rise in sonority toward the nucleus and codas to fall in sonority from the nucleus*” (Kenstowicz, 1994: 254).

Os diferentes graus de sonoridade dos segmentos podem ser entrevistados nessa escala abaixo, onde à esquerda temos o elemento mais sonoro, e à direita o menos sonoro:

“*vogais > glides > líquidas > nasais > oclusivas*” (Kenstowicz, 1994: 254)

A ocorrência do tipo silábico [C<sup>1</sup>VC<sup>2</sup>C<sup>3</sup>] no Saynáwa obedece a esse princípio, devendo C<sup>3</sup> ser menos sonoro que C<sup>2</sup>. Assim, como vimos quando da descrição dessa sílaba em 3.1.1., C<sup>2</sup> é ocupada por [j], pois segundo a escala acima apresentada esse glide é menos sonoro que [e, o], que ocupam V, e é mais sonoro que C<sup>3</sup>, ocupada por [s, ʃ]. C<sup>3</sup> deve ser o elemento menos sonoro, por essa razão as fricativas ocupam a última posição na coda ramificada.

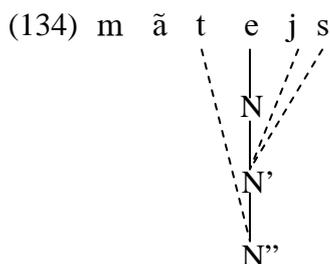
Seguindo esse princípio, uma 4ª regra deve ocorrer para que o segundo segmento seja atribuído à coda:

4ª regra



Vejamos essa regra na palavra (134) [mã.tejs] - /man.tis/ “unha”, onde na segunda sílaba [.tejs] temos C<sup>1</sup>VC<sup>2</sup>C<sup>3</sup>, ocupando [j] a posição C<sup>2</sup>, e [s] a posição C<sup>3</sup>:

4ª regra



As sílabas formadas segundo as quatro regras acima expostas são classificadas como “*core syllables*” (Kenstowicz, 1994: 255). A língua Saynáwa não necessita de outras regras para formar suas sílabas, pois não apresenta onset ramificado, nem outros segmentos na coda, além dos já expostos.

### 3.1.3.1. A oclusiva glotal [ʔ].

Pudemos observar quando da descrição das sílabas fonéticas, que sílabas [V, CV] não são permitidas em final: de palavra, quando elicitadas isoladamente; ou de frases. Esses tipos silábicos podem finalizar palavra apenas se estas não estiverem em final de frase.

Assim, apenas as sílabas [VC, CVC, CVCC] podem finalizar palavra isolada ou frase. Desse modo, quando a coda da sílaba final não está preenchida, observamos a realização da oclusiva glotal [ʔ].

Os dados abaixo confirmam que em palavras isoladas a oclusiva glotal só se realiza em posição de coda em sílaba final, que é tônica (135-147), e não ocorre quando a coda já está preenchida (148-150). Ela se realiza após todas as vogais orais e nasais (135-147).

- (135) [ta'əʔ] - /taə/ “pé”
- (136) [aʃ'paʔ] - /aspa/ “boca”
- (137) [wə'roʔ] - /bəru/ “olho”
- (138) [ba'reʔ] - /bari/ “sol”
- (139) [iʔ] ~ [i:] - /i/ “árvore”
- (140) [jo'tʃiʔ] - /iutʃi/ “pimenta”
- (141) [kã'puʔ] - /kanpu/ “sapo verde” (utilizado para a “vacina do sapo”)
- (142) [a'mãʔ] - /aman/ “capivara”
- (143) [na'ĩʔ] - /nain/ “bicho preguiça”
- (144) [ʃa'ũʔ] - /ʃaun/ “jacundá”
- (145) [ta'põʔ] ~ [ta'pũʔ] - /tapun/ “raiz”
- (146) [sa'nẽʔ] - /sanin/ “piabinha”
- (147) [ʔ] - /ən/ “meu/minha” (pronome possessivo)
- (148) [po'pos] - /pupus/ “lama”
- (149) [ja'iʃ] - /iais/ “tatu”
- (150) [bɔj] - /buj/ “cera”

A realização da oclusiva glotal após vogal nasalizada (142-147) é explicada pelo fato de que a nasal alveolar após ter seu traço de nasalidade assimilado pela vogal precedente é apagada na superfície, portanto, a coda está preenchida apenas na subjacência, sendo necessária a realização de [ʔ] a fim de que a coda final seja preenchida na superfície.

Já no exemplo (139) podemos observar que a língua adota uma estratégia opcional à coda glotal: o alongamento vocálico. Essa estratégia só ocorre em monossílabos e como veremos em 3.2. é denominada de alongamento iâmbico.

Em relação às frases, observamos em (151-154) a realização de [ʔ] quando da elicitación isolada de palavras, já em (155-158) essas mesmas palavras, quando em interior de frase, não apresentam [ʔ].

(151) [ba'kaʔ] - /baka/ “água, rio”

(152) [ta'riʔ] - /tari/ “roupa”

(153) [i'noʔ] - /inu/ “onça”

(154) [ma'iʔ] - /mai/ “terra”

(155) [ba'ka ,pes'ta ,ris'taʔ] - /baka pista rista/ “o rio é pequeno”

rio      pequeno

(156) [ ta'ri ʃu'tʃiʔ] - /tari ʃutʃi/ “blusa”

roupa    peito

(157) [i'no ba'ka aja'iʔ] - /inu baka aiai/ “a onça está bebendo água”

onça    água    beber

(158) [ma'i tʃaka'boʔ] - /mai tʃakabu/ “a terra é ruim”

terra      ruim

O fato de a língua evitar sílabas abertas em final de palavra isolada ou de frase é explicado pelo padrão rítmico da língua, em como é atribuído o acento lexical e o frasal, como veremos em 3.2.

Por enquanto, sem nos adentrarmos nas razões de sua realização, podemos concluir que a oclusiva glotal não se constitui em um fonema, nem em uma realização alofônica dos

demais fonemas consonantais do Saynáwa. Essa interpretação se deve ao fato de [ʔ] não se apresentar como os demais segmentos consonantais da língua.

O comportamento observado em (151-158) é sistemático no Saynáwa, revelando que não temos uma variação, onde ora a oclusiva glotal é produzida, ora é apagada, mas sim uma estratégia adotada pela língua para atender a aspectos suprasegmentais.

Além disso, as demais consoantes que ocupam a posição de coda na língua, /n, s, j/, não se constituem em pares suspeitos em relação a [ʔ], por isso não haveria razão para comutá-los. Por outro lado, poderíamos suspeitar que a oclusiva glotal fosse um alofone da fricativa glotal surda /h/, por serem ambas homorgânicas e estarem, possivelmente, em distribuição complementar, uma vez que o alofone [h] só se realiza em posição de onset silábico, e quando se realiza em coda, sempre é em coda medial e sofre um processo de neutralização com os fones [s, ʃ], constituindo-se em um alofone de /s/. Assim, quando /h/ estivesse em coda final se realizaria como [ʔ]. Se considerarmos isso, todas as representações fonológicas deverão atribuir /h/ em final de palavra, com exceção das palavras terminadas em /s, j/. Não nos parece plausível essa assunção, pois não conseguiríamos explicar o apagamento desse segmento quando a palavra não é realizada no final de frase. Assumir nesse caso um processo de apagamento não nos diria muito sobre a organização da língua em razão de seu padrão rítmico.

Nesse sentido, nossa interpretação se assemelha à de Cândido (2004) para o Shanenawa, onde a oclusiva glotal é realizada de modo semelhante ao Saynáwa. Cândido (2004: 49) interpretou essa consoante como uma realização fonética, não se constituindo em alofone de nenhum fonema, e sendo realizada para se evitar sílaba final sem coda em razão do padrão acentual.<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> Conforme a bibliografia consultada, encontramos em outras línguas Pano, além do Shanenawa, um comportamento parecido com o do Saynáwa em relação à realização da oclusiva glotal: em Kaxinawa (Camargo, 1988-1989: 41-42) essa consoante não tem valor distintivo e é realizada em final de palavras terminadas em sílaba aberta; já segundo Kensinger (1963: 214), a língua Cashinahua apresenta oclusiva glotal em final de frase fonológica; em Marinahua (Pike e Scott, 1962) a oclusiva glotal ocorre em final de palavras, frases ou sentenças e se constitui em um traço distintivo de uma unidade fonológica maior: “*the phonological discourse, or, possibly, the phonological paragraph*” (Pike e Scott, 1962: 4); e em Huariapano (Parker, 1994: 97) a oclusiva glotal é realizada de modo variável em final de palavras isoladas terminadas em sílaba aberta. Em outras línguas Pano, conforme nossa bibliografia, a oclusiva glotal ora se realiza como fonema, como em: Cashibo (Shell, 1950), Shipibo-Conibo, Capanahua, Amahuaca (Shell, 1975), Chácobo (Prost, 1967), Kaxarari (Couto, 2005), Katukína (Barros, 1987), Pacanawa e Camannawa (Loos, 1999: 230); ora apenas como realização fonética: Matis (Ferreira, 2005), Arara (Souza, 2009), Yaminahua (Faust e Loos, 2002); ou, em outras línguas, não é identificada sua realização nem na subjacência, nem na superfície, como em: Arara (Cunha, 1993),

#### 3.1.4. Ressilabificação.

Identificamos dois processos de rersilabificação: o das vogais altas adjacentes, e o da coda nasal em ambiente intervocálico.

A rersilabificação, que consiste em um rearranjo dos segmentos em razão das posições silábicas, está integrada à silabificação, obedecendo aos mesmos pressupostos nesta identificados. Elas se distinguem tão somente porque a rersilabificação se dá em momento posterior à silabificação.

Além disso, veremos porque, devido à rersilabificação, certos tipos silábicos não podem ser produzidos após ou diante de outros tipos.

##### **- Vogais altas adjacentes**

Como vimos na descrição dos fonemas /i, u/, essas vogais altas rersilabificam, realizando-se como [j, w], respectivamente, passando a ocupar a posição de onset da sílaba seguinte, quando: estão em palavras com três ou mais sílabas e ocorrem diante de sílaba sem onset, desde que a vogal anterior alta esteja em sílaba do tipo /V/ e a posterior alta em ambiente intervocálico.

A vogal posterior alta precisa estar em ambiente intervocálico porque a aproximante labial sonora [w] quando realizada em início de palavra constitui-se em uma alofonia de /b/. Já para a rersilabificação da anterior alta não existem restrições em relação à posição na palavra.

A interpretação das aproximantes como realizações alofônicas das vogais cognatas se respalda no exposto em Clements e Hume (1995), que demonstram terem os glides, aqui denominados de aproximantes, a mesma estrutura interna das vogais a eles homorgânicas, distinguindo-se destas tão somente porque ocupam a posição de margem silábica. Assim, tanto as aproximantes como as vogais integram a classe dos vocóides.

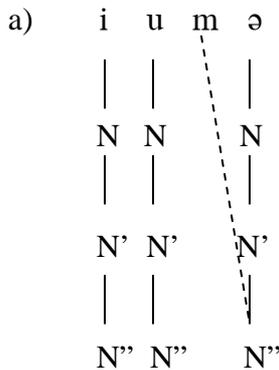
A realização das vogais altas na superfície como aproximantes se deve à rersilabificação, proporcionada pela tendência das línguas em se evitar sílabas sem onset (Kenstowicz, 1994: 254, 280), conhecida como “*CV-rule*” ou “*Maximal Onset Principle*” (Blevins, 1995:230). Desse modo, a rersilabificação da vogal alta adjacente atribui uma posição de onset à sílaba seguinte.

---

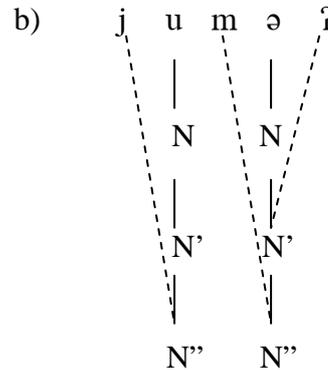
Marubo (Costa, 2000), Poyanáwa (De Paula, 1992), Yawanawá (De Paula, 2007), Matis (Spanghero Ferreira, 2000), Cashinahua, Marinahua (Shell, 1975), Kaxarari (Sousa, 2004).  
Shell (1975: 53, 57) em sua reconstrução do Proto-Pano assumiu a oclusiva glotal como fonema reconstruído.

Em (159 – a, 160 - a) abaixo, temos duas vogais adjacentes, com posições nucleares distintas. Já em (159 – b, 160 - b), a vogal alta localizada à esquerda perdeu sua posição nuclear e ressilabificou, ocupando a posição de onset da sílaba seguinte.

(159) [ju<sup>1</sup>məʔ] - /iumə/ “linha de costura”



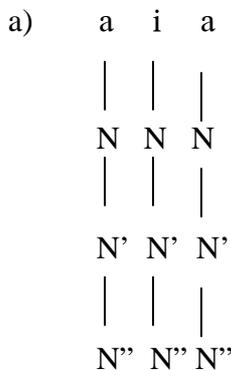
→



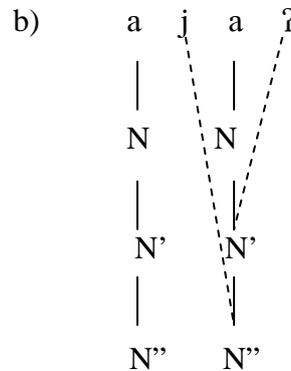
Representação fonológica

Representação fonética

(160) [a<sup>1</sup>jaʔ] - /aia/ “maracanã”



→



Representação fonológica

Representação fonética

A ressilabificação só ocorre quando as vogais altas /i, u/ estão em sílaba sem onset porque a língua não permite onset ramificado. Por isso, mesmo que estejam diante de sílaba sem onset, as vogais altas, nessas condições, não se ressilabificam, como podemos ver em (161-163):

(161) [pua<sup>1</sup>kĩʔ] - /puakin/ “fumar” \*[pwa<sup>1</sup>kĩʔ]

(162) [jono<sup>1</sup>ãʔ] - /iunuan/ “maúba” \*[jo<sup>1</sup>nwãʔ]

(163) [pə<sup>1</sup>tʃio<sup>1</sup>reʔ] - /pə<sup>1</sup>tʃiuri/ “atrás” \*[pə<sup>1</sup>tʃjo<sup>1</sup>reʔ]

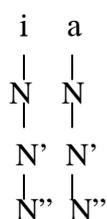
Para que ocorra a ressilabificação, a vogal alta não precisa apenas estar em sílaba sem onset, mas necessita também ser realizada em palavras com três ou mais sílabas fonológicas, por isso em (164-165) não observamos a ressilabificação.

(164) [i'aʔ] - /i.a/ “piolho” \*[jaʔ]

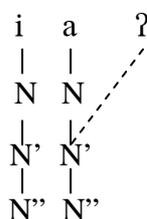
(165) [u'iʔ] - /u.i/ “chuva” \*[weʔ]

Nessas palavras, as posições nucleares permanecem distintas, como podemos ver abaixo:

[i'aʔ] - /i.a/ “piolho”



→



Representação fonológica

Representação fonética

Essa restrição pode ser explicada pelo padrão rítmico da língua, em como os pés métricos são constituídos. Como veremos em 3.2, a língua precisa de uma sílaba leve seguida de uma pesada para a construção de seu pé métrico canônico, que deve estar, quando possível, presente no final de palavra isolada ou de enunciado. Pois bem, em (164-165), se ocorresse a ressilabificação, não teríamos a formação do pé canônico, mas tão somente de um pé não-binário, que seria pouco produtivo para o padrão rítmico.

Já em palavras como as demonstradas em (159-160), abaixo repetidas, temos mais de duas sílabas, podendo ocorrer a ressilabificação sem que o pé canônico deixe de ser formado.

[ju'məʔ] - /i.u.mə/ “linha de costura” (159)

[a'jaʔ] - /a.i.a/ “maracanã” (160)

Na verdade, em palavras com sílabas ímpares, como no caso de (159-160) acima, a ressilabificação não é apenas permitida, como é mais produtiva para a análise dos pés métricos, pois como veremos em 3.2, em palavras com sílabas ímpares se aplica a análise local fraca (“*Weak Local Parsing*”) (Hayes, 1995: 308), deixando de ser analisada em pés métricos a primeira sílaba. Portanto, a ressilabificação em (159-160) permite que toda a

palavra seja analisada em pés métricos, caso contrário, a sílaba /i./ em /i.u.mə/ “linha de costura”, e /a./ em /a.i.a/ “maracanã”, não constituiriam pés métricos.

Em palavras com sílabas pares, desde que elas não sejam dissilábicas, a ressilabificação também é permitida, uma vez que o pé canônico já foi formado no final da palavra, como podemos observar nos exemplos abaixo<sup>54</sup>:

(166) [jao<sup>1</sup>ʃiʔ] - /i.a.u.ʃi/ “sovino”

(167) [əwa<sup>1</sup>iʔ] - /ə.u.a.i/ “crescer”

Portanto, para o Saynáwa é mais importante a formação de pés métricos canônicos que a atribuição de onset às sílabas sem essa posição silábica. Assim, a “*CV-rule*” ou “*Maximal Onset Principle*”, tendência identificada em grande parte das línguas do mundo (Kenstowicz, 1994: 254, 280; Blevins, 1995: 230), não se aplica quando a ressilabificação impede a formação de pés canônicos, e, por outro lado, o padrão rítmico toma a ressilabificação como estratégia para a completa análise da palavra em pés métricos. Desse modo, para a ressilabificação das vogais altas, o padrão rítmico tem um papel de motivação maior que a tendência de se evitar sílabas sem onset.

O processo de ressilabificação das vogais altas proporciona o surgimento de ditongos crescentes, que se realizam tão somente na superfície. Não tendo sido identificados ditongos nasais, pois o traço de nasalidade da coda nasal não se espalha até a aproximante, uma vez que o processo de nasalização é anterior à ressilabificação:

(168) [βe<sup>1</sup>wãʔ] ~ [βi<sup>1</sup>wãʔ] - /biuan/ “tamanduá pequeno”

(169) [jãtə<sup>1</sup>ʔ] - /iantəin/ “a tarde”

Não foram identificados, de igual modo, ditongos decrescentes surgidos a partir da ressilabificação. A formação de ditongo decrescente com a aproximante labial sonora [w], como vimos na descrição do fonema /u/ e em 2.1.3.2., não se confirma em fala silabada e não é sistemática em fala rápida.

---

<sup>54</sup> Loos (1999: 232) demonstra que em muitas línguas Pano a quantidade de sílabas em uma palavra, par ou ímpar, motiva mudanças fonológicas.

Já quanto à formação de ditongo decrescente com a aproximante palatal [j], identificamos que ela não ocorre devido à ressilabificação, mas sim porque temos na base o fonema /j/, ocorrendo o ditongo decrescente na subjacência.

Como vimos em 2.1.1.2. e agora em (170), a consoante /j/ quando comutada com a vogal /i/ apresenta contraste de significado, confirmando-se como fonema<sup>55</sup>.

(170) ['koj] - /kuj/ “queixo”

[ko'i?] - /kui/ “quente”

Como exposto por Kenstowicz (1994: 256), a interpretação de que as realizações de [w, j] são meramente alofônicas e decorrem da posição não-nuclear das respectivas vogais cognatas esbarra em algumas línguas em situações onde vogais altas contrastam com essas aproximantes. Este é o caso, portanto, do Saynáwa quando a aproximante palatal [j] está em posição de coda silábica.

Segundo Kenstowicz (1994), diante desses casos: “*it is unclear whether the appropriate move in such cases is to postulate a lexical syllabification or to distinguish the glides in terms of their feature structure*” (Kenstowicz, 1994: 256).

Por considerarmos que a realização de [j] em (170) possui a mesma estrutura interna da realização [j] quando esta consiste em uma realização alofônica de /i/, entendemos ser mais pertinente interpretarmos tal oposição em razão de uma silabificação lexical.

Assim, a aproximante palatal [j] quando ocupa a posição de coda, consiste em uma realização alofônica de /j/, já quando ocupa a posição de onset, consiste em uma realização alofônica de /i/ e surge na superfície graças ao processo de ressilabificação.

---

<sup>55</sup> Camargo (1988-1989) identificou no Kaxinawa a mesma oposição /j/ : /i/ em coda silábica. Ela chama a atenção para esses casos para demonstrar que não se trata de uma oposição fundamentada na existência de tons pontuais, como defendido por Shell e Kensinger (Camargo, 1988-1989: 41), mas sim na formação de ditongo, não sendo o Kaxinawa uma língua tonal.

### - Coda nasal em ambiente intervocálico

Ao tratarmos do fonema nasal alveolar /n/, vimos que quando esta consoante está em posição de coda e se encontra em ambiente intervocálico, ela rressilabifica, passando a ocupar a posição de onset da sílaba seguinte, realizando-se como [ɲ] se for precedida pelas vogais anteriores ou se estiver diante de [j], ou como [n] nos demais ambientes.

(171) [bũ.'naʔ] - /bun.a/ “abelha urucu”

(172) [ta.pĩ.'jãʔ] - /ta.pin.an/ “saber”

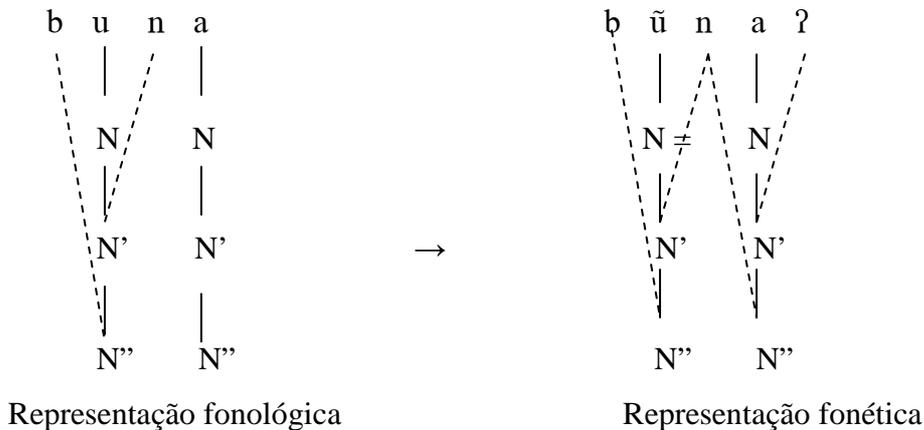
Assim, em (171) temos na base: /bun.a/, que passa à superfície como [bũ.'naʔ]; e em (172), /ta.pin.an/, que se realiza como [ta.pĩ.'jãʔ]. Em ambos os exemplos, a seqüência na base: CVC.V, em (171), rressilabificou como CV.CVC; e CV.CVC.VC, em (172), rressilabificou como CV.CV.CVC.

Essa rressilabificação está em acordo com o que apresentamos sobre o Saynáwa na silabificação, quando vimos que a língua tende a silabificar seqüências VCV como V.CV e não como VC.V, privilegiando o preenchimento do onset. Essa tendência, como já expusemos, é universal, e evita sílabas sem onset: “*prevocalic consonants prefer to occupy the syllable onset (part of a more general tendency to avoid onsetless syllables, at least Word-medially)*” (Kenstowicz, 1994: 280). Diferentemente da rressilabificação das vogais altas, a rressilabificação de coda nasal tem na “*CV-rule*” ou “*Maximal Onset Principle*” (Kenstowicz, 1994: 254, 280; Blevins, 1995: 230) a maior motivação para sua realização.

A rressilabificação aqui discutida pode ser representada nessa regra:

“*Rressilabificação: C.V → .CV*” (Kenstowicz, 1994: 281)

Vejam a aplicação dessa regra no exemplo (171):



A presença em coda da nasal alveolar pode ser atestada em (171-172) em razão de a vogal precedente estar nasalizada. Isso demonstra que a ressilabificação só ocorre após a assimilação da coda nasal.

Caso não estivesse em ambiente intervocálico, a coda nasal após ser assimilada, seria apagada, como vemos em:

(173) [ta.¹pĩʔ] - /ta.pin/ “aprender”

Este exemplo (173) comparado ao (172) é bem ilustrativo nesse sentido, pois quando se acresce o sufixo –an à base /ta.pin/ “aprender”, temos /ta.pin.an/ “saber”, que se realiza na superfície como [ta.pĩ.¹jãʔ], podendo ser observada a ressilabificação da nasal alveolar, que só ocorreu porque esta consoante está agora em ambiente intervocálico.

O exemplo abaixo demonstra que a ressilabificação da coda nasal se dá em momento posterior à ressilabificação da vogal alta, vejamos:

(174) [põ.¹jãʔ] - /pun.i.an/ “braço”

Essa realização surge a partir da seguinte derivação:

/pun.i.an/ → [pũn.i.ã] → [pũn.jã] → [pũ.njã] → [pũ.¹jãʔ] - “braço”

A princípio, essa derivação parece contradizer a regra que apresentamos para a ressilabificação da coda nasal, onde quando temos “C.V” passamos a ter “.CV” (Kenstowicz,

1994: 281), uma vez que em [pũn.jãn] já teríamos o onset da última sílaba preenchido e, assim, não haveria necessidade para a alveolar nasal se ressilabificar. Entretanto, como já afirmamos, as aproximantes (glides) e as vogais possuem a mesma estrutura interna e por isso integram a classe dos vocóides (Clements e Hume, 1995). Portanto, em (174), mesmo ocorrendo a formação do ditongo crescente, a coda nasal ainda se encontra em ambiente intervocálico, o que favorece sua ressilabificação. Por essa razão, temos de [pũn.jãn] a formação [pũ.njã], e, em razão da proibição de onset ramificado, a nasal alveolar se funde à aproximante palatal, passando a se realizar como uma nasal palatal [ɲ].

Assim, a ressilabificação da coda nasal se dá em momento posterior ao processo de nasalização da vogal e da ressilabificação da vogal alta.

#### **- Restrições para a realização de sílabas fonéticas**

Ao tratarmos das sílabas fonéticas, vimos que não são permitidas as seguintes seqüências de tipos silábicos: a) VC.V; b) CVC.V; c) CVCC.V; d) VC.VC; e) CVC.VC; f) CVCC.VC. Isso se dá em razão da tendência da língua em se evitar sílabas sem onset, aplicando-se nesses casos a regra:

*“Ressilabificação: C.V → .CV”* (Kenstowicz, 1994: 281)

Assim, temos: em (a), V.CV; em (b), CV.CV; em (c), CVC.CV; em (d), V.CVC; em (e), CV.CVC; e em (f), CVC.CVC.

Quanto à sílaba fonológica, não encontramos as mesmas restrições, pois na superfície ocorre a ressilabificação, evitando-se, desse modo, sílabas sem onset. Por essa razão, mesmo não tendo encontrado no corpus a seqüência de sílabas fonológicas VC.V, acreditamos que ela seja possível, da mesma forma que a seqüência fonológica VC.VC é permitida.

### 3.2 O acento em Saynáwa.

Trataremos nesse tópico primeiramente do acento lexical, quando observaremos o padrão rítmico da língua e como o acento é atribuído no léxico, depois veremos como se comporta o acento frasal, nos compostos e nas frases, observando de igual modo o padrão rítmico e a regra do acento no nível frasal.

### 3.2.1. O acento lexical.

#### 3.2.1.1. O padrão rítmico do Saynáwa.

O acento na língua Saynáwa é predizível na última sílaba<sup>56</sup> (175-191), bem como apresenta monossílabos tônicos (175-179), como podemos ver nos exemplos abaixo, os quais correspondem a palavras não estruturadas, sem morfologia<sup>57</sup>. As palavras não estruturadas são em sua maioria dissílabas, sendo poucos os monossílabos e raros os trissílabos. Em todas elas, independentemente do número de sílabas, identificamos o acento na última sílaba.

- (175) [tsoʔ] ~ [tso:] - /tsu/ “pulga”
- (176) [iʔ] ~ [i:] - /i/ “árvore”
- (177) [naʔ] ~ [na:] - /na/ “este/esta” (pronomo demonstrativo)
- (178) [boj] - /buj/ “cera”
- (179) [maʔ] - /ma/ “não”
- (180) [ta'moʔ] - /tamu/ “bochecha”
- (181) [maʃiʔ] - /maʃi/ “areia”
- (182) [peʃiʔ] - /piʃin/ “esteira”
- (183) [βi'taʃ] - /bitas/ “perna”
- (184) [ra'is] - /rais/ “genro”
- (185) [po'pos] - /pupus/ “lama”
- (186) [sa'koj] - /sakuj/ “dança tradicional”
- (187) [ə'waʔ] - /əua/ “mãe”
- (188) [pas'peʔ] - /paspi/ “lança”
- (189) [paβi'kiʔ] - /pabinki/ “orelha”
- (190) [taka'raʔ] - /takara/ “galinha”
- (191) [jamə'reʔ] - /iaməri/ “amanhã”

---

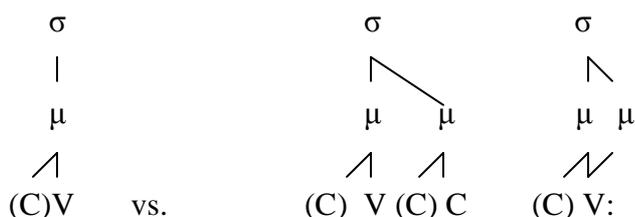
<sup>56</sup> Esse comportamento está em acordo com a informação de que o etnônimo Saynáwa não era uma autoreferência, tendo sido adotado pelo grupo em momento posterior de sua história, uma vez que esse termo apresenta acento na penúltima sílaba, contradizendo o padrão acentual da língua. A palavra “náwa” é realizada na língua como “nawá”. Assim, o etnônimo Saybaybô, tido como a antiga autoreferência do grupo, condiz mais com o acento da língua.

<sup>57</sup> Para compreendermos melhor a estrutura morfológica do Saynáwa também recorreremos às descrições de outras línguas Pano, como, por exemplo, o Shanenawa (Cândido, 2004) e o Yawanawá (De Paula, 2007).

Além de estar acentuada, a última sílaba dessas e das demais palavras da língua sempre apresentam coda final preenchida, não sendo permitida na superfície a existência de sílaba aberta em final de palavra, como vimos quando da descrição da sílaba. Isso se dá em razão do Saynáwa ser sensível ao peso silábico. Desse modo, quando a coda final não está preenchida na base, ou quando está, mas ocorre o processo de assimilação da coda nasal (182), identificamos o processo de inserção da oclusiva glotal (175-177, 179-182, 187-191), ou o alongamento da vogal (175-177), o qual ocorre apenas em monossílabos.

As sílabas que apresentam coda nasal, como pode ser observado em (182), são interpretadas como sílabas leves na superfície em razão do processo de assimilação, que resulta no surgimento da vogal nasalizada e no apagamento da nasal alveolar<sup>58</sup>.

Desse modo, sílabas fonéticas dos tipos (C)V(C)C e (C)V: são interpretadas como sílabas pesadas (-), enquanto sílabas fonéticas dos tipos (C)V são interpretadas como leves (˘). Conforme Hayes (1995: 53-54), temos:



Além de apresentar sensibilidade ao peso silábico, podemos observar nas palavras dissilábicas (180-187) que a maioria apresenta a primeira sílaba leve, ocorrendo contraste de duração com a sílaba seguinte, que sempre é pesada, isso demonstra, segundo a teoria Métrica do acento (Hayes, 1995), que o acento em Saynáwa é métrico e o padrão rítmico da língua é o Iâmbico (Hayes, 1995: 65).

Conforme a Lei Iâmbica-Trocáica, os elementos que contrastam em intensidade formam grupos com proeminência inicial, enquanto os que contrastam em duração formam grupos com proeminência final (Hayes, 1995: 80). Hayes (1995: 81) defende que essa lei influencia os padrões rítmicos, e ao propor o inventário métrico, composto por pés do tipo: Trocáico Silábico, Trocáico Moráico, e Iâmbico (Hayes, 1995: 71), demonstra que o padrão rítmico Iâmbico é formado por pés métricos com contraste de duração, formando, portanto, grupos com proeminência final, à direita (Hayes, 1995: 82).

<sup>58</sup> Em Huariapano (Parker, 1994: 110-111), as sílabas que apresentam coda nasal também são interpretadas na superfície como sílabas leves em razão da assimilação, ocorrendo a inserção de [h] na posição de coda dessas sílabas quando o padrão rítmico da língua exigir sílabas pesadas.

Desse modo, o padrão Iâmbico forma pés métricos do tipo (Hayes, 1995:71):

(. X)                      (X)  
 ~ σ                      ou                      -

O pé canônico do padrão Iâmbico é formado por uma sílaba leve seguida de uma pesada (Hayes, 1995: 82):

(. X)  
 ~ -

Veamos as representações a seguir:

- |  |  |
|--|--|
| <p>(192) (. X)<br/>         ~<br/>         [tsoʔ]<sup>59</sup> ~ [tso:] - /tsu/ “pulga”</p>        | <p>(193) (X)<br/>         ~<br/>         [iʔ] ~ [i:] - /i/ “árvore”</p>                            |
| <p>(194) (. X)<br/>         ~ -<br/>         [βi'taf] - /bitas/ “perna”</p>                        | <p>(195) (. X)<br/>         ~ -<br/>         [ə'waʔ] - /əua/ “mãe”</p>                             |
| <p>(196) (. X)<br/>         ~ -<br/>         [sa'koj] - /sakuj/ ‘dança tradicional’</p>            | <p>(197) ( X)<br/>         (X) (X)<br/>         - -<br/>         [pas'peʔ] - /paspi/ “lança”</p>   |
| <p>(198) ( X)<br/>         (. X)<br/>         ~ -<br/>         [taka'raʔ] - /takara/ “galinha”</p> | <p>(199) ( X)<br/>         (. X)<br/>         ~ -<br/>         [paβi'kiʔ] - /pabinki/ “orelha”</p> |

Nos exemplos (194-196) observamos em palavras dissilábicas o pé canônico do padrão Iâmbico, sendo que em (195) esse pé foi obtido graças a um processo fonológico que corrigiu a má formação inicial da estrutura métrica.

<sup>59</sup> Consideramos a representação fonética porque a constituição dos pés métricos e a atribuição do acento são realizadas no nível fonético, após o processo de inserção da oclusiva glotal ou do alongamento da vogal final em monossílabos.

A inserção da oclusiva glotal observada em (195), ocorre também nos monossílabos (192-193), no dissílabo (197), e nos trissílabos (198-199). Essa inserção ocorre para se atribuir peso à sílaba final e aos monossílabos, uma vez que a língua:

- a) não permite pés degenerados (192-193, 197);
- b) nem permite iampos planos em final de palavra (195, 198-199).

Vejamos,

a) O Saynáwa é uma língua em que a proibição de pé degenerado para o acento lexical é forte, sendo completamente evitada sua formação (Hayes, 1995: 87). O pé degenerado no padrão Iâmbico é formado por uma sílaba leve, como em (Hayes, 1995: 205): (X)

Por apresentar proibição forte à formação de pés degenerados, todos os monossílabos da língua quando não são constituídos por sílabas pesadas fonológicas, pelos fonemas /s, j/, apresentam a inserção na superfície da oclusiva glotal [ʔ] ou então o alongamento vocálico. Esse alongamento da vogal (192-193) é denominado de alongamento iâmbico (Hayes, 1995:83), sendo bastante comum entre as línguas que apresentam esse padrão rítmico.

O alongamento iâmbico, entretanto, só é identificado no Saynáwa em monossílabos, não identificamos o alongamento iâmbico em final de palavras que contenham mais de uma sílaba. Tal restrição, cuja única exceção é os monossílabos, pode ser explicada pelo fato de que nas línguas de mesmo padrão, tal alongamento tende a não se aplicar às sílabas em final de palavra (Hayes, 1995: 269).

O alongamento iâmbico também não ocorre em interior de palavras. Em exemplos como os abaixo relacionados (200-201), o alongamento vocálico ocorre porque temos a contigüidade de vogais idênticas, e não o alongamento iâmbico.

(200) ( X)	(201) ( X)
(X) (X)	(X) (X)
- -	- -
[ɛ:ˈkeʔ] - /əəki/ “assustar”	[e:ˈkeʔ] - /iiki/ “cantar”

No exemplo (197) temos de igual modo a inserção da oclusiva glotal a fim de se evitar a formação de pé degenerado, o que é esperado, uma vez que quando a língua não admite pé degenerado em monossílabos, também não admite em outras palavras (Hayes, 1995: 310).

b) Já nos exemplos (195, 198-199) vemos que a inserção da oclusiva glotal se deu por outro motivo, para evitar a construção de iambo plano em final de palavra. O iambo plano é constituído pelo seguinte pé (Hayes, 1995: 267):

(. X)  
σ σ

Segundo Hayes (1995: 82-83), um iambo de forma: / ˘ ˘ /, que consiste em um iambo plano, viola a Lei Iâmbica-Trocáica, pois não apresenta contraste de duração e mesmo assim tem proeminência final. Desse modo, processos segmentais podem corrigir esse pé mal formado para o pé canônico: / ˘ ˘ ˘ / (Hayes, 1995: 82-83), é o que ocorre com a inserção da oclusiva glotal nos exemplos aludidos (195, 198-199).

Além de proibir pés degenerados e iambs planos em final de palavra, como vimos nas observações a) e b), podemos identificar nos exemplos abaixo (198-199) que se aplica à língua a análise local fraca para a construção de pé métrico (“*Weak Local Parsing*”), segundo o Parâmetro de localidade da análise de pé métrico (“*Foot Parsing Locality Parameter*”). A análise local fraca, que é a forma marcada desse parâmetro, realiza-se do seguinte modo: “*when a foot has been constructed, align the window for further parsing by skipping over / ˘ /, where possible.*” (Hayes, 1995: 308)<sup>60</sup>.

A partir da análise local fraca, a primeira sílaba dos exemplos (198, 199) não é analisada como constituinte do pé métrico, desse modo, Hayes (1995: 308) eliminou a possibilidade de pés ternários em sua teoria e pôde explicar em línguas como o Saynáwa como ocorrem tais construções, sendo tão somente necessária a postulação de pés binários.

A consideração dessa sílaba solta é possível porque a construção em pés métricos, segundo a teoria de Hayes (1995: 308), não exaure todas as sílabas de uma seqüência, sendo comum em línguas que proíbem pés degenerados a análise dos pés métricos (“*parsing*”) deixar sílabas soltas em seqüências ímpares, como é o caso dos exemplos mencionados.

(. X)	(198)	(. X)	(199)
(. X)		(. X)	
˘ -		˘ -	
[taka'ra?] - /takara/ “galinha”		[paβi'ki?] - /pabinki/ “orelha”	

<sup>60</sup> O Parâmetro de localidade da análise de pé métrico (“*Foot Parsing Locality Parameter*”) prevê para a análise dos pés métricos: a análise local fraca (“*Weak Local Parsing*”), e a análise local forte (“*Strong Local Parsing*”). A análise local forte se distingue da análise local fraca porque naquela, “*when a foot has been constructed, align the window for further parsing at the next unfooted syllable*” (Hayes, 1995: 308).

O fato de a primeira sílaba nos exemplos (198-199) não ser analisada como constituinte do pé métrico, por conta da análise local fraca, demonstra que a análise de construção de pés métricos se dá da direita para a esquerda.

Caso os iampos fossem construídos da esquerda para a direita, teríamos estruturas como estas, inexistentes em nossos dados:

\*[ta'kara?] - /takara/ “galinha” \*[pa'βiki?] - /pabinki/ “orelha”

Iampos construídos da direita para a esquerda (“*Right-to-Left Iambs*”), entretanto, não foram seguramente atestados em Hayes (1995: 265). Esse autor considera que línguas como: “*Turkish; Sarangani Manobo; Javanese; Malay; (Tiberian) Biblical Hebrew; Tübatulabal; Aklan; Werí*” (Hayes, 1995: 262-266), que são consideradas como formando iampos da direita para a esquerda, podem ser, na verdade, analisadas como troqueus ou, então, suas análises foram baseadas em dados insuficientes, caso das línguas “*Sarangani Manobo; Malay*” (Hayes, 1995: 265).

Desse modo, Hayes (1995: 265-266) considera que a razão de não terem sido identificadas línguas que formem iampos da direita para a esquerda pode ser meramente acidental ou, talvez, porque a formação de iampos da esquerda para a direita requer menos pré-planejamento fonológico na fala.

Acreditamos que o Saynáwa apresenta a formação de iampos da direita para a esquerda, pois não podemos analisar seus constituintes métricos a partir de pés do tipo: Trocáico Silábico, ou Trocáico Moráico; uma vez que o primeiro é insensível ao peso silábico (Hayes, 1995: 63), já sendo bastante claro que o Saynáwa não apresenta tal comportamento; e porque o segundo apresenta proeminência inicial e não demonstra contraste de duração, mas de intensidade (Hayes, 1995: 69, 80-82), diferindo assim do que vimos para o Saynáwa.

Poder-se-ia argumentar que teríamos a extrametricalidade na sílaba inicial, formando a língua iampos da esquerda para a direita. Entretanto, a extrametricalidade à esquerda é uma forma marcada (Hayes, 1995: 57), além disso, quando virmos as palavras estruturadas, observaremos que a interpretação da sílaba inicial em (198-199) como sílaba solta devido à análise local fraca se confirma.

Assim, concluimos que em Saynáwa existe a construção de pés métricos formando iampos da direita para a esquerda<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> Outras línguas Pano também formam iampos da direita para a esquerda, exemplo do Matsés (Dorigo, s.d.), idioma classificado como do tipo Iâmbico defectivo, formando pés métricos da direita para a esquerda (Dorigo, s.d.: 10). Já no Shanenawa, Cândido (2004), apesar de ao final interpretar que o acento é atribuído conforme a

Após essas observações, podemos entender melhor porque o processo de ressilabificação das vogais altas, tratado em 3.1.4., não ocorre em palavras dissilábicas, enquanto em palavras com sílabas ímpares não só é realizado como é mais produtivo. Vejamos alguns exemplos:

(202) ( . X)	(203) (X)
∪ -	-
[i'aʔ] - /i.a/ “piolho”	*[jaʔ] - /i.a/ “piolho”

Em /i.a/, se ocorresse a ressilabificação teríamos a formação do pé: (X), como podemos ver em (203). Esse pé é permitido, mas sua formação nesse caso impediria a formação do pé canônico: ( . X), como vemos em (202). Como o pé canônico é privilegiado pela língua, a formação de (X) em detrimento de ( . X) não seria produtiva.

Já em palavras com sílabas ímpares, a ressilabificação permite que todas as sílabas sejam analisadas em pés métricos, como vimos em (195) para [ə'waʔ] - /əua/ “mãe”, e agora em (204), pois, do contrário, em razão da análise local fraca, a primeira sílaba não seria analisada, como vemos em (205):

(204) ( . X)	(205) ( X)
∪ -	( . X)
[ja'əʔ] - /iaə/ “biorana”	∪ -
	*[ia'əʔ] - /iaə/ “biorana”

---

regra da Sensibilidade Quantitativa (Cândido, 2004: 47), nos demonstra ao longo de seu estudo que a língua forma pés iâmbicos da direita para a esquerda (Cândido, 2004: 46). A língua Marubo também apresenta iambos como pés métricos, mas estes convivem com troqueus, sendo a língua um tipo misto, Trocáico-iâmbica Silábica, tendo Costa (2000) adotado a teoria de Kager (1993 *apud* Costa, 2000: 213) ao lado da de Hayes (1995) para explicar o acento nessa língua. Em Marubo a análise se dá da esquerda para a direita.

De acordo com Costa (2000: 178), são Trocáicas Silábicas as línguas: Shipibo-Conibo, Capanahua e Cashibo (Shell, 1975), convivendo nessas línguas troqueus e iambos (Costa, 2000: 178), sendo também Trocáico Silábico o idioma Wariapano (Valenzuela, 1998 *apud* Costa, 2000). Já as línguas: Caxinauá (Camargo, 1995), Matsés (Dorigo e Costa, 1997 *apud* Costa, 2000), e Katukina (Barros, 1987; Aguiar, 1994) são do tipo Iâmbico Silábico, segundo Costa (2000).

O Huaripano, por sua vez, segundo Parker (1994: 105), é do tipo Trocáico Moráico (Moraic Trochee).

### 3.2.1.2. A atribuição do acento em Saynáwa.

Já quanto à atribuição do acento, podemos ver que a língua adota a Regra final à direita, como segue:

(206) (X)	Nível da palavra (Regra final à direita)
(X)	Nível do pé
-	Nível da sílaba
[ <sup>h</sup> βiʔ] - /bi/ “carapanã”	

(207) ( X)	Nível da palavra (Regra final à direita)
(. X)	Nível do pé
˘ -	Nível da sílaba
[təʔfoʔ] - /təʃu/ “pescoço”	

(208) ( X)	Nível da palavra (Regra final à direita)
(X) (X)	Nível do pé
- -	Nível da sílaba
[ <sub>1</sub> buʃ <sup>h</sup> kaʔ] - /buska/ “cabeça”	

(209) ( X)	Nível da palavra (Regra final à direita)
(. X)	Nível do pé
˘ -	Nível da sílaba
[taka <sup>h</sup> raʔ] - /takara/ “galinha”	

Antes de concluirmos nossas observações sobre o acento lexical, vejamos como se comporta o acento em palavras estruturadas, com morfologia:

(210) [aĩ<sup>h</sup>boʔ] - /ainbu/ “mulher”

(211) [i<sub>1</sub>kəne<sup>h</sup>βiʔ] - /ikəniβin/ “castanhola”

(212) [hə<sub>1</sub>māi<sup>h</sup>teʔ] - /həməinti/ “terreiro”

(213) [ma<sub>1</sub>potəre<sup>h</sup>peʔ] - /maputəripi/ “nuca”

(214) [ra<sub>1</sub>bəbəja<sup>h</sup>teʔ] - /rabəbəiati/ “brincadeira”

Vejam os constituintes métricos são analisados nessas palavras:

( X)	Nível da palavra (Regra final à direita)	(210)
(. X)	Nível do pé	
˘ ˘ -	Nível da sílaba	

[aĩ'boʔ]<sup>62</sup> - /ainbu/ “mulher”

( X)	Nível da palavra (Regra final à direita)	(211)
(. X)(. X)	Nível do pé	
˘ ˘ ˘ -	Nível da sílaba	

[i,kəne'βiʔ] - /ikəninbin/ “castanhola”

( X)	Nível da palavra (Regra final à direita)	(213)
(. X) (. X)	Nível do pé	
˘ ˘ ˘ ˘ -	Nível da sílaba	

[ma.potəre'peʔ] - /maputəripi/ “nuca”

Podemos ver que as palavras estruturadas repetem o padrão rítmico iâmbico e a Regra final à direita, isso reafirma nossa interpretação de que o acento em Saynáwa é rítmico e não morfológico<sup>63</sup> (Hayes, 1995: 31-32), e que a análise de construção de pés métricos se dá da direita para a esquerda.

Essas palavras (211-214) nos indicam também que a língua permite a construção de pé iâmbico plano após a construção de pés canônicos, não ocorrendo processos fonológicos que corrijam esse pé plano e o transforme em pé canônico, como ocorre com os pés métricos em final de palavra. Assim, pés iâmbicos planos são permitidos desde que não finalizem palavra.

A análise local fraca pode ser confirmada nos exemplos (210, 213-214), não sendo analisada em pés métricos a primeira sílaba do exemplo (210) e as antepenúltimas sílabas dos exemplos (213-214), obedecendo assim à regra que deixa sílabas soltas em seqüências ímpares.

Nos exemplos (211-212) não ocorre a análise local fraca porque temos uma seqüência par, sendo improdutiva para a língua a aplicação de tal análise nesses casos porque ao não analisar a sílaba adjacente à formação do pé métrico, teríamos a formação de um pé degenerado à esquerda, o que é proibido pela língua no nível lexical e mesmo que fosse permitida a construção de pés degenerados, não é esperada sua realização em locais fracos (Hayes, 1995: 101).

<sup>62</sup> Esse exemplo confirma mais uma vez que a sílaba nasalizada não conta peso.

<sup>63</sup> Já em Marubo, Costa (2000) identificou um sistema acentual misto: morfológico e rítmico.

* (     X)	Nível da palavra (Regra final à direita)	(212)*
(X) ( . X)	Nível do pé	
˘ ˘ ˘ -	Nível da sílaba	
[həmaĩ <sup>l</sup> teʔ] - /həmainti/ “terreiro”		

Esses exemplos (211-212), junto aos (213-214), demonstram que a formação de pés métricos em Saynáwa é persistente (“*Persistent Footing*”)<sup>64</sup> (Hayes, 1995: 114-115), formando, assim, mais de um pé métrico.

Os pés métricos analisados além do pé canônico apresentam proeminência final, como ocorre com todo pé do padrão iâmbico. Por essa razão, marcamos na representação fonética essa sílaba proeminente com o diacrítico (˘), como podemos ver em (211-214), ocorrendo o mesmo com as sílabas pesadas que não estiverem no final da palavra, pois elas normalmente atraem acento (Hayes, 1995: 50), como vemos em:

(     X)	Nível da palavra (Regra final à direita)	(208)
(X) (X)	Nível do pé	
-   -	Nível da sílaba	
[˘bu <sup>l</sup> kaʔ] - /buska/ “cabeça”		

Desse modo, a atribuição de acentos (˘) após o acento mais proeminente (ˈ) se dá em sílaba pesada e na sílaba que forma pé binário e está à direita nesse pé, seja ela leve ou pesada. Essas sílabas são a cabeça do pé métrico e, portanto, possuem uma marca na grade do nível do pé, mas não no nível da palavra, destinado este nível ao acento mais proeminente.

### 3.2.1.3. Quadro resumitivo do acento lexical em Saynáwa.

Após observarmos o comportamento das palavras sem e com morfologia, podemos chegar às seguintes conclusões sobre o acento lexical em Saynáwa:

<sup>64</sup> Em Shanenawa a análise em pés métricos se dá de forma não-iterativa (Cândido, 2004: 46), diferente do Saynáwa, onde ela se dá de forma iterativa, conformando-se o padrão rítmico ao longo da palavra.

Tabela n° 1

ACENTO LEXICAL DO SAYNÁWA	
- o acento é métrico;	
- a construção de pés métricos:	forma iambos da direita para a esquerda;
	pés degenerados são absolutamente proibidos;
- aplica-se a análise local fraca;	
- a formação dos pés métricos é persistente (“ <i>Persistent Footing</i> ”), desse modo temos a análise em pés para além do pé ao qual é atribuído o acento mais proeminente;	
- admite iambos planos apenas quando não finalizam palavra;	
- a proeminência de sílaba pesada ou de sílaba cabeça de pés binários, analisadas após o pé que recebe o acento mais proeminente, é marcada na representação fonética pelo diacrítico (,);	
- construção do nível da palavra: Regra final à direita.	

### 3.2.2. O acento frasal.<sup>65</sup>

Observemos primeiramente os compostos e depois as frases em níveis de complexidade crescentes.

#### 3.2.2.1. Os compostos.

Vejamos os seguintes compostos:

(215) [hə'nə i'noʔ] - /hənə inu/ “lontra”

(216) [na'wa oʃa'teʔ] - /naua uʃati/ “cama”

(217) [ta'ə ,buʃ'kaʔ] - /taə buska/ “dedão do pé”

(218) [a'tsa po'toʔ] - /atsa putu/ “farinha de mandioca”

(219) [o'ʃo ʃi'peʔ] - /uʃu ʃipi/ “soim branco”

(220) [o'ʃo ʃi'noʔ] - /uʃu ʃinu/ “macaco Kairara”

<sup>65</sup> Hayes (1995: 369) trata do acento frasal sem considerar os constituintes prosódicos como proposto por Nespor e Vogel (1986), uma vez que não há consenso na literatura se a Regra final se aplica às estruturas morfossintáticas ou aos constituintes prosódicos e também devido à dificuldade no inglês, língua utilizada por Hayes (1995) para analisar o acento frasal, em se determinar como esses constituintes prosódicos estão organizados. Em Saynáwa, como veremos no tópico 3.3., alguns dos constituintes prosódicos são facilmente identificados, aplicando-se a Regra final a esses constituintes, como previsto por Nespor e Vogel (1986).

Todas as palavras que formam os compostos encontram-se elicitadas individualmente em nosso corpus como apresentamos a seguir:

Tabela nº 2

Exemplo	1º item	2º item	Composto
(215)	[hə'nəʔ] - /hənə/ “rio” (‘rio grande’)	[i'noʔ] - /inu/ “onça”	[hə'nə i'noʔ] - /hənə inu/ “lontra”
(216)	[na'waʔ] - /naua/ “branco (gente)”	[oʃa'teʔ] - /uʃati/ ‘lugar onde se dorme’ (formado a partir de uʃai “dormir”, acrescido do sufixo instrumentalizador –ti)	[na'wa oʃa'teʔ] - /naua uʃati/ “cama”
(217)	[ta'əʔ] - /taə/ “pé”	[,buʃ'kaʔ] - /buska/ “cabeça”	[ta'ə ,buʃ'kaʔ] - /taə buska/ “dedão do pé”
(218)	[a'tsaʔ] - /atsa/ “mandioca”	[po'toʔ] - /putu/ “pó”	[a'tsa po'toʔ] - /atsa putu/ “farinha de mandioca”
(219)	[o'ʃoʔ] - /uʃu/ “branco”	[ʃi'peʔ] - /ʃipi/ “soim”	[o'ʃo ʃi'peʔ] - /uʃu ʃipi/ “soim branco”
(220)	[o'ʃoʔ] - /uʃu/ “branco”	[ʃi'noʔ] - /ʃinu/ “macaco”	[o'ʃo ʃi'noʔ] - /uʃu ʃinu/ “macaco Kairara”

Podemos observar que a oclusiva glotal permanece na palavra que se encontra no final do composto, garantindo o peso para a sílaba final no intuito de que o acento seja atribuído a esta, não sendo mais necessária a inserção da oclusiva glotal ao final da primeira palavra do composto<sup>66</sup>, uma vez que a língua permite pés iâmbicos planos à esquerda do pé iâmbico canônico.

<sup>66</sup> Cândido (2004: 47) identificou o mesmo comportamento no Shanenawa.

Esses compostos são analisados em constituintes métricos do seguinte modo:

(            X)	Nível do composto <sup>67</sup> (Regra final à direita) (215)
( X) ( X)	Nível da palavra
(. X) (. X)	Nível do pé
˘    ˘    ˘    -	Nível da sílaba

[hə<sup>1</sup>nə i<sup>1</sup>noʔ] - /hənə inu/ “lontra”

(            X)	Nível do composto (Regra final à direita) (216)
( X) ( X)	Nível da palavra
(. X) (. X)	Nível do pé
˘    ˘    ˘    -	Nível da sílaba

[na<sup>1</sup>wa oʃa<sup>1</sup>teʔ] - /naua uʃati/ “cama”

(            X)	Nível do composto (Regra final à direita) (217)
( X) ( X)	Nível da palavra
(. X)(X)(X)	Nível do pé
˘    ˘    -    -	Nível da sílaba

[ta<sup>1</sup>ə ʝuʃ<sup>1</sup>kaʔ] - /taə buska/ “dedão do pé”

Os exemplos (218-220) são analisados da mesma forma como o exposto em (215).

Podemos observar que o padrão rítmico iâmbico, formando pés da direita para a esquerda, a análise local fraca, e a Regra final à direita, dentre outras características do acento lexical, se repetem nos compostos.

Quanto à Regra final à direita para os compostos, a língua Saynáwa não apresenta a Regra do acento do composto (“*Compound Stress Rule*”) mais comum entre as línguas do mundo<sup>68</sup> conforme Hayes (1995: 368), em que o membro mais à esquerda é o mais forte<sup>69</sup>.

A análise em pés métricos demonstra também que os compostos se comportam como palavras fonológicas distintas. Não sabemos ainda, todavia, se essas estruturas que inicialmente chamamos de compostos se confirmam como tais na morfologia da língua.

### 3.2.2.2. As frases.

Vejamos agora as frases:

(221) [ã<sup>1</sup>bo ʃo<sup>1</sup>tʃiʔ] - /ainbu ʃutʃi/ “peito da mulher”

<sup>67</sup> Hayes (1995: 191) prevê um nível extra para os compostos.

<sup>68</sup> Devemos ressaltar que as conclusões de Hayes (1995) sobre o acento frasal se baseiam nas observações sobre a língua inglesa e a holandesa (Hayes, 1995: 368).

<sup>69</sup> A língua Matsés também apresenta para os compostos a Regra final à direita (Dorigo, s.d.: 10). Já o Marubo apresenta proeminência inicial para os compostos (Costa, 2000: 156).

- (222) [ãi'bo itʃa'paʔ] - /ainbu itʃapa/ “muitas mulheres”
- (223) [ma'i 'pəʔ] - /mai pə/ “terra boa, fértil”
- (224) ['bo tʃaj'paʔ] - /bu tʃajpa/ “cabelo comprido”
- (225) [ʔ̃ aʃ'paʔ] - /ən aspa/ “minha boca”
- (226) [ta're oʃini'paʔ] - /tari uʃinipa/ “a roupa é vermelha”
- (227) [na'wə na'no 'keʔ] - /nauə nanu ki/ “o fumo está aqui”
- (228) [ro'no ma'waʔ] - /runu maua/ “a cobra está morta”
- (229) [ka'mə o'ʃaʔ] - /kamə uʃa/ “o cachorro dorme”
- (230) [ta'ə buʃ'ka ewa'paʔ] - /taə buska iuapa/ “o dedão do pé é grande”
- (231) [i'no ba'ka aja'iʔ] - /inu baka aiai/ “a onça está bebendo água”
- (232) [tʃi tʃaj'ma tsa'waʔ] - /tʃi tʃajma tsaua/ “ele está sentado perto do fogo”
- (233) [kamə'nã ro'no kəjoa'keʔ] - /kamənan runu kəiuaki/ “o cachorro mordeu a cobra”

Essas frases são analisadas em constituintes métricos do seguinte modo:

(	X)	Nível da frase I (Regra final à direita)	(221)	
(	X)	(	X)	Nível da palavra
(.	X)	(.	X)	Nível do pé
∨	∨	∨	-	Nível da sílaba

[ãi'bo ʃo'tʃiʔ] - /ainbu ʃutʃi/ “peito da mulher”  
mulher peito

(	X)	Nível da frase I (Regra final à direita)	(222)	
(	X)	(	X)	Nível da palavra
(.	X)	(.	X)	Nível do pé
∨	∨	∨	-	Nível da sílaba

[ãi'bo itʃa'paʔ] - /ainbu itʃapa/ “muitas mulheres”  
mulher muito

(	X)	Nível da frase I (Regra final à direita)	(223)
(	X)	(X)	Nível da palavra
(.	X)	(X)	Nível do pé
∨	∨	-	Nível da sílaba

[ma'i 'pəʔ] - /mai pə/ “terra boa, fértil”  
terra bom

(            X)	Nível da frase I (Regra final à direita)	(224)
(X) (    X)	Nível da palavra	
(X) (X) (X)	Nível do pé	
∨    -    -	Nível da sílaba	

[l'bo ʔtʃaj'paʔ] - /bu tʃajpa/ “cabelo comprido”  
cabelo comprido

(            X)	Nível da frase I (Regra final à direita)	(225)
(X)(    X)	Nível da palavra	
(X)(X)(X)	Nível do pé	
∨    -    -	Nível da sílaba	

[l'ə̃ aʃ'paʔ] - /ən aspa/ “minha boca”  
meu/minha boca

(            X)	Nível da frase I (Regra final à direita)	(226)
( X)(    X)	Nível da palavra	
(. X)(.X)(. X)	Nível do pé	
∨ ∨ ∨ ∨ ∨ -	Nível da sílaba	

[ta're oʃini'paʔ] - /tari uʃinipa/ “a roupa é vermelha”  
roupa vermelho

(            X)	Nível da frase I (Regra final à direita)	(227)
( X) ( X) (X)	Nível da palavra	
(. X) (. X) (X)	Nível do pé	
∨ ∨ ∨ ∨ -	Nível da sílaba	

[na'wə na'no 'keʔ] - /nauə nanu ki/ “o fumo está aqui”  
fumo aqui (declarativo)

(            X)	Nível da frase I (Regra final à direita)	(228)
( X) ( X)	Nível da palavra	
(. X) (. X)	Nível do pé	
∨ ∨ ∨ -	Nível da sílaba	

[ro'no ma'waʔ] - /runu maua/ “a cobra está morta”  
cobra morta

(            X)	Nível da frase I (Regra final à direita)	(229)
( X) ( X)	Nível da palavra	
(. X) (. X)	Nível do pé	
∨ ∨ ∨ -	Nível da sílaba	

[ka'mə o'ʃaʔ] - /kamə uʃa/ “o cachorro dorme”  
cachorro dormir

(			X)	Nível da frase II (Regra final à direita)	(230)	
(		X)	(	X)	Nível do composto (Geração de Domínio)	
(	X)	(	X)	(	X)	Nível da palavra
(.	X)	(X)	(X)	(.	X)	Nível do pé
∪	∪	-	∪	∪	-	Nível da sílaba

[ta'ə ,buʃ'ka ewa'paʔ] - /taə buska iuapa/ “o dedão do pé é grande”  
 pé cabeça  
 dedão do pé grande

(			X)	Nível da frase II (Regra final à direita)	(231)	
(		X)	(	X)	Nível da frase I (Geração de Domínio)	
(	X)	(	X)	(	X)	Nível da palavra
(.	X)	(.	X)	(.	X)	Nível do pé
∪	∪	∪	∪	∪	-	Nível da sílaba

[i'no ba'ka aja'iʔ] - /inu baka aiai/ “a onça está bebendo água”  
 onça água beber

(			X)	Nível da frase II (Regra final à direita)	(232)
(		X)	(	X)	Nível da frase I (Geração de Domínio)
(X)	(	X)	(	X)	Nível da palavra
(X)	(X)	(X)	(.	X)	Nível do pé
∪	-	∪	∪	-	Nível da sílaba

[tʃi tʃaj'ma tsa'waʔ] - /tʃi tʃajma tsaua/ “ele está sentado perto do fogo”  
 fogo perto sentado

(			X)	Nível da frase II (Regra final à direita)	(233)		
(		X)	(	X)	Nível da frase I (Geração de Domínio)		
(	X)	(	X)	(	X)	Nível da palavra	
(.	X)	(.	X)	(.	X)	(X)	Nível do pé
∪	∪	∪	∪	∪	∪	-	Nível da sílaba

[kamə'nã ro'no kəjoa'keʔ] - /kamənan runu kəiuaki/ “o cachorro mordeu a cobra”  
 cachorro (erg.)<sup>70</sup> cobra morder

Os exemplos acima (221-233) demonstram que no nível da frase o padrão rítmico da língua confirma-se, mais uma vez, como iâmbico, formando iampos da direita para a esquerda.

A análise dos pés métricos realizada no nível lexical é preservada no nível frasal, não ocorrendo nova análise. Desse modo, assim como no acento lexical, identificamos no acento frasal a análise local fraca (221-222, 230-231, 233); iampos planos, desde que não finalizem a frase (221-223, 226-231, 233); e a formação persistente de pés (“*Persistent Footing*”).

Já quanto à formação de pés degenerados, identificamos uma distinção em relação ao acento lexical. No nível frasal, a proibição de formação de pés degenerados é fraca, sendo

<sup>70</sup> Ao contrário do Marubo (Costa, 2000: 182), a marcação de caso não resulta em inversão acentual.

permitido “*when dominated by another grid mark*” (Hayes, 1995: 87), como podemos ver em (224-225, 230, 232), não sendo possível sua ocorrência em final de frase, mas tão somente em seu interior, do mesmo modo que os iampos planos.

Quanto ao acento frasal, observamos que assim como o acento lexical, ele também obedece à Regra final à direita. Nesse sentido, apresenta o que Hayes (1995: 368) considera ser o padrão mais comum entre as línguas do mundo para as frases sintáticas, a Regra do acento nuclear (“*Nuclear Stress Rule*”), em que “*the rightmost member of a phrase is strongest*” (Hayes, 1995: 368).

Por apresentar acento mais proeminente à direita, quando a coda final da frase não está preenchida, observa-se a inserção da oclusiva glotal nessa posição a fim de conferir peso a essa sílaba. A realização dessa consoante não ocorre nas palavras que não finalizam a frase, como em [aĩ'bo] na frase [aĩ'bo ʃo'tʃiʔ] - /ainbu ʃutʃi/ “peito da mulher”, em (221), uma vez que a língua permite iampos planos após a formação do pé canônico, sendo indiferente para a atribuição do acento frasal o peso de sílabas que não se encontram no final da frase.<sup>71</sup>

Para obedecer à Regra final à direita no nível frasal, além da inserção da oclusiva glotal, níveis superiores são adicionados aos já existentes na grade, assim, além do Nível da sílaba, do pé, e da palavra, temos o Nível da frase, onde será atribuída a marca na grade que corresponde ao elemento mais proeminente da frase. Em (221-229) observamos a necessidade de apenas um nível da frase, o qual denominamos de Nível da frase I. Já em (230-233), além do Nível da frase I ou do Nível do composto, outro nível precisa ser adicionado, o Nível da frase II, devido à maior complexidade dessas frases.

Nesses exemplos (230-233) observamos a necessidade não apenas de se acrescentar níveis para a frase, como também de tornar “o mais baixo mais alto” (“*Making the Shorter Taller*”). Segundo a Convenção de Equalização do Acento (“*Stress Equalization Convention*”) revista por Hayes (1995),

“*When two metrical constituents are concatenated, and their tallest grid columns are unequal, then grid marks are assigned to the shorter column if necessary to avoid violating the Continuous Column Constraint*” (Hayes, 1995: 378)

Em razão da Regra final do acento em Saynáwa ser à direita, torna-se necessário em (230-233) a aplicação dessa Convenção, a qual promove o surgimento da Geração de

---

<sup>71</sup> Os ditongos decrescentes formados por [w], como vimos na descrição do fonema /u/ e em 2.1.3.2., só são realizados, de modo variável, em fala mais acelerada, sendo percebidos apenas em palavras que não finalizam a frase. Essa última restrição ocorre certamente porque a posição final da frase é preservada em razão da Regra final à direita (Regra do Acento Nuclear).

Domínio, como podemos ver nos aludidos exemplos através dos constituintes em negrito. Esses constituintes possibilitam que o elemento mais à direita tenha uma marca no Nível do composto (230) ou no Nível da frase I (231-233), e assim possa ser mais proeminente, apresentando uma marca no Nível da frase II, sem que seja violada a Restrição da Coluna Contínua (“*Continuous Column Constraint*”) (Hayes, 1995).

Por último, parece-nos evidente, a partir da análise dos constituintes métricos apresentada em (221-233), que o Nível do composto (230) tem um comportamento semelhante ao Nível da frase I, apresentando-se o composto do exemplo (230) igual às frases dos constituintes à esquerda (excluindo a Geração de Domínio) no Nível da frase I em (231-233), ou igual aos constituintes no Nível da frase I em (221-229).

Essa evidência é reforçada pelas considerações feitas sobre os compostos expostos nos exemplos (215-220), quando vimos que o acento nos compostos obedece à Regra final à direita, distinta da Regra do acento do composto (“*Compound Stress Rule*”), mais comum nas línguas do mundo (Hayes, 1995: 368). Isso se dá porque os compostos em Saynáwa se comportam do mesmo modo que a frase, a qual também obedece à Regra final à direita.

Assim, os compostos do Saynáwa comportam-se como frases, não existindo como uma categoria à parte, entre a palavra e a frase. Como dissemos no subtópico anterior, restamos saber se essas estruturas comportam-se morfologicamente como compostos. Essa questão só poderá ser respondida em estudos posteriores, que abordem a morfologia do Saynáwa.

### 3.2.2.3. Quadro resumitivo do acento frasal em Saynáwa.

Assim, concluímos que o acento frasal apresenta as seguintes características:

Tabela n° 3

ACENTO FRASAL DO SAYNÁWA	
- o acento é métrico;	
- a construção de pés métricos:	forma iambos da direita para a esquerda;
	pés degenerados possuem proibição fraca, sendo permitidos apenas quando dominados por outra marca na grade, e desde que não finalizem frase;
- aplica-se a análise local fraca;	
- a formação de pés é persistente (“ <i>Persistent Footing</i> ”);	
- admite iambos planos apenas quando não finalizam frase;	
- os compostos se comportam como as frases;	
- Formação de Geração de Domínio;	
- construção do nível da frase: Regra final à direita (Regra do Acento Nuclear).	

### 3.2.3. Conclusões sobre o padrão rítmico e o acento em Saynáwa.

Desse modo, podemos concluir que tanto no nível lexical como frasal (os compostos comportam-se como frases) o padrão rítmico do Saynáwa é o Iâmbico, formando iambos da direita para a esquerda, sendo a Regra final à direita<sup>72</sup>, e apresentando formação persistente de pés métricos e análise local fraca<sup>73</sup>.

A língua não admite pés iâmbicos planos ou pés degenerados em final de palavra ou de frase, evitando esses pés mal formados através de dois processos fonológicos: a inserção da oclusiva glotal ou o alongamento iâmbico, sendo este restrito aos monossílabos. Assim, a sílaba final torna-se pesada e a ela pode ser atribuído o acento mais proeminente.

Por essa razão analisamos os constituintes métricos a partir da representação fonética da língua, uma vez que a constituição dos pés métricos e a atribuição do acento ocorrem após a realização dos aludidos processos, que são ativados pelo mesmo padrão rítmico através do qual a análise em pés métricos é feita e pelo qual se atribui o acento da língua.

<sup>72</sup> Nas línguas Shanenawa (Cândido, 2004: 46) e Matsés (Dorigo, s.d.: 10) a dominância também é à direita. Já em Marubo, o acento lexical prevê a Regra final à esquerda e o acento frasal a Regra final à direita (Costa, 2000: 180). Em línguas como Katukina (Aguiar, 1994), Matis (Spanghero Ferreira, 2000), Yawanawá (De Paula, 2007), e Poyanáwa (De Paula, 1992), o acento também recai na última sílaba, não sendo afirmado pelos autores desses estudos se essas línguas possuem acento métrico. Tal afirmação também não é feita para o Yaminahua, onde o acento lexical pode ocorrer nas duas primeiras sílabas na raiz de verbo transitivo, e na primeira sílaba na raiz de verbo intransitivo ou na frase nominal (Faust e Loos, 2002: 18).

<sup>73</sup> O Matsés (Dorigo, s.d.: 10) e o Marubo (Costa, 2000: 162) também aplicam a análise local fraca.

Pés iâmbicos planos e pés degenerados só são permitidos quando não finalizam palavra ou frase, portanto, pés degenerados são fortemente proibidos em nível lexical e fracamente proibidos em nível frasal<sup>74</sup>.

No Saynáwa o acento não está na subjacência, por essa razão ele não é indicado na representação fonológica<sup>75</sup>.

### 3.3 Os constituintes prosódicos do Saynáwa.

#### 3.3.1. A Fonologia prosódica e os constituintes prosódicos.

A Fonologia Prosódica tem por objeto de estudo o subsistema prosódico, e pode ser definida como “*a theory of the way in which the flow of speech is organized into a finite set of phonological units*” (Nespor e Vogel, 1986: 299). Essas unidades são denominadas de constituintes prosódicos, os quais estão hierarquicamente organizados e se configuram em domínios onde se aplicam as regras fonológicas, razão pela qual a teoria prosódica representa uma teoria dos domínios (Nespor e Vogel, 1986: 1, 301).

Segundo Nespor e Vogel (1986: 11), os constituintes prosódicos estão hierarquicamente organizados na seguinte ordem decrescente:

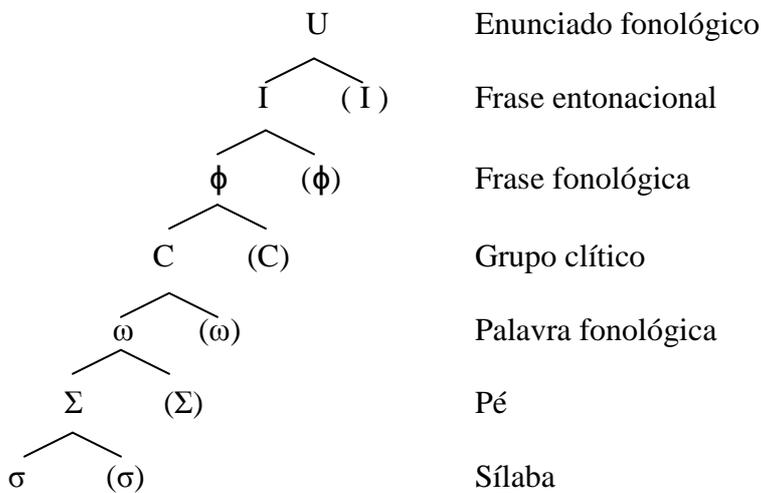
Tabela n° 4

Enunciado fonológico (phonological utterance)	U
Frase entonacional (intonational phrase)	I
Frase fonológica (phonological phrase)	$\phi$
Grupo clítico (clitic group)	C
Palavra fonológica (phonological Word)	$\omega$
Pé (foot)	$\Sigma$
Sílaba (syllable)	$\sigma$

<sup>74</sup> A língua Matsés (Dorigo, s.d.: 10) também admite pés degenerados no interior de frases, já quanto aos iambos planos, eles podem ser produzidos nessa língua em qualquer posição, inclusive em final de palavra ou frase, por isso a língua foi interpretada como Iâmbica defectiva. Em Marubo (Costa, 2000: 180) pés degenerados são fortemente proibidos no nível frasal e fracamente proibidos no nível lexical.

<sup>75</sup> Na maior parte das línguas Pano o acento também não está na subjacência, como, por exemplo, em: Katukina (Barros, 1987; Aguiar, 1994); Matis (Spanghero Ferreira, 2000); Yawanawá (De Paula, 2007); Poyanáwa (De Paula, 1992); Arara (Cunha, 1993); Yaminahua (Faust e Loos, 2002); Shanenawa (Cândido, 2004).

Essa hierarquia pode ser representada através do seguinte diagrama arbóreo:



(Diagrama retirado de Bisol, 2005: 244)

Os constituintes prosódicos têm sua estrutura interna construída a partir da seguinte regra: “Join into an *n*-ary branching *Xp* all *Xp-1* included in a string delimited by the definition of the domain of *Xp*” (Nespor e Vogel, 1986: 7), em que *Xp* é um constituinte, por exemplo, o pé ( $\Sigma$ ); e *Xp-1* é o constituinte imediato inferior, seguindo o exemplo, a sílaba ( $\sigma$ ).

Em sua delimitação, os constituintes prosódicos utilizam além de critérios fonológicos, informações não-fonológicas, o que revela uma interação entre a fonologia e os demais componentes gramaticais. A sílaba e o pé, por exemplo, são formados tendo por base critérios fonológicos, já os demais constituintes se valem também de informações morfossintáticas e semânticas. Isso não implica, contudo, em isomorfismo entre estes constituintes prosódicos e os demais constituintes gramaticais (Nespor e Vogel, 1986: 2, 299).

Ainda segundo Nespor e Vogel (1986: 58-60), quatro critérios podem ser utilizados para se identificar uma dada seqüência como um constituinte prosódico:

- 1°) se há regras da gramática que em sua formulação necessitam se referir a esse constituinte; ou,
- 2°) se há regras que utilizam esse constituinte como seu domínio de aplicação; ou,
- 3°) se a seqüência é o domínio de restrições fonotáticas; ou,
- 4°) se há relações de proeminência relativa entre os elementos da seqüência, ou seja, se o constituinte tem a função de delimitar os domínios dos padrões acentuais.

A identificação dos constituintes prosódicos é importante porque permite que os processos e regras fonológicas façam referência direta a componentes fonológicos e não a constituintes morfossintáticos, que não constituem domínios para a aplicação de certas regras fonológicas (Nespor e Vogel, 1986: 27, 301).

### 3.3.2. Os constituintes prosódicos do Saynáwa.

Para identificarmos os constituintes prosódicos do Saynáwa utilizaremos o 4º critério exposto por Nespor e Vogel (1986: 58-60): as relações de proeminência relativa entre os elementos da seqüência, ou seja, se o constituinte tem a função de delimitar os domínios dos padrões acentuais.

Desse modo, lembrando o que apresentamos no tópico 3.2 sobre o padrão rítmico e o acento em Saynáwa, temos as seguintes análises em constituintes métricos:

(234)	( X) (. X) ˘ -	Nível da palavra (Regra final à direita) Nível do pé Nível da sílaba
	[tə'ʃoʔ] - /təʃu/ “pescoço”	

(235)	( X) (X)( X) (X)(X)(X) ˘ - -	Nível da frase I (Regra final à direita) Nível da palavra Nível do pé Nível da sílaba
	[ʔə ,aʃ'paʔ] - /ən aspa/ “minha boca” meu/minha boca	

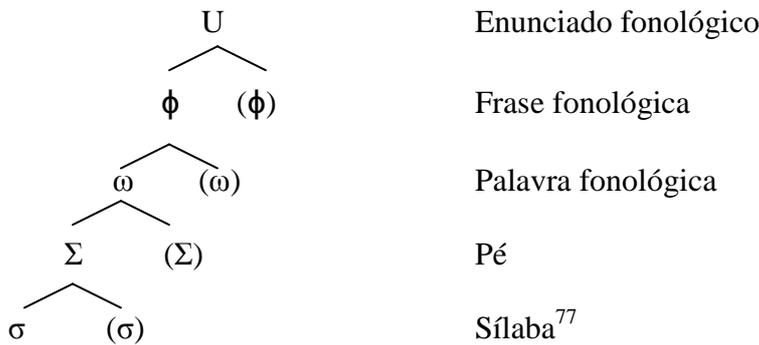
(236)	( X) ( X)( X) (X) ( X)( X) (X) (X) (X)(. X) ˘ - ˘ ˘ -	Nível da frase II (Regra final à direita) Nível da frase I (Geração de Domínio) Nível da palavra Nível do pé Nível da sílaba
	[tʃi ,tʃaj'ma tsa'waʔ] - /tʃi tʃajma tsau/ “ele está sentado perto do fogo” fogo perto sentado	

Os níveis delimitados à direita em (234-236), os constituintes métricos, são os domínios onde atuam o padrão rítmico da língua e a partir do qual se dá a atribuição do acento. Desse modo, esses níveis se configuram como constituintes prosódicos<sup>76</sup>.

<sup>76</sup> Como afirmamos em nota de rodapé no subtópico 3.2.2., Hayes (1995: 369) não considera os constituintes prosódicos como domínios para a aplicação da Regra final do acento frasal no inglês. Em Saynáwa, entretanto, podemos identificar que a Regra final se aplica a esses constituintes. Tal relação é prevista por Nespor e Vogel

Assim, o “Nível da sílaba” corresponde ao constituinte prosódico sílaba ( $\sigma$ ); o “Nível do pé” corresponde ao constituinte pé ( $\Sigma$ ); e o “Nível da palavra” ao constituinte palavra fonológica ( $\omega$ ). Já o “Nível da frase I”, que também engloba o “Nível do composto”, como vimos em 3.2.2.2., corresponde ao constituinte frase fonológica ( $\phi$ ); enquanto o “Nível da frase II” corresponde ao constituinte enunciado fonológico (U).

Propomos para o Saynáwa o seguinte diagrama arbóreo para representar a organização hierárquica de seus constituintes prosódicos:



Desse modo, temos os seguintes constituintes prosódicos para (234-236):

[tə'ʃoʔ] - /təʃu/ “pescoço”: (234)

[[[tə]σ [ʃoʔ] σ] Σ] ω

[ʔə ,aʃ'paʔ] - /ən aspa/ “minha boca”: (235)

[[[[ʔə] σ] Σ] ω [[,aʃ] σ] Σ [[paʔ] σ] Σ] ω] φ

[tʃi tʃaj'ma tsa'waʔ] - /tʃi tʃajma tsau/ “ele está sentado perto do fogo”: (236)

[[[[[tʃi] σ] Σ] ω [[,tʃaj] σ] Σ [[ma] σ] Σ] ω] φ [[[[tsa] σ [waʔ] σ] Σ] ω] φ]U

---

(1986), que defendem uma interação entre o subsistema prosódico e os demais subsistemas do componente fonológico, tais como os estudados pela teoria métrica e pela teoria autosegmental (Nespor e Vogel, 1986: 6, 301).

<sup>77</sup> Nespor e Vogel (1986), ao considerarem a sílaba como o menor constituinte prosódico, não negam que ela tenha uma estrutura interna, podendo ser dividida em onset e rima. As autoras acreditam apenas que é supérfluo referir uma regra ao domínio da rima, por exemplo, quando se pode referir essa mesma regra à sílaba (Nespor e Vogel, 1986: 12-13, 104), não servindo os subcomponentes da sílaba como domínios para a aplicação de regras fonológicas. Seguiremos esse entendimento.

No enunciado fonológico exposto em (236) observamos uma pausa entre a frase fonológica [tʃi tʃaj'ma]ϕ e [tsa'waʔ]ϕ, repetindo-se esse comportamento nos demais enunciados coletados. Essa pausa é bastante breve e não se caracteriza, conforme as análises acústica e articulatória, como uma oclusão glotal. Ela nos indica os limites das frases fonológicas que formam o enunciado fonológico<sup>78</sup>.

A realização da oclusiva glotal, por sua vez, delimita o nível mais alto na hierarquia prosódica: o enunciado fonológico, desde que ele termine em sílaba aberta, como podemos observar em (236). Já em (234-235), a realização da oclusiva glotal marcou o nível da palavra e da frase fonológica, respectivamente, porque esses constituintes coincidem nesses dados com os limites do enunciado. Como em (236) o enunciado é composto por mais de uma frase e, estas, por mais de uma palavra, ficou mais perceptível que a oclusiva glotal exerce na língua não apenas a função de se evitar pés degenerados ou iambos planos, a fim de que a Regra final à direita seja aplicada, como também marca os limites do enunciado fonológico.

Esse papel da oclusiva glotal como delimitadora de constituintes prosódicos parece se repetir em outras línguas Pano, como, por exemplo: em Cashinahua (Kensinger, 1963: 214), onde a oclusiva glotal é realizada em final de frase fonológica, observação diversa da de Camargo (1988-1989: 41-42), que demonstra para o Kaxinawa a ocorrência da oclusiva glotal em final de palavras terminadas em sílaba aberta; em Marinahua (Pike e Scott, 1962), a oclusiva glotal é realizada em final de palavras, frases ou sentenças e se constitui em um traço distintivo de uma unidade fonológica maior: “*the phonological discourse, or, possibly, the phonological paragraph*” (Pike e Scott, 1962: 4); já em Huariapano (Parker, 1994: 97), essa consoante ocorre de modo variável em final de palavras isoladas terminadas em sílaba aberta.

Não postulamos para o Saynáwa os constituintes prosódicos: grupo clítico (C), e frase entonacional (I); porque não conseguimos identificá-los até o momento a partir dos critérios previstos em Nespor e Vogel (1986: 58-60). Isso certamente se deve ao fato de que nossa pesquisa não avançou na análise da morfossintaxe e da semântica da língua.

A delimitação do grupo clítico, por exemplo, revela uma interação entre a fonologia e a sintaxe (Nespor e Vogel, 1986: 162), uma vez que esse grupo é formado a partir de uma palavra fonológica independente (não-clítica) mais palavras fonológicas adjacentes que contenham clíticos direcionais (DCL) ou clíticos *tout court* (CL) (Nespor e Vogel, 1986: 154), fazendo-se necessário, portanto, conhecer a estrutura morfossintática da língua mais detalhadamente para podermos compreender como se comporta esse constituinte prosódico.

---

<sup>78</sup> Pretendemos em estudos posteriores nos concentrarmos na análise dos processos de juntura externa para entendermos de modo mais aprofundado os limites dos constituintes prosódicos.

Já a frase entonacional necessita não só de informações morfossintáticas, como também semânticas, que estão relacionadas: à velocidade da fala, à ênfase, às distinções entre informações novas vs. informações pressupostas (Nespor e Vogel, 1986: 187-188, 190). Como nossa análise não se concentrou nessas questões, não pudemos determinar os limites desse constituinte, muito menos como ele se comporta como domínio para a atuação do padrão rítmico da língua, dado que diferentemente dos demais constituintes, onde o acento recai em uma posição específica e é restringido estruturalmente, o acento é variável nesse constituinte, pois obedece a princípios de proeminência semântica (Nespor e Vogel, 1986: 191, 193, 218) por nós não analisados quando tratamos do acento em 3.2.

Portanto, para o que foi observado para a língua, o Saynáwa apresenta 5 constituintes prosódicos.

A delimitação desses constituintes será por nós referida quando tratarmos dos processos fonológicos, pois iremos situar a atuação desses processos em seus respectivos domínios, quando observaremos mais uma vez que há regras, além da relacionada ao padrão rítmico, que utilizam esses constituintes como seu domínio de aplicação.

#### 3.4 Os processos fonológicos do Saynáwa.

Identificamos para o Saynáwa os seguintes processos fonológicos: assimilação – nasalização e palatalização; alongamento iâmbico; inserção – da oclusiva glotal e de [j]; lenição; e neutralização.

Esses processos podem ser explicados a partir de regras fonológicas, que segundo a Geometria dos Traços, como exposto em Clements e Hume (1995), obedecem ao seguinte princípio: “*phonological rules perform single operations only*” (Clements e Hume, 1995: 250). Assim, observaremos a atuação dessas operações na organização hierárquica dos traços dos segmentos envolvidos em processos como, por exemplo, o da assimilação.

A partir da Geometria dos Traços, portanto, poderemos ter uma compreensão mais acurada de alguns dos processos do Saynáwa, uma vez que essa teoria tem por objetivo: “*to seek a formalism capable of expressing common processes in terms of simple descriptive parameters*” (Clements e Hume, 1995: 296).

Em razão das regras fonológicas atuarem em domínios específicos, identificados como os constituintes prosódicos apresentados no tópico 3.3, analisaremos essas regras tendo em vista também o subsistema prosódico (Nespor e Vogel, 1986: 15).

Ao fazermos essa análise, observaremos o que Selkirk (1980) denomina de regras prosódicas, que são retomadas por Nespór e Vogel (1986). Essas regras prosódicas situam os segmentos envolvidos em um dado processo em razão de sua ocorrência: apenas no interior do domínio, regra interior de domínio (“*domain span*”); na contigüidade de domínios, regra juntura de domínio (“*domain juncture*”); ou na fronteira de domínio, regra limite de domínio (“*domain limit*”) (Selkirk, 1980; Nespór e Vogel, 1986: 15).

As regras prosódicas podem ser assim representadas, conforme Nespór e Vogel (1986: 15) e Selkirk (1980: 111-112), em que “*A e B são segmentos, um dos quais pode ser nulo; X, Y e Z são seqüências de segmentos, todos podendo ser nulos; e D<sup>1</sup> e D<sup>2</sup> são constituintes prosódicos*” (Nespór e Vogel, 1986: 15):

1) Regra interior de domínio (“*domain span*”)

$A \rightarrow B / [...X\_Y...]D^1$

2) Regra juntura de domínio (“*domain juncture*”)

$A \rightarrow B / [...[...X\_Y]D^2 [Z...]D^2 ...]D^1$

$A \rightarrow B / [...[...X]D^2 [Y\_Z...]D^2 ...]D^1$

3) Regra limite de domínio (“*domain limit*”)

$A \rightarrow B / [...X\_Y]D^1$

$A \rightarrow B / [X\_Y...]D^1$

Além de observarmos a atuação das regras fonológicas na organização hierárquica dos traços e em como elas atuam na hierarquia prosódica, iremos considerar também o subsistema métrico da língua, já analisado em 3.2, pois alguns processos do Saynáwa só podem ser compreendidos em razão do padrão rítmico da língua.

Retornaremos também a falar brevemente da ressilabificação, discutida em 3.1.4., porque ela está relacionada ao processo de palatalização, quando situaremos sua ocorrência em relação aos demais processos da língua.

### 3.4.1. Assimilação.

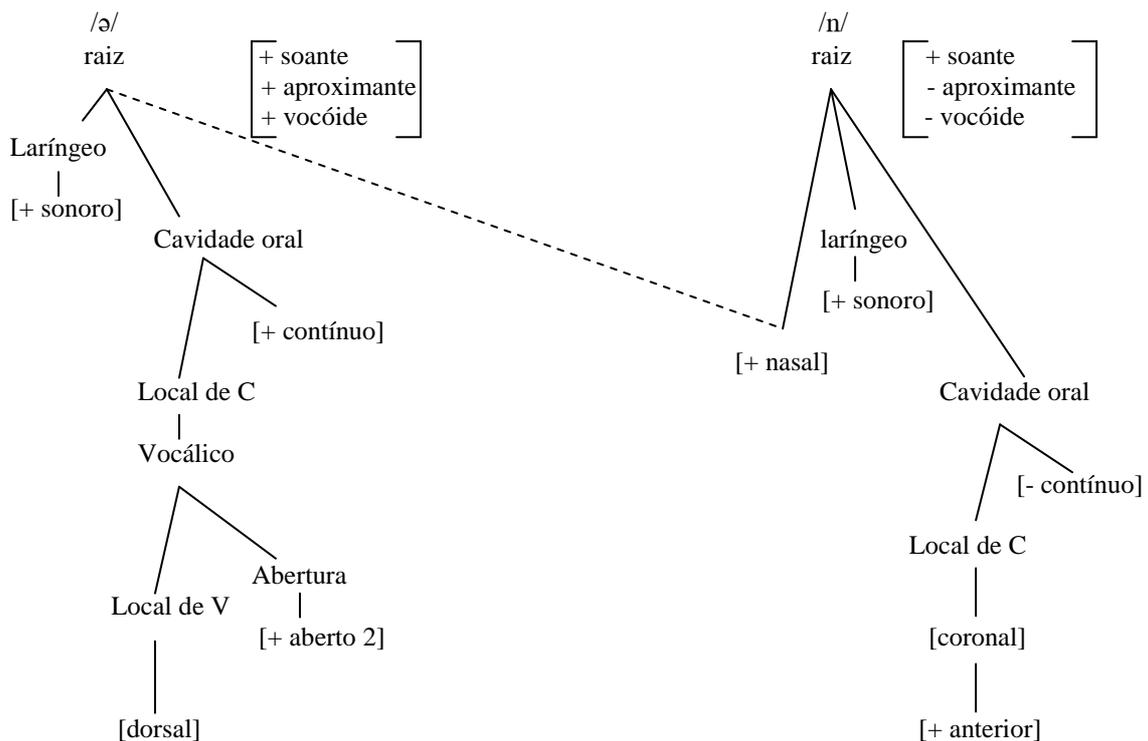
#### 3.4.1.1. Nasalização.

No Saynáwa, as vogais nasais não se confirmam fonologicamente, elas são realizadas graças ao processo de assimilação de coda nasal, como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (237) [a'sĩʔ] - /asin/ “mutum”  
 (238) [aʃkẽ'keʔ] - /askinki/ “respirar”  
 (239) [ʔĩ] - /ən/ “meu/minha” (pronome possessivo)  
 (240) [rono'ãʔ] - /runuan/ “sucuri, jibóia” (“cobra da água”)  
 (241) [ʃi'mũʔ] - /ʃimun/ “camapum”  
 (242) [pũ,poh'toʔ] ~ [põ,poh'toʔ] - /punpustu/ “músculo do braço superior”

O traço de nasalidade da coda nasal, que assumimos como sendo a nasal alveolar /n/<sup>79</sup>, se espalha até a vogal precedente, sendo assimilado por esta, como podemos ver na representação abaixo, conforme exposto em Clements e Hume (1995) para os processos de assimilação:

[ʔĩ] - /ən/ “meu/minha” (pronome possessivo) (239)



<sup>79</sup> Veremos no subtópico 3.4.1.2. porque assumimos que a coda nasal tem ponto de articulação especificado.

Não ocorre o processo de assimilação do traço de nasalidade quando temos onset nasal:

(243) [ʃi'maʔ] - /ʃima/ “sarapó”

(244) [mu'kaʔ] - /muka/ “amargoso” (planta)

(245) [kə'noʔ] - /kənu/ “arco”

(246) [na'iʔ] - /nai/ “céu”

Portanto, o processo de assimilação do traço de nasalidade é quanto à direção: do tipo regressivo, da direita para a esquerda (Lass, 1984: 171); quanto à natureza do segmento afetado: do modo preenchedor de traço (“*feature-filling mode*”); e quanto ao nó ou traço espreado: a assimilação é de traço único (“*single-feature assimilation*”) (Clements e Hume, 1995: 258).

Como podemos ver nos exemplos abaixo (247-252), a assimilação é apenas de contato (“*contact assimilation*”), não se espreado o traço de nasalidade para além dos limites da sílaba onde se encontra a coda nasal, inexistindo a assimilação não contígua (“*distant assimilation*”) (Lass, 1984: 171)<sup>80</sup>.

(247) [ʃoɔ̃'keʔ] - /ʃuənki/ “soprar”

(248) [ʃã,kãi'teʔ] - /ʃankainti/ “pulmão”

(249) [u'nãʔ] - /unan/ “saúva”

(250) [tʃi'rĩʔ] - /tʃirin/ “dança tradicional”

(251) [kuʃa'kĩʔ] - /kuʃakin/ “gafanhoto”

(252) [ʃa'wãʔ] - /ʃauan/ “arara”

Isso se deve ao fato de que a assimilação de coda nasal é tautossilábica, restringindo-se sua aplicação ao domínio da sílaba. Portanto, conforme Selkirk (1980) e Nespor e Vogel (1986: 15), observamos para esse processo a regra prosódica do tipo: regra limite de domínio (“*domain limit*”), como segue.

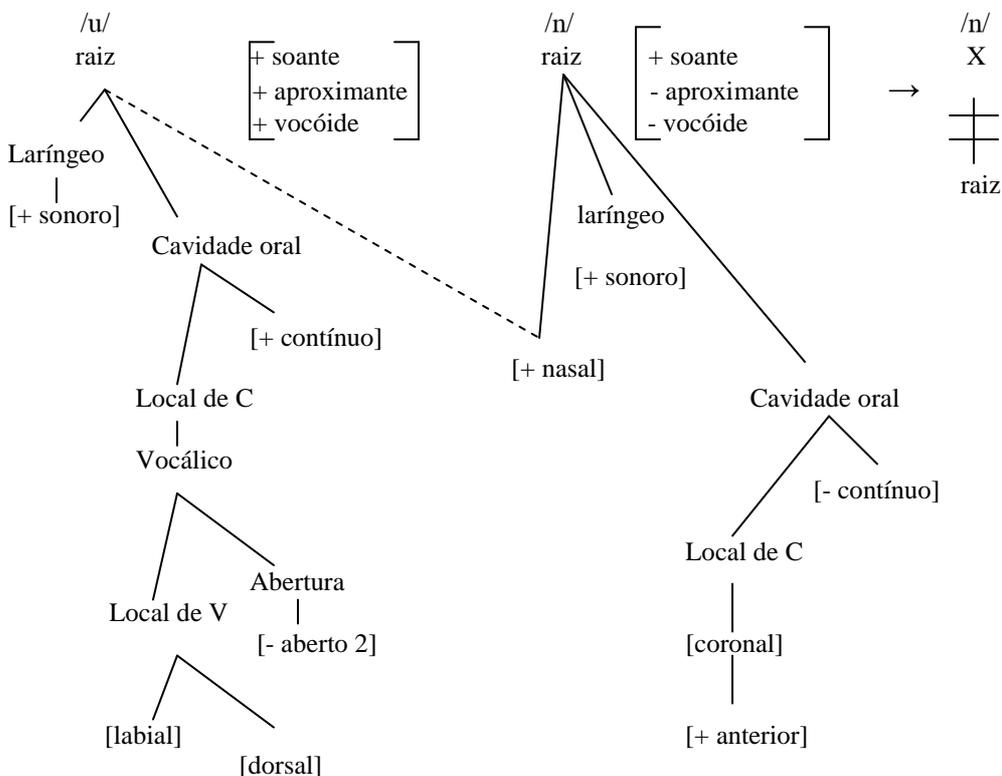
$v \rightarrow \tilde{v} / [\dots_n] \sigma$

---

<sup>80</sup> Loos (2006) demonstra que na língua Yaminahua o espreado da nasalidade é descontínuo.

Após ocorrer a assimilação do traço de nasalidade da nasal alveolar pela vogal precedente, ocorre o apagamento dessa consoante na superfície:

[pũ,poh'toʔ] ~ [põ,poh'toʔ] - /punpustu/ “músculo do braço superior” (242)



Em razão do apagamento da nasal alveolar em coda, a vogal nasalizada apresenta um alongamento compensatório. Esse alongamento, entretanto, como vimos em 2.1.2.3.1., não é significativo e por isso não foi interpretado como vogal longa. Portanto, temos para a vogal nasalizada uma raiz ligada a uma e não a duas unidades de quantidade (Clements e Hume, 1995: 257).

Por causa do apagamento na superfície da coda nasal e do alongamento compensatório da vogal nasalizada não se caracterizar como vogal longa, a sílaba ocupada por nasal alveolar em coda na base não é interpretada na língua como uma sílaba pesada, tornando-se necessária a inserção da oclusiva glotal após vogal nasalizada para atribuir peso à sílaba final, em conformidade com o padrão rítmico do Saynáwa, como vemos abaixo (250).<sup>81</sup>

<sup>81</sup> Em Shanenawa (Cândido, 2004), que também apresenta um processo de inserção de oclusiva glotal em coda para conferir peso à sílaba final, não foi identificada a realização da oclusiva glotal após vogal nasalizada, mesmo ocorrendo na superfície o apagamento da coda nasal (Cândido, 2004: 61-62). Já em Huariapano (Parker, 1994: 110-111), que não apresenta um processo de inserção de oclusiva glotal, mas de [h] em coda medial, a fim de atribuir peso à sílaba em razão do padrão rítmico, Parker (1994: 110-111) identificou a inserção de [h] após vogal nasalizada, demonstrando que essa língua interpreta sílaba com coda nasal na base como sílaba leve.

( X)	Nível da palavra (Regra final à direita)	(250)
(. X)	Nível do pé	
˘ -	Nível da sílaba	

[tʃi'riŋʔ] - /tʃirin/ 'dança tradicional'

Isso demonstra que no Saynáwa a análise em pés métricos e a conformidade ao padrão rítmico, que requer processos como a inserção de [ʔ], ocorrem após a assimilação de coda nasal e de seu apagamento.

Apesar de não termos nos aprofundado na análise da morfossintaxe do Saynáwa, identificamos que o processo de nasalização é bastante produtivo na língua, revelando uma interface entre a fonologia e os componentes gramaticais. Podemos observar isso:

1) na marcação do caso ergativo. Em (253, 255) as palavras 'mi' e 'kamə' são sujeitos de verbos intransitivos e não apresentam nasalização, enquanto em (254, 256) elas são sujeitos de verbos transitivos e apresentam nasalização. A nasalização, portanto, é uma das estratégias para marcar a ergatividade, comportamento parecido com outras línguas Pano, como, por exemplo, o Yawanawá (De Paula, 2007), o Marubo (Costa, 2000), e o Matis (Spanghero Ferreira, 2000).

(253) [l'mi oʃa'ke ra'maʔ] - /mi uʃaki rama/ "você dormiu hoje"

(254) [l'mĩ ka'pə ra,tea'keʔ] - /min kapə ratiaki/ "você matou o jacaré"

(255) [ka'mə o'ʃaʔ] - /kamə uʃa/ "o cachorro dorme"

(256) [kamə'nã ro'no kə,joa'keʔ] - /kamənan runu kəiuaki/ "o cachorro mordeu a cobra";

2) no paradigma de posse. Em (258, 260) podemos identificar que os pronomes possessivos se distinguem dos pronomes pessoais (257, 259) devido à nasalização, comportamento semelhante ao do Caxinauá (Camargo, 2005), apresentando o Saynáwa, a princípio, os mesmos pronomes pessoais e possessivos identificados para o Caxinauá.

(257) [l'əʔ] - /ə/ "eu" (pronome pessoal)

(258) [l'əʔ] - /ən/ "meu/minha" (pronome possessivo)

(259) [ˈmiʔ] - /mi/ “tu” (pronome pessoal)

(260) [ˈmĩʔ] - /min/ “teu/tua” (pronome possessivo)

Observemos agora como ocorre o processo de nasalização em outras línguas Pano.

Como bem exposto em Cândido (2004: 57), os estudos sobre as línguas Pano se dividem entre os que afirmam a existência de vogais nasais fonológicas e os que interpretam essas vogais como realizações apenas fonéticas, realizadas devido a um processo de nasalização.

No primeiro grupo temos, conforme nossa bibliografia, as línguas: Arara (Cunha, 1993); Poyanáwa (De Paula, 1992); Marinahua (Pike e Scott, 1962); Cashinahua (Kensinger, 1963); Katukína (Barros, 1987); Shipibo-Conibo, Cashibo<sup>82</sup>, Amahuaca (Shell, 1975). No segundo grupo, dos estudos que consideram as vogais nasais como realizações apenas fonéticas, temos: Yawanawá (De Paula, 2007); Shanenawa (Cândido, 2004); Jaminawa (Lanes, 2000); Marubo (Costa, 2000); Chácobo (Prost, 1967); Caxinauá (Camargo, 1995); Katukina (Aguiar, 1994); Kaxarari (Sousa, 2004); Matis (Spanghero Ferreira, 2000); Capanahua (Shell, 1975); Huariapano (Parker, 1994); Yaminahua (Loos, 2006).

Dentre as línguas interpretadas como tendo realizações apenas fonéticas de vogais nasais, destacamos: o Yawanawá (De Paula, 2007); e o Matis (Spanghero Ferreira, 2000); pois nessas línguas, assim como no Saynáwa, a nasalização: é tautossilábica, ocorre da direita para a esquerda e não se realiza quando temos onset ocupado por consoante nasal. Em Katukina (Aguiar, 1994), também não ocorre a nasalização quando temos onset nasal.

Já em Marubo (Soares, 1996; Costa, 2000) e Shanenawa (Cândido, 2004), ocorre a nasalização quando temos coda ou onset ocupado por consoante nasal, além da assimilação poder ser tautossilábica ou heterossilábica. No Shanenawa (Cândido, 2004), entretanto, a nasalização ocorre apenas da direita para a esquerda, enquanto no Marubo (Costa, 2000) pode ocorrer em ambas as direções quando temos coda nasal.

#### 3.4.1.2. Palatalização.

Quando tratamos em 3.1.4. da ressilabificação, vimos que a nasal alveolar, quando está em coda e em ambiente intervocálico, não é apagada na superfície, ressilabificando e passando a ocupar a posição de onset da sílaba seguinte.

---

<sup>82</sup> Em Shell (1950: 199), a autora afirma que a nasalização em Cashibo pode ser explicada por um fonema suprasegmental.

A presença de vogal nasalizada precedendo a nasal alveolar em posição de onset é um indício da ocorrência dessa ressilabificação (261-263), pois como vimos no subtópico anterior e podemos rever agora em (264-266), quando a nasal alveolar está em posição de onset desde a base, ela não promove a nasalização da vogal precedente.

Assim, quando comparamos os exemplos (261/264), (262/265), e (263/266) podemos observar que em (264-266) a nasal alveolar ocupa a posição de onset desde a base, não promovendo a nasalização das vogais precedentes, enquanto em (261-263) a nasalização das vogais da primeira sílaba pode ser explicada pelo fato de na base termos uma coda nasal, que após ter seu traço de nasalidade assimilado pelo núcleo silábico, ressilabificou, passando a ocupar a posição de onset da sílaba seguinte, portanto, o processo de nasalização é anterior ao da ressilabificação de /n/.

(261) [ʃõ.'nãʔ] - /ʃun.an/ “marrom”

(262) [bũ.'naʔ] - /bun.a/ “abelha urucu”

(263) [ĩ'jãʔ] - /in.an/ “lago”

(264) [ʃo'noʔ] - /ʃu.nu/ “samaúma”

(265) [u'nãʔ] - /u.nan/ “saúva”

(266) [i'naʔ] - /i.na/ “rabo”

Isso demonstra que a coda nasal em Saynáwa tem ponto de articulação especificado, sendo a nasal alveolar a consoante que ocupa na subjacência essa posição silábica. Essa interpretação se respalda não apenas na ressilabificação, como também porque não identificamos no Saynáwa a assimilação pela coda nasal de ponto de articulação da oclusiva que a segue, como ocorre em outras línguas Pano, como: no Shanenawa (Cândido, 2004); no Marubo (Costa, 2000); e no Caxinauá (Camargo, 1995). Por isso não observamos as realizações (270-272) em Saynáwa, mas tão somente (267-269).

(267) [ãĩ'boʔ] - /ainbu/ “mulher”

(268) [nutã'teʔ] - /nutanti/ “alguidar” (“copo pequeno”)

(269) [bõ'kaʃ] - /bunkas/ “cana-de-macaco”

(270) \*[ãĩm'boʔ] - /ainbu/ “mulher”

(271) \*[nutãñ'teʔ] - /nutanti/ “alguidar” (“copo pequeno”)

(272) \*[bõñ'kaʔ] - /bunkas/ “cana-de-macaco”

Todas essas observações são necessárias para entendermos a realização da nasal palatal [ɲ], que ocorre na superfície devido ao processo de palatalização e à ressilabificação. Identificamos nos nossos dados duas motivações distintas em relação ao ambiente para a realização de [ɲ], vejamos:

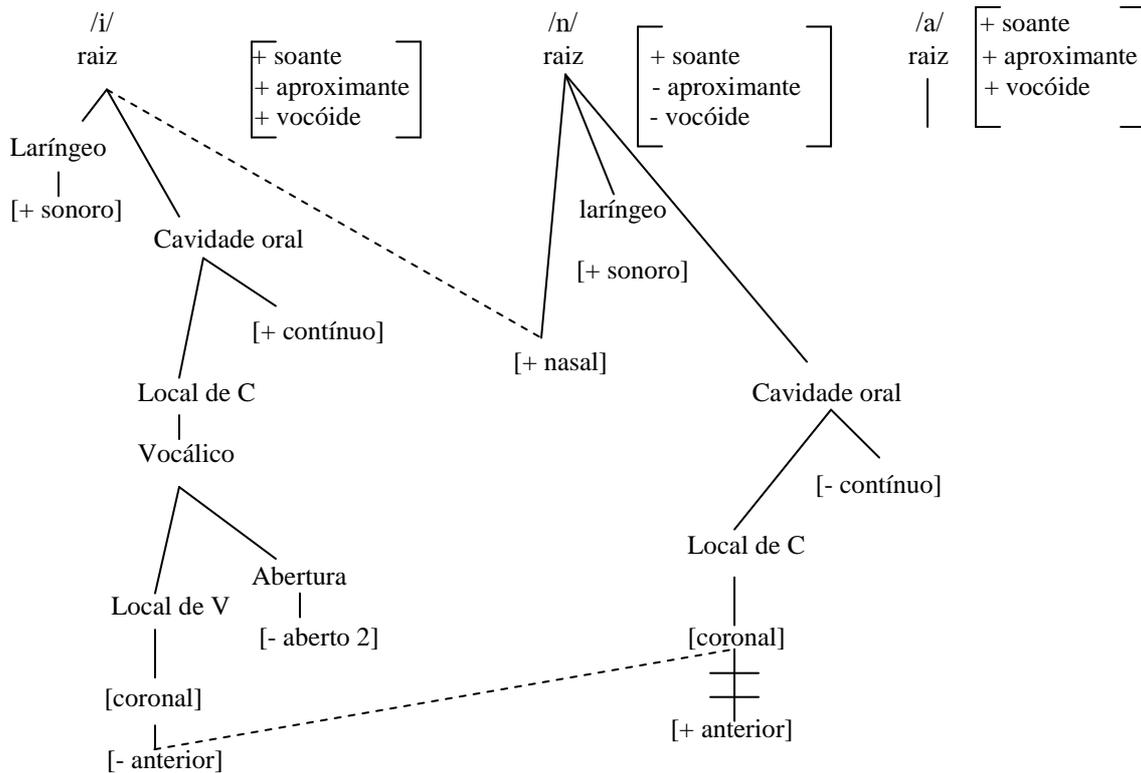
#### 1) Palatalização progressiva

A nasal alveolar /n/ quando em posição de coda e em ambiente intervocálico, realiza-se como [n] em onset da sílaba seguinte se for antecedida por vogal [- coronal], mas se for antecedida por vogal [+ coronal], realiza-se como [ɲ]. Isso ocorre devido ao processo de espriamento do traço [- anterior] da vogal coronal, que é assimilado pela nasal alveolar, como vemos abaixo, a partir das proposições de Clements e Hume (1995)<sup>83</sup>:

---

<sup>83</sup> Não especificamos os demais nós e traços de /a/ por serem supérfluos para o entendimento desse processo, o traço [+ vocóide] é suficiente para entendermos que ocorrerá a ressilabificação da consoante nasal.

[ĩ'nãʔ] - /in.an/ “lago” (263)



A simples contigüidade da vogal coronal com a nasal alveolar não promove a palatalização, como vemos em (273-275), devendo estar a nasal alveolar em posição de coda para que assimile o traço [- anterior] (276-280). Além disso, para que [ɲ] ocorra na superfície, também é necessário que esteja em ambiente intervocálico, ou seja, que se realize diante de segmento com o traço [+ vocóide], para que aconteça a ressilabificação e a coda nasal não seja apagada, como em (276-277).

Assim, o processo de palatalização, como aqui descrito, é anterior à ressilabificação, mas só pode ser observado na língua quando ocorre este último processo.

(273) [i'noʔ] - /i.nu/ “onça”

(274) [i'naʔ] - /i.na/ “rabo”

(275) [tʃini'kĩʔ] - /tʃi.ni.kin/ “espremer”

(276) [ta.'pĩʔ] - /ta.pin/ “aprender”

(277) [paʃi'kiʔ] - /pabinki/ “orelha”

(278) [nẽ.ɲu.'ãʔ] - /nin.u.an/ “choaca”

(279) [ma.ṛĩ.j̃na.'taʔ] - /ma.rin.a.ta/ “mucunã”

(280) [ta.pĩ.'j̃nãʔ] - /ta.pin.an/ “saber”

Portanto, o processo de assimilação do traço [- anterior] aqui descrito é quanto à direção: da esquerda para a direita, progressivo; quanto à contigüidade: a assimilação é de contato (“*contact assimilation*”) (Lass, 1984: 171); quanto à natureza do segmento afetado: é do modo modificador de traço (“*feature-changing mode*”); e quanto ao nó ou traço espraçado: a assimilação é de traço único (“*single-feature assimilation*”) (Clements e Hume, 1995: 258).

Essa assimilação é tautossilábica, e só é observada quando da junção de sílaba em interior de palavra, e não apenas em interior de pé, pois em (279), por exemplo, os segmentos envolvidos no processo estão em fronteira e não em interior de pé, como vemos abaixo:

(	X)	Nível da palavra (Regra final à direita)	(279)
(.	X)(.	X)	Nível do pé
˘	˘	˘	-
		Nível da sílaba	

[ma.ṛĩ.j̃na.'taʔ] - /ma.rin.a.ta/ “mucunã”

Desse modo, conforme Selkirk (1980) e Nespor e Vogel (1986: 15), observamos que esse processo ocorre no domínio da sílaba, aplicando-se a ele a regra prosódica do tipo: regra junção de domínio (“*domain juncture*”), como segue:

/n/. → .[ɲ] / [...[[...i,e \_] σ [V...] σ] Σ...] ω

Na representação acima não importa se os segmentos envolvidos estão em interior de pé: /n/. → .[ɲ] / [...[[...i,e \_] σ [V...] σ] Σ...] ω; ou em junção de pé: /n/. → .[ɲ] / [...[[...i,e \_] σ] Σ [[V...] σ...] Σ...] ω. Por isso a regra é de junção de sílaba e deve estar em interior de um domínio superior ao pé: a palavra fonológica.

## 2) Palatalização regressiva (fusão)

A nasal alveolar /n/ quando em posição de coda e em ambiente intervocálico, realiza-se como [ɲ] em onset da sílaba seguinte se for realizada diante da aproximante palatal [j], como podemos ver nos exemplos abaixo:

(281) [pũ.'j̃nãʔ] ~ [põ.'j̃nãʔ] - /pun.i.an/ “braço”

(282) [mã.'j̃noʔ] - /man.i.u/ “liso”

(283) [pi'to tʃõ'jõ?] - /pi.tu tʃun.i.un/ “periquitinho” (tipo de periquito)

Esse processo só pode ser compreendido a partir das seguintes derivações:

/pun.i.an/ → [pũn.i.ãn] → [pũn.jãn] → [pũ.njã] → [pũ.'jã?] - “braço” (281)

/man.i.u/ → [mãn.i.u] → [mãn.ju] → [mã.nju] → [mã.'jo?] - “liso” (282)

/pi.tu tʃun.i.un/ → [pi.tu tʃũn.i.ũn] → [pi.tu tʃũn.jũn] → [pi.tu tʃũ.njũ] → [pi'to tʃõ'jõ?] - “periquitinho” (tipo de periquito) (283)

As derivações acima expostas baseiam-se nas seguintes considerações:

a) o processo de nasalização ocorre antes da ressilabificação das vogais altas adjacentes, como vimos em 3.1.4. e podemos rever abaixo (284-285), onde constatamos que a aproximante não assimilou o traço de nasalidade da coda nasal porque a vogal alta ressilabificou após o espraçamento desse traço. Ocorrendo o mesmo para os exemplos (281-283), onde primeiro observamos a nasalização dos núcleos silábicos e só depois a ressilabificação da vogal alta, como em /pun.i.an/ → [pũn.i.ãn] → [pũn.jãn].

(284) [βe'wã?] ~ [βi'wã?] - /bi.u.an/ “tamanduá pequeno”

(285) [jãtə'ĩ?] - /iantəin/ “a tarde”

b) após a ressilabificação da vogal alta observamos a ressilabificação da nasal alveolar, que ocorre porque se encontra em ambiente intervocálico. Como já afirmamos, segundo Clements e Hume (1995: 274), as aproximantes (glides) pertencem à mesma classe das vogais, diferenciando-se dessas tão somente porque ocupam posição de margem silábica. Portanto, estando diante de segmento [+ vocóide], a nasal alveolar ressilabifica, passando a ocupar a posição de onset da sílaba seguinte, enquanto a coda nasal em final de palavra é apagada, como vemos em: [pũn.jãn] → [pũ.njã].

Assim, primeiro temos a ressilabificação da vogal alta para só então termos a ressilabificação da nasal alveolar. Esses processos ocorrem nessa ordem a fim de que toda a palavra seja analisada em pés métricos. Como vimos em 3.2, em palavras com sílaba ímpares, como nos exemplos (281-283), observa-se a análise local fraca (“*Weak Local Parsing*”), não sendo analisada em pés métricos a primeira sílaba dessas palavras (Hayes, 1995: 308). Por

essa razão, para que todas as sílabas sejam analisadas, a palavra tem seu número reduzido na superfície para sílabas pares.

Se ocorresse primeiro o processo de ressilabificação da nasal alveolar, como no exemplo (286), hipotético, ainda teríamos uma seqüência de sílabas ímpares, permanecendo a primeira sílaba sem ser analisada em pés métricos, não podendo ocorrer a ressilabificação da vogal alta porque como vimos em 3.1.4. a vogal coronal deve estar em sílaba do tipo V para ressilabificar e no caso de (286) ela se encontra em sílaba do tipo CV.

(286) /pun.i.an/ → [pũ.n.i.ãn] → \*[pũ.ni.ãn] → \*[pũ.ni. 'ã?] - “braço”

Desse modo, é mais produtivo que ocorra primeiro a ressilabificação da vogal coronal e só depois da nasal alveolar, pois assim toda a palavra poderá ser analisada em pés métricos.

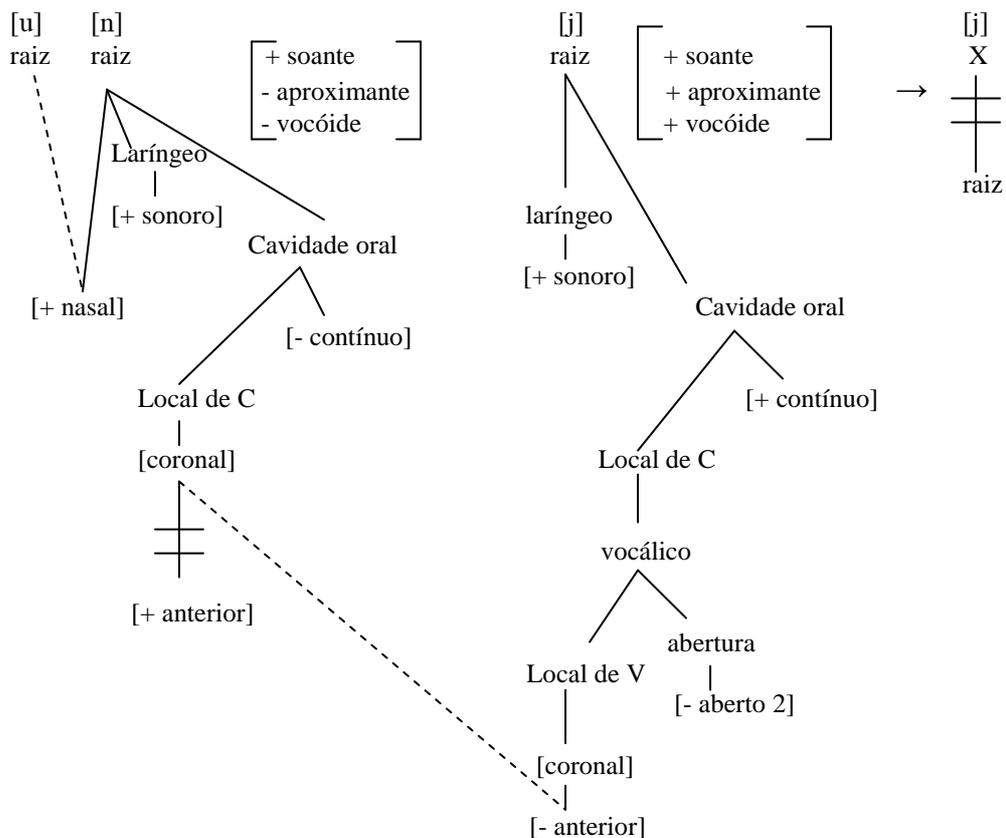
c) após a ressilabificação da nasal alveolar, como vemos em [pũ.njã], é que ocorre o processo de palatalização. Como a língua não permite sílabas do tipo CCV, a nasal alveolar se funde à aproximante palatal (Lass, 1984: 173), passando a se realizar como uma nasal palatal [ɲ], uma vez que assimilou o traço [- anterior] da aproximante palatal. Assim observamos a derivação [pũ.njã] → [pũ. 'ɲã?], quando passamos a ter na última sílaba o tipo CVC e não mais CCV.

Podemos ver esse processo na representação abaixo, a partir das proposições de Clements e Hume (1995), em negrito temos o momento da derivação em análise<sup>84</sup>:

---

<sup>84</sup> Não especificamos os demais nós e traços de [u] porque objetivamos tão somente demonstrar que o traço de nasalidade da nasal alveolar foi assimilado por essa vogal.

/pun.i.an/ → [pũn.i.ãn] → [pũn.jãn] → [pũ.njã] → [pũ.ˈnjãʔ] - “braço” (281)



As considerações expostas em a), b), c), baseiam-se também em dados que demonstram que para ocorrer essa palatalização não basta: que a nasal alveolar seja realizada diante de vogal coronal, como em (287-288), devendo a consoante nasal estar em posição de coda na subjacência; ou que essa consoante nasal, estando em coda na subjacência e ressilabificando, passe a ocupar a posição de onset de sílaba cujo núcleo é uma vogal coronal, como em (289), devendo a nasal alveolar constituir onset de sílaba ocupada por uma aproximante palatal. Em (290) podemos ver também que quando a aproximante palatal ocorre diante da nasal alveolar, ela não promove a palatalização.

(287) [pa.ˈneʔ] - /pa.ni/ “rede de dormir”

(288) [ma.ni.ˈpaj] - /ma.ni.paj/ “sororoca”

(289) [nõ.ˈneʔ] - /nun.i/ “mulateiro”

(290) [ˌmajˈnaʔ] - /majna/ “magro”

Portanto, o processo de assimilação do traço [- anterior] aqui descrito é quanto à direção: da direita para a esquerda, regressivo; quanto à contigüidade: a assimilação é de contato (“*contact assimilation*”) (Lass, 1984: 171); quanto à natureza do segmento afetado: é do modo modificador de traço (“*feature-changing mode*”); e quanto ao nó ou traço espraído: a assimilação é de traço único (“*single-feature assimilation*”) (Clements e Hume, 1995: 258). Essa assimilação pode ser classificada também como fusional, pois os segmentos envolvidos, a nasal alveolar e a aproximante palatal, fundem-se em um só segmento: a nasal palatal (Lass, 1984: 173).

A assimilação é tautossilábica, e só ocorre após a ressilabificação da nasal alveolar, estando relacionada à análise das sílabas em pés métricos. Por essa razão, identificamos sua realização quando os segmentos envolvidos estão em juntura de sílaba e em interior de pé, não existindo em nossos dados exemplos onde esses segmentos estejam em fronteira de pé.

Assim, conforme Selkirk (1980) e Nespor e Vogel (1986: 15), observamos que esse processo ocorre no domínio da sílaba, aplicando-se a ele a regra prosódica do tipo: regra juntura de domínio (“*domain juncture*”), como segue:

$$/n/. \rightarrow .[ɲ] / [[...v \_ ] \sigma [j... ] \sigma ] \Sigma$$

Diante do exposto nos itens 1) e 2), podemos concluir que os dois processos de palatalização do Saynáwa se diferenciam não apenas em relação aos segmentos que devem anteceder ou suceder a nasal alveolar, como também porque: enquanto no item 1) a palatalização ocorre antes da ressilabificação, no item 2) ela ocorre após a ressilabificação; em 1) a assimilação é progressiva, já em 2) é regressiva; em 2) a assimilação é fusional, enquanto em 1) os segmentos não se fundem; e apesar de em ambos os processos a assimilação ocorrer no mesmo domínio e conforme um mesmo tipo de regra prosódica, em 1) a juntura de sílabas está em interior de palavra, enquanto em 2) está em interior de pé. Essa última distinção é explicada pelo fato de que a palatalização regressiva está relacionada ao padrão rítmico da língua.

Em outras línguas Pano, conforme nossa bibliografia, a nasal palatal [ɲ], também identificada como nasal álveo-palatal (Barros, 1987), foi interpretada como: uma alofonia de /n/ em Shanenawá (Cândido, 1998), e em Katukina (Barros, 1987; Aguiar, 1994); uma alofonia de /i/ em Arara (Cunha, 1993); e uma alofonia de [y] em Yawanawa (Lanes, 2000), e em Yaminahua (Faust e Loos, 2002).

Em Shanenawá temos a realização da nasal palatal diante de [j], como em “/punjan/ [pũjnʲjã] ‘braço’” (Cândido, 1998: 61) (grifo da autora); já em Katukina (Barros, 1987: 36; Aguiar, 1994: 80-82), apesar das autoras divergirem sobre o estatuto fonológico das vogais nasais, elas defendem que a nasal álveo-palatal [ɲ] ocorre quando antecedida por vogal palatal nasalizada. Em Arara (Cunha, 1993: 67), o fone nasal palatal ocorre “*como aclave de sílaba final de palavra, antecedido por vogal nasal*”. Em Yaminahua (Faust e Loos, 2002: 17-18) a nasal palatal é realizada quando diante de vogal nasalizada. E em Yawanawa (Lanes, 2000: 94) a nasal palatal “*seria resultado de uma nasalização de [y]*”. Portanto, nessas línguas, diferentemente do Saynáwa, a realização da nasal palatal não depende da ressilabificação.

#### 3.4.2. Alongamento iâmbico.

Como vimos em 2.1.2.3.1., as vogais longas do Saynáwa são realizações apenas fonéticas e uma das razões para sua ocorrência é o processo do alongamento iâmbico, motivado pelo padrão rítmico iâmbico (tópico 3.2), sendo bastante comum tal processo entre as línguas que apresentam esse padrão rítmico (Hayes, 1995:83). Vejamos alguns exemplos onde ocorre esse processo<sup>85</sup>:

(291) [ˈtso:] ~ [ˈtsoʔ] - /tsu/ “pulga”

(292) [ˈi:] ~ [ˈiʔ] ~ [ˈeʔ] - /i/ “árvore”

(293) [ˈtʃi:] ~ [ˈtʃiʔ] ~ [ˈtʃeʔ] - /tʃi/ “fogo”

(294) [ˈne:] ~ [ˈneʔ] - /ni/ “floresta”

(295) [ˈna:] ~ [ˈnaʔ] - /na/ “este/esta” (pronome demonstrativo)

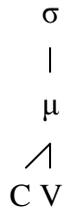
Em razão de pés degenerados serem absolutamente proibidos no nível lexical e somente permitidos no nível frasal quando não finalizarem enunciado (tópico 3.2), os monossílabos que são constituídos por sílabas leves têm sua vogal alongada a fim de que tenhamos uma sílaba pesada, e assim o pé degenerado inicial seja reparado e a Regra final à direita possa ser aplicada.

<sup>85</sup> Utilizamos como critério para distinguirmos vogais breves de vogais longas o estabelecido em Hayes (1995: 81) para línguas Iâmbicas, onde para se obter o efeito iâmbico, os elementos longos devem ser 1,5 ou 2,0 vezes mais longos que os elementos breves.

Vejam como ocorre esse processo:

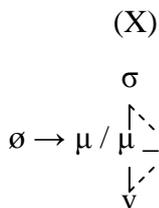
[<sup>1</sup>ne:] ~ [<sup>1</sup>neʔ] - /ni/ “floresta” (294)

Na subyacência temos /ni/, que apresenta apenas uma mora, realizando-se como uma sílaba leve, como vemos abaixo (Hayes, 1995: 53-54):

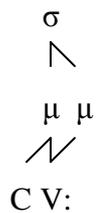


Desse modo, ela formaria um pé degenerado (Hayes, 1995: 102): (X)

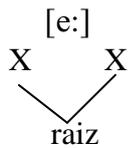
Para que esse pé seja reparado, temos o seguinte processo, conforme Hayes (1995: 206):



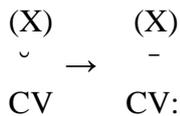
Assim passamos a ter [<sup>1</sup>ne:], que apresenta duas moras (Hayes, 1995: 53-54):



O alongamento vocálico em [<sup>1</sup>ne:] - /ni/ faz com que a vogal coronal passe a apresentar dois segmentos métricos (dois nós na camada da quantidade) ligados a um segmento melódico (um nó na camada da raiz) (Clements e Hume, 1995: 256-257), como segue:



Portanto, a partir desse processo, o monossílabo passa a ser constituído por uma sílaba pesada e não forma mais um pé degenerado (Hayes, 1995: 83):



Esse alongamento é variável como podemos ver em (291-295), não ocorrendo quando temos a realização da oclusiva glotal. Isso acontece porque a inserção da oclusiva glotal se dá pelas mesmas razões que motivam o alongamento iâmbico. A diferença entre essas estratégias é que a inserção de [ʔ] tem uma ocorrência mais larga, não se restringindo aos monossílabos, e é utilizada para reparar não apenas pés degenerados como também iambos planos.

Essa maior restrição para o alongamento iâmbico talvez seja explicada pelo fato de que nas línguas de mesmo padrão tal alongamento tende a não se aplicar às sílabas em final de palavra (Hayes, 1995: 269), adotando o Saynáwa esse processo, como uma exceção, apenas para monossílabos.

Como o alongamento iâmbico só ocorre em razão da boa formação dos pés métricos, e em monossílabos isolados ou que finalizem frase fonológica isolada ou enunciado fonológico, podemos concluir que esse processo se realiza no domínio do pé, quando este se encontra em limite de enunciado. Se ele ocorresse tão somente em limite de palavra ou em limite de frase fonológica, o observaríamos em monossílabos, constituídos por sílaba leve, realizados em interior de enunciado quando este fosse formado por mais de uma palavra ou frase fonológica, o que não condiz com a realidade.

Diante desse comportamento, conforme Selkirk (1980) e Nespor e Vogel (1986: 15), observamos para esse processo a regra prosódica do tipo: regra limite de domínio (“*domain limit*”), como segue:

$$v \rightarrow v: / [ \dots [ \dots [ [ [ \dots ] \sigma ] \Sigma ] \omega ] \phi ] U$$

A ocorrência do processo de alongamento iâmbico se dá quando da análise em pés métricos e em momento anterior à atribuição do acento.

### 3.4.3. Inserção.

#### 3.4.3.1. Inserção da oclusiva glotal [ʔ].

A oclusiva glotal, como exposto em 3.1.3.1., não se confirma como fonema da língua, comportando-se de modo diverso quando comparada aos demais fones consonantais. Sua realização está relacionada ao padrão rítmico da língua, que não permite pés degenerados ou pés iâmbicos planos em final de palavra ou de frase fonológica isoladas, ou de enunciado fonológico (tópico 3.2). Por isso, quando a coda de sílaba final não está preenchida, observamos a inserção de [ʔ], como vemos abaixo em palavras isoladas (296-298), em frases fonológicas isoladas (299-300), ou em enunciado fonológico (301).

(296) [ka'riʔ] - /kari/ “batata doce”

(297) [ˌmaj'naʔ] - /majna/ “magro”

(298) [ʃi'mũʔ] - /ʃimun/ “camapum”

(299) [o'ʃo ʃi'peʔ] - /uʃu ʃipi/ “soim branco”

(300) [ˈbo ˌtʃaj'paʔ] - /bu tʃajpa/ “cabelo comprido”

(301) [ˈtʃi ˌtʃaj'ma tsa'waʔ] - /tʃi tʃajma tsaua/ “ele está sentado perto do fogo”

Caso não ocorresse a inserção da oclusiva glotal em (296, 298), em (299), ou em (301), teríamos em final de palavra isolada, de frase fonológica isolada ou de enunciado fonológico, respectivamente, um pé iâmbico plano, do tipo (Hayes, 1995: 267):

(. X)

σ σ

Já em (297), e em (300), caso a oclusiva glotal não fosse inserida, teríamos um pé degenerado em final de palavra ou de frase fonológica (Hayes, 1995: 102):

(X)

˘

Desse modo, a fim de que pés mal formados sejam reparados e a Regra final à direita, presente tanto no nível lexical quanto frasal, possa ser aplicada, a oclusiva glotal é inserida em posição de coda de sílaba final de palavra ou de frase, isoladas, ou de enunciado.

Processos como esse são comuns segundo Hayes (1995: 82-83), pois pés métricos como o iambo plano: /<sup>˘</sup>1<sup>˘</sup>/, violam a Lei Iâmbica-Trocáica, que prevê contraste de duração para o padrão iâmbico, por isso esses pés sofrem processos segmentais que os transformam em um pé canônico: /<sup>˘</sup>1-/ (Hayes, 1995: 82-83).

Vejamos como ocorre esse processo para evitar iambos planos em posição final:

[ka'riʔ] - /kari/ “batata doce” (296)

Em /kari/ temos uma sílaba final leve e a formação de um pé iâmbico plano em final de palavra isolada:

* ( X)	Nível da palavra (Regra final à direita)
(. X)	Nível do pé
˘ ˘	Nível da sílaba
*ka'ri	

Para atribuir peso à sílaba final, cuja coda não está preenchida, insere-se a oclusiva glotal e assim a sílaba final passa a ser pesada e o pé passa a ser um pé iâmbico canônico:

( X)	Nível da palavra (Regra final à direita)
(. X)	Nível do pé
˘ -	Nível da sílaba
[ka'riʔ] - /kari/	

Agora, vejamos como ocorre esse processo para evitar pés degenerados em posição final:

[<sup>h</sup>bu tʃajpaʔ] - /bu tʃajpa/ “cabelo comprido” (300)

Em /bu tʃajpa/ temos uma sílaba final leve e a formação de um pé degenerado em final de frase fonológica isolada:

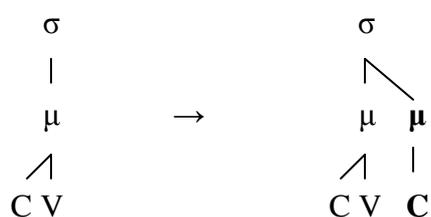
* ( X)	Nível da frase I (Regra final à direita)
(X) ( X)	Nível da palavra
(X) (X) (X)	Nível do pé
˘ - ˘	Nível da sílaba
* <sup>h</sup> bu tʃajpa “cabelo comprido”	

Como a coda da sílaba final da frase não está preenchida, insere-se a oclusiva glotal e assim atribui-se peso à sílaba final e corrige-se o pé degenerado:

(	X)	Nível da frase I (Regra final à direita)
(X)	( X)	Nível da palavra
(X)	(X) (X)	Nível do pé
˘	- -	Nível da sílaba

[<sup>h</sup>bo tʃaj<sup>h</sup>paʔ] - /bu tʃajpa/ “cabelo comprido”

Tanto em (296), como em (300), a sílaba final leve passou a se realizar como pesada, apresentando duas moras, como segue (Hayes, 1995: 53-54):



O exemplo (298) [ʃi<sup>h</sup>mũʔ] - /ʃimun/ “camapum” apresenta oclusiva glotal após vogal nasalizada. A inserção de [ʔ] nesse ambiente se faz necessária porque apesar de na subjacência termos uma coda nasal, esta, após ter seu traço de nasalidade assimilado pela vogal precedente, é apagada na superfície, como vimos em 3.4.1.1. O alongamento compensatório das vogais nasalizadas, visto em 2.1.2.3.1., por sua vez, não caracteriza esses segmentos como vogais longas e por isso não confere peso silábico.

Desse modo, como a sílaba onde é realizada a vogal nasalizada é interpretada pela língua como sendo uma sílaba leve, insere-se a oclusiva glotal a fim de se atribuir peso silábico e de se evitar pés mal formados. Isso demonstra que o processo de assimilação da coda nasal e seu posterior apagamento ocorrem antes da análise em pés métricos e dos processos que corrigem a má formação desses pés, como a inserção aqui estudada

Só não será necessária a inserção de [ʔ] quando tivermos na base os fonemas /s, j/, os quais não são apagados na superfície.

Devemos ressaltar que além da coda glotal, a língua adota outra estratégia para se evitar pés degenerados, mas tão somente em monossílabos: o alongamento iâmbico. Assim, a inserção de [ʔ] é o processo utilizado para a adequação ao padrão rítmico da língua que tem maior distribuição, aplicando-se não apenas a monossílabos, e que pode reparar qualquer pé métrico mal formado, não apenas pés degenerados.

Como a inserção da oclusiva glotal só ocorre em razão da boa formação dos pés métricos e quando temos sílaba final sem coda em palavra ou frase fonológica isoladas, ou em enunciado fonológico, concluímos que esse processo se realiza no domínio do pé, estando este em limite de enunciado.

Se interpretássemos que essa inserção se realiza quando o pé métrico está em limite de palavra, ou em limite de frase fonológica, teríamos realizações como (302) e (303), respectivamente, que não condizem com a realidade. Por isso afirmamos em 3.3.2. que a oclusiva glotal serve como delimitadora do enunciado fonológico, o nível mais alto na hierarquia prosódica, desde que este termine em sílaba aberta. Quando temos a realização da oclusiva glotal em final de palavra ou de frase fonológica isoladas é porque esses constituintes coincidem nesses casos com os limites do enunciado.

(302) \*['boʔ ʔtʃaj'paʔ] - /bu tʃajpa/ “cabelo comprido”

(303) \*['tʃi ʔtʃaj'maʔ tsa'waʔ] - /tʃi tʃajma tsaua/ “ele está sentado perto do fogo”

Diante desse comportamento, conforme Selkirk (1980) e Nespor e Vogel (1986: 15), observamos para esse processo a regra prosódica do tipo: regra limite de domínio (“*domain limit*”), como segue:

$$\emptyset \rightarrow \text{ʔ} / [\dots[\dots[\dots[\dots v \_ ] \Sigma] \omega] \phi] U$$

O processo de inserção de [ʔ] ocorre quando da análise em pés métricos e pode ser situado em momento: anterior à atribuição do acento; e posterior ao processo da assimilação de coda nasal.

Conforme nossa bibliografia, a língua Shanenawa (Cândido, 2004) apresenta um processo bastante semelhante ao aqui exposto para o Saynáwa. Em Shanenawa (Cândido, 2004: 43, 46-49), a oclusiva glotal também é inserida quando a sílaba final não apresenta coda, a fim de que o acento possa ser atribuído. Essas línguas, entretanto, apresentam algumas distinções quanto à realização desse processo: em ambas as línguas a inserção de [ʔ] está relacionada ao acento, mas no Shanenawa aplica-se a regra da “*Sensibilidade Quantitativa*” (grifo da autora) (Cândido, 2004: 47), enquanto no Saynáwa o acento é métrico e a inserção da oclusiva glotal não está relacionada apenas à necessidade de se atribuir peso à última sílaba, mas de evitar pés mal formados para que o acento mais proeminente seja atribuído; além disso, em Shanenawa (Cândido, 2004: 61-62) essa inserção não ocorre após vogal

nasalizada, mesmo ocorrendo o apagamento da coda nasal, enquanto em Saynáwa identificamos tal realização.

Outras línguas Pano também apresentam a oclusiva glotal em final de constituintes prosódicos: o Marinahua (Pike e Scott, 1962); o Cashinahua (Kensinger, 1963); o Kaxinawa (Camargo, 1988-1989); e o Huariapano (Parker, 1994); estando a realização da oclusiva glotal condicionada nesses dois últimos idiomas à existência de sílaba final aberta.

Nas línguas Marinahua (Pike e Scott, 1962), Cashinahua (Kensinger, 1963) e Kaxinawa (Camargo, 1988-1989), entretanto, não sabemos se a realização da oclusiva glotal se dá pelas mesmas razões identificadas para o Saynáwa ou para o Shanenawa (Cândido, 2004).

Já quanto ao Huariapano, sabemos que a realização da oclusiva glotal não está relacionada à atribuição do acento (Parker, 1994: 97). Contudo, essa língua tem, assim como o Saynáwa, um processo de inserção motivado pelo padrão rítmico, que no caso do Huariapano é Trocáico Moráico (Moraic Trochee) (Parker, 1994: 105): “*the motivation for [h]-epenthesis in Huariapano is the pressure to achieve or maintain foot-level well-formedness*” (Parker, 1994: 106). Nessa língua, insere-se o segmento [h] em posição de coda medial para atribuir peso à sílaba, quando o padrão rítmico assim o exigir.

#### 3.4.3.2. Inserção de [j].

Como vimos em 3.1.1., quando tratamos das sílabas fonéticas, o padrão [CVCC] não se confirma fonologicamente, surgindo graças ao processo de inserção da aproximante palatal [j]. Desse modo, os ditongos decrescentes formados em sílabas com coda ramificada são apenas fonéticos, diferentemente dos demais ditongos decrescentes formados por essa aproximante, que se confirmam na fonologia quando realizados em sílabas [VC] ou [CVC], conforme exposto em 2.1.3.2.

Vejamos os dados abaixo:

(304) [mã'tejs] - /mantis/ “unha”

(305) [tɛjʃ'təʔ] - /tistə/ “carvão”

(306) [rɛjs.'peʔ] ~ [rɛjʃ.'peʔ] ~ [res.'peʔ] ~ [riʃ.'peʔ] - /rispi/ “corda”

(307) [po'ko tʃe'pojʃ] - /puku tʃipus/ “barriga toda” (o abdômen e o tórax)

(308) [pi'ruʃ] ~ [pi'rus] - /pirus/ “pipira”

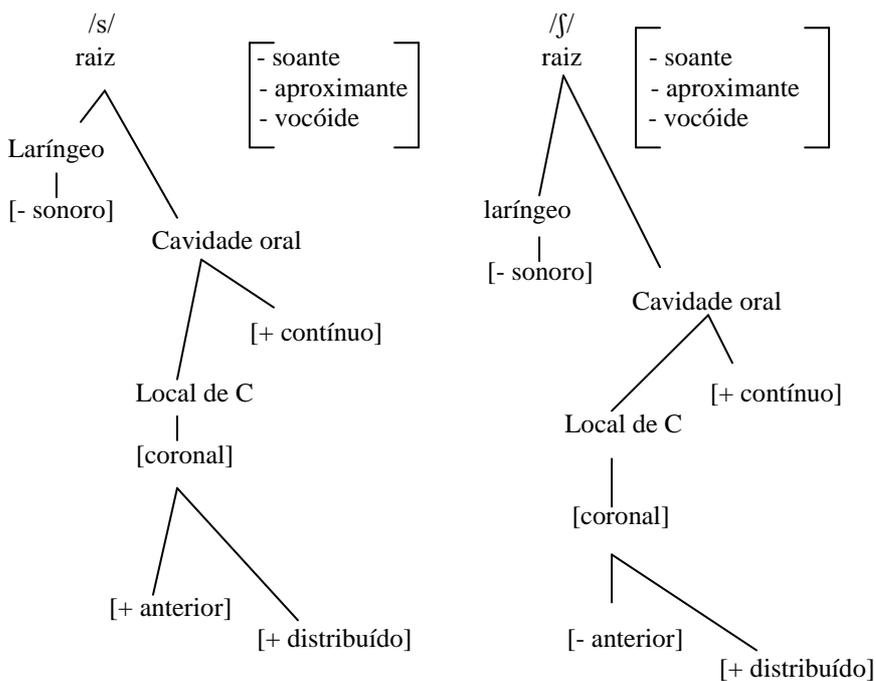
Como pudemos observar nos dados acima, na sílaba onde se realiza a aproximante palatal temos sempre em posição de núcleo silábico as vogais [e] (304-306) ou [o] (307), e na última posição de coda as consoantes [s] (304, 306) ou [ʃ] (305-307). Os dados (306, 308) mostram, por sua vez, que quando temos a realização das vogais [i, u] em núcleo silábico não observamos a ocorrência da aproximante palatal.

Desse modo, para que ocorra o processo de inserção de [j] é necessário que se realize o abaixamento das vogais /i, u/, como segue: /i/ → [e]; /u/ → [o]; e que a posição de coda seja preenchida pelos fones [s, ʃ], alofones de /s/. A realização de [j] é variável, como pode ser observado em (306), demonstrando que tal inserção é opcional.

Assim, a inserção de [j] pode ser representada assim:

$\emptyset \rightarrow [j] / [e, o] \_ [s, ʃ]$

Segundo Lass (1984: 184-186), processos como esse são assimilatórios, sendo comum em línguas como o inglês (Lass, 1984) e o português (Collischonn, 2005: 123-126). Em Saynáwa podemos observar que a inserção de [j] é promovida pela presença de um determinado traço no segmento contíguo. Como podemos ver nas representações abaixo, conforme Clements e Hume (1995), as consoantes [s, ʃ] apresentam o traço [coronal].



Essas consoantes [s, ʃ] favorecem a realização de [j]. Assim, a presença do traço [coronal] nelas promove a realização de um vocóide com o mesmo traço coronal e mais alto que as vogais em núcleo silábico, por isso essa inserção só pode ocorrer após o abaixamento dos segmentos nucleares.

O segmento inserido se realiza como uma aproximante palatal porque está em margem silábica, mas apresenta a mesma estrutura interna da vogal coronal alta (Clements e Hume, 1995: 274).

Diante do exposto, e com base em Selkirk (1980) e Nespor e Vogel (1986: 15), observamos que esse processo ocorre no domínio da sílaba e a regra prosódica que se aplica é do tipo: regra interior de domínio (“*domain span*”), como segue:

$$\emptyset \rightarrow j / [\dots e, o \_ s, ʃ] \sigma$$

Esse processo, como vimos em 3.1.3., está ligado à silabificação, pois faz com que a língua adote uma 4ª regra para a formação dos tipos silábicos (Kenstowicz, 1994: 255).

#### 3.4.4. Lenição.

Como exposto em 2.1.1.3., quando o fonema /b/ está em início de palavra e diante das vogais dorsais /ə, a/, ele pode se realizar como [b], [β], ou [w]<sup>86</sup>.

(309) [bə'neʔ] ~ [βə'neʔ] - /bəni/ “levantar-se”

(310) [ba'reʔ] ~ [βa'reʔ] - /bari/ “sol”

(311) [bə'ʃoʔ] ~ [wə'ʃoʔ] - /bəʃu/ “freijó”

(312) [ba'kaʔ] ~ [wa'kaʔ] - /baka/ “água, rio”

(313) [βə'roʔ] ~ [wə'roʔ] - /bəru/ “olho”

A flutuação [b] ~ [β] ~ [w] ocorre graças ao processo de lenição. Processos como esse têm valores para os traços [soante], [consonantal], ou [contínuo] modificados (Clements e Hume, 1995: 265), e pode ser representado pela seguinte hierarquia<sup>87</sup>:

<sup>86</sup> É importante lembrarmos que o fone [b] ocorre apenas diante de vogais labiais e dorsais, enquanto [β] apenas diante de vogais coronais e, desde que em início de palavra, dorsais.

<sup>87</sup> Lass (1984: 178) expande essa hierarquia, mas para entendermos esse processo no Saynáwa a representação tradicional é suficiente, por isso nos baseamos apenas nela.

“*Stop > Fricative > Approximant > Zero*” (Lass, 1984: 177)

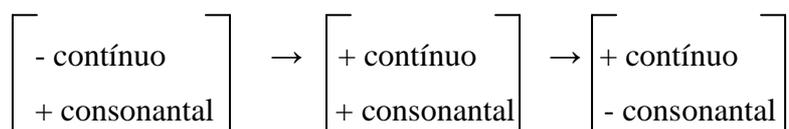
Para o Saynáwa temos a hierarquia:

Oclusiva (b) > Fricativa (β) > Aproximante (w)

Essa escala demonstra que temos um movimento que vai do maior impedimento até a livre passagem do fluxo de ar, por isso Lass (1984: 177-178) nos mostra que a lenição pode ocorrer como uma escala decrescente de resistência à passagem de ar no trato vocal (“*openness*”).

No Saynáwa, esse movimento de abertura implica em mudança de valores dos traços [contínuo] e [consonantal] (Lass, 1984: 179-180; Clements e Hume, 1995: 265), pois a oclusiva labial sonora [b] não apresenta o traço contínuo, [- contínuo], enquanto a fricativa labial sonora [β] o apresenta, [+ contínuo]. Essas consoantes, por sua vez, se distinguem da aproximante labial [w] porque apresentam o traço [+ consonantal], enquanto a aproximante é [- consonantal] <sup>88</sup>.

Assim, temos:



A lenição é comum nas línguas do mundo e o ambiente de início de sílaba é um dos contextos mais suscetíveis para sua realização (“*weakening contexts*”), sendo identificado com maior frequência nesses ambientes o enfraquecimento da oclusiva em relação à abertura (“*opening*”) e não à sonorização (“*sonorization*”) (Lass, 1984: 182), como ocorre com o Saynáwa.

Conforme nossa bibliografia, a variação entre os fones [b, β, w] também foi identificada em outras línguas Pano. Dentre esses idiomas temos o Kaxarari, no qual segundo

---

<sup>88</sup> Conforme Chomsky e Halle (1968) o traço contínuo está presente nos “*sons em cuja constrição primária o trato vocal não está estreitado a ponto de bloquear a passagem do fluxo de ar*” (Matzenauer, 2005: 24), enquanto nos sons não-contínuos o fluxo de ar é bloqueado. Já o traço consonantal está presente em “*sons produzidos com uma obstrução radical da região médio-sagital do trato vocal*” (Matzenauer, 2005: 22), enquanto os sons não-consonantais não apresentam essa obstrução.

Lanes (2000)<sup>89</sup> ocorre uma variação entre [β, w], estando /w/ na base. Seguindo essa interpretação, Lanes (2000: 111-112) considerou para o Kaxarari que a margem esquerda da palavra favorece processos de fortalecimento consonantal, em que a aproximante passa a se realizar como uma fricativa. Assim, enquanto em Kaxarari (Lanes, 2000: 111-112) temos um processo de fortalecimento, em Saynáwa temos um processo de lenição.

Em Huariapano (Parker, 1994), idioma no qual também ocorre a variação entre os fones [b, β, w], todos alofones de /β/, Parker (1994) relata que quando /β/ é realizado como uma aproximante: “*it sounds to my ear as though it has been completely neutralized with /w/, but the Shipibo speaker who assisted me always seemed to be able to distinguish the two*” (Parker, 1994: 96).

Essa informação é importante porque para o Saynáwa não identificamos a realização do fonema /u/ como [w] em início de palavra, pois em todos os dados coletados esse fone sempre flutua nessa posição com [b, β]. Nada impede, porém, que frente a novos dados possa ser identificada nessa posição a realização de [w] sem flutuação, o que confirmaria a possibilidade de termos em início de palavra a realização de [w] como alofone de /u/, em alguns casos, e, em outros, como alofone de /b/, o que consistiria em overlapping fonológico (Lass, 1984: 27-30). Assim, em futuras pesquisas de campo devemos investigar se as distinções percebidas pelo informante de Parker (1994) também são pelos falantes do Saynáwa.

Com base no que observamos, e conforme Selkirk (1980) e Nespor e Vogel (1986: 15), identificamos que esse processo ocorre no domínio da palavra e a regra prosódica que se aplica é do tipo: regra limite de domínio (“*domain limit*”), como segue:

$$/b/ \rightarrow [b] \sim [\beta] \sim [w] / [_ \text{ə}, \text{a}...] \omega$$

### 3.4.5. Neutralização.

Os fones [s, ʃ, h] quando ocorrem em posição de onset silábico confirmam-se como os fonemas /s, ʃ, h/, como vimos em 2.1.1.2., entretanto, quando são realizados em posição de coda silábica não apresentam contraste, ocorrendo a variação [s, ʃ] ~ [h] em coda medial, e [s] ~ [ʃ] em coda medial e final, sendo todos alofones de /s/ nessa posição.

---

<sup>89</sup> Sousa (2004: 48) apresenta para o Kaxarari uma interpretação distinta da de Lanes (2000). Segundo a autora, os segmentos /w, β/ confirmam-se como fonemas da língua.

(314) [poh'toʔ] ~ [pos'toʔ] ~ [poʃ'toʔ] - /pustu/ “barriga”

(315) [pi'rus] ~ [pi'ruʃ] - /pirus/ “pipira”

(316) [βa,kis'taʔ] ~ [βa,kiʃ'taʔ] ~ [ba,kiʃ'taʔ] - /bakista/ “criança”

(317) [meʃ'keʔ] ~ [mes'keʔ] - /miski/ “pedra”

A variação desses fones nessa posição pode ser explicada pelo processo de neutralização, que elimina os contrastes entre os traços ligados ao nó ponto de articulação (Local de C) desses segmentos (Clements e Hume, 1995: 263).

Os fones [s, ʃ, h] apresentam como traços comuns: [+ contínuo, - sonoro], e se distinguem pelas seguintes características: [s, ʃ] possuem ponto de articulação especificado, enquanto [h] não possui, realizando-se como [- consonantal] (Clements e Hume, 1995: 271); já [s] e [ʃ], apesar de terem ponto especificado e de serem coronais, apresentam o traço [anterior] com valores distintos.

A partir de regras distintas: a debucalização, e a palatalização; temos, respectivamente, a neutralização de [s, ʃ, h], e de [s, ʃ].

A neutralização a partir da palatalização faz com que o fonema /s/, em posição de coda, realize-se não apenas como uma fricativa alveolar [s], mas também como uma fricativa palatal [ʃ]. Essa palatalização ocorre em qualquer ambiente, não sendo realizada devido a um processo de assimilação, mas à neutralização das distinções entre [s, ʃ] em relação ao traço [anterior] (Clements e Hume, 1995: 263).

Já a neutralização a partir da regra da debucalização promove o desligamento do nó Local de C (“*node delinking*”) de [s] ou [ʃ], que variam livremente em coda como vimos acima<sup>90</sup>, quando um desses segmentos é precedido por [o] e seguido por [t], restando os traços [+ contínuo, - sonoro], que não estão ligados a esse nó, e eliminando os traços que distinguiam os segmentos [s, ʃ, h], podendo o segmento se realizar na superfície como: [h], sem a especificação de ponto; como [s], com ponto especificado e o traço [+ anterior]; ou [ʃ], com ponto especificado e [- anterior] (Clements e Hume, 1995: 264, 271).

---

<sup>90</sup> Apenas diante de [m] não identificamos a variação [s] ~ [ʃ], sendo realizada tão somente [ʃ], como em [iʃ'mẽʔ] - /ismin/ “urubu-rei”. Essa aparente distribuição mais larga de [ʃ] em coda, entretanto, pode ser limitada aos dados por nós coletados, como ponderamos em 2.1.1.3. ao tratarmos do fonema /s/.

Interpretamos que a fricativa alveolar /s/ está na base porque ela é mais natural que a fricativa palatal ou a glotal. Segundo Lass (1984: 151, 154), /s/ é mais comum que as demais fricativas nas línguas do mundo.

Diante do exposto, e com base em Selkirk (1980) e Nespór e Vogel (1986: 15), identificamos que esse processo ocorre no domínio da sílaba e as regras prosódicas que se aplicam são do tipo: regra juntura de domínio (“*domain juncture*”), quando temos a debucalização, a variação entre [s, ʃ, h], uma vez que ela só ocorre em coda medial; e regra limite de domínio (“*domain limit*”), quando temos a palatalização, a variação entre [s, ʃ], pois ela ocorre em coda medial e final; como segue:

$$/s/. \rightarrow [s] \sim [ʃ] \sim [h] / [[\dots o\_ ] \sigma [t\dots] \sigma] \Sigma$$

$$[s] \sim [ʃ] / [\dots\_ ] \sigma$$

#### 3.4.6. Conclusões sobre os processos fonológicos do Saynáwa.

Nossas observações sobre quais constituintes prosódicos os processos fonológicos do Saynáwa utilizam como domínio de aplicação de suas regras e quais as regras prosódicas são observadas para esses processos, podem ser resumidas no quadro abaixo:

Tabela n° 5

AS REGRAS PROSÓDICAS E OS DOMÍNIOS DE APLICAÇÃO DOS PROCESSOS FONOLÓGICOS		
PROCESSO	DOMÍNIO	REGRA PROSÓDICA
Nasalização	Sílaba	Limite de domínio
Palatalização progressiva	Sílaba	Juntura de domínio (em interior de palavra)
Palatalização regressiva (fusão)	Sílaba	Juntura de domínio (em interior de pé)
Inserção de [j]	Sílaba	Interior de domínio
Neutralização	Sílaba	[s, ʃ, h] (debucalização) - Juntura de domínio (em interior de pé) [s, ʃ] (palatalização) - Limite de domínio
Alongamento iâmbico	Pé	Limite de domínio (de enunciado fonológico)
Inserção da oclusiva glotal [ʔ]	Pé	Limite de domínio (de enunciado fonológico)
Lenição	Palavra fonológica	Limite de domínio

Alguns desses processos fonológicos confirmam a afirmação de Hayes (1995) de que *“metrical structure is not just a means of deriving stress but serves as a general organizing principle for the phonology of a language. (...) The foot structure of a language can (...) motivate the segmental changes themselves”* (Hayes, 1995: 82).

Isso pode ser observado nos processos da inserção da oclusiva glotal e do alongamento iâmbico, que são realizados como um modo de adequação ao padrão rítmico da língua; bem como explica a derivação existente no processo de palatalização regressiva, que promove a completa análise da palavra em pés métricos através de outros processos como a ressilabificação das vogais altas, o qual está diretamente ligado à estrutura métrica, pois tem sua maior motivação de realização no padrão rítmico que na tendência de se evitar sílabas sem onset, como vimos em 3.1.4.

Assim, estão ligados à estrutura métrica da língua os processos: do alongamento iâmbico, da inserção de [ʔ], da ressilabificação das vogais altas, e da palatalização regressiva. Nesse sentido, a observação de que os dois primeiros processos ocorrem no domínio do pé e

apresentam como regra prosódica o limite de enunciado fonológico, reafirma nossa interpretação em 3.2 de que a formação de iambos se dá da direita para a esquerda, uma vez que esses processos, que ocorrem quando da análise em pés métricos, tomam a extremidade direita como local para a aplicação das mudanças segmentais, independentemente dos segmentos ou constituintes prosódicos localizados à esquerda.

Outro aspecto interessante observado quando da análise dos processos fonológicos é o fato de que não só a sílaba é um domínio de aplicação de regras (Nespor e Vogel, 1986; Kenstowicz, 1994; Blevins, 1995), como também sua estrutura interna é importante para a realização delas. Por exemplo, a assimilação, progressiva ou regressiva, que resulta na palatalização de /n/, só ocorre quando este segmento está em coda na subjacência. No caso da palatalização progressiva, a nasal palatal só será observada se ocorrer a ressilabificação, já na regressiva, ocorrerá a assimilação apenas após a ressilabificação. Desse modo, a compreensão da estrutura interna da sílaba é fundamental para entendermos a ocorrência da palatalização, isso não implica dizer, todavia, que estamos considerando os subcomponentes da sílaba como domínios de aplicação de regras fonológicas, continuamos seguindo o entendimento de Nespor e Vogel (1986), em que o menor constituinte prosódico é a sílaba em si.

Essa derivação que mostramos para a palatalização regressiva e essa condição de a palatalização progressiva só poder ser observada se a ressilabificação acontecer, demonstram que alguns processos do Saynáwa são explicados em razão da ocorrência de outros processos e que podemos situar a aplicação de suas regras em um contínuo. Isso só não foi observado para os processos: da inserção de [j], da neutralização, e da lenição. Para os demais processos vejamos como podemos situar suas ocorrências<sup>91</sup>:

Tabela nº 6 – Derivação dos processos fonológicos do Saynáwa I

1º momento		2º momento		3º momento		4º momento
Nasalização	→	Ressilabificação vogais altas	→	Apagamento de /n/	→	Palatalização regressiva (fusão)
Ou				Ou		
Palatalização progressiva				Ressilabificação de /n/ <sup>92</sup>		

<sup>91</sup> A tabela nº 6 foi construída a partir das observações apresentadas em 3.4.1., já para a tabela nº 7 nos baseamos nos subtópicos: 3.4.1.1., 3.4.2., e 3.4.3.1.

<sup>92</sup> É nesse momento que a nasal palatal, realizada graças à palatalização progressiva, surge na superfície.

Tabela n° 7 – Derivação dos processos fonológicos do Saynáwa II

1° momento		2° momento		3° momento		4° momento
Nasalização	→	Apagamento de /n/	→	Inserção de [ʔ]	→	Atribuição do acento
				Ou		
				Alongamento iâmbico		

Se compararmos a tabela n° 6 à n° 7, veremos: que o 1° momento de uma coincide com o da outra; e que o 2° momento da tabela n° 7 corresponde ao 3° momento da tabela n° 6. Assim, podemos propor um quadro único, idêntico até o apagamento ou ressilabificação de /n/, e que se bifurca a partir do 4° momento, pois não podemos precisar se a inserção de [ʔ], por exemplo, ocorre antes ou depois da palatalização regressiva.

Tabela n° 8 – Quadro ressumitivo da derivação dos processos fonológicos do Saynáwa

1° momento		2° momento		3° momento
Nasalização	→	Ressilabificação vogais altas	→	Apagamento de /n/
Ou				Ou
Palatalização progressiva				Ressilabificação de /n/

	4° momento		5° momento
→	Palatalização regressiva (fusão)	→	Atribuição do acento
→	Inserção de [ʔ]		
	Ou		
	Alongamento iâmbico		

Portanto, os processos de: assimilação (nasalização e palatalização), alongamento iâmbico e inserção de [ʔ]; bem como os processos de ressilabificação e a atribuição do acento, se situam em um contínuo<sup>93</sup>.

<sup>93</sup> Parker (1994: 111) também postulou para o Huariapano um contínuo, onde primeiro temos “*Primary Stress Assignment*”, depois “*Vowel-Nasal Coalescence*”, e então “*Coda Epenthesis*”, estando esse processo de inserção

Apenas os processos de inserção de [ʔ], desde que em palavras não monossilábicas, pois em monossílabos tal inserção pode não ocorrer, adotando a língua o alongamento iâmbico como uma estratégia opcional à coda glotal; e de assimilação (nasalização e palatalização) são categóricos, desde que presentes as condições necessárias para suas realizações.

---

relacionado ao padrão rítmico da língua (Parker, 1994: 106). A precedência do processo de nasalização em relação a processos ligados à boa formação de pés métricos no Huariapano se assemelha ao que postulamos para o Saynáwa.

## CONCLUSÃO

Identificamos no Saynáwa a existência de 13 fonemas consonantais e de 4 fonemas vocálicos. Os fonemas consonantais, com suas respectivas realizações alofônicas, são: /p/ → [p]; /b/ → [b, β, w]; /m/ → [m]; /t/ → [t]; /n/ → [n, ɲ]; /r/ → [r]; /s/ → [s, ʃ, h]; /ts/ → [ts]; /ʃ/ → [ʃ]; /tʃ/ → [tʃ]; /j/ → [j]; /k/ → [k]; /h/ → [h]. E os fonemas vocálicos, com suas respectivas realizações alofônicas, são: /i/ → [i, e, ĩ, ě, j]; /ə/ → [ə, ẽ]; /a/ → [a, ã]; /u/ → [u, o, ũ, õ, w]. As vogais longas não se constituem em fonemas, ocorrem em razão: do processo de alongamento iâmbico, ou da existência na base de duas vogais idênticas em seqüência.

Os ditongos crescentes, formados por [w, j], e decrescentes, formados por [j] em sílaba do tipo [CVCC], são realizações apenas fonéticas, enquanto os ditongos decrescentes, formados por /j/, confirmam-se na subjacência.

A língua Saynáwa apresenta as sílabas fonéticas: [V, CV, VC, CVC, CVCC], e as sílabas fonológicas: /V, CV, VC, CVC/. Assim, ela tem como molde silábico a estrutura: (C)V(C), na qual a posição de onset pode ser preenchida por quase todas as consoantes, exceto /j/, o núcleo por todas as vogais, e a coda apenas pelas consoantes /n, s, j/. Identificamos a existência de quatro regras para a atribuição de segmentos às posições silábicas, sendo todas as suas sílabas do tipo “*core syllables*” (Kenstowicz, 1994: 255). Além disso, observamos a existência de processos de ressilabificação, como o das vogais altas adjacentes e o da coda nasal em ambiente intervocálico. A compreensão da estrutura interna da sílaba mostrou-se essencial para entendermos processos fonológicos como a palatalização.

O acento, confirmando-se nossa hipótese inicial, é métrico, não sendo distintivo. Tanto o acento lexical, como o frasal (os compostos comportam-se como frases), obedecem ao padrão rítmico Iâmbico, formando iampos da direita para a esquerda e aplicando-se a Regra final à direita, ocorrendo também a formação persistente de pés métricos e a análise local fraca. Pés degenerados são fortemente proibidos em nível lexical e fracamente proibidos em nível frasal, e pés iâmbicos planos só são permitidos quando não finalizam palavra ou frase.

Confirmando-se também o que nos diz Hayes (1995: 82): “*metrical structure is not just a means of deriving stress but serves as a general organizing principle for the phonology of a language*”, a estrutura métrica do Saynáwa regula não apenas o padrão acentual, mas a

fonologia dessa língua como um todo, só podendo ser compreendidos alguns de seus fenômenos em razão dessa estrutura.

Processos fonológicos como o alongamento iâmbico ou a inserção da oclusiva glotal [ʔ], que ocorrem para se evitar pés métricos mal formados; a derivação identificada no processo da palatalização regressiva (fusão), que promove a análise de toda a palavra em pés métricos; e a ressilabificação das vogais altas, envolvida nessa derivação; são motivados e regulados por essa estrutura métrica. A ressilabificação das vogais altas, por exemplo, tem sua maior motivação no padrão rítmico da língua, o que nos permite observar ser mais importante para o Saynáwa a formação de pés métricos canônicos que a atribuição de onset às sílabas, não se aplicando a “*CV-rule*” ou “*Maximal Onset Principle*” (Kenstowicz, 1994: 254, 280; Blevins, 1995: 230) quando isso impedir a formação de pés canônicos.

O subsistema métrico também está fortemente relacionado ao subsistema prosódico do Saynáwa, o que pode ser claramente observado quando reconhecemos os constituintes prosódicos dessa língua a partir de seus constituintes métricos, sendo postulado para o Saynáwa os seguintes constituintes prosódicos (em ordem crescente na hierarquia prosódica): sílaba ( $\sigma$ ), pé ( $\Sigma$ ), palavra fonológica ( $\omega$ ), frase fonológica ( $\Phi$ ), enunciado fonológico (U); tendo sido observado que a oclusiva glotal, cuja realização é explicada pelo subsistema métrico, delimita o nível mais alto na hierarquia prosódica: o enunciado fonológico (U).

Quanto aos principais processos fonológicos do Saynáwa, identificamos: a nasalização, a palatalização progressiva, a palatalização regressiva (fusão), o alongamento iâmbico, a inserção da oclusiva glotal [ʔ], a inserção de [j], a lenição, e a neutralização. A nasalização, a palatalização progressiva, a palatalização regressiva (fusão), a inserção de [j], e a neutralização, ocorrem no domínio da sílaba; o alongamento iâmbico, e a inserção da oclusiva glotal [ʔ], ocorrem no domínio do pé; e a lenição, ocorre no domínio da palavra fonológica.

As regras prosódicas observadas para os processos fonológicos do Saynáwa são:

- 1) interior de domínio: inserção de [j];
- 2) junção de domínio: palatalização progressiva, palatalização regressiva (fusão), neutralização (debutalização);
- 3) limite de domínio: nasalização, neutralização (palatalização), alongamento iâmbico, inserção da oclusiva glotal [ʔ], lenição.

Alguns desses processos fonológicos, salvo a inserção de [j], a neutralização, e a lenição; se situam em um contínuo, juntamente com os processos de ressilabificação e com a atribuição do acento, demonstrando que alguns processos só ocorrem em razão de outros processos.

Essas são algumas das principais conclusões a que podemos chegar sobre a fonologia do Saynáwa, cuja análise nos mostrou ter sido bem acertada nossa decisão inicial em considerar essa língua como pertencente à família lingüística Pano, pois ela apresenta uma grande similaridade com as demais línguas dessa família lingüística.

Os dados que apresentamos de outras línguas Pano foram utilizados apenas para demonstrarmos essas semelhanças e para entendermos melhor os fenômenos que íamos analisando no Saynáwa, mostrando-se necessário ainda um estudo comparativo, com esses ou mais dados, entre o Saynáwa e os demais idiomas Pano para sabermos como o Saynáwa se situa dentro das classificações internas dessa família lingüística. A identificação da vogal dorsal média /ə/, e o fato do etnônimo mais antigo ter sido Saybaybô, o que para Tastevin (1919: 152) seria algo revelador, mereceriam nesse estudo comparativo alguma atenção, pois poderiam demonstrar certo distanciamento do Saynáwa em relação às demais línguas Pano faladas na região do rio Juruá, apesar das semelhanças entre essas línguas aparentemente superarem tais distinções.

Mais estudos também se mostram necessários sobre alguns aspectos da fonologia do Saynáwa, como, por exemplo, as variações existentes entre as vogais altas e as médias-altas, sejam as coronais [i, e], ou as labiais [u, o], que a princípio nos pareceram ser distinções apenas auditivas em razão da pequena diferença acústica por nós detectada na comparação das alturas dos seus 1º formantes. Outros aspectos igualmente interessantes para serem investigados estão relacionados aos constituintes prosódicos, seja o conhecimento mais profundo dos limites desses constituintes, a partir dos processos de juntura externa, seja a identificação dos constituintes: grupo clítico (C), e frase entonacional (I), que não puderam ser por nós delimitados porque nosso estudo não teve como objetivo avançar na morfossintaxe e na semântica da língua.

Assim, não apenas a fonologia do Saynáwa pode ainda ser bastante explorada, como também sua morfossintaxe, que jamais foi objeto de estudo. Essa análise não só seria interessante para compreendermos a gramática da língua, como também para podermos entender ainda mais sua fonologia, pois, como vimos, alguns constituintes prosódicos só podem ser delimitados em razão do conhecimento da morfossintaxe do Saynáwa, e processos

como o da nasalização revelam essa interface entre a fonologia e os componentes gramaticais. O estudo da morfossintaxe do Saynáwa poderia nos levar à identificação de fenômenos morfofonológicos e sintático-fonológicos dessa língua.

As relações sociais, a cosmovisão, dentre outros aspectos etnográficos, também merecem mais estudos, principalmente porque eles não foram o objeto específico de nosso trabalho, tendo sido apresentados apenas no intuito de entendermos um pouco a sociedade Saynáwa. De qualquer modo, essas informações etnográficas demonstraram uma grande semelhança entre os Saynáwa e os demais povos Pano, reafirmando as similaridades lingüísticas sobre as quais já falamos e a homogeneidade cultural percebida por Rivet e Tastevin (1927), Erikson (1994), e Sáez (2006), sobre os diversos grupos dessa família lingüística.

Apesar do muito que ainda se tem por analisar, desejamos que nosso trabalho tenha contribuído para os estudos da família lingüística Pano, e que ele tenha tornado visível para a academia o povo Saynáwa, quase extinto no início do século XX, e sua língua, que se não foi extinta naquele século corre sérios riscos de o ser neste.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, J. Capistrano de. *Rã-txa hu-ni-ku-ĩ: A Língua dos Caxinauás do Rio Ibuacu*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1914.
- AGUIAR, Maria Suelí de. Os Clãs dos Índios Katukina. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. n. 12. Campinas, 1987. p. 43-48.
- \_\_\_\_\_. *Análise Descritiva e Teórica do Katukina – Pano*. Tese. Unicamp, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Fontes de Pesquisa e Estudo da Família Pano*. Campinas: Unicamp, 1994.
- ALVIANO, Frei Fidelis de. Ensaio da Língua dos Índios Magironas ou Maiorunas do Rio Jandiatuba. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. vol. 237. 1957. p. 43-60.
- BARROS, Luizete Guimarães. *A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukína (Páno)*. Dissertação. Unicamp, 1987.
- BISOL, Leda. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 243-255.
- BLEVINS, Juliette. The Syllable in Phonological Theory. In: GOLDSMITH, John A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 206-244.
- BRASIL. Portaria n° 2734, de 1987. Interdição da Terra Indígena Jamináwa do Igarapé Preto.
- BRASIL. Portaria n° 66/MJ, de 02 de março de 1993. Revisão da área da Terra Indígena Jamináwa do Igarapé Preto.
- BRASIL. Portaria n° 688/PRES, de 22 de agosto de 2001. Vinculação da Terra Indígena Jamináwa do Igarapé Preto à jurisdição da Administração Executiva Regional de Rio Branco/AC da FUNAI.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise Fonológica: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CAMARGO, Eliane. *Sugestão para uma Proposta de grafia unificada do hantxa kuin: Relatório Técnico de pesquisa de campo (para o setor de Lingüística do Museu Nacional)*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1988-1989.
- \_\_\_\_\_. Léxico Caxinauá-Português. In: *Ameríndia*. Paris: A.E.A., 1995. p. 1-120.
- \_\_\_\_\_. A construção genitiva em Caxinauá (Páno). In: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara (orgs.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: UNB, 2005. p. 215-227.
- CÂNDIDO, Gláucia Vieira. *Aspectos fonológicos da língua Shanenawá (Pano)*. Dissertação. Unicamp, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Descrição Morfosintática da Língua Shanenawa (Pano)*. Tese. Unicamp, 2004.
- CARVALHO, José Cândido de Melo. *Notas de viagem ao Javari-Itacoai-Juruá*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1955.
- CASTELO BRANCO, J. M. Brandão. Caminhos do Acre. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. vol. 196, jul.-set. Rio de Janeiro, 1947. p. 74-225.

\_\_\_\_\_. O Gentio Acreano. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. vol. 207, abr.-jun. Rio de Janeiro, 1950. p. 3-78.

CHANDLESS. Chandless's Notes on the River Purûs. In: *Journal of the Royal Geographical Society*. vol. 36. London: John Murray, 1866. p. 86-118.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Moris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper e Row, 1968.

CLEMENTS, G. N.; HUME, Elizabeth V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, John A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 245-306.

CLEMENTS, G. N. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. (eds.). *Papers in laboratory phonology 1: Between the grammar and physics of speech*. Cambridge: Cambridge University, 1990. p. 283-333.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 101-133.

COMRIE, B.; SMITH, N. The Lingua descriptive studies: Questionnaire. In: *Lingua*. 1977. p.1-72.

COSTA, Raquel Guimarães Romankevicius. *Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)*. Dissertação. UFRJ, 1992.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da Fonologia Marubo (Pano): uma visão não-linear*. Tese. UFRJ, 2000.

COUTO, Alexandre. *Ortografia Kaxarari – uma proposta*. Porto Velho, 2005.

CPI-ACRE. *Da História à Situação Atual dos Índios do Acre* (pela demarcação das Terras Indígenas). Rio Branco, 1982.

CRUZ, Tereza Almeida. *Retrato cultural dos Katukina, Kaxinawá, Shanenawa, Jaminawa e Manchineri*. Rio Branco: FEM, 2004.

CUNHA, Carla Maria. *A Morfossintaxe da Língua Arara (Pano) do Acre*. Dissertação. UFPE, 1993.

CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro Barbosa de (orgs.). *Enciclopédia da Floresta, o alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

D'ANS, A.-M. Reclasificación de las lenguas Pano y datos glotocronológicos para la Etnohistoria de la Amazonía Peruana. In: *Revista Del Museo Nacional*. n. 39. 1973. p. 349-369.

DÉLÉAGE. *Les Sharanahua*. 2009. Disponível em: <http://deleagethese.googlepages.com/DeleageT1chap121-37.pdf>. Acesso em: 26/06/09.

DE PAULA, Aldir Santos. *Poyanáwa A Língua dos Índios da Aldeia Barão, aspectos fonológicos e morfológicos*. Dissertação. UFPE, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Língua dos Índios Yawanawá do Acre*. Maceió: EDUFAL, 2007.

DORIGO, Carmen Teresa. *Constituintes métricos na Língua Matsés (Pano)*. (s.d.).

EAKEN, Lucille. *Lecciones para el aprendizaje del idioma Yaminahua*. Documento de Trabajo n° 22. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2008.

ERIKSON, Philippe. A Onomástica Matis é Amazônica? In: CASTRO, Eduardo Viveiros de; CUNHA, Manuela Carneiro da (orgs.). *Amazônia: Etnologia e História Indígena*. São Paulo: NHII-USP/FAPESP, 1993. p. 323-338.

\_\_\_\_\_. The Panoans: an Overview. *Panology: State of the Art*. In: ERIKSON, Philippe et al. (orgs.). *Amerindia, Kirinkobaon Kirika (<Gringos' Books>)* An Annotated Panoan Bibliography. Suplemento 1, n. 19. Paris: A.E.A., 1994. p. 4-9.

ESTADO DO ACRE Político-Turístico-Rodoviário. São Paulo: Cartomapas, [200-?]. 1 mapa. Escala 1:740.000.

FABRE, Alain. *Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos. Pano-Takana*. 2005. Disponível em: <http://butler.cc.tut.fi/~fabre/BookInternetVersio/Dic=PanoTakana.pdf>. Acesso em: 14/06/2009.

FAUST, Norma; LOOS, Eugene E. *Gramática del Idioma Yaminahua*. Serie Lingüística Peruana n° 51. Peru: Instituto Lingüístico de Verano, 2002.

FERREIRA, Rogério Vicente. *Língua Matis: Aspectos descritivos da morfossintaxe*. Dissertação. Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. *Língua Matis (Pano); uma descrição gramatical*. Tese. Unicamp, 2005.

FROIDEVAUX, Sylvain. Nommer L'Autre: Typologies, ethnonymes et stéréotypes. In: ZIEGLER, Erica; PERRET, Geneviève (orgs.). *Tabou*. Genève: Infolio, 2005. p. 67-89.

GLEASON JR., H. A. *Introdução à lingüística descritiva*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.

GOLDSMITH, John. The Aims of Autosegmental Phonology. In: DINNSEN (org.). *Current Approaches to Phonological Theory*. Bloomington: Indiana University, 1979. p. 202-222.

\_\_\_\_\_. Phonological Theory. In: GOLDSMITH, John A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 1-23.

GONÇALVES, Marco Antônio Teixeira. *Acre: história e etnologia*. Rio de Janeiro: Núcleo de Etnologia Indígena/UFRJ, 1991.

HAYES, Bruce. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago/London: The University of Chicago, 1995.

KENSINGER, Kenneth M. The phonological Hierarchy of Cashinahua (Pano). In: *Studies in Peruvian Indian Languages: I*. n. 9. Summer Institute of Linguistics, 1963. p. 207-219.

\_\_\_\_\_. Panoan Linguistic, Folkloristic and Ethnographic Research: Retrospect and Prospect. In: KLEIN, Harriet E. Manelis; STARK, Louisa R. (eds.). *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*. Austin: University of Texas, 1986. p. 224-285.

KENSTOWICZ, Michael. *Phonology in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell, 1994.

KIETZEMAN, Dale W. Afinidades culturales de los Amahuacas del Peru. In: *Peru Indígena*. vol. 2, n. 5-6, jun. Lima, 1952. p. 1-8.

KINDELL, G. E. *Guia de Análise Fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The Sound of the World's Languages*. Oxford: Blackwell, 1996.

LANES, Elder José. *Mudança Fonológica em Línguas da Família Pano*. Dissertação. UFRJ, 2000.

LASS, Roger. *Phonology: An Introduction to basic concepts*. Cambridge: Cambridge University, 1984.

LIMA, Edilene Coffaci de. Katukina, Yawanawa e Marubo: desencontros míticos e encontros históricos. In: *Cadernos de Campo*. vol. 4, n. 4. São Paulo, 1994. p. 1-19.

LOOS, Eugene E.; LOOS, Betty. *Diccionario Capanahua-Castellano*. 2. ed. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2003.

LOOS, Eugene E. Pano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University, 1999. p. 227-250.

\_\_\_\_\_. *Discontinuous Nasal Spread in Yaminahua*. Summer Institute of Linguistics, 2006.

LOUKOTKA, Chestmír. Linguas Indigenas do Brasil. In: *Revista do Arquivo Municipal*. ano 5, vol. 54. São Paulo, 1939. p. 147-174.

MARTINS, Homero Moro. *Os Katukina e o Kampô: Aspectos Etnográficos da Construção de um Projeto de Acesso a Conhecimentos Tradicionais*. Dissertação. UNB, 2006.

MASON, J. Alden. The languages of South American Indians. In: STEWARD, Julian (ed.). *Handbook of South American Indians*. vol. 6. 1950. p. 157-318.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 11-81.

MCQUOWN, Norman A. The Indigenous Languages of Latin America. In: *American Anthropologist*. vol. 57, n. 3, jun. 1955. p. 501-570.

MORI, Ángel Corbera. Estudios sobre Lenguas Indígenas Amazónicas en el Peru. In: *Amazonía Peruana: estudios sobre lenguas indígenas*. n. 23, Tomo XII, dez. Centro Amazonico de Antropologia y Aplicacion Practica, 1993. p. 37-74.

NAVEIRA, Miguel Alfredo Carid. *Yama Yama: os sons da memória, afetos e parentesco entre os Yaminahua*. Tese. UFSC, 2007.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

OPPENHEIM, Victor. Notas ethnographicas sobre os indigenas do alto Juruá (Acre) e Valle do Ucayali (Perú). In: *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. n. 2, Tomo VIII. Rio de Janeiro, 1936. p. 145-155.

PARKER, Steve. Coda epenthesis in Huariapano. In: *International Journal of American Linguistics*. vol. 60, n. 2, abr. The University of Chicago, 1994. p. 95-119.

PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University, 1997.

PIKE, Eunice; SCOTT, Eugene. The Phonological Hierarchy of Marinhua. In: *Phonetica*. vol. 8, n. 1-3. 1962. p. 1-8.

PROST, Gilbert R. Phonemes of the Chácobo Language. In: *Linguistics, An International Review*. 35. Mouton: The Hague, 1967. p. 61-65.

QUESTIONÁRIO. *Léxico para estudos comparativos*, composto por itens: do Rowe Standard Comparative Vocabulary, e do léxico de M. Swadesh. s.d.

QUESTIONÁRIO. *Pesquisa tipológica das Línguas Indígenas*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, s.d.

QUESTIONÁRIO. *Questionário (SIL-Museu Nacional)*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, s.d.

RIBEIRO, Lincoln Almir Amarante. Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano. In: *Investigações*. vol. 19, n. 2. Recife: UFPE, 2006. p. 157-182.

RIVET, P.; LOUKOTKA, C. Langues de L'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, A.; COHEN, Marcel (orgs.). *Les Langues du Monde*. Paris: CNRS, 1952. p. 1099-1160.

RIVET, P.; TASTEVIN, C. Les dialectes Pano du haut Juruá et du haut Purús. In: *Anthropos*. n. 22. 1927. p. 811-827.

RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. Contribuições das línguas brasileiras para a Fonética e a Fonologia. In: *Language in the Americas*. Ithaca: Cornell University, 1984. p. 263-268.

\_\_\_\_\_. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. In: *Revista Delta*. vol. 9, n. 1. São Paulo, 1993. p. 83-103.

\_\_\_\_\_. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SÁEZ, Oscar Calavia. Yaminawá: Localização, população e mobilidade. In: *Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil*. fev. Instituto Socioambiental, 1998.

\_\_\_\_\_. Nawa, Inawa. In: *Revista Ilha*. vol. 4, n. 1, jul. 2002. p. 35-57.

\_\_\_\_\_. Extranjeros sin fronteras. Alteridad, nombre e historia entre los Yaminawa. In: *Indiana*. vol. 19/20. 2002-2003. p.73-88.

\_\_\_\_\_. *O nome e o tempo dos Yaminawa: Etnologia e história dos Yaminawa do rio Acre*. São Paulo: UNESP, 2006.

\_\_\_\_\_. Os 'índios dos índios': A indianidade, a humanidade e os iaminauás. In: *Ciência Hoje*. vol. 42, n. 252, set. 2008. p.30-35.

SCHULTZ, Harald; CHIARA, Vilma. Informações sobre os índios do alto rio Purus. In: *Revista do Museu Paulista*. vol. 9, n. 5. São Paulo, 1955. p. 181-201.

SELKIRK, E. O. Prosodic domains in phonology: Sanskrit revisited. In: ARONOFF, M.; KEAN, M.-L. (eds.). *Juncture*. Saratoga: Anma Libri, 1980. p. 107-129.

SHELL, Olive A. Cashibo I: Phonemes. In: *International Journal of American Linguistics*. vol. 16, n. 4. 1950. p. 198-202.

\_\_\_\_\_. Las lenguas Pano y su reconstrucción. In: *Serie Lingüística Peruana*. 3.ed. n. 12. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2008 (1975).

SOARES, Marília Facó. Aspectos lineares e não-lineares de processos fonológicos em línguas indígenas brasileiras. In: *Letras de Hoje*. vol. 31, n. 2, jun. Porto Alegre, 1996. p. 77-95.

SOUSA, Gladys Cavalcante. *Aspectos da Fonologia da Língua Kaxarari*. Dissertação. Unicamp, 2004.

SOUZA, Emerson Carvalho. Características léxicas e morfossintáticas da língua Arara – Pano. In: *VI Congresso Internacional da Abralín, XIX Instituto de Lingüística*. João Pessoa, 2009.

SPANGHERO FERREIRA, Vitória Regina. *Língua Matis (Pano): uma análise fonológica*. Dissertação. Unicamp, 2000.

TASTEVIN, C. Quelques considérations sur les indiens du Juruá. In: *Bulletin et Memoires de la Société d'Anthropologie de Paris*. Paris, 1919. p. 144-154.

\_\_\_\_\_. Chez les indiens du Haut-Jurua (Rio Gregório). In: *Missions Catholiques*. LVI. 1924. pp. 65-67, 78-80, 90-93, 101-104.

\_\_\_\_\_. Le fleuve Murú. In: *La Géographie*. XLIII-XLIV. 1925. pp. 403-422, 14-35.

\_\_\_\_\_. Le Haut Tarauacá. In: *La Géographie*. XLV. 1926. pp. 34-54, 158-175.

\_\_\_\_\_. Le <Riozinho da Liberdade>. In: *La Géographie*. XLIX. 1928. p. 205-215.

TOWNSLEY, Graham. Song Paths: The Ways and Means of Yaminahua Shamanic Knowledge. In: *L'Homme*. vol. 33, n. 126-128. Paris, 1993. p. 449-467.

WETZELS, W. L. *Os índios Nambikwára, uma descrição de suas línguas e sua identidade cultural*. Amsterdã: De Vrije Universiteit Amsterdam, 1999.

#### SITES CONSULTADOS

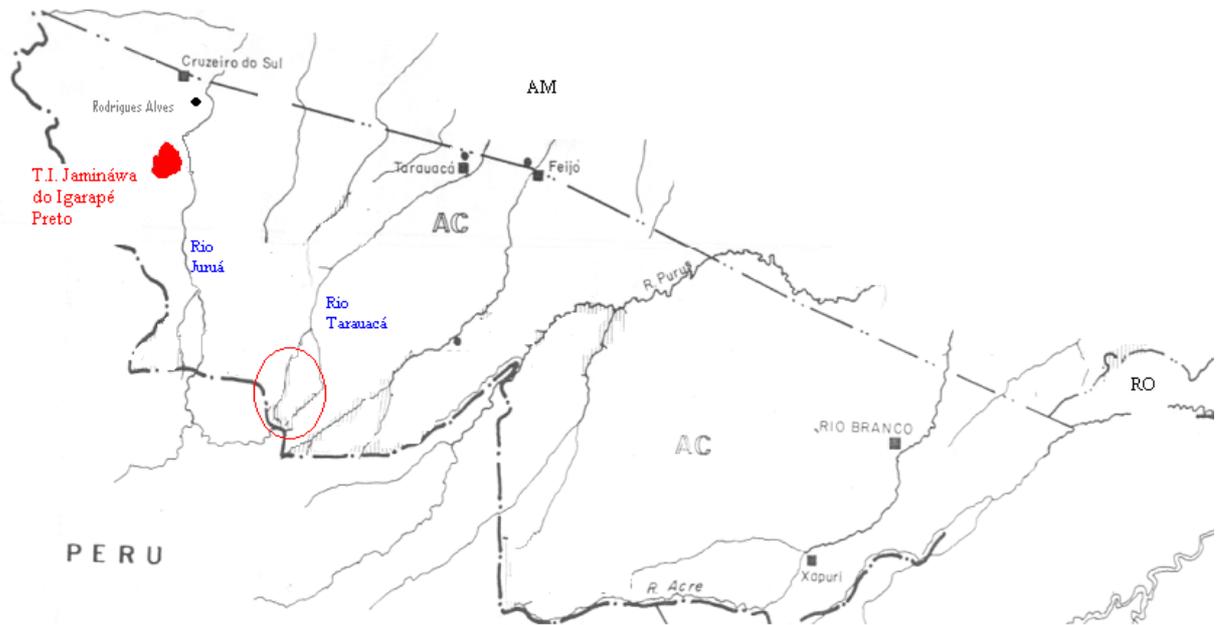
Site: <http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=734&eid=306>. Acesso em: 22/06/09.

Site: <http://www.funai.gov.br/mapas/fundiario/ac/ac-jaminawadoigarapepreto.htm>. Acesso em: 22/06/09.

Site: [http://pib.socioambiental.org/caracterizacao.php?id\\_arp=3703](http://pib.socioambiental.org/caracterizacao.php?id_arp=3703). Acesso em: 23/06/09.

## ANEXO I Mapa

Figura nº 1



### Mapa da localização da T.I. Jamináwa do Igarapé Preto no estado do Acre

Sobre o mapa:

a T.I. Jamináwa do Igarapé Preto encontra-se demarcada de vermelho;

o círculo vermelho indica a região do alto Tarauacá, onde os Saynáwa teriam vivido até o início do século XX.

## ANEXO II

### Fotos

Figura n° 2



**Dona Francisca com seu bisneto**

Figura n° 3



**Seu Benedito (com cocar) e seus filhos e netos durante o *rabəbəiati***

Figura n° 4



**Dona Maria Joana e Seu Walmir**

Figura n° 5



**Seu Benedito e Seu Roseno (sem camisa)**

## ANEXO III Espectrogramas dos fones vocálicos do Saynáwa

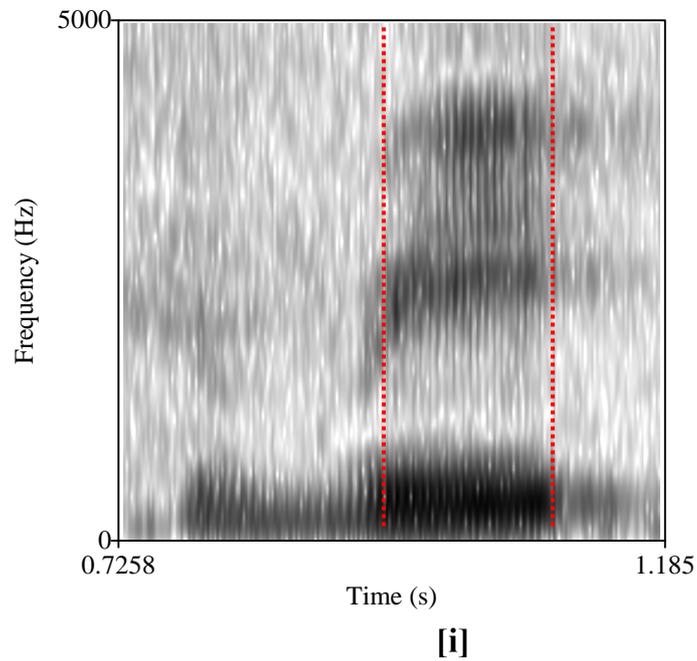
### Espectrograma da vogal [i]

Vogal [i] (essa vogal encontra-se no intervalo destacado no espectrograma pelas linhas vermelhas pontilhadas)

Exemplo: ['βiʔ] - /bi/ “carapanã”

Altura do 1º formante: 364,5599 Hz

Figura nº 6



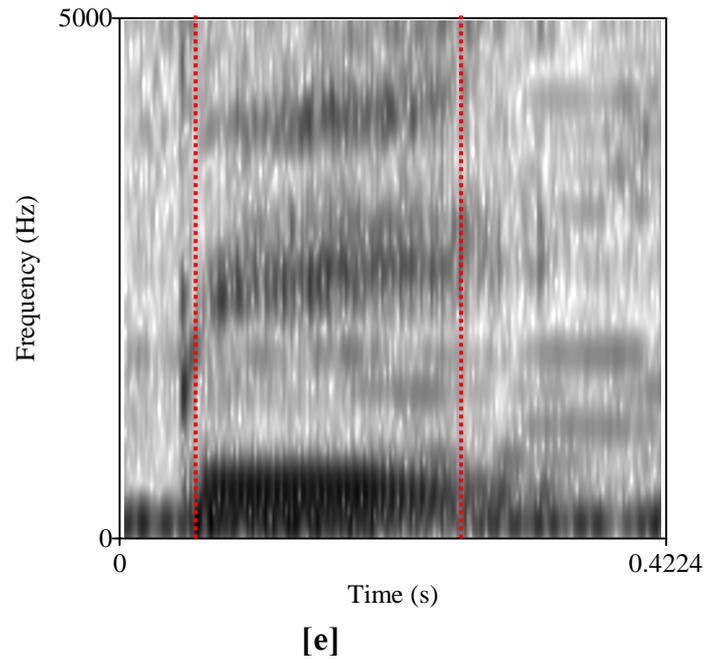
## Espectrograma da vogal [e]

Vogal [e] (essa vogal encontra-se no intervalo destacado no espectrograma pelas linhas vermelhas pontilhadas)

Exemplo: [ˈpeʔ] - /pi/ “comer”

Altura do 1º formante: 388,3090 Hz

Figura nº 7



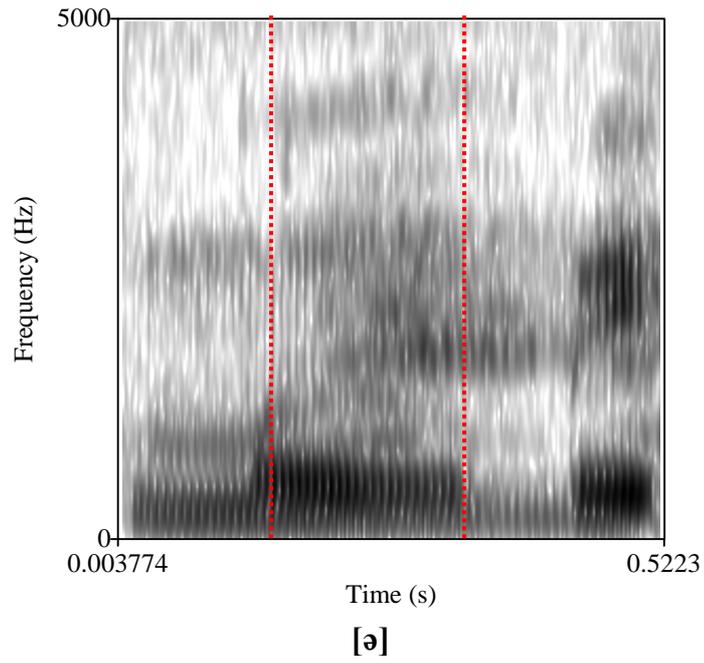
## Espectrograma da vogal [ə]

Vogal [ə] (essa vogal encontra-se no intervalo destacado no espectrograma pelas linhas vermelhas pontilhadas)

Exemplo: [mə'βeɾ] - /məbi/ “punho”

Altura do 1º formante: 457, 4274 Hz

Figura nº 8



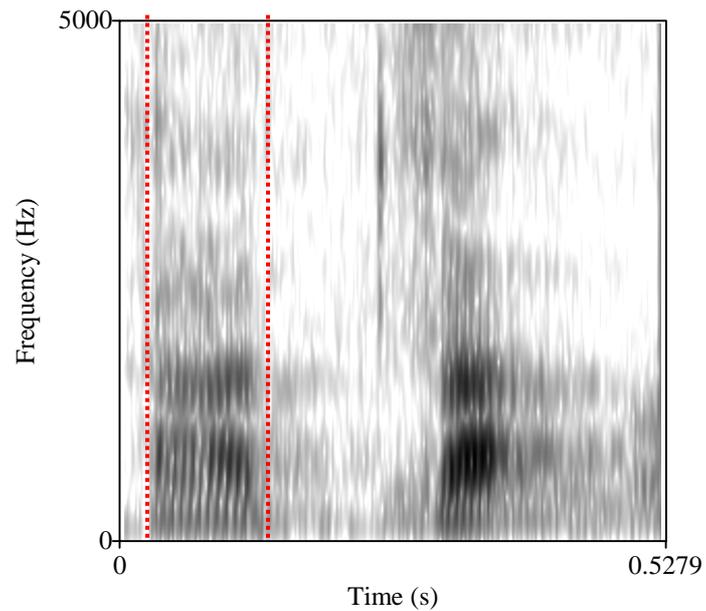
## Espectrograma da vogal [a]

Vogal [a] (essa vogal encontra-se no intervalo destacado no espectrograma pelas linhas vermelhas pontilhadas)

Exemplo: [a'tsaʔ] - /atsa/ “mandioca”

Altura do 1º formante: 686,7943 Hz

Figura nº 9



[a]

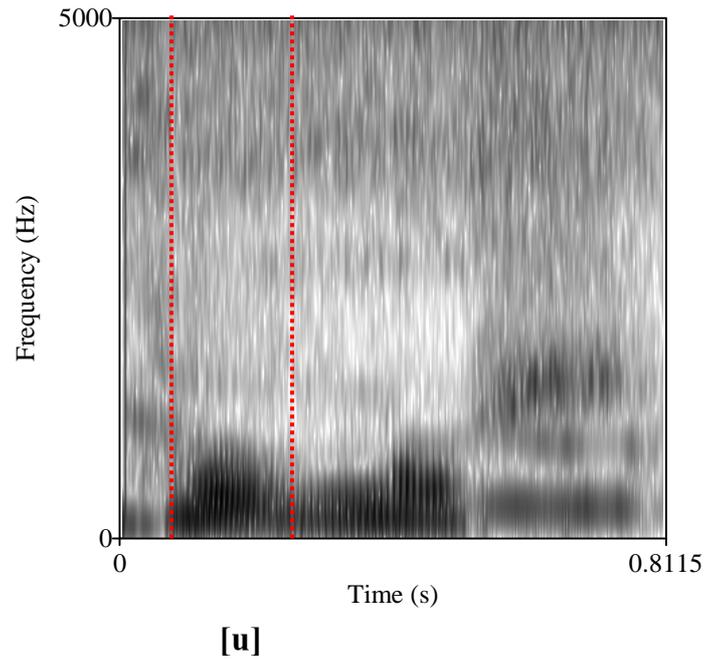
## Espectrograma da vogal [u]

Vogal [u] (essa vogal encontra-se no intervalo destacado no espectrograma pelas linhas vermelhas pontilhadas)

Exemplo: [hu'moʃ] - /humus/ “umbu”

Altura do 1º formante: 381,6593 Hz

Figura nº 10



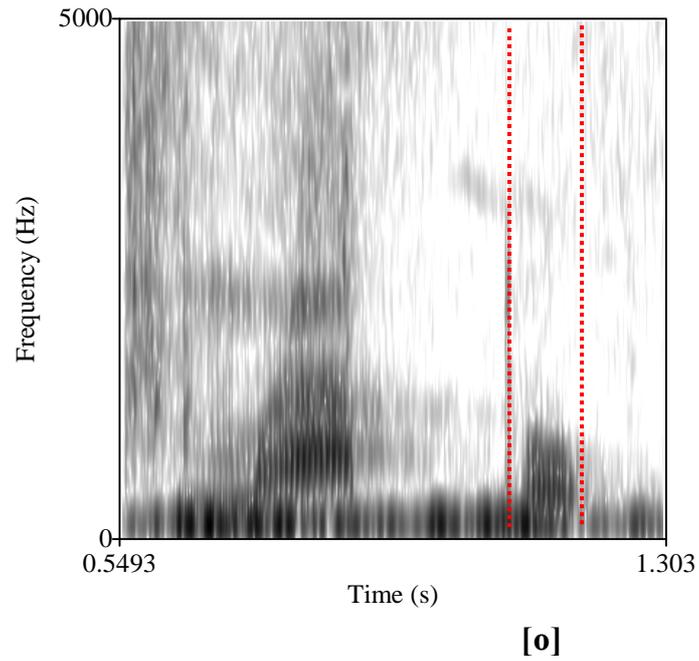
## Espectrograma da vogal [o]

Vogal [o] (essa vogal encontra-se no intervalo destacado no espectrograma pelas linhas vermelhas pontilhadas)

Exemplo: [ma'pɔɾ] - /mapu/ “cinzas”

Altura do 1º formante: 382,3282 Hz

Figura nº 11



## PEQUENO VOCABULÁRIO SAYNÁWA-PORTUGUÊS

### a

aia “maracanã”	antsuakin “beijar”
aiamis “beber”	anu “paca”
ain “esposa”	asin “mutum”
ainas “cipó timbó”	askinki “respirar”
ainbu “mulher”	aspa “boca”
aku “cumarú”	atu “estômago”
akuan “manacá”	atsa “mandioca”
aman “capivara”	atsana “cansar-se”
ami “amarelinho”	atsa putu “farinha de mandioca”
ana “língua”	aua “anta”
ania “cunhado (a)”	

### ə

ə “eu” (pronome pessoal)	əpa “pai”
əki “assustar”	əstun “irmão mais novo”
ən “meu/minha” (pronome possessivo)	əua “mãe”
əni “taxi”	əuai “crescer”

### b

baba “neto”	bətunku “testa”
babauan “nora”	bi “carapanã”
bai “passear”	biana “carrapicho”
bain “surubim”	bimi “fruta”
baj “roçado”	bin “caucho”
bajtətə “gavião”	bipustu “panturrilha”
baka “água, rio”	biʃi “estrela”
bakəaj “fazer sexo”	bitas “perna”
bakista “criança”	bitʃi “pele”
bamana “rosto”	bitʃu “jaburu”
bamu “queixada”	biuan “tamanduá pequeno”
bani “pupunha”	bu “cabelo”
banin mauən “tucum”	- bu (sufixo) “gente”
bari “sol”	buə “curimatã”
bari pəi “verão”	buin “pica-pau”
basi “capim”	buj “cera”
bastunku “cotovelo”	buka “irara”
baʃun “cego”	bukun “embaúba”
batun “piau-de-flecha”	buna “abelha uruçu”
batʃi “ovo”	buni “fome”

bəiuan “caparari”  
bənə “marido”  
bəni “levantar-se”  
bəru “olho”  
bəstis “um”  
bəsua “frente”  
bəʃu “freijó”

bunkas “cana-de-macaco”  
bura “palmeira”  
buska “cabeça”  
busti “pente”  
bustʃuma “cachorrão”  
buʃis “jatobá”

## h

habia “ele” (pronome pessoal)  
haka “socó”  
hakauan ‘tipo de socó’  
hakinma “esquecer”  
han “sim”  
hana “aracuã”  
haskajman “por quê?”  
hatina “quando?”  
haun “seu/sua” (pronome possessivo)  
həmainti “terreiro”  
hənə “rio” (‘rio grande’)

hənə inu “lontra”  
həpə “palha”  
həpəuan “piaçabeira”  
həu “sapo” (‘o que canta’)  
hinin “extrato” (perfume)  
hua “flor”  
huinti “coração”  
hujpiri “rã”  
humus “umbu”  
huni “homem, cipó (bebida)”  
hunu “caititu”

## i

i “árvore”  
ia “piolho”  
iaə “biorana”  
iais “tatu”  
iama iama ‘canto de ninar’  
iamanapun “madrugada”  
iaməri “amanhã”  
iantəin “a tarde”  
iapauan “matrinxã”  
iasan ‘nome próprio’  
iaua “porco”  
iauʃi “sovino”  
iban ‘nome próprio’  
ibi “casca de árvore”  
ibun “mandim preto”  
iiki “cantar”  
ikənibin “castanhola”  
imi “sangue”  
ina “rabo”

isinipa “zangado”  
isku “japó”  
iskinranpan “jacareúba”  
ismin “urubu-rei”  
istan “irmã mais nova”  
istibin “sapucaia”  
istʃuan “espantar”  
isu “macaco preto”  
isun “urina”  
iʃis “mandim mole”  
iʃismun “cansanção, urtiga”  
itusta “sobrinha”  
itʃapa “muito”  
iuapa “grande”  
iuiuə “dizer”  
iuka “goiabeira”  
iuma “peixe”  
iumə “linha de costura”  
iunuan “maúba”

inan “lago”  
inu “onça”  
ipu “bode” (peixe)  
isa “pássaro”  
isabati ‘nome próprio’  
isin “manga” (rede de pesca)

iunuən “tarumã”  
iupa “panema”  
iura “gente”  
iusu “feijão, fava”  
iuʃan “fêmea”  
iutʃi “pimenta”

### k

kaia “reto”  
kamə “cachorro”  
kamus “cascavel”  
kankan “abacaxi”  
kanpu “sapo verde” (utilizado  
para a “vacina do sapo”)  
kaŋʃiku “rim”  
kantʃa “prato”  
kapə “jacaré”  
kari “batata doce”  
kaʃi “morcego”  
kəiatapa “alto”  
kəiukin “morder”  
kəmu “saliva”  
kənu “arco”  
kəʃa “lábio”  
kəʃəkin “costurar”  
kəʃini “barba”  
kətsin “gato peludo” (tipo de  
gato do mato)  
kimi “tartaruga da mata”

kini “buraco”  
kiʃi “coxa”  
kiʃipakati ‘nome próprio’  
kiu “maçaranduba”  
ku “pus”  
kui “quente”  
kuin “fumaça”  
kuinka “anu”  
kuj “queixo”  
kuki “paneiro” (para levar mandioca)  
kumauan “nambu azul”  
kunma “miratauí”  
kuran “seringa”  
kuʃa “cedro”  
kuʃakin “gafanhoto”  
kuʃi “correr”  
kufuka “boto”  
kuti “jaci”  
kutʃa “flecha”

### m

ma “não”  
mabəs “caiçuma”  
mai “terra”  
majna “magro”  
majti “cocar”  
maka “rato grande”  
makə “piranha”  
mani hininti “açafroa”  
manipaj “sororoca”  
maniu “liso”

matʃi “monte”  
maua “morrer”  
məbakun “arapuá amarela”  
məbi “punho”  
məkan “mão”  
məni “banana”  
məpa “Xixuá”  
məsku “traíra”  
məstəbu “homem velho”  
məʃui “anoitecer”

manku ‘nome próprio’  
mantis “unha”  
manui “gostar, amar”  
mapu “cinzas”  
maputəripi “nuca”  
marinata “mucunã”  
maʃi “areia”  
matas “alma-de-porco”  
matukin “varrer”  
matsi “frio”  
matsuti “vassoura”

mətə “mingau”  
mətʃa “várzea”  
məuə “barreiro”  
məuti “pulseira”  
mi “tu” (pronome pessoal)  
min “teu/tua” (pronome possessivo)  
misiinuti “piauí”  
miski “pedra”  
miskiti “anzol”  
muka “amargoso” (planta)  
muʃa “espinho”

### n

na “este/esta” (pronome demonstrativo)  
nai “céu”  
nai baj “pajé”  
nain “bicho preguiça”  
nai uʃupa “nuvem”  
nakas “cupim”  
nami “carne”  
nanə “jenipapo”  
nanpə “mosca varejeira”  
nasa “tartaruga de igapó”  
naʃiti “porto”  
natsa “baço”  
naua “branco (gente)”  
naua uʃati “cama”  
nauə “tabaco”  
naumi “canela”  
nəa “jacamim”  
ni “floresta”  
nibu “escorpião”  
  
ninuan “choaca”  
niru “macaco bule-bule”

niskain “suar”  
nisti “paxiuba”  
niʃi “cipó envira”  
niʃi hinis “apuí”  
niʃu “mororó”  
niʃuʃu “arruda”  
niti “caminho”  
niuə “araçá”  
nua “poço”  
nuə “sal”  
nuin “minhoca”  
nuku “nós” (pronome pessoal)  
nukun “nosso/nossa” (pronome possessivo)  
numi “sede”  
nunaj “nadar”  
nuni “mulateiro”  
nuntu “rolinha”  
nunun “pato”  
nuʃati “tipóia” (utilizada no passado para levar  
as crianças nas costas)  
nutanti “alguidar” (“copo pequeno”)

### p

pabinki “orelha”  
pakamuʃa ‘nome próprio’  
pani “rede de dormir”  
panku “tatu rabo-de-couro”

pista rista “pequeno”  
piʃi “costela”  
piʃin “esteira”  
pitu tʃuniun “periquitinho” (tipo de periquito)

pantu “grota”  
pantʃun “carapanaúba”  
paspi “lança”  
paspinka “bem-te-vi”  
patʃia “maduro”  
patʃirista “fraco”  
pə “bom, reza”  
pəj “asa”  
pəʃə “casa”  
pəʃə ʃəuati “teto, cobertura da casa”  
pətʃi “as costas”  
pətʃiuri “atrás”  
pi “comer”  
pinu “beija-flor”  
pirus “pipira”  
pisa “araçari”  
pista “curto”

pitsu “periquito” (verde, pequeno)  
pitʃankin “cozinhar”  
piu “guariúba”  
pua “inhame”  
puakin “fumar”  
puj “fezes”  
pujpisi “mastruço”  
puku “intestino”  
puku tʃipus “barriga toda” (o abdômen e o tórax)  
punian “braço”  
punpustu “músculo do braço superior”  
pupu ‘tipo de coruja’  
pupuan “coruja”  
pupus “lama”  
pura “timbó”  
pustu “barriga”  
putu “pó”

#### r

rabasta “pouco”  
rabəbəiati “brincadeira”  
rais “genro”  
rakauən “deite”  
rantunku “joelho”  
raʃu “gripe”  
rau “erva, remédio, veneno”  
rəi “jurití”  
rəkin “nariz”

rətikin “atar, ligar”  
rəuə “taquari, flauta” (flauta feita de taquari)  
rispi “corda”  
ru “guariba”  
ruə “machado”  
runu “cobra”  
runuan “sucuri, jibóia” (“cobra da água”)  
rusku “teimoso”  
ruʃubi “cacau”

#### s

saj “grito”  
sajbajbu (Saybaybô) ‘povo do grito’  
(antigo etnônimo)  
sajki “gritar”  
sajnaua (Saynáwa) ‘povo do grito’  
(etnônimo mais recente)  
sakuj ‘dança tradicional’  
sanin “piabinha”  
santuri “sururina”

sapu “algodão”  
saunki “salgar”  
sərə “pavão”  
sikumis “tiririca”  
sinai “reima”  
sinaj “raiva”  
sinpa “máscara”

ʃ

ʃaba “dia”  
 ʃabai “amanhecer”  
 ʃaka “escama”  
 ʃakajti “maracá”  
 ʃana “manixi”  
 ʃankainti “pulmão”  
 ʃankainti ‘nome próprio’  
 ʃantʃu “caranguejo”  
 ʃara “bom”  
 ʃaʃai “marupá”  
 ʃata “urubu”  
 ʃau “osso”  
 ʃauan “arara”  
 ʃauə “jabuti”  
 ʃaun “jacundá”  
 ʃəakin “engolir”  
 ʃəinka “cancão”  
 ʃəkəs “bacuri”  
 ʃəki “milho”  
 ʃəni “preguiçoso”  
 ʃənia “gordo”  
 ʃənkuanı ‘nome próprio’  
 ʃəta “dente”

ʃəu “cipó”  
 ʃəun “peixe espia-mulher”  
 ʃia “ardência da pimenta”  
 ʃima “sarapó”  
 ʃimun “camapum”  
 ʃinain “pensar”  
 ʃini “grilo”  
 ʃinu “macaco”  
 ʃipi “soim”  
 ʃiu “mosca piã”  
 ʃu “verde”  
 ʃua ‘Rio Valparaíso’  
 ʃuaj “coçar, curuba” (escabiose ou sarna)  
 ʃuanki “curar”  
 ʃubin “caxinguba”  
 ʃubu “arapuca”  
 ʃuənki “soprar”  
 ʃuia “rato pequeno”  
 ʃumaki “mamar”  
 ʃumu “pote”  
 ʃunan “marrom”  
 ʃunu “samaúma”  
 ʃutʃi “peito”

t

taə “pé”  
 taə buska “dedão do pé”  
 taiki “raio”  
 takara “galinha”  
 taku “saracura”  
 taməs “dedo do pé”  
 tamu “bochecha”  
 tanpas “tucano”  
 tapin “aprender”  
 tapinama “errar”  
 tapinan “saber”  
 tapu “ponte”  
 tapun “raiz”  
 tari “roupa”  
 tari ʃutʃi “blusa”

tau “paxiubão”  
 taua “cana, ucuubinha”  
 təpəjtima ‘nome próprio’  
 təʃən “capeba”  
 təʃu “pescoço”  
 təuti “colar”  
 – ti (sufixo instrumentalizador)  
 tinki “cair”  
 tipu “cachimbo”  
 tistə “carvão”  
 tua “pássaro sim sinhô”  
 tuakin “atirar”  
 tuanti “remo”  
 tumə ‘nome próprio’  
 tunu “mandim duro”

taʃipi “garganta”

tuspə “bacurau”

**ts**

tsanu “colher, garfo”

tsu “pulga”

tsaui “sentar-se”

tsuakin “chupar”

tsəkui “solução”

tsumakin “segurar”

tsipisi “emissão de flatulência”

**tʃ**

tʃaj “longe”

tʃəʃəin “arder”

tʃajma “perto”

tʃi “fogo”

tʃajpa “comprido”

tʃinikin “espremer”

tʃakabu - “ruim”

tʃinkəiu “periquito Jandaia”

tʃana “japiim”

tʃipaspi “anca”

tʃanimis “mentiroso”

tʃipin “irmã mais velha”

tʃapu “podre”

tʃirin ‘dança tradicional’

tʃaras “ariramba”

tʃitʃan “cesta”

tʃafus “sapo de enxurrada”

tʃitʃi “avó”

tʃata “Deus, avô, cacique”

tʃiun “assa-peixe”

tʃatʃiti “facão”

tʃuma “cuia”

tʃərə “periquito” (‘tipo de periquito do bico preto’)

tʃupa “mutuca”

**u**

ui “chuva”

ufai “dormir”

uin “vivo”

ufati ‘lugar onde se dorme’

uisi “inverno”

ufauə ufauə ‘canto de ninar’

uka “graúna”

ufə “lua”

unama “idiota”

ufinipa “vermelho”

unan “saúva”

ufu “branco”

untis “garra”

ufu finu “macaco Kairara”

uri ‘nome próprio’

ufu fipi “soim branco”

usain “rir”

utsa “coelho”

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)